



**Universidade Federal do ABC**  
**Bacharelado em Planejamento Territorial**

**Bisneto da Cota:**  
**Trajetórias imateriais das Folias de Reis e transformações territoriais rurais**  
**dos últimos 25 anos em Presidente Olegário-MG**

**Gabriel Machado Araujo**

**São Bernardo do Campo/SP**

**Maio de 2023**

**Gabriel Machado Araujo**

**Bisneto da Cota: Trajetórias imateriais e desenvolvimento territorial rural dos últimos 25 anos em Presidente Olegário-MG**

**Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Bacharelado em  
Planejamento Territorial da  
Universidade Federal do ABC,  
como requisito para a obtenção do  
grau de Bacharel em Planejamento  
Territorial.**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana Rodrigues Fagnoni Costa Travassos  
Bacharelado em Planejamento Territorial**

---

ARAUJO, Gabriel Machado

Bisneto da Cota: Trajetórias imateriais e desenvolvimento territorial rural dos últimos 25 anos em Presidente Olegário-MG / Gabriel Machado Araujo – São Bernardo do Campo/SP, maio de 2023.

Orientador: Profa. Dra. Luciana Rodrigues Fagnoni Costa Travassos

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do ABC - UFABC

Bacharelado em Planejamento Territorial, maio de 2023.

1. Novas Ruralidades. 2. Folia de Reis de Minas Gerais 3. Planejamento Territorial Rural

4. Relações urbano-rural. I. Travassos, Luciana R. F. C. II. Bacharelado em

Planejamento Territorial, 2023. III. Bisneto da Cota: Trajetórias imateriais e desenvolvimento territorial rural dos últimos 25 anos em Presidente Olegário-MG

**Gabriel Machado Araujo**

**Bisneto da Cota: Trajetórias imateriais e desenvolvimento territorial rural dos últimos 25 anos em Presidente Olegário-MG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Bacharelado em Planejamento Territorial  
da Universidade Federal do ABC,  
como requisito para a obtenção do grau de  
Bacharel em Planejamento Territorial.

---

**Profª Drª Luciana Rodrigues Fagnoni Costa Travassos**  
Orientadora | UFABC

---

**Prof. Dr. Luis Roberto de Paula**  
Convidado | UFABC

---

**Profª Drª Silvana Maria Zioni**  
Convidado | UFABC

São Bernardo do Campo/SP

Maio de 2023

## **AGRADECIMENTO AS AGÊNCIAS**

Os(as) autores(as) agradecem o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (processo n. 23/03034-5). O trabalho é parte das atividades do projeto, em andamento, “Impacto da COVID-19 no modo de vida, mobilidade e acessibilidade dos grupos marginalizados (ICOLMA). Processo: 21/07554-8, vinculado ao Programa FAPESP Trans-Atlantic Platform for the Social Sciences and Humanities no Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas (CECS). Universidade Federal do ABC (UFABC). Ministério da Educação (Brasil). Santo André, SP, Brasil.

Agradecemos o apoio do Projeto Temático “Governança Ambiental na Macro metrópole Paulista face à Variabilidade Climática” (15/030804-8): FAPESP, vinculado ao Programa de Pesquisa sobre Mudanças Climáticas Globais” no Instituto de Energia e Ambiente (IEE). Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP, Brasil processos de bolsas (18/10305-7; 19/24219-8; 22/09375-6).

**... aos foliões...**

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a ciência brasileira.

## O novo menino da porteira

O novo menino da porteira  
Espera agora na porta da estação,  
O comboio de bois tem forma de gente  
Que se empurram sem consideração,  
Um dia, apareceu uma oportunidade  
E na selva de pedra, ele jogou,  
Ele dizia: “finalmente estou na cidade...”  
Agora ele estuda e faz pesquisa,  
tudo na universidade.

O novo menino da porteira,  
Gosta de palavras difíceis,  
Brinca com elas,  
Dando voz aos invisíveis.  
Ele continua com sua botina, seu sotaque, seus  
sonhos e costumes,  
Que são apenas parte da sua verdade,  
pela sua vivência, há quem desacredite e  
pergunte:  
Ele só tem essa idade?

O novo menino da porteira,  
Continua cabeça dura,  
Às vezes até confunde,  
Empaca, como se fosse uma mula.  
Ele também, sente falta da sua terra,  
mas acredita que todos merecem ela.  
Entre as voltas, se esforça,  
Força e também erra  
Segue com o seu olhar desconfiado  
Fingi que não vê,  
mesmo com o coração agoniado.

O novo menino da porteira, não faz do berrante  
sua parte.  
Discursa, e sua experiência se revela em arte,  
Na boca que não se cala,  
Da juventude, força - Levante

Ele acredita na esperança e segue adiante.

O novo menino da porteira,  
Olha para os lados e vê muitas cores,  
procurando sua identidade,  
ele sente novas dores.  
Ahhh... esse seu jeitinho iridescente,  
um gostoso, até parece café quente.  
Ele agora, encontrou um passaporte,  
Faltava-lhe os sonhos,  
e nisso aposta toda a sua sorte.

O novo menino da porteira,  
Ainda é simples, mas o mundo acelerado o  
atravessa...  
Ainda mais a metrópole que tem pressa...  
Ele diz que é tudo um processo,  
Que vai lutar contra o retrocesso...  
Se perdeu ou se prendeu?  
Se encontrou ou desviou?  
Vishhhh, só sei que não é boiadeiro  
Às vezes está mais para marinheiro...  
Será que ele já provou o mar inteiro?

Para os novos meninos da porteira, um  
conselho:  
O mar é de gente, de peixe e de bois  
o mar que separa também encontra.  
Coloque seus pés na areia, nesses dias que a  
gente se desencontra...  
E por fim, meu bem, nunca se esqueça de  
sentir,  
Pois você pode planejar,  
Na filosofia voar,  
mas é o desconhecido que vai te encontrar.

Presente de aniversário de Chaves, I.S.,  
20/07/2019



## Sumário

<b>Lista de Fotos</b>	<b>11</b>
<b>Lista de Figuras</b>	<b>14</b>
<b>Lista de Tabelas</b>	<b>16</b>
<b>Lista de Mapas</b>	<b>16</b>
<b>RESUMO</b>	<b>17</b>
<b>Introdução</b>	<b>19</b>
<b>Dia I - Saída da Folia de Reis 25/12</b>	<b>34</b>
<b>Escola Municipal Santa Rita de Cássia</b>	<b>52</b>
<b>Tio Olímpio Moreira e Tia Maria</b>	<b>54</b>
<b>Tio Delor</b>	<b>59</b>
<b>Tia Glória e Ronaldo</b>	<b>63</b>
<b>Dilza</b>	<b>70</b>
<b>Dindinha Marlene e Padrinho Zé Roberto</b>	<b>80</b>
<b>Olímpio Pimpim</b>	<b>85</b>
<b>Dia II - 26/12</b>	<b>92</b>
<b>Zé Caixeta</b>	<b>92</b>
<b>João Caixeta</b>	<b>95</b>
<b>Saturno e Divina</b>	<b>98</b>
<b>Geraldo Calimério e Guilhermina</b>	<b>101</b>
<b>Tio Altino</b>	<b>104</b>
<b>Dia III - 27/12</b>	<b>112</b>
<b>Carlos</b>	<b>112</b>
<b>Afonsinho e Eliana</b>	<b>116</b>
<b>Paulo</b>	<b>122</b>
<b>Café (Zé Maria)</b>	<b>125</b>
<b>Tio Afonso</b>	<b>130</b>
<b>Vicente e Joventina</b>	<b>131</b>
<b>Geraldo e Maria</b>	<b>133</b>
<b>Dia IV -28/12</b>	<b>144</b>
<b>Celinho e Sislane</b>	<b>144</b>
<b>Marcus e Efigênia</b>	<b>150</b>
<b>Tião Bitá e Maria Bitá</b>	<b>152</b>
<b>Lizeta</b>	<b>157</b>
<b>Valdim e Maria</b>	<b>160</b>
<b>Dia V - 29/12</b>	<b>162</b>

<b>João Queiroz e Missi</b>	<b>162</b>
<b>Tio Geraldo Moreira e Tia Sinhá</b>	<b>165</b>
<b>Eri e Sirlene</b>	<b>169</b>
<b>Maria do Juca e Vandeci</b>	<b>172</b>
<b>Prechede</b>	<b>173</b>
<b>Dia VI - 30/12</b>	<b>175</b>
<b>Eli e Mônica</b>	<b>175</b>
<b>Joana</b>	<b>177</b>
<b>Geraldinha Bita</b>	<b>178</b>
<b>Purete e Aparecida</b>	<b>180</b>
<b>Vanderlei e Elenice</b>	<b>182</b>
<b>Dia VII - 31/12</b>	<b>185</b>
<b>Tio Zé Moreira - Morador Eduardo</b>	<b>185</b>
<b>Zé do Juca e Maria do Juca</b>	<b>187</b>
<b>Chavasca</b>	<b>190</b>
<b>Escola- Entrega/Arremate</b>	<b>193</b>
<b>A Festa de Santos Reis</b>	<b>194</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>204</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>228</b>

## Lista de Fotos

<i>Foto: 1. Placas de direção a Tiririca, Presidente Olegário. MG, 2022. Foto: Gabriel Machado .....</i>	<i>35</i>
<i>Foto: 2 Passagem de baixo da bandeira de Santos Reis, Presidente Olegário. MG, 2022. Foto: Gabriel Machado.....</i>	<i>36</i>
<i>Foto: 3. Caixeiros, Chiquinho e Aurélio e Felipe. Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.....</i>	<i>38</i>
<i>Foto: 4 Entrada da Bandeira na Escola do Tiririca. Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022 .....</i>	<i>40</i>
<i>Foto: 5. Disposição dos foliões para o cântico da folia, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.....</i>	<i>42</i>
<i>Foto: 6 Bandeira de Santos Reis exposta no altar, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.....</i>	<i>44</i>
<i>Foto: 7 Placa de ampliação e reforma da Escola Municipal Santa Rita 31 de agosto de 1996, Tiririca, Presidente Olegário-MG, Foto: Gabriel Machado, 2022.....</i>	<i>53</i>
<i>Foto: 8 Escola Municipal Santa Rita, desativada. Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.....</i>	<i>54</i>
<i>Foto: 9 Entrada da entrada da casa Olímpio Moreira, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.....</i>	<i>58</i>
<i>Foto: 10 Juventude se apropriando da tradição durante o conto da folia, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado2022.....</i>	<i>58</i>
<i>Foto: 11. Vista da Ponte Grande, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.....</i>	<i>63</i>
<i>Foto: 12 Infraestrutura agrária da comunidade do Tiririca, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022 .....</i>	<i>64</i>
<i>Foto: 13 Culundria e Capitão Rodrigo no trajeto da Folia, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.....</i>	<i>65</i>
<i>Foto: 14 Foliões atravessando mata burro, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.....</i>	<i>67</i>
<i>Foto: 15 Estaleiro de Leite, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.....</i>	<i>77</i>
<i>Foto: 16: Queijos curando. Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.....</i>	<i>79</i>

<i>Foto: 17: Frente da seda da fazenda Três Barras, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.</i>	81
<i>Foto: 18 Espelho tradicional, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.</i>	84
<i>Foto: 19. Capitão Olímpio Pimpim segurando a bandeira em sua fazenda, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.</i>	91
<i>Foto: 20 Janela com colagens representativas, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.</i>	91
<i>Foto: 21 Estrada de acesso a antiga casa, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.</i>	94
<i>Foto: 22. Pasto preparado para gado, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.</i>	95
<i>Foto: 23 Represa no córrego Tiririca, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.</i>	113
<i>Foto: 24 Jatobá em dois perfis e horários diferentes, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.</i>	114
<i>Foto: 25 Alpendar, fazenda do Afonsinho, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.</i>	116
<i>Foto: 26 Foliões afinando as vozes no alpendar, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.</i>	117
<i>Foto: 27 Benção, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.</i>	121
<i>Foto: 28 foto da festa de Andrequicé, André Mendonça Leite, 2017.</i>	149
<i>Foto: 29: Vista da cascalheira da casa de Marcus, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.</i>	150
<i>Foto: 30 Casa do finado Tião Bitá, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.</i>	155
<i>Foto: 31 Folião Valdim em sua casa, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2020</i>	161
<i>Foto: 32 Vista aérea da Fazenda Terra Rica, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.</i>	164
<i>Foto: 33 Porta da casa do Wanderley, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.</i>	183
<i>Foto: 34 Bebida preparada para melhorar a disposição dos foliões, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.</i>	184

<i>Foto: 35 Zé Moreira aos 97 anos segurando a bandeira na sua casa, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022. ....</i>	<i>186</i>
<i>Foto: 36 Alferes da Folia do Tomazinho e Alfer da Folia da Ponte Grande, Presidente Olegário-MG. Gabriel Machado, 2022.....</i>	<i>189</i>
<i>Foto: 37 Ritual de passagem embaixo da bandeira entre os foliões de duas folias, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022. ....</i>	<i>189</i>
<i>Foto: 38 Troca de esmolos entre duas folias em Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022. ....</i>	<i>190</i>
<i>Foto: 39 Vanda do Tiririca (Venda da Chavasca), Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022. ....</i>	<i>191</i>
<i>Foto: 40 Instrumentos em cima da mesa de bilhar na Venda do Tiririca, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022. ....</i>	<i>192</i>
<i>Foto: 42 Maria do Juca preparando as pelotas da Festa de Reis em Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022. ....</i>	<i>195</i>
<i>Foto: 41 Cozinheiros mexendo o tutu de feijão da Festa de Reis em Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022. ....</i>	<i>195</i>
<i>Foto: 43 Panela de arroz com pequi, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022. ....</i>	<i>196</i>
<i>Foto: 44 Painéis de comida em cima das mesas na Festa de Reis, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022. ....</i>	<i>196</i>
<i>Foto: 45 Foliões e foliãs da Folia do Tomazinho/Tiririca em Presidente Olegário. Foto: Gabriel Machado, 2022. ....</i>	<i>198</i>
<i>Foto: 46 Passagens das coroas na mesa de doce no dia da Festa de Reis, Presidente Olegário-MG, Foto: Gabriel Machado, 2022. ....</i>	<i>199</i>
<i>Foto: 47 Foto: André Mendonça. Festa em louvor aos Santos Reis reúne milhares de pessoas no município de Presidente Olegário. Postado por Hamilton Amorim. 6 de janeiro de 2020, Foto: André Mendonça. Festa em louvor aos Santos Reis reúne milhares de pessoas no município de Presidente Olegário. Postado por Hamilton Amorim. 6 de janeiro de 2020, <a href="https://ponoticias.com.br/festa-em-louvor-aos-santos-reis-reune-milhares-de-pessoas-no-municipio-de-presidente-olegario-2/">https://ponoticias.com.br/festa-em-louvor-aos-santos-reis-reune-milhares-de-pessoas-no-municipio-de-presidente-olegario-2/</a>.....</i>	<i>200</i>
<i>Foto: 48 Vela acesa em frente à bandeira, que contém as representações do Menino Jesus, Nossa Senhora, São José e os Santos Reis. 25 de dezembro de 2010. Presidente Olegário, MG. Foto: Eduardo Costa (Agência Uai). ....</i>	<i>202</i>

## Lista de Figuras

<i>Figura 1: Catacumba de Santa Priscila. Séc. III – Roma.</i>	25
<i>Figura 2: Catacumba de Santa Priscila. Séc. III – Roma.</i>	25
<i>Figura 3 Sarcófago do século IV em Roma com a representação dos Reis Magos presenteando o Menino Jesus. Fonte: Acervo Museu do Vaticano</i>	25
<i>Figura 4: Mosaico dos Magos em Santo Apolinário o Novo, Ravenna, S. VI</i>	26
<i>Figura 5: Adoração dos Magos, por Hieronimus Bosch. 1494 – Madrid/ Espanha. Fonte: Colección Museo del Prado</i>	26
<i>Figura 6: Adoração dos Magos. Vasco Fernandes – c.1510.</i>	27
<i>Figura 7: Adoração dos Magos – Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Sabará – MG.</i>	27
<i>Figura 8: Mapa de localização das Folias de Minas. Fonte: IEPHA-MG. Cadastro das Folias de Minas Gerais, 2016.</i>	29
<i>Figura 9 Mapa de localização dos grupos de folias de reis no território de Presidente Olegário- MG. 2010</i>	30
<i>Figura 10. Pirâmide etária da comunidade rural de Tiririca e Tomazinho, Presidente Olegário-MG. Elaborado pelo autor.</i>	49
<i>Figura 11 Mapa da Zona Rural de Presidente Olegário. Plano Diretor. 2020.</i>	67
<i>Figura 12. Divisão da população de Presidente Olegário-MG. Fonte dos dados: Censo IBGE 2000, Censo IBGE 2010 e Estimativas de população IBGE 2021.</i>	68
<i>Figura 13: Progressão de crescimento da população de Presidente Olegário-MG. Fonte: <a href="https://www.estadosecidades.com.br/mg/presidente-olegario-mg.html">https://www.estadosecidades.com.br/mg/presidente-olegario-mg.html</a></i>	68
<i>Figura 14 A República por Daumier, 1848</i>	75
<i>Figura 15 A Loba Capitolina - localizada no Museu Capitolino, foi criada entre os séculos XI e XII e tem 75 cm x 114 cm de dimensão</i>	78
<i>Figura 16 Diego Pinheiro. À KÁKÁ – Plataforma de Criação em Arte <a href="https://plataformaaraka.wixsite.com/quaseilhas/single-post/arvorearauja">https://plataformaaraka.wixsite.com/quaseilhas/single-post/arvorearauja</a></i>	82
<i>Figura 17 (em edição) Árvore genealógica Família da Cota, elaborado pelo autor, 2022</i>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<i>Figura 18 Dona Joaquina do Pompéu - Yara Tupynambá, 1998. Em pintura de Yara Tupynambá, Joaquina aparece com um pé calçado e outro descalço, indicando seu amor pelo sertão.</i>	98

<i>Figura 19 Em A Divina Comédia. Paraíso. De Dante Alighieri. Tradução, José Pedro Xavier Pinheiro. 1832-1882. Ilustrações de Gustavo Doré 1832-1883. p. 179. ___</i>	101
<i>Figura 20 Albrecht Dürer, O Cavaleiro, a Morte e o Diabo (1513) 1513. Técnica de calco gravura. Dimensões 24,5 cm x 19,1 cm. Localização: Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque. _____</i>	115
<i>Figura 21 Acompanhamento da Safra Brasileira V. 4 – SAFRA 2017, setembro 2017. Conab; BSCA – Cafés Especiais do Brasil; Relatório sobre o mercado de café – setembro de 2017. International Coffee Organization. _____</i>	127
<i>Figura 22. Lívia com sua família. Fonte: Arquivo próprio, 2019. _____</i>	130
<i>Figura 23 Pé de Manga assuntado. Foto: Gabriel Machado, 2022. _____</i>	131
<i>Figura 24. Jatobá na entrada da Fazenda Tomazinho, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022. _____</i>	133
<i>Figura 25: Foliões cantando na varanda, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022. _____</i>	136
<i>Figura 26: Foto em 2000 e 2022 da minha casa, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022. _____</i>	137
<i>Figura 27; Vista do alto da cascalheira da casa do Celinho e Sislane, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022. _____</i>	145
<i>Figura 28 Mapa geológico simplificado dos terrenos fanerozóicos de Minas Gerais, com as respectivas colunas estratigráficas simplificadas das bacias do São Francisco e Paraná. Representam-se também Arco do Alto Paranaíba e as maiores intrusões ígneas cretácicas associadas. _____</i>	159
<i>Figura 29 Presidente_ Olegario Mapa Geológico da Folha _____</i>	160
<i>Figura 30 Angelus Novus, 1920, tinta nanquim e tinta à óleo sobre papel, 31,8 x 24,2 cm, Paul Klee, Museu de Israel. _____</i>	166
<i>Figura 31: Troca de mensagens com Angélica Queiroz. _____</i>	170
<i>Figura 32 Foliões seguindo para a casa da Joana, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022. _____</i>	177
<i>Figura 33: Baquete na casa da Geraldinha, Presidente Olegário-MG. Fonte: Gabriel Machado, 2022. _____</i>	179
<i>Figura 34 Folia de Reis. Folia de Tiririca e Tomazinho. O “Chapéu de Couro”, fermentado de cana composto com jurubeba, foi uma das bebidas alcoólicas oferecidas pelos devotos durante o giro. 25 de dezembro de 2010. Presidente Olegário, MG. Foto: Eduardo Costa (Agência Uai). _____</i>	181

## **Lista de Tabelas**

<i>Tabela 1: Contribuições concedidas para Associações, Conselho de Desenvolvimento Comunitário e Sindicatos Rurais de Presidente Olegário/MG gestão 2020-2024, lei nº 3.352. Fonte: Data de Inserção no Sistema Leis municipais: 25/10/2022. Editado pelo autor.</i>	69
<i>Tabela 2 Mudança do paradigma do planejamento das áreas rurais, anotações do autor 2022.</i>	87
<i>Tabela 3 Áreas do Planejamento, anotações do autor, 2022.</i>	87

## **Lista de Mapas**

<i>Mapa: 1 Mapa de localização do giro alegórico da Folia de Reis do Tomazinho. Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.</i>	31
--	----



## RESUMO

O objetivo do trabalho é identificar e descrever as sociabilidades imateriais e as mudanças territoriais rurais dos últimos vinte e cinco anos no município de Presidente Olegário, Minas Gerais. A metodologia utilizada é a pesquisa participante, com o objetivo de debater aspectos materiais, visões de mundo e valores, com a ideia de cativeiro da terra em seu sentido literal: a armadura da estrutura agrária na realidade brasileira. Dessa forma, faz-se um recorte na tradição cultural imaterial das Folias de Reis, manifestação cultural-religiosa que estrutura grupos de devoção aos santos nas comunidades rurais, que, no município, representa 94% do seu território, sendo um elo entre as políticas de desenvolvimento das comunidades rurais, o território e suas manifestações imateriais. A tradição, de origem ibérica, faz parte das celebrações mais antigas e difundidas no estado de Minas Gerais e no Brasil, e, ao longo dos anos, foi se tornando importante na construção do imaginário, paisagem, política, identidade e memória individual e coletiva dos mineiros e olegarienses. As folias reúnem em torno de si diversas práticas culturais, saberes, formas de expressão, ritos, modos de produção e celebrações, representando uma parte importante do patrimônio cultural do município e do país. Assim, sob a perspectiva do planejamento territorial temos a hipótese de que, a sociologia da vida cotidiana e a imaterialidade da manifestação cultural, bem como sua trajetória, coaduna-se ao desenvolvimento territorial rural no município ao longo dos anos, que é resultante das políticas, racionalidade e cultura das estratégias de desenvolvimento territorial rural globais e nacionais, reproduzindo relações capitalistas e não-capitalistas de produção.

**Palavras-chave:** Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade; Afeto; Planejamento rural; Planejamento territorial.

## ABSTRACT

The objective of the work is to identify the immaterial sociabilities and the rural territorial changes of the last twenty-five years in the municipality of Presidente Olegário, Minas Gerais. The methodology is researcher/participant, and through it we intend to decipher the material modes, worldviews and values, debating with the idea of land captivity in its literal sense, with the armor of the agrarian structure in the Brazilian reality. Thus, considering the dilemmas of the Brazilian agrarian question, the collection of municipal data and interviews linked to the immaterial cultural tradition of the Folias de Reis; cultural-religious manifestation that structures groups of devotion to the saints in rural communities, which in the municipality represents 94% of its territory, is the link between the rural community development policies, the territory and the intangible rural manifestations. The tradition, of Iberian origin, is part of the oldest and most widespread celebrations in the state of Minas Gerais and Brazil, and, over the years, it has become a component of considerable importance in the construction of the imaginary, landscape, politics, identity and individual and collective memory of miners and olegarienses. The folias gather around themselves various cultural practices, knowledge, forms of expression, rites, modes of production and celebrations, representing an important part of the cultural heritage of the municipality and the country. Thus, from the perspective of territorial planning, we have the hypothesis that the sociology of everyday life and the immateriality of cultural manifestation, is consistent with rural territorial development in the municipality over the years, which is a result of policies, rationality and culturalization of strategies of global and national rural territorial development, reproducing capitalist and non-capitalist relations of production.

**Key words:** Intangible cultural heritage; Devotion; Rural planning; Territorial planning.

*Todo ritual nos agride.*

## Introdução

As Folias de Minas<sup>1</sup> são uma das tradições culturais mais antigas e difundidas no estado de Minas Gerais. Constituem-se como um lugar de memória coletiva, na qual a identidade de cada um se constrói/reconstrói intermediada pela arte e pela cultura popular<sup>2</sup> inerente, que convive com as demandas práticas e culturais populares dos territórios (GONÇALVES, 2010). Presidente Olegário/MG, é o município selecionado para realizarmos o trabalho etnográfico da performance ritualística da Folia de Reis, desde a sua *Saída* até a *Festa de Reis*, em Tiririca e Tomazinho, bairros rurais na região sudeste do município. Para descrever a história utilizamos o gênero linguístico *da novela*, articulando-o a quadros que explicitam questões afetas ao território. Assim, para nos nortearmos ao município no Noroeste de Minas, apresentamos esse documento na perspectiva do planejamento territorial.

O arranjo institucional dos municípios mineiros, guiado por normas de regulação e ordenamento territorial nos três níveis federativos (União, Estado, Municípios), estabeleceu em MG uma dinâmica de formação dos territórios municipais mais heterogênea em relação aos demais estados do Brasil. Assim, para que tenhamos um diagnóstico informativo de Presidente Olegário subsidiado pelo Planejamento Territorial teremos como guia a categoria normativa de pensamento, rural multifuncional. Que além da multi produtividade, é conformado por e conforma aspectos culturais, espirituais, alimentícios, ideográficos, linguísticos, que, em suma, fazem de si uma verdadeira Festa da Produção<sup>3</sup>.

As Folias de Reis de Presidente Olegário são festas populares, abertas ao público e, apesar do aspecto culturalmente comum aos visitantes, cada uma tem especificidades. O seu roteiro em giro<sup>4</sup> é pré-estabelecido pelas casas rurais e são divididas em comunidades (regiões simbólicas) que estabelecem um equilíbrio entre

---

<sup>1</sup> Lista das Folias cadastrados; Mapeamento das Folias em Minas Gerais e Dossiê de Registro das Folias de Minas <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/component/phocadownload/category/21-as-folias-de-minas>

<sup>2</sup> GONÇALVES, Maria Célia da Silva. As folias de reis de João Pinheiro: performance e identidades sertanejas no noroeste mineiro. 2010. xiv, 225 f. Tese (Doutorado em Sociologia) -Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

<sup>3</sup> “Festa em comemoração à produção rural da cidade e em homenagem aos grandes e pequenos produtores do município. Realizada anualmente em junho/julho no Parque de Exposições Antônio Secundino de São José, tem festival de pratos típicos, queima do alho, rodeio, desfile estudantil e de candidatas ao posto de rainha e princesas da festa, além de shows de grandes artistas do cenário nacional.” Para atualizações, acesse, <https://presidenteolegario.mg.gov.br/calendario-de-eventos/>

<sup>4</sup> O giro é o trajeto pré-definido para evitar “cruzar” e girar à direita, porém o percurso muda todo ano, na medida em que a saída também muda de local.

si e em um equilíbrio rural-urbano também. Essa tradição gera riqueza coletiva<sup>5</sup> produz capital material e cultural, reproduz as contradições e habitus e é anual, “*Graças a Deus*, diria o Olegarense. Alinhado com a forma heterogênea dos seus moradores e dos agentes em trânsito que convivem em muitos outros espaços e tempos do nosso país, esse lugar<sup>6</sup> de identidade, conduz no final do ano a uma relação sociedade-natureza metamorfoseada<sup>7</sup>, que nutri<sup>8</sup> e se metamorfoseia<sup>9</sup> novamente. É uma forma cultural com conteúdo e formas interessantes e que tratamos com mais detalhes, de forma descritiva, para iluminar essencialmente a imaterialidade desse patrimônio cultural face às transformações territoriais rurais.

O patrimônio imaterial é nosso companheiro e será o anfitrião das nossas próximas palavras, por meio das quais buscamos dar sonoridade, tato, gosto e cheiro aos objetivos sociais e científicos deste trabalho. Isso quer dizer que, nosso objetivo será tratar dos conteúdos linguísticos, econômicos, geográficos, antropológicos, químico-físicos, biológicos e dos conteúdos das ciências sociais aplicadas, como as políticas públicas e o planejamento territorial<sup>10</sup>. Assim, nossa metodologia qualitativa de métodos mistos, está disposta de maneira anacrônica<sup>11</sup> no período de 25 anos de vivência, narração<sup>12</sup> e observação enquanto pesquisador-participante, visando entender o sistema complexo que reúne em torno de si um corpo de regras de relações de força e pressão do capital espacial, protocolos de segurança e costumes e controles políticos históricos dos territórios (materiais e imateriais), vistos nos corpos

---

<sup>5</sup> Texto escrito por Karl Marx em princípios de maio de 1875. Publicado pela primeira vez (com certas omissões) por F. Engels em 1891, na revista *Neue Zeit*. Publica-se de acordo com a edição soviética de 1952, cujo texto foi traduzido do manuscrito em alemão. Traduzido do espanhol.

<sup>6</sup> A identidade do lugar tem relação com o espírito deste, cujo enraizamento e o sentimento de familiaridade dependem das qualidades físicas e das mudanças que as gerações humanas lhe atribuem (HOLZER, 1997)

<sup>7</sup> Beck, Ulrich. *A metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. 259p.

<sup>8</sup> Mazzieri, V.; S. Avalos. 1997. *Metamorfosis de Insectos*. SERIE DIDÁCTICA. CUADERNILLO 2. Cátedra Zoología Agrícola. Fac. de Cs. Agrop. U.N.C.

<sup>9</sup> Música, *Metamorfose Ambulante* - Raul Seixas

<sup>10</sup> Plano Estadual de Proteção do Patrimônio Cultural de Minas Gerais para o biênio 2016-2017, aprovado pelo Conselho Estadual do Patrimônio Cultural – CONEP por meio da deliberação CONEP N°02/2016. INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS – IEPHA/MG.

<sup>11</sup> Como réfère Elias: "Ces différences sont, sans aucune doute, socialement acquises. Elles sont caractéristiques de différences dans l'habitus social et donc dans la structure de personnalité d'hommes appartenant ces diverses sociétés""DENDASCK, Carla Viana ; LEE, Gilead Ferreira. *Concept d'Habitus en Pierre Bourdieu et Norbert Elias*. *Revue scientifique pluridisciplinaire de la base de connaissances*. Vol. 3, 1 an. Mai 2016. P. 1-10. ISSN 24480959"

<sup>12</sup> “Ou seja, uma narração literária não é a cópia de uma história real. Precisa transcendê-la. Por isso sua ordem cronológica é diferente da real, adequando-se aos objetivos do escritor” (Khan, Silva Adela). Como narrar uma história: da imaginação à escrita: todos os passos para transformar uma ideia num romance ou num conto / Silva Adela Khan; tradução Gabriel Perissé - 1º. ed.; reino. - Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2016. p. 9.

e na territorialização demográfica no território rural da comunidade do Tomazinho e Tiririca, em suas diversas práticas culturais, políticas-territoriais, saberes, formas de expressão, ritos e celebrações, que compõem uma parte do patrimônio cultural mineiro.

Para isso, foram mapeadas as fontes para a pesquisa das referências culturais de Presidente Olegário, que constituiu em um levantamento do material bibliográfico, documental e historiográfico produzido sobre as Folias de Reis do município<sup>13</sup>, do Estado<sup>14</sup>, da região<sup>15</sup> e da Nação<sup>16</sup>. Esses trabalhos referenciados foram fundamentais para a concepção de rede, de categorias de pensamento<sup>17</sup> e de referências culturais<sup>18</sup> da Folia de Reis. Sua composição é diversa, contou com uma pesquisa ampla de vídeos, documentários, visita de campo, gravações sonoras, fotografias e outros materiais iconográficos. Muito desse material foi produzido para subsidiar o reconhecimento das folias de Minas como Patrimônio Cultural Imaterial de Minas Gerais, um patrimônio vívido que traz em seu cerne elementos significativos da cultura mineira e que é continuamente ressignificado e transmitido às novas gerações e as atuais. Nossa pesquisa também se dispõe a articular à essa trajetória, políticas de *planejamento territorial* com foco nas áreas periurbanas, interioranas e rurais, em diferentes escalas de governança, para com isso, desvelar a paisagem<sup>19</sup> atual do município.

---

<sup>13</sup> Dossiê de Registro de Bem Imaterial A FOLIA DE REIS EM PRESIDENTE OLEGÁRIO, MG <http://www.estilonacional.com.br/web/wp-content/uploads/2012/05/A-Folia-de-Reis-em-Presidente-Oleg%C3%A1rio.pdf>

<sup>14</sup> INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS – IEPHA/MG. Cadastro das Folias de Minas Gerais. Inventário das Folias de Minas. Belo Horizonte: IEPHA/DPM/GPI, 2016

<sup>15</sup> GONÇALVES, Maria Célia da Silva. As folias de reis de João Pinheiro: performance e identidades sertanejas no noroeste mineiro. 2010. XIV, 225 f. Tese (Doutorado em Sociologia) -Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

<sup>16</sup> PROJETO DE LEI N.º 19-A, DE 2020 (do Sr. Coronel Tadeu) Reconhece a Folia de Reis, como manifestação cultural nacional, e eleva essa atividade à condição de bem de natureza imaterial integrante do patrimônio cultural brasileiro; tendo parecer da Comissão de Cultura, pela aprovação, com Substitutivo (relatora: DEP. ÁUREA CAROLINA).

<sup>17</sup> - CARNEIRO, M.J. Rural como categoria de pensamento. *Ruris*, 2 (1), p. 10 – 38, 2008.

<sup>18</sup> “Um critério-chave para a legitimidade de qualquer pleito ao registro é a sua relevância para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira. A continuidade histórica dos bens culturais, sua ligação com o passado e sua reiteração, transformação e atualização permanentes tornam-nos referenciais culturais para as comunidades que os mantêm e os vivenciam. A referência cultural é um conceito-chave na formulação e na prática da política brasileira de salvaguarda.” CAVALCANTI, Maria Laura V. de C. e FONSECA, Maria Cecília Londres. Patrimônio Imaterial no Brasil. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

<sup>19</sup> Nas últimas décadas, este território tem sido palco de diversas dinâmicas, com ênfase em uma maior diversificação das atividades rurais, resultando em uma paisagem híbrida, na qual os limites entre o rural e o urbano são cada vez mais difusos. Estas transformações resultam em mudanças nas demandas e na provisão de serviços ecossistêmicos na região, indicando a necessidade de que sejam compreendidas de maneira interdisciplinar e multidimensional.

As Folias são importantes expressões da memória social destas comunidades, em seu universo simbólico, festivo e religioso. Que em síntese, molda a dimensões da sociabilidade comunitária, sendo diversa, mas também uma (burguesia agrária)<sup>20</sup>. Resultando em grande diversidade, associada aos aspectos geográficos, culturais e etimológicos, bem como à diversidade de narrativas. Mas é, ao mesmo tempo, festa, performance e rito, com similar cosmovisão e “arte da memória”<sup>21</sup>.

No entanto, embora não seja apropriado estabelecer uma única versão ou matriz para o surgimento do cortejo da Folia de Reis, é possível recuperar algumas hipóteses levantadas por estudos, fontes e relatos históricos. A maior parte das narrativas e documentos indica que as folias brasileiras apresentam traços da cultura ibérica, especialmente de Portugal, Espanha e do continente Africano. Essa tradição ocidental de cultuar e festejar santos católicos se desenvolveu a partir da instituição do cristianismo e das interações culturais resultantes desse processo. Foi consequência de fatores como o contato entre o ocidente e o oriente, da colonização do paraíso perdido, da evangelização e catequização, miscigenação, sincretismo, assimilação e imposição do *mundo sem mal*, que advém das questões de crença, superstição, magia, fantasia e fé<sup>22</sup>. Neste sentido, para compreender como as folias de Minas se conformaram historicamente e para refletir sobre as influências e legados do passado nesta prática, faz-se necessário retroceder no tempo e identificar os artefatos<sup>23</sup> da sua territorialização.

- 
- FERREIRA, Vanderlei de O. A abordagem da paisagem no âmbito dos estudos ambientais integrados. Geotextos, vol. 6, n. 2, dez. 2010.
  - CONTI, J. B. Geografia e Paisagem. Ciência e Natura. Santa Maria, v.36 Ed. Especial, 2014.
  - BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. Tradução Olga Cruz – Caderno de Ciências da Terra. Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, no 13, 1972.

<sup>20</sup> BUZANELLOS, Edegar. La burguesía agraria: Organización de Clase y representación de intereses en Brasil. 1964-1988, Facultad de Ciencias Políticas y Sociales - UNAM, México, D.F, 1991

<sup>21</sup> A arte da memória de Frances Yates e seu argumento de que as técnicas de memorização após seu declínio com a imprensa foram incorporadas pela nascente maçonaria ter se transformado de uma corporação de pedreiros interessados na construção de edifícios para um seita esotérica de caráter religioso. Yates, Frances Amelia. A arte da memória. Trad. de Flavia Bancher - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007

<sup>22</sup> Holanda, Sérgio Buarque. Visão do paraíso: os motivos endêmicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro)

<sup>23</sup> Artefato é tomado como ruptura das posturas realistas e idealistas. Ele se estrutura ao mesmo tempo de natureza ideal-simbólica (seja no sentido de uma construção teórica, enquanto representação do espaço, seja de uma construção identitária a partir do vivido) e material-funcional (nas ações práticas econômico-políticas com que os grupos ou classes sociais constroem seu espaço de forma desigual/diferenciada). Arte-Fato (com hífen) possibilita também a análise do regional que pode ser abordado ao mesmo tempo como criação, auto fazer-se (“arte”) e como construção já produzida e articulada(“fato”). Independente da grafia com hífen ou sem a discussão correta: Questões fundamentais irão ser pautadas independente da grafia da palavra, dessa forma entendemos:- região como produto-produtora dos processos de diferenciação espacial, responsável pela diferença de grau quanto às diferenças de natureza. -que é também das diferenças discretas quanto das diferenças contínuas;- região produto-produtora das dinâmicas resultado da globalização e de fragmentação, com distintas combinações e intensidades,

Nossa vereda não terá trilhos para as digressões históricas, da socioantropológica da organização do comportamento civilizatório e em nós simbólico do mundo ocidental católico, pois o Dossiê das Folias de Reis<sup>24</sup> (IEPHA-MG, 2016), já cumpre essa missão com a devida responsabilidade. Entretanto, o processo de manutenção territorial da Folia de Reis se estende e só pode ser compreendido de maneira mais fidedigna, em debate com os *donos do poder*<sup>25,26</sup> e com a questão agrária<sup>27</sup> brasileira. Que de acordo com Eliade (1992), os rituais com a inversão dos papéis sociais, em que os pobres ocupam temporariamente o lugar dos ricos, os subalternos, de dominantes, o homem, da mulher, esteve presente em muitas sociedades ao longo dos séculos e representava um momento de extravasamento, de excesso, de suspensão temporária da ordem estabelecida e de interrupção do cotidiano. Segundo a historiadora Marina de Mello e Souza (2002), essa inversão está para além de ocupar outro posto, simbolizando também um momento de rememoração de mitos fundadores e de construção de identidades em meio a contextos de escravidão ou evangelização.

A estética, que é a área da filosofia que toma o domínio da sensibilidade como objeto de reflexão, valoriza o sensível, ou seja, considera a sensibilidade como forma de conhecimento sobre o mundo, que inclui a intuição, a imaginação, a sensualidade e a paixão, sendo canais de acesso ao conhecimento sensível e ao inteligível<sup>28</sup>. Conceito necessário para nossa leitura, pois o desenvolvimento e empenho das culturas religiosas interseccionais<sup>29</sup> sempre foram e serão interpretadas e gravadas de diferentes formas estéticas, porque para além da manifestação cultural, estamos

---

trabalhando então com extensão e força, ou seja articulação regional. Implica identificar o nível de desarticulação e/ou de fragmentação de espaços dentro do espaço regional em sentido amplo; - a região construída através da atuação de diferentes sujeitos sociais (basicamente o Estado, às empresas, outras instituições de poder e os distintos grupos socioculturais e classes econômico-políticas). HAESBAERT, R. Regional Global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. – 2ºed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

<sup>24</sup> Dossiê para registro das Folias de Minas do Estado de Minas Gerais. IEPHA-MG. Belo Horizonte, 2016.

<sup>25</sup> FAORO, Raymundo. Os donos do poder. Formação do patronato política brasileiro. 3ª edição, revista, 2001.

<sup>26</sup> Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. 275p. (Perspectivas do homem. Serie política;42) (original francês de 1961: Les Damnés de la Terre, nova ed. La Découverte, 2002)

<sup>27</sup> KAUTSKY, Karl. A questão agrária. Tradução de C. Iperoiç. 3a. Ed. São Paulo. Proposta, 1980. & MOYO, Sam, Jha, Praveen and Yeros, Paris, (2013), The Classical Agrarian Question: Myth, Reality and Relevance Today, Agrarian South: Journal of Political Economy, 2, issue 1, p. 93-119, <https://EconPapers.repec.org/RePEc:sae:agspub:v:2:y:2013:i:1:p:93-119>.

<sup>28</sup> Ana Rita Ferreira. “PROLEGÓMENOS” DA ESTÉTICA DE BAUMGARTEN. (Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa). Philosophica, 44, Lisboa, 2014, pp. 167-174.

<sup>29</sup> RIOS, Flavia. O que é interseccionalidade e qual sua importância para a questão racial? Nexo Políticas Públicas. 2020. Arquivo digital.

sendo apresentados aos mitos fundadores da Nação<sup>30</sup>. A Folia de Minas, desde a sua origem percorreu as rotas Mesopotâmicas a Europa e parte do norte da África e do Oriente Médio, difundindo diferentes técnicas performáticas de cortejo, reinventaram<sup>31</sup> os modos das festas, frente à crescente dinâmica de cristianização e das atividades seculares. Essas adaptações serviram para arrebanhar povos com outras crenças, como judeus, persas e muçulmanos no Novo Mundo, e para catequizar os povos nativos. “Nesse contexto, a religiosidade foi ganhando formas variadas de representação por meio de cantorias, danças, encenações e músicas, dando aos festejos dedicados aos santos católicos um caráter secular” (SOUZA, 2006).

Com o passar do tempo, os festejos ficaram cada vez mais próximos do cotidiano da população e, utilizando os *meios/terras de produção próprios*<sup>32</sup>, transformaram-se em um momento de celebração da vida, de rompimento do ritmo cotidiano, de evasão do tempo terreno, de interação social e de expansão dos domínios de forças. Delineadas desde o século XVIII, intensificadas no século XIX e XX, e presentes ainda hoje, as festas dedicadas aos santos revelam, portanto, a perpetuação e dominação das tradições e a existência de fundamentos de respeito à

---

<sup>30</sup> Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo. MARILENA CHAUI. BRASIL. MITO FUNDADOR E SOCIEDADE AUTORITÁRIA. 1ª EDIÇÃO: ABRIL DE 2000. 2ª REIMPRESSÃO: outubro de 2001.

<sup>31</sup> THIRY CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. Rev. Adm. Pública 40 (1) • Fev. 2006 • <https://doi.org/10.1590/S0034-76122006000100003>

<sup>32</sup> MARX, K. O capital. Crítica da economia política. Livro III. São Paulo: Boitempo. (CAP. 37, 38, 45).



fé e à fraternidade comunitária, que pode ser experienciada em diferentes momentos, formas, materiais, estilos dos mundos rurais brasileiros e do exterior<sup>33</sup>.



Figura 1: Catacumba de Santa Priscila. Séc. III – Roma.

Fonte: Museu do Vaticano - <https://goo.gl/57CELO>

Figura 2: Catacumba de Santa Priscila. Séc. III – Roma.

Fonte: Museu do Vaticano - <https://goo.gl/57CELO>



Figura 3 Sarcófago do século IV em Roma com a representação dos Reis Magos presenteando o Menino Jesus. Fonte: Acervo Museu do Vaticano

---

<sup>33</sup> CARLOS RODRIGUES BRANDÃO. TEMPOS E ESPAÇOS NOS MUNDOS RURAIS DO BRASIL. RURIS | VOLUME 1, NÚMERO 1 | MARÇO DE 2007



Figura 4: Mosaico dos Magos em Santo Apolinário o Novo, Ravenna, S. VI

Foto: Religião Digital



Figura 5: Adoração dos Magos, por Hieronymus Bosch. 1494 – Madrid/ Espanha. Fonte: Colección Museo del Prado



Figura 6: Adoração dos Magos. Vasco Fernandes – c.1510.

Fonte: Museu de Arte de Toledo



Figura 7: Adoração dos Magos – Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Sabará – MG.

Fonte: Izabel Chumbinho – Acervo IEPHA/MG

Tendo, pois, Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, vieram os magos do oriente a Jerusalém. Perguntaram: “Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo”.<sup>34</sup> .

Na Roma antiga, comemorava-se, por volta do dia 25 de dezembro, a chegada do inverno ou o chamado solstício de inverno, momento em que se faziam longas festas e trocavam presentes, o que explicava, em certa medida, a escolha dessa data para o Natal. Essa incorporação aponta o Natal como um dos exemplos mais evidentes do processo de cristianização dos eventos romanos considerados profanos, principalmente aqueles ligados à astronomia (KODAMA, 2009, p. 103).

Os magos ofereceram a Jesus, como penhor de sua homenagem, os mais ricos produtos de seus países – ouro, incenso e mirra. Ouro, como reconhecimento de seu poder régio; incenso, como confissão de sua divindade; e mirra, como testemunho de que ele se fizera homem para redenção do mundo. “Mas, seus melhores presentes foram às disposições de suas almas: sua fervente caridade, significada pelo ouro; sua devoção, figurada pelo incenso; o sacrifício irrestrito de si mesmos, representado pela mirra”. (BUTLER 1984, p. 75).

Esses presentes, aos poucos, cada um, conta uma parte de uma história que não segue a linearidade de uma cronologia, mas que se passa no tempo e em diferentes territórios, sendo flashes de instantes e de coisas importantes, muitos, depois de tantos anos, que “(...)vão confundindo o que aconteceu numa festa e em outra, e o relato vai ganhando uma feição mítica e extraordinária, como se fosse uma só grandiosa Folia que transcende os tempos e torna-se tradição.” (DOSSIÊ, 2010).

Vale somar esse entendimento ao que pontuam Wanderley e Favareto (2013, p. 415), que “(...) o rural não é uma categoria a-histórica, que se possa definir de maneira essencialista, independentemente do tempo e do lugar”. Em Presidente Olegário há diferentes formas predominantes de uso da terra e de ordenamento fundiário, que são relacionados a múltiplas escalas espaciais e temporais de observação da vida, por exemplo, podem ser evidenciadas nos mapas abaixo, da

---

<sup>34</sup> Bíblia Sagrada. Lucas Cap.2, 1-2. São Paulo: Ed. Ave Maria, 2008.

distribuição dos grupos da folia de reis no estado mineiro. Tal materialidade é territorial e esperamos abordá-las sob as abordagens nomeadas da nova ruralidade.

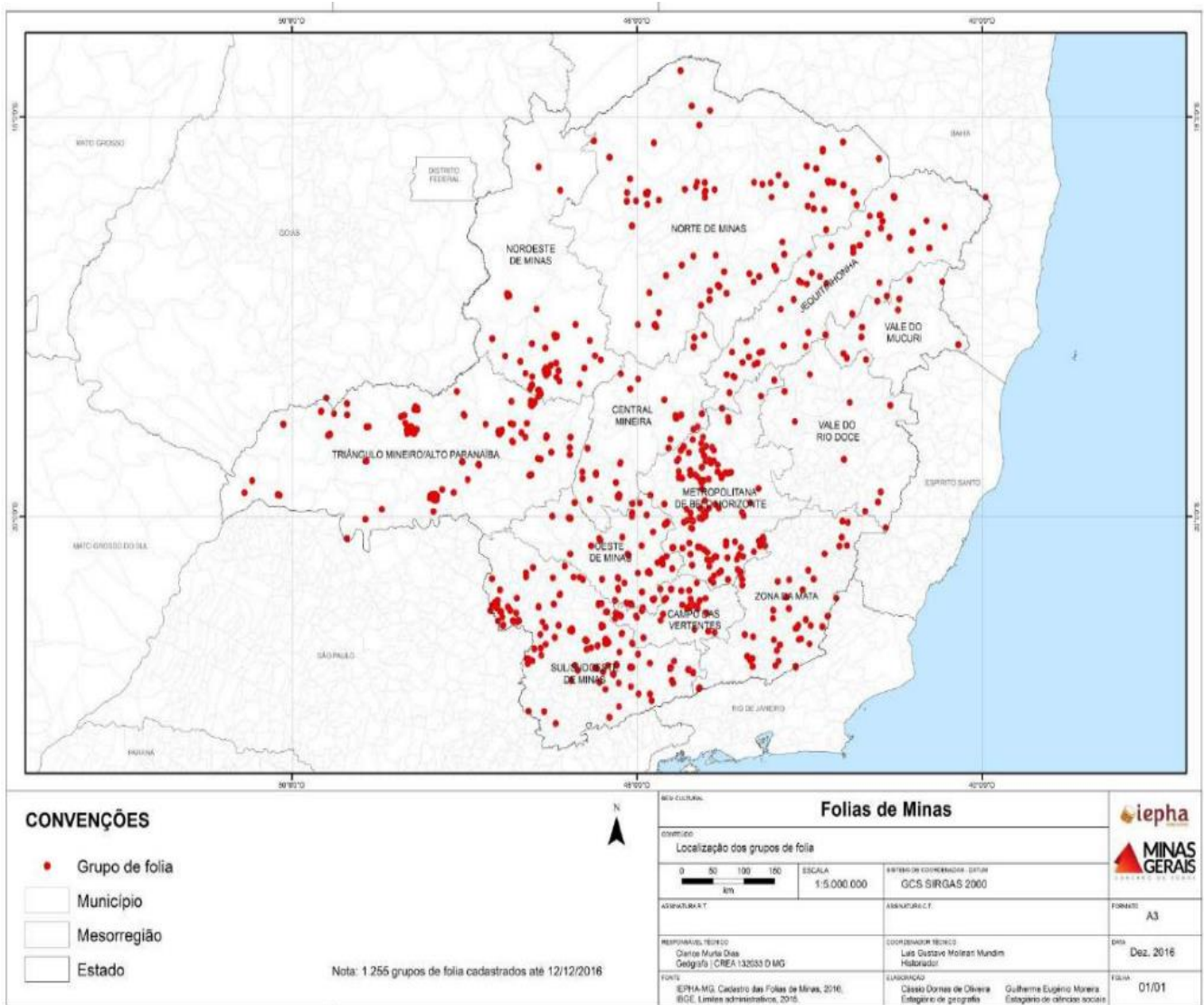


Figura 8: Mapa de localização das Folias de Minas. Fonte: IEPHA-MG. Cadastro das Folias de Minas Gerais, 2016.

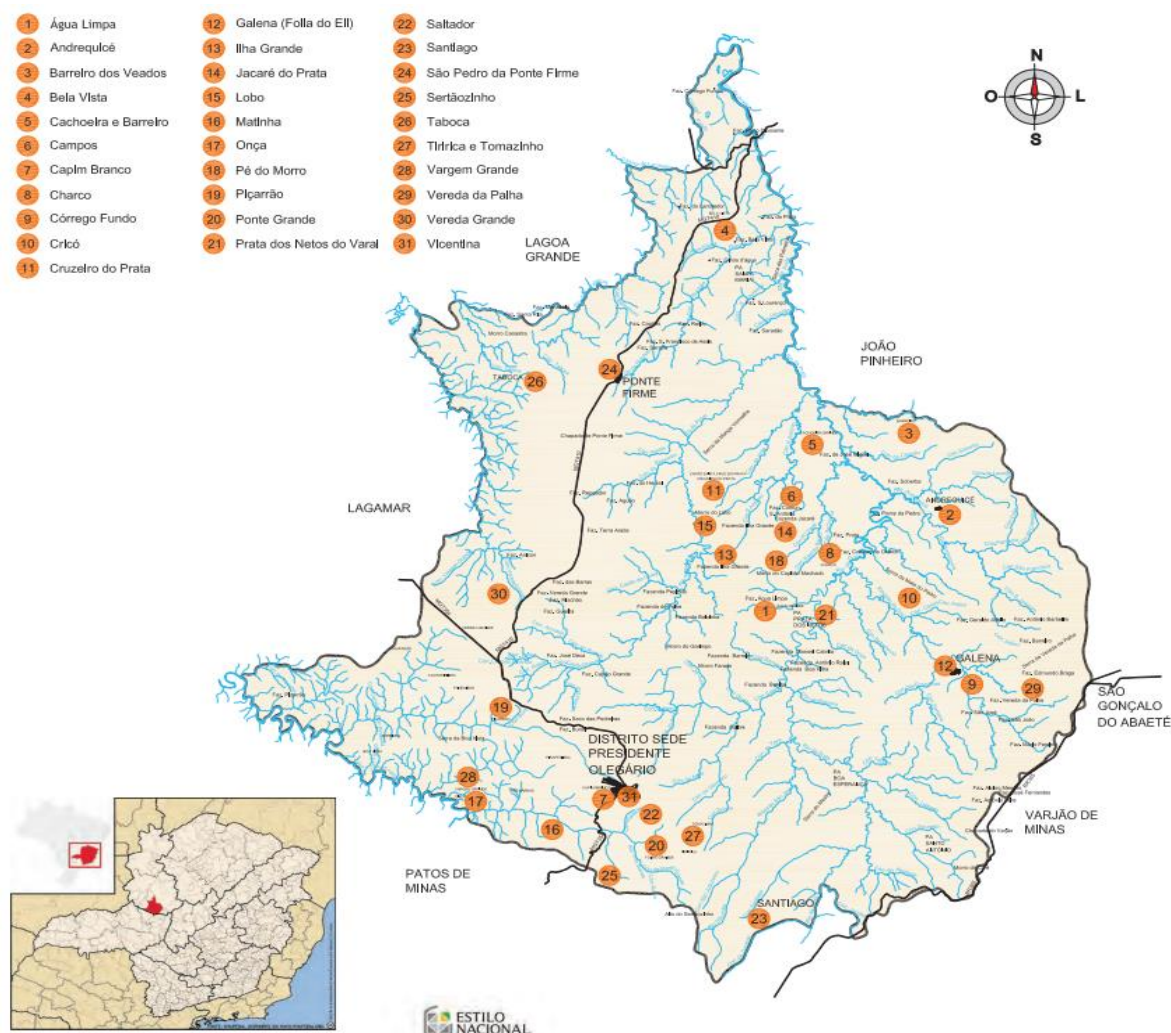
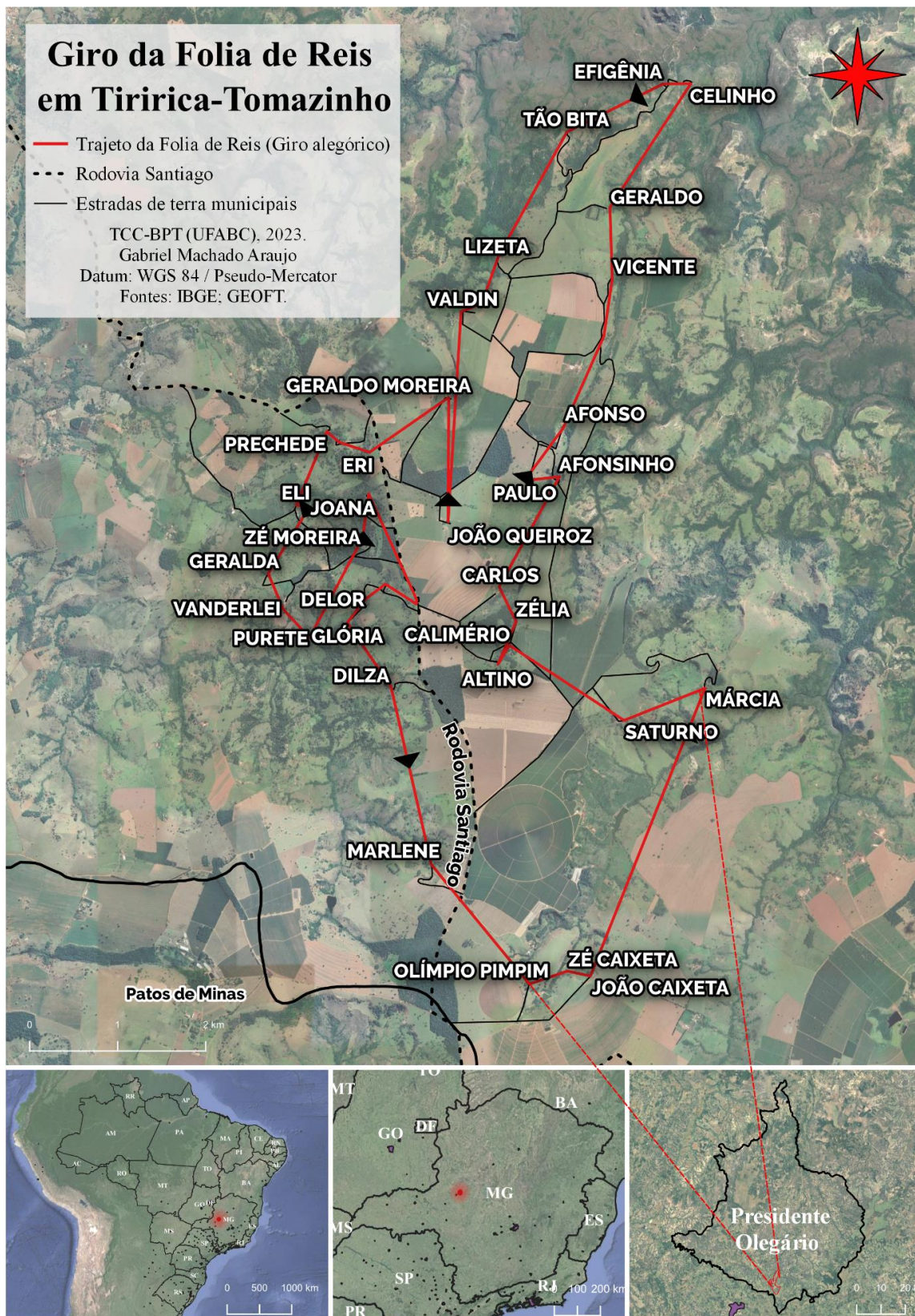


Figura 9 Mapa de localização dos grupos de folias de reis no território de Presidente Olegário- MG. 2010

Em suma, são dois os objetivos dessa novela. Primeiro, entender a dimensão real de uma fração de um território rural nos tempos atuais e a segunda e como este rural se expressa. Comprendemos este documento em múltiplas dimensões: “física (ocupação do território e os seus símbolos), do vivido (particularidades do modo de vida e referência identitária) e lugar de onde se vê e se vive o mundo (a cidadania do homem rural e sua inserção nas esferas mais amplas da sociedade) (Araújo et al., 2014).



Mapa: 1 Mapa de localização do giro alegórico da Folia de Reis do Tomazinho. Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

---

### **Preocupações:**

I - Há reflexão crítica no processo dialético do fazer histórico da Folia de Reis? Ou estou tratando de uma concepção cumulativa da História (Nietzsche), em que se descreve a História e a questiona?<sup>35</sup> Para Nietzsche a História (do séc XIX), e o registrar de tudo em forma de conhecimento, foi um movimento que ameaçou as funções da memória cultural, especialmente sua capacidade de distinguir entre o essencial (que deve ser retido) e o supérfluo (esquecido) ocasionando assim, uma crise à formação da identidade. Para ele, a História representaria o lembrar (indefinido e ameaçador) e a Memória, o necessário esquecer.

Dessa forma, nossa metodologia é uma técnica, que pressupõe uma postura do pesquisador participante (sinal de que o ato da observação produz mudanças sensíveis no desempenho dos ritos, que interagem com os meios de registro), em que sua subjetividade interage de modo a acessar uma realidade vivida por esses, que pressupõe negociações de saberes, práticas e interesses entre sujeitos que não raro apresentam posições sociais distintas (MENEZES, 2005). Dessa forma, três proposições são organizadas: i) Escutar a voz dos excluídos - “História vista de baixo” ii) Lançar luz às realidades indescritíveis; iii) Dar testemunho das situações de sofrimento extremo.

Opondo à fria trilogia acadêmica Estado, história, escrita, a sua própria trindade revolucionária, memória, oralidade, a História oral assumem um projeto utópico de democratização da história, contra a instituição, a civilização, o progresso, a cidade, propondo-se devolver a palavra ao povo, ao rural, ao primitivo. História quente, militante, história dos excluídos, em que o oral se opõe ao escrito como a natureza à cultura, o vivenciado ao concebido, o verdadeiro ao artificial, a História Oral construiu sua identidade sobre um sistema maniqueísta de antinomias, de

---

<sup>35</sup> Tese VII – Tarefa do historiador materialista: “tomar a História a contrapelo”, através da aquisição de uma memória que não está na história oficial. Como? Pela obtenção de uma experiência histórica, uma memória comum (Erfahrung) capaz de ligar o passado submerso ao presente, e fazer emergir as “esperanças não realizadas desse passado” e “inscrever em nosso presente o apelo por um futuro diferente” (Gagnebin). Aqui o conceito de experiência, elaborado por Benjamin a partir da crítica literária, ganha a potencialidade de uma “anti-história”, sem encerrar o passado numa interpretação definitiva, realçando seu caráter inacabado – “história aberta” sobre a qual o historiador materialista deve tecer a continuação (inspiração Proust).



que decorrem os seus princípios metodológicos uso da pesquisa de campo e da observação participante, abertura interdisciplinar para as demais ciências sociais” (TREBITSCH, Michel. 1994, p. 25)

Em suma, um estado de recreação pessoal e de ser-afetado<sup>36</sup>, no sentido literal do termo.

**II - Há uma produção de uma metodologia de pesquisa que seja instrumentalizada no planejamento territorial que seja suficiente aderente a captação da imaterialidade presente nos territórios brasileiros?**

---

<sup>36</sup> FAVRET-SAADA, Jeanne. 1990. “Être Affecté”. In: Gradhiva: Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie, 8. pp. 3-9.

## Dia I - Saída da Folia de Reis<sup>37</sup> 25/12

Vamos lá!? Na saída da Folia<sup>38</sup> do Tomazinho<sup>39</sup>, dia 25/12 na Escola do Tiririca, do lado da Venda da Chavasca sentido Santiago de Minas.



<sup>37</sup> A menção dos magos nos relatos bíblicos de Mateus se encerra quando esses são avisados em sonho para não voltarem ao encontro de Herodes, o que os fez retornar para suas respectivas regiões por outro caminho. As escrituras sagradas não fazem menção sobre a quantidade de magos, contudo, historicamente, esse número esteve relacionado à quantidade de presentes oferecidos. Além disso, a qualidade de "réis" só foi conferida aos magos em tempos posteriores, pois, conforme visto, Mateus não os designa dessa maneira. Já a denominação de magos é associada a homens sábios, astrônomos e astrólogos, mantendo relação ao episódio da estrela guia que lhes indicou o nascimento do Menino Jesus. Alguns autores afirmam que o atributo de rei foi empregado aos magos em comparação com as profecias feitas em outros livros sagrados, tal como os Salmos 72, versículos 10, 11, que diz, referindo-se à chegada do Messias: "Os reis de Társis e das ilhas trarão presentes; os reis de Sabá e de Seba oferecerão dons. E todos os reis se prostrarão perante ele; todas as nações o servirão". A historiadora Maria Célia Gonçalves acredita que a história dos reis magos pode ter sido narrada somente por Mateus, pelo fato do evangelista falar aos judeus, diferentemente dos outros evangelhos, escritos para os gentios. Narrar a trajetória dos reis magos reforçaria, portanto, o cumprimento da profecia descrita em Salmos e por consequência, a crença na chegada do Salvador. (GONÇALVES, 2011)

<sup>38</sup> As Foliás de Minas foram registradas como patrimônio cultural de Minas Gerais, no dia 06 de janeiro de 2017. Também denominadas ternos ou companhias, as foliás são manifestações culturais-religiosas cujos grupos se estruturam a partir de sua devoção aos santos como: Reis Magos, Divino Espírito Santo, São Sebastião, São Benedito, Nossa Senhora da Conceição, entre outros. Geralmente, são formados por cantadores e tocadores, podendo apresentar personagens, como reis, palhaços e bastiões, que visitam casas de devotos distribuindo bênçãos e recolhendo donativos para variados fins. Apresentam características regionais e as indumentárias variam de grupo para grupo, podem ser encontrados foliões que utilizam trajes militares, vestes de palhaço, máscaras ou roupas comuns. Os instrumentos que conduzem os cantos são as violas, violão, cavaquinho, pandeiro, bumbos, sanfona e caixas. Possuem como principal elemento simbólico a bandeira e organizam-se a partir de ritos, como o giro ou jornada, encontros, festas e cumprimento de promessas. A tradição, de origem ibérica, faz parte das celebrações mais antigas e difundidas no estado de Minas Gerais e no Brasil, e, ao longo dos anos, foi se tornando um componente de considerável importância na construção do imaginário, identidade e memória individual e coletiva dos mineiros. As Foliás reúnem em torno de si diversas práticas culturais, saberes, formas de expressão, ritos e celebrações, representando uma parte importante do patrimônio cultural mineiro. <http://www.iepha.mg.gov.br/>

De onde saímos, a cantoria é certa. A turma se ajunta, pós noite de celebração de Natal, não tem (r)emoção que não se cure com uma boa pelota e uma dose de 61<sup>40</sup>, onde o *maior* bebé e o *menor* lava a mão. O tempo fresco das chuvas torrenciais da primavera consola a terra fervorosa por-venir vida, solada, pelas botinas mateiras do alegre e pontual alferes, que carregando em suas mãos o manto celestial, avista o nosso Capitão, que assume a viola no peito e rompe. Com olhos de chamado, convocando seus companheiros tomando-os, como fumaça expansiva de um fumo de rolo da Guimarães, que toma conta da casa, expansivo como a luz de restinga na baixada das quatro horas do cerrado, apruma-os. Seus companheiros, à resposta, acompanhando obrigatoriamente pelo sanfoneiro afofador, e os fiéis caixeiros, dupla artisticamente ligada pela lona de couro, são festejados com o pandeirista notável que sabe que seu zunido arrepiava a Santinha e atenta o ouvido da criança suja. Assim, simpáticos, assumem suas posições, depois de ajoelharem e passarem embaixo da bandeira, pedindo licença da sua pessoa para dar vida ao patrimônio<sup>41</sup> folião.

---

<sup>39</sup> Reivindicações de instrumentos de salvaguarda para patrimônio imaterial pelos países do “Terceiro Mundo” na Convenção do Patrimônio Mundial, Cultural e Nacional da Unesco de 1972. Em 1989 a Recomendação Sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional Popular é aprovada na Conferência Geral da UNESCO. Em 2003, Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial é aprovada na Conferência Geral da UNESCO (ratificada pelo Brasil em 2006)

<sup>40</sup> Cachaça 61, criada em 1961, é produzida pela Missiati Indústria e Comércio, em Santa Rita do Passa Quatro, interior de São Paulo.

<sup>41</sup> “Mais do que um sinal diacrítico a diferenciar nações, grupos étnicos e outras coletividades, a categoria “patrimônio”, em suas variadas configurações, parece se confundir com diversas formas de autoconsciência cultural”. José Reinaldo Santos Gonçalves, O patrimônio como categoria do pensamento, 2007.



Foto: 2 Passagem de baixo da bandeira de Santos Reis, Presidente Olegário. MG, 2022. Foto: Gabriel Machado

A paisagem que nos rodeia tem convite à festa popular, todos festão<sup>42</sup>, pois o cenário é de festa organizada, planejada, centenária, milenar. É confiada a santidade maior<sup>43</sup> as concepções desse povo que sob chuvas e sóis, certo e errado, sagrado e profano, casa grande e senzala, vivos e mortos são aproximados na hora marcada da chegada do Anunciado, via batidas e soares da tradição. O Nego, autonomamente sabe que tem função, fundido de deficiência e alma, torna o som do apito foguete de três tiros. Não apenas ele, todos estão em um estado de governo de bens comuns<sup>44</sup>, para que se comece e recomece a caminhada mais uma vez, por mais um ano dentro dos anos contáveis desde a origem contável dos anos<sup>45</sup>.

---

<sup>42</sup> substantivo masculino. ARQUITETURA•DECORAÇÃO. Grinalda de frutos, flores, folhagens, pedrarias etc. entrelaçados em ornamentação.

<sup>43</sup> Festa católica que atribui fé às imagens e divindades antigas, que representam os três reis do Oriente, são clamadas as causas e pedidos de cura, libertação e progresso.

<sup>44</sup>Ostrom et al (1999): Revisiting the Commons: Local Lessons, Global Challenges, Science, Vol. 284. no. 5412, pp. 278 - 282 <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/604427-el-inor-ostrom-os-comuns-nem-tragedia-nem-panacea>

<sup>45</sup> A pesquisadora Kátia Kodama afirma que festejos como as Saturnálias e diversos outros com essas características foram difundidos na região e, mesmo após as proibições impostas pelo cristianismo, as populações evangelizadas ou convertidas mantiveram um calendário de festividades profanas vinculando-as, por vezes, às práticas sagradas. (KODAMA, 2009, p. 102) Peter Burke pontua que os chamados “pais da Igreja”, como Santo Agostinho e Tertuliano, ficavam chocados “ao ver as pessoas vestidas com peles de animais no dia de Ano-Novo”, criticando “a participação cristã nos espetacular (espetáculos de gladiadores) e nas Saturnalias”. ( BURKE, 1989, p. 241). O autor presume que muitos desses religiosos já questionavam tais heresias desde o século IV, logo nos

*Vamo, chegando, vamo, chegando!* Que os três Reis tem pressa e potência, pois, já nasceu o Deus menino para o nosso convém. O prometido que está dentro de cada vazia concepção amontoada, dentro da possível sustentabilidade<sup>46</sup> do ser-para-a-vida e morte. Aqui esse corriqueiro *sutil* costume<sup>47</sup> que é a fé, prevê que a sua santidade defronte tornará a minha também satisfatória e convencidora de poder tocar a estrada do viver nos descuidos progressivos dos sertões mineiros<sup>48</sup>. Assim, poder tocar os pauzinhos de angico<sup>49</sup> da caixa<sup>50</sup> descansada é majestoso, digno de alteridade<sup>51</sup>, marcar os passos, abafar o zunzum misturado com gritos e bocas cheias de boas intenções dos romeiros, chamar a atenção de todos, e respeitosamente ditar que a folia começou. Este é o drama da linguagem, que ao mesmo tempo que mostra, esconde<sup>52</sup>.

---

primeiros anos do cristianismo, mantendo, posteriormente, ora a prática de condenar a cultura popular, ora de adaptá-las e aproximá-las da Igreja.

<sup>46</sup> <https://journals.openedition.org/polis/5354?lang=pt>

<sup>47</sup> Immanuel Kant, metafísica dos costumes, 1797. p.18

<sup>48</sup> ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. São Paulo: Nova Aguilar. 1994.

<sup>49</sup> Angico é a designação comum a várias árvores dos gêneros Piptadenia, Parapiptadenia e Anadenanthera da subfamília Mimosoideae. Elas são nativas da América tropical, principalmente do Brasil e também são exploradas e/ou cultivadas devido à boa qualidade da sua madeira

<sup>50</sup> Com base no mapeamento dos grupos de folias de Minas Gerais, observou-se que, entre os instrumentos de percussão, a caixa, conhecida também como caixa de folia, bumbo, zabumba ou tambor, é o mais recorrente em todos os grupos, fazendo parte do conjunto obrigatório das folias. (DOSSIÊ, 2010)

<sup>51</sup> LÉVINAS, E. Ética e infinito. Diálogos com Philippe Nemo. Lisboa: Edições 70, 1988.

<sup>52</sup> Sérgio A. J. Volkmer. A INSCRIÇÃO DO SENTIDO ÉTICO NA CULTURA, EM LÉVINAS. Kínesis, Vol. I. n° 02, Outubro-2009, p. 264 - 276.



Foto: 3. Caixeires, Chiquinho e Aurélio e Felipe. Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

Entramos pelo portão da minha Escola, a batida marcada pelo fole da sanfona e vibrado da viola, ritmados as caixas, marcam um tempo rítmico que quando piso me recordo, que nessa escola aprendi a ler, escrever e observar o mundo, que até então era apenas uma palavra. Macalé do meu lado, encostado no esteio da entrada abre a boca quase sem dentes e solta uma gargalhada minúscula, macia, que se despertou como poeira no ar iluminado<sup>53</sup>, como que me vendo nos olhos pela primeira vez, assumi-me folião. Os homens do mato têm expressões que assinam. Saudando o nobre cidadão, eu e meus companheiros vamos se avistando e se misturando entre os participantes na saída, todo mundo já sabe que, quase tão certos como a estrela de Davi, que a graça depositada na estrada é lúdica, *performers*<sup>54</sup> e orientado na religiosidade. Mas, na roça que não tem muito teatro, nos contentamos com a arte<sup>55</sup> de vida mesmo<sup>56</sup>. A atenção toma conta do espaço aberto, o movimento vai ficando cada vez mais alinhado e os corações reunidos, é tirado os chapéus brancos para o cortejo celebrar. A entrada é curta, a bandeira vai buscando o seu lugar de magistério.

---

<sup>53</sup> Teoria Geral do Esquecimento autor: José Eduardo Agualusa editora: Foz gênero: Romance. 2012.

<sup>54</sup> Termo inglês, usado às vezes para marcar a diferença em relação à palavra ator, considerada muito limitada ao intérprete do teatro falado. O performer, ao contrário, é também cantor, bailarino, mímico, em suma, tudo que o artista ocidental ou oriental é capaz de realizar (to performer) num palco de espetáculo. O performer realiza sempre uma façanha (uma performance) vocal, gestual ou instrumental, por oposição à interpretação e à representação mimética do papel do ator. (Pavis, 2003: 284).

<sup>55</sup> Uma peça teatral? Dançarinos dançando? Um concerto musical? O que você vê na TV? Circo e carnaval? Uma entrevista coletiva de um presidente da república? [...] Performance não é mais um termo fácil de se definir: seu conceito e estrutura se expandiram por toda parte. Performance é étnica e intercultural, histórica e atemporal, estética e ritual, sociológica e política. Performance é um modo de comportamento, um tipo de abordagem à experiência humana; performance é o exercício lúdico, esporte, estética, entretenimento popular, teatro experimental e muito mais [...] (Turner, 1982:11).

<sup>56</sup> Para estudar uma manifestação artística/religiosa/cultural como a Folia de Reis, fez-se necessária a imersão no domínio de outras ciências sociais, uma vez que —o estudo da performance combina antropologia, artes performáticas e estudos culturais, usando lentes interdisciplinares para examinar um conjunto de atos sociais: rituais, festivais, teatro, dança, esporte e outros eventos ao vivo (Ligiéro, 2003: 90)

Toda folia de reis mineira tem uma bandeira pintada com o Melquior, que era velho de setenta anos, de cabelos e barbas brancas, tendo partido de Ur, terra dos Caldeus, acompanhado de Gaspar moço, de vinte anos, robusto que partira de uma distante região montanhosa, perto do Mar Cáspio. E Baltasar um mouro, de barba cerrada e com quarenta anos, que partiu do Golfo Pérsico, na Arábia Feliz<sup>57</sup>. Aqui no Brasil, elas são mestiços, amarelos morros, brancos, pretos e coloridos, o que tem muito haver com cor e com crença também<sup>58</sup>. A Bandeira é feita de pano brilhante. Nela é colada uma estampa dos Reis Magos. Constitui o elemento sagrado da Companhia e assim é tratada: beijam-na respeitosamente os moradores das casas visitadas, é passada com muita fé sobre as camas da residência e nunca pode ser colocada num lugar menos digno. Esse respeito perdura durante o ano todo, mesmo passada a época de Reis: na casa onde fica guardada, há orações periódicas diante dela. No universo cultural de nosso povo, a Bandeira é a representação dos três Reis;



Foto: 4 Entrada da Bandeira na Escola do Tiririca. Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022

---

<sup>57</sup> Arábia Feliz é a denominação da parte meridional da Península Arábica, correspondente aos atuais Estados do Iêmen e Omã. A região era ocupada por tribos sedentárias que desenvolviam uma economia agrícola e mercantil nas regiões litorâneas da Península. Arábia Feliz. Arquivado em 20 de dezembro de 2016, no Wayback Machine. "Esse era o nome que os romanos antigos davam à região da península árabe que corresponde de grosso modo ao Iêmen de hoje". Por Salem Nasser. Brasileiros, 21 de outubro de 2016.

<sup>58</sup> Em *Legenda Áurea*, Jacopo de Varazze nos diz que os três magos eram chamados em hebraico Apellido, Amerio, Damasco; em grego Galgalatz, Mallat, Sarathi" (p. 150, 2003).



or isso, explicam os Mestres, ela deve ir sempre à frente dos representantes dos pastores que seguiram os Reis Magos”<sup>59</sup>.

Já dentro do salão da Escola Municipal Santa Rita, o piso verde revestido de altar<sup>60</sup> alinha a turma. É bem típico que as mulheres, novas, velhas, casadas, solteiras, viúvas, mudas e belas já estejam à espera, porque já estão dispostas a oração ao mesmo tempo que as taxas já estão fartas, na espera dos caminhantes que olham para cima e trazem histórias celestes. Um instante de silêncio mínimo consagra cada bênção e aberto da mão dado, esse momento de suspensão do som é algo que sempre me fez acreditar que há fé. Todo ser humano carrega consigo, e eu comigo tenho, que fé é algo que faz um homem como Herodes mandar matar todos os primogênitos de todas as famílias em Belém. Fé é A MÃE DO REDENTOR que tem um lugar bem preciso no plano da salvação, porque, « Ao chegar à plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido duma mulher, nascido sob a Lei, a fim de resgatar os que estavam sujeitos à Lei e para que nós recebêssemos a adoção de filhos. E porque vós sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: «Abbá! Pai!»»<sup>61</sup>

Fé, era o que eu tinha na época que estudava nesse piso verde da escola aberta, tínhamos recursos pelos meados de 2003, e ficava na fila, ansiando que meu copo viesse uma bolachinha na forma de peixinho no café da manhã, pois, a criançada da região acordava às 4:30 da manhã para tomar rumo ao letramento. Fé é o substantivo feminino que se fez verbo e habita agricultores, pequenos e pequenas produtoras rurais, aprisionados, livres nesse campo<sup>62</sup>.

---

<sup>59</sup> Guilherme Porto. *As Folias de Reis no Sul de Minas*. Rio de Janeiro: MEC/SEC/FUNARTE - Instituto Nacional de Folclore, 1982. p.19.

<sup>60</sup> O primeiro presépio escultural que se tem notícia foi encomendado no século XIII, pelo papa Nicolau IV (1227-1292), e foi destinado para a cripta da Igreja Santa Maria Maior em Roma. (ROQUE, 2013, p. 21-24.) O presépio franciscano teve grande apelo popular, pois na sua representação o Menino Jesus expressava pureza e suavidade. Porém, em outros presépios, como os franceses do século XVII, a criança não possui uma expressão amável, mas séria, para transmitir a rigidez da Igreja Católica. O primeiro exemplo de presépio desmontável se concretizou em Munique, na região da Bavária, no Natal de 1607 na Igreja da Ordem Jesuítica. Com o passar dos séculos, os presépios começaram a apresentar características locais, se tornando cada vez mais populares. Estas manifestações eram investidas de dualidades entre o popular e o erudito, o clássico e o anticlássico, o sagrado e o profano. A consolidação dos presépios teve o incentivo das novas ordens religiosas, como a dos jesuítas, teatino, esculápios, dos oratorianos e do movimento da reforma do catolicismo. O Concílio de Trento (1545 - 1563), percebendo a necessidade de uma nova estratégia de evangelização e buscando impulsionar a catequese, introduziu os presépios nos seus regulamentos e, posteriormente, os utilizou para a conversão dos indígenas do Novo Mundo, (MIGLIACCIO, 2003)

<sup>61</sup> (Gál 4, 4-6).

<sup>62</sup> “Se o trabalho for livre a terra e que tem que ser escrava” (MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. São Paulo: Editora Contexto, 2010)

Postos a redenção da organização positiva das virtudes, os foliões se ajeitam. Existe uma organização para que a cantoria ganhe espaço, sempre a frente do grupo a bandeira nas mãos do Alfer, seguida do Capitão e atrás dele o sanfoneiro. Do seu lado direito em formato de rosário as repostas, primeira voz atenta e grave (DÓ), reproduz os versos ditos pelo Capitão de maneira mais literal, os tons vão diminuindo na escala, sendo que a segunda voz (RÉ) é menos grave e acompanha a primeira, e a terceira voz (MÍ) tem um lirismo entre o grave e trazendo consigo um final agudo. A quarta voz (FÁ) é por mim a mais complicada, pois pega os refrões bem altos e dá respiro a voz grave e abre espaço para a quinta (SOL) e sexta voz (LÁ) que se deslançam na potência mais alta do agudo em suspensão conjunta que alcança harmonia ao (SI) que harmoniza o hino.



Foto: 5. Disposição dos foliões para o cântico da folia, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

A percussão é composta na folia do Tomazinho por dois caixeiros e uma equipe de pandeiristas, e é claro o nosso público os fura caldeirões, ou também chamados “foliões de atalho”<sup>63</sup> que carregam em si o espírito de folião, que variam entre um e

---

<sup>63</sup> Somadas todas as Falias, os presentes correspondem a toda população da cidade de Presidente Olegário ou ainda mais. É difícil usar o termo “público” numa festividade em que mesmo os convidados ocupam um lugar estratégico, em que todos os presentes são virtualmente participantes da Folia. Diríamos que, dada a sua penetração na população da cidade, cada família do município tem ao menos um integrante ativo na Folia. Muitos dos familiares acompanham esse folião e, somados aos que se deslocam pela festa sem maiores interesses religiosos que o de dançar, comer, beber e se divertir, chamados foliões de atalho, todos fazem parte desta miscelânea que a Folia arrasta consigo tanto em seu périplo quanto para as festas de arremate. É importante

até cem pessoas. A batida maior segue sempre o ritmo da sanfona e se posicionam atrás dela, para não perder o compasso. Tem também o jovem cavaquista e o Puretê, nosso nobre folião dono do violão ponteadado. Folião que a muitos anos já não canta mais, mas, também não nega a tradição e confia seus joelhos doloridos a força dos santos enturmados. Assim, podemos ver que fazemos uma espécie de círculo, que lembra um rosário, com menos aves marias que o convencional, mas serve a mesma conexão do mundo terreno com o além do físico: "A verdade está na teologia popular...Eu ando por aí com o rosário, mas não por causa do que significa o rosário, mas por causa do que milhares de anos e pessoas abraçando um rosário, fazendo o mesmo gesto, significar."<sup>64</sup>

Não tem ensaio durante o ano; Ser também é caminhar solito, mas virou tradição o encontro das folias no dispensário São Vicente de Paula<sup>65</sup>, no entanto, já na partida a harmonia é resgatada na 'memória' e todo mundo sabe o ritmo e o que fazer<sup>66</sup>. Essa sempre foi a minha maior sina, pois, entrar na entropia com todos esses homens itinerantes fundamenta mais potência ao coro, que na nossa Saída, obrigatoriamente e cantando mais versos que nas futuras casas que vão nos receber, um jeito de amansar a moçada.

---

salientar o movimento de retorno ao campo durante o período da Folia, já que muitos aproveitam a temporada para instalarem-se em suas propriedades rurais, fazendo preparativos para receber uma ou mais Folias em suas terras. Muitos são os que, tendo suas raízes na cidade, precisaram emigrar para outros locais maiores e com mais oportunidades de emprego. Assim as Folias são uma oportunidade de retorno, estrategicamente inseridas no período natalino entre o Natal e o Ano Novo. Eles vêm de Patos de Minas, ali perto, mas também de Uberlândia e Brasília. São também responsáveis por trazerem consigo pessoas de seu círculo de amizade, aumentando a presença e a difusão das festas, tornando-a conhecida em toda a região e mais além dela. Assim, as Folias dispõem de um público fiel, assentado tanto nas casas visitadas quanto nas festas de arremate, nas quais um volume maior de público introduz uma série de feições mais secularizadas e contemporâneas de divertimento. As festas de arremate, para além da devoção, criam espaços públicos de socialização e de reencontro com as famílias e entre elas. Esse grande público acaba por ressaltar a extraordinária penetração no tecido social local de que as Folias são capazes. (DOSSIÊ, 2010)

<sup>64</sup> Fragmentos de "Obras completas" de Jorge Luís Borges, Centro Cultural Kirchner, Buenos Aires, 2023. (tradução do autor)

<sup>65</sup> Trabalho de serviço social de Presidente Olegário

<sup>66</sup> Quando essa comunicação não é verbal, o que é então que é comunicado e como? Trata-se justamente da comunicação imediata que o termo *einführung* evoca. Apesar disso, o que me é comunicado é somente a intensidade de que o outro está afetado (em termos técnicos, falar-se-ia de um quantum de afeto ou de uma carga energética). As imagens que, para ele e somente para ele, são associadas a essa intensidade escapam a esse tipo de comunicação. Da minha parte, encaixo essa carga energética de um modo meu, pessoal: tenho, digamos, um distúrbio provisório de percepção, uma quase alucinação, ou uma modificação das dimensões; ou ainda, estou submersa num sentimento de pânico, ou de angústia maciça. Não é necessário (e, aliás, não é frequente) que esse seja o caso do meu parceiro: ele pode, por exemplo, estar completamente infetado na aparência. (FAVRET-SAADA, Jeanne. 1990. "Être Affecté". In: *Gradhiva: Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie*, 8. pp. 3-9. Tradução. PAULA SIQUEIRA Mestranda em Antropologia Social pelo PPGAS/ MN/UFRJ e pesquisadora de grupos culturais, política e religião em Nilo Peçanha, no Baixo Sul da Bahia e Revisão: TÂNIA STOLZE LIMA Professora Doutora de Antropologia pelo ICHF/UFF. Cadernos de campo n. 13: 155-161, 2005.)

É natal, a manjedoura está exposta, as famílias reunidas, estão fervorosas ao encontro com os vivos e aos desencontros com os já idos, a terra já foi plantada e a chuva está caindo mansa na produção.



Foto: 6 Bandeira de Santos Reis exposta no altar, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

Mas, aqui dentro eu nunca fui mansa chuva, durante a cantoria da anunciação e do encontro dos reis a manjedoura, eu sempre me vi vigilante atento ao ritmo marcado pelos batuques da madeira maciça erada. É uma banda em toque, minha função é ser responsável por romper um tempo de aceleração da produção cultural *da valia* histórica, manifesta-se o passado na maneira presente com os romeiros reunidos, são muitos na frente de escuta, umas duzentas pessoas, movidas penso ingenuamente pelo poder do hino comunitário tradicional.

*GLÓRIA SEJA AO PAI,  
GLÓRIA SEJA AO FILHO,  
GLÓRIA AO ESPÍRITO SANTO,  
SEU AMOR TAMBÉM.*

*ELE É UM SÓ DEUS,*

EM PESSOAS TRÊS,  
AGORA E SEMPRE,  
SEMPRE, AMÉM!

*Glória Seja Ao Pai de Arquidiocese de Goiânia*

A linguagem, a ascensão da tomada do mundo, o movimento da existência, em que a percepção e a subjetividade se alternam gêmeas, sem jamais alcançar uma síntese definitiva. Movimento de reversibilidade, onde eu e Outro, somos apenas momentos do seres-no-mundo<sup>67</sup>. No mundo rural<sup>68</sup>, mundo da *con-tradição*, fazemos em 30 minutos<sup>69</sup> os sonetos ao público cravar significado e significante da nossa chegada na festa de Saída da Folia. Nesse momento, a sociologia da vida privada dos anos 30<sup>70</sup> se faz matriz colorida com tramas novamente, dramáticas e vivas nos sorrisos das minhas tias avós, pomposas, com pudores e modos de quem vai comer bem nossos próximos dias, e que não planejam um fim para o estabelecido<sup>71</sup>, mas um equilíbrio dos contrários-desiguais, que conformam e santificam nossa comunidade rural em cantoria, pois sem ela o mundo seria um erro, ainda mais no nascimento de Jesus Cristo, filho de Nossa Senhora protetora.

O Pai eterno soberano  
Ó Pai do meu Jesus amado  
Ó dai vós para cantar

O seu hino tão sagrado  
Ó Pai e Filho, Espírito Santo

---

<sup>67</sup> Merleau-Ponty, Maurice, 1999.

<sup>68</sup> No mundo rural a diversidade e a complexidade das relações sociais se manifestam como expressões dos ritmos e dos tempos históricos diferentes do desenvolvimento capitalista. Porém, não se trata de considerar o mundo rural como um espaço social e econômico isolado do mundo urbano-industrial, como expressão clássica e, ao mesmo tempo, moderna, do capitalismo. Trata-se de estudar o mundo rural devido a “sua extraordinária variedade e suas características próprias” (Lefebvre, 1986: 163). “totalidade do processo social e de suas leis” (Lefebvre, 1986: 165). Dentro dessa visão, a explicação sociológica sobre os fenômenos sociais rurais é insuficiente e incompleta se não se vincular à noção de totalidade; os fenômenos sociais devem ser entendidos como parte de um processo social em nível nacional e global. Nos países subdesenvolvidos, periféricos e dependentes, coexistem as formas mais atrasadas com as mais modernas. Para Lefebvre, a noção de formação econômica e social, recuperada de Marx, resulta central para explicar a dupla complexidade da realidade social: horizontal e vertical. O método proposto de Lefebvre e retomado diretamente da dialética de Marx é o método que orienta os estudos sociológicos de José de Souza Martins sobre o mundo rural no Brasil, por exemplo. (Anotações próprias)

<sup>69</sup> Tempo médio de cantoria da folia nas casas rurais.

<sup>70</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque. (1936), *Raízes do Brasil* 1ª edição. São Paulo, José Olympio & FREYRE, Gilberto. (2002) Casa-Grande & Senzala. (Edição crítica coordenada por Guillermo Giucci, Enrique Larreta e Edson Nery da Fonseca). Madri, Barcelona, La Habana, Lisboa, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, San José: ALLCA XX. FREYRE, Gilberto (1977) *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Rio de Janeiro: Editora Arte Nova, Recife: Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

<sup>71</sup> GUIMARÃES, Alberto Passos. *Quatro Séculos de Latifúndio*. São Paulo: Fulgor, 1963.

Ó santíssimo sacramento  
O como poder do Pai eterno  
Vamos cantar o nascimento

Ó já juntamos os pastores  
Para visitar Belém  
Para visitar Nossa Senhora  
Que o Salvador, hoje vem

Ó chega, chega, pastorinho  
Na lapinha de Belém  
Pra visitar Nossa Senhora  
Que o Salvador, hoje vem

Ó Maria concebida  
Que lá no céu, tem refúgio e luz  
Mas, que por Deus foi escolhida  
Para ser Mãe de Jesus

Aiô Maria concebida  
Que vai ser mãe do Salvador  
O nosso coração lhe damos  
Em sinal do nosso amor

Aiô dia 25 de março  
Veio o anjo lá do céu  
Para anunciar Maria  
Aiô seu nome é Gabriel

Aiô 25 de março  
Foi o que anjo anúncio  
Aiô 25 de dezembro  
Foi o menino Deus nasceu

Aiô 25 de dezembro  
Naquele excelente dia  
Foi que nasceu menino Deus  
Aiô filho da virgem Maria

Ó 26 de dezembro  
naquele excelente hora  
Ó já havia neste mundo  
o filho de Nossa Senhora

Ó 27 de dezembro  
Aí veio o anjo e anunciou  
Ô já nasceu o Deus Menino!  
E o mundo ressuscitou

Ó 28 de Dezembro  
Veio o anjo Gabriel  
Anunciando o para o mundo  
Que já nasceu o Deus fiel

Ó 29 de dezembro  
Foi quando a Virgem rompeu  
Que procurava São João  
Para batizar o Filho seu

No dia 30 de dezembro  
Aí rei Belchior e rei Gaspar  
Ái procurava o Deus menino  
E também foi rei Baltazar

Ó Deus vos salve aquela estrela  
Aí que no mundo não havia

Aí que foi guiando os três Reis Santo  
Para o Filho de Maria

Aiô três Reis quando chegaram  
Logo entregaram os seus tesouros  
Aió entregaram ao Menino  
Mirra, incenso e ouro

Aiô aqui estão os seus soldados  
Ai todos batem continência  
Aí vamos todos ajoelhar  
Para receber a benção

Aiô somos todos penitentes  
Ai filhos da Virgem Maria  
Ai quem vem nos abençoar  
São os três reis da Monarquia

Aiô os três Reis do Oriente  
Já veio nos abençoar  
Ai com o poder do Pai eterno  
Vos já podemos levantar

Aiô o Alfer da Bandeira  
Coloque ela no altar  
Para cumprir com a devoção  
O Santo terço vamos rezar

*Transcrição do canto do Nascimento na Folia do Tomazinho em sua saída  
em 2022 - Capitão Rodrigo. (Parte I).*

Seguimos com o início do nosso terço convencional, que em reunião os romeiros fecham os olhos como sinal de respeito às suas próprias súplicas. Uma situação de prece, uma maneira de chegar ao *Shanti*<sup>72</sup>, isolar-se da condição e código visual alheio, evitando as constantes interações que estão postas e ingressar no salão divino, *livres* e em ascensão ao julgamento e a punição, um corpo em prece. Nesses momentos que são rápidos, mas, de intenso clamor, me recordo sempre quando em 2006 nesse mesmo salão da escola fui coroinha. Vestia uma bata branca longa e grossa, que não combinava muito com o clima do cerrado, mas imprimia uma sensação que vestia algo puro, não terreno, bordados a fios nobres. Quando todos fecham os olhos como forma de meditação, era meu momento de atuação com as outras duas jovens (Denise e Jordana), todas com a mesma idade e altura, anjinhos do rito. Ao mediar nesse posto a missa, me colocava de forma metodológica como

---

<sup>72</sup> A palavra Shanti vem do Hinduísmo e significa paz. Shanti é uma palavra que denota paz, tranquilidade e cessação. É derivada da raiz sam, que significa "estar calmo, cessar, estar contente.

um ator santificado e com curso, ao mesmo tempo fiel à missão de redimir meus pecados em nome de uma vida eterna ao lado do Salvador<sup>73</sup>. Assim, quando na homilia chegava-se o fechar dos olhos<sup>74</sup>, via-os como agora, em status de meditação coletiva, livres para acessar suas assombrosas e ansiosas lembranças de pé ao lado da comunidade, dando-nos o direito e a oportunidade de lidar com o impedido de dizer em público e muitas vezes difícil de ser dito a si próprio. O acesso em público como forma de comunicação interativa e silenciosa, que por meio de si em pelo/com o outro é conduzido a confissão, que todos podem participar e é de fácil instrução, lidar em coletivo e não poder pedir ajuda, estender ao panteão divino um convite de associação e crises quais mais abalam, muita das vezes com seu pai e mãe do lado, uma forma visível e invisível de ser<sup>75</sup> que é ensinada. Dito isso para dignificar a situação centenária, que é como, para nós, ajustarmos dentro das botinas novas,

---

<sup>73</sup>[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25031987\\_redemptoris-mater.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html)

<sup>74</sup> “Tomada como um todo, a cultura humana pode ser descrita como o processo da progressiva autolibertação do homem. A linguagem, a arte, a religião e a ciência são várias fases desse processo. Em todas elas o homem descobre e experimenta um novo poder - um poder de construir um mundo só dele, um mundo ‘ideal’”. Cassirer, Carl. Ensaio sobre o homem: Introdução à filosofia da cultura humana [1944]. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

<sup>75</sup> Maurice Merleau Ponty. O visível e o invisível. Ed. José Artur Francês Gianotti, Armando Mora Francês d'Oliveira, Editora Perspectiva S.A., 2020. Merleau-Ponty foi, ao lado de Sartre, a figura mais representativa do pensamento filosófico francês após a 2ª Guerra Mundial, e que se celebrizou por uma de suas manifestações mais conhecidas: o existencialismo. Aqui, ele procura persuadir o leitor de que os conceitos fundamentais da filosofia - sujeito e objeto, fato e essência, ser e nada, consciência, imagem, coisa, palavra - já são interpretação singular do mundo. Um dos mais notáveis e completos textos da indagação filosófica contemporânea



utilizo dessa permissão que o outro me oferece aos fechar os olhos, para analisar as coorte<sup>76</sup> na pirâmide etária<sup>77</sup> da nossa comunidade.

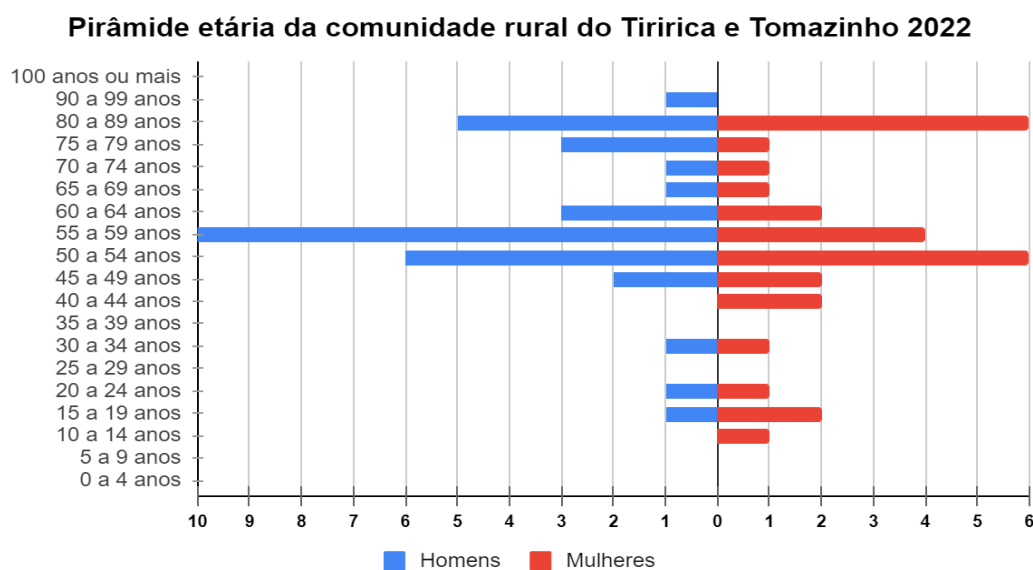


Figura 10. Pirâmide etária da comunidade rural de Tiririca e Tomazinho, Presidente Olegário-MG. Elaborado pelo autor.

*População total: 72 pessoas.*

E assim o terço continua, abertos os olhos, o silêncio se transforma rapidamente em uma folia de vozes, foguetes nos céus e correria dos cachorros. É

<sup>76</sup> A unidade demográfica imediatamente acima do indivíduo é a coorte. Uma coorte (ou classe anual) é o conjunto de todos os indivíduos nascidos no mesmo intervalo de tempo (ano, mês...) ao longo do tempo, até haver pelo menos um deles vivo. A unidade básica da análise demográfica é o indivíduo. Os indivíduos nascem, crescem, reproduzem-se e morrem. As taxas com que estes processos individuais decorrem a nível da população, vulgarmente designadas por taxas vitais, determinam se a população aumenta, diminui, oscila ou mantém-se estável. O meio ambiente afeta a população através da sua ação sobre as taxas vitais e, para compreender a resposta da população ao ambiente, é necessário integrar a informação sobre as taxas vitais e ligá-la aos processos populacionais. Ao fazer esta integração, é necessário ter em conta as diferenças que existem entre os próprios indivíduos. Provavelmente, a forma mais fácil de o fazer consiste em organizar os indivíduos (i.e., “estruturar” a população) em grupos que tenham taxas vitais relativamente parecidas. Normalmente, estes grupos reúnem indivíduos em estádios de desenvolvimento fisiológico idêntico. O exemplo mais comum consiste em agrupar os indivíduos por idades dentro da população e, nessas circunstâncias, fala-se da estrutura etária da população.

<sup>77</sup> «Pirâmide etária». CENSO 2010. Consultado em 15 de dezembro de 2022. Pirâmide etária ou pirâmide demográfica, consiste num histograma que mostra a distribuição de diferentes grupos etários numa população, em que normalmente se cria a forma de uma pirâmide cuja altura é proporcional à quantidade que representa a estrutura da população por sexo e idade, designado de cortes. A estrutura etária da população é objeto de estudo da Demografia. Historicamente a demografia desenvolveu-se muito centrada na população humana, nomeadamente no crescimento exponencial da população e no cálculo das probabilidades de sobrevivência, motivados por razões económicas ou sociais. Aparentemente, no século III os romanos já tentavam medir a variação da mortalidade com a idade e este esforço foi muito mais tarde revitalizado com o aparecimento do chamado Cálculo Atuarial, conduzido pelas companhias de seguros para estimar os prémios dos seguros de vida. Raymond Pearl foi um dos primeiros ecologistas que, reconhecendo a possível utilidade dos estudos atuariais para os ecologistas, introduziu, na década de 1920, métodos demográficos no estudo de populações não-humanas

tradicional na saída que rezemos o terço de forma cantada. Que funciona da seguinte forma, temos o terço que pode iniciar e/ou terminar com três aves marias, seguido de um Creio em Deus Pai, que abre para a vigília de 5 voltas no rosário que se inicia com um Pai Nosso e 10 aves Marias. E finaliza com a oração da Salve Rainha. O creio em Deus Pai é a cantiga que de infância mais me alembro, e que mais facilmente decorei, grande parte da juventude rural é ensinada e tem a permissão social de expressar-se musicalmente nos encontros católicos. E daí nascem os cantadores, seresteiros, músicos, verseiros, escritores, padres, drag queens, enfim povo.

Esse momento é muito importante na folia de Reis, pois o terço cantado é uma forma de afirmar e afinar a garganta para os registros imateriais verbais. Eu gosto bastante quando o Tio Zé Moreira e a Maria Bitá, irmão e amiga da minha avó, se sentem preparados para puxar o terço cantado. Ele assumiu o papel de gerente da folia e cumpri ele de forma muito astuta e admirável, hoje em 2022 ele tem 97 anos, vetusto. Não é como antigamente sua força e memória para cantar e encantar, mas é o tipo de pessoa que para mim sempre foi velha, como muitas outras da nossa pirâmide acima, que estão aqui nos acompanhando no terço. Não consigo imaginar eles novos, são eternos velhos em todas as minhas memórias aos 25 anos, idosos rurais. Inclusive analiso que ser idoso rural é diferente de ser idoso nas cidades, acho que tem a ver com o sol-a-sol e o brotar da água na cacimba, quem sabe, os remorsos devem ser os mesmos.

Mas, o repente é certo, o terço cantado<sup>78</sup> precisa de todos os foliões e da comunidade para funcionar. Pois, tem um momento de cantar a salve rainha e as três aves marias, que são divididos em versos, e em dois grupos que cantam como que respondendo um ao outro, mas na verdade estão contando uma história.

Salve, rainha / Mãe de misericórdia / Vida, doçura/ Esperança nossa, salve./  
A ti, clamamos / Exilados filhos de Eva / A ti, suspiramos/ Sofrendo, gemendo  
e chorando./ Eia pois, advogada nossa/ Esses vossos olhos misericordiosos/  
A nós voltai/ E depois deste desterro/ Mostrai-nos Jesus/ Bendito fruto do teu  
ventre./ Ó clemente, ó piedosa/ Ó doce e sempre Virgem Maria/ Rogai por

---

<sup>78</sup> O terço cantado “é a captação de um momento divinatório que nos convence, ou não, da autenticidade da interpretação proposta (Gilberto Freyre, 25)”

nós/ Ó Santa Mãe de Deus/ Para que sejamos dignos/ Das promessas de Cristo/ Amém./ Salve, rainha (salve, rainha)./ Salve, rainha (salve, rainha).

Corações se alegram, realmente começamos companheiros, o som dos foguetes é afirmativo, vamos comer para já irmos logo pra próxima casa. Mas a hora da comida é sagrada ao folião, e a comunidade foi dizer aqui para não ficarem impressionados. Como o Rodrigo Capitão gosta de brincar, “O folião bom é bom de garfo”. Durante a Saída, o preparo e a organização são feitos pelos festeiros antigos<sup>79</sup>, para que os festeiros novos possam assumir a festa do ano. Aqui cabe explicação pra Paulista, todos os anos a festa acontece na comunidade, os foliões passam de casa em casa cantando, rezando, comendo e juntando esmola e dando aviso que terá uma festa final com toda a comunidade. Essa festa é comunitária, mas, como toda gestão, este mandato é de um ano. Quem assume essa responsabilidade de fazer a festa é alguém da própria comunidade, uma família que se organiza para tal e muita das vezes os que fazem em nome de algumas promessas, clemencias, sonhos e atividades oníricas.

A cantoria de saída para a próxima casa:

	Pois fizeram grande festa (2x)
Aqui estão os três Santos (2x)	Como muita boa vontade (2x)
Junto com essa companhia (2x)	
	Os três Reis que lhe agradecem (2x)
Agradecendo a Família (2x)	Vão lhe dar prosperidade (2x)
A Saída da Folia (2x)	
	Deus lhe pague pelo agrado (2x)
O casal dono da casa (2x)	Que a Família ofertou (2x)
Agradecemos primeiro (2x)	
	Que por mãos abençoadas (2x)
Deus lhe pague a Família (2x)	Com capricho preparou (2x)
Porque todos <i>foi</i> Festeiro (2x)	
	Os três Reis agradeceram (2x)

---

<sup>79</sup> Grupo responsável pela festa do ano anterior.

Agora estão convidando (2x)	Estarão sempre do seu lado (2x)
Vocês vão rezar o terço (2x)	
Dia primeiro do ano (2x)	As esmolas da Família (2x)
	Pois fizeram doação (2x)
Os três Reis tão despedindo (2x)	
Pra viagem começar (2x)	Os três Reis que agradecem (2x)
	São a sua proteção (2x)
Para o Ano se Deus quiser (2x)	
Por aqui torna a voltar (2x)	Os tres Reis estão despedindo (2x)
	Nós nos despedimos também (2x)
Ao casal e a sua Filha (2x)	
Deus lhe pague separado (2x)	A todos dessa Família (2x)
	Até o ano que vem (2x)
Os três Reis que te abençoe (2x)	

*Transcrição do canto da Folia do Tomazinho na sua saída em  
2022 - Capitão Rodrigo (Parte II).*

### **Escola Municipal Santa Rita de Cássia**

A Escola do Tiririca, tinha turmas do ensino básico e fundamental (pré de cinco à quarta série), foi inaugurada em 1962 e fechada em 2020, por motivos de falta de povo, ou seja, a meninada acabou. Não que se extinguiram os sapequinhas, mas como se trata de uma população em bairro rural, com a saída da juventude, a situação mudou de contexto<sup>80</sup>.

Hoje atua como Posto de saúde; Igreja; Sede da Associação dos Produtores Rurais. Lugar 'oficial' desde 2018 para a festa de Reis.

---

<sup>80</sup>ABRAMOVAY, Ricardo et alli. Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios. FAO/INCRA, EPAGRI, CPPP, Chapecó/Brasília, 1997. // WOORTMANN, Ellen. Herdeiros, Parentes e Compadres. Colonos do Sul e Sitiantes do Nordeste. São Paulo, Editora da UnB, 1995. // MAKSUD, Ivya. Jovens rurais: novos ideais? Relatório de Pesquisa, projeto integrado "Transmissão do Patrimônio, Etnicidade e Reprodução Social", coordenado por M. J. Carneiro, CNPq. 1996. // CARNEIRO, Maria José; Krissy de FREITAS, Gislaine GUEDES. Valor da Terra e Padrão de Herança entre pequenos agricultores familiares. Trabalho apresentado XXI da Associação Brasileira de Antropologia, Vitória, 1998.

Foi nessa escola, que retornei nos passados 25 anos, período que compreende esse estudo. Esforço que busco notar do traço que a 'ideologia da cultura brasileira'

baseada na plasticidade e no hibridismo inato dos ibéricos se territorializa - a minha herança eu somei ao estudo, por que essas mudanças tiveram consequências sobre o padrão de herança conferindo-lhe maior flexibilidade. Não que a regra seja fixa, mas, fica em casa aquele que tiver "mais aptidão" para a agricultura e "menor vocação para os estudos".



Foto: 7 Placa de ampliação e reforma da Escola Municipal Santa Rita 31 de agosto de 1996, Tiririca, Presidente Olegário-MG, Foto: Gabriel Machado, 2022.



Foto: 8 Escola Municipal Santa Rita, desativada. Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

## Tio Olímpio Moreira e Tia Maria

Rompemos para a primeira casa do dia, dia apertado, já começamos no meio, porque atualmente todo mundo está de carro, funcionamento diferente de antigamente que era a pé todo o trajeto. Mas nesse modelo funciona melhor, ainda bem, diriam alguns indicando alodinia nas canelas, que não são as mesmas como antigamente também. Nos aproximamos de um sítio, que tem aquelas casas que estão sempre misturadas com a sensação boa, jovial, atento no estilo de estar em um lar receptivo a qualquer comitiva. Digo isso porque os morros da casa da Tia Maria e Tio Olímpio, são erosões divertidas de histórias em seus *trios*, é nossa primeira casa após a saída, uma casa cunhada na nascente do morro.

Casa de folião quarta voz, pai do eterno diretor da Escola Municipal Professora Carmem Celina Nogueira de Castilho, Roberto Queiroz. Os anfitriões são pais, avôs, tios avós, bisavós de uma primaiada que sabe trabalhar para viver contente, que, somados aos apadrinhados<sup>81</sup>, nunca foi uma pousada para anciões desdenhados.

---

<sup>81</sup> A presença de pessoas pobres e que não possuíam vínculo de parentesco consanguíneo em torno das famílias que tinham maiores posses é uma prática que está presente desde longa data na sociedade rural e urbana brasileira. Esses homens e mulheres (...), no século XIX e no início do XX, compunham a categoria social dos agregados.

Sempre rápidos nos escambos, catiras e truço, fazem do tomar de voz, combinada mansa/encorpada/rápida deliberação na comunidade, muitas das vezes, regimento. A história de casório da tia Maria, ainda menor de idade, que contam dela, sempre me leva a imaginar ela correndo no esteio sendo preparado na construção para receber o telhado, uma relação de um pertencimento moço nessa casa, nesse quintal e nessas colinas.

Sempre muito trabalhador e com uma relação fértil para além do gasto, Tio Olímpio, zeloso e arquiteto arteiro, fez um quintal encantado, preparado para produzir de tudo, abundante em água e protetor de animais fantásticos. Produziram e torraram muita farinha de mandioca; quem já descascou algumas carroças de mandioca, sabe que o saber debaixo da terra é doce, mas não é mole e esfarinha. Eita que lugar agitado e ao mesmo tempo casa de vô. Quintal de Maninhas<sup>82</sup>, Marias e Josés, um povo meio Araujo com Queiroz, mistura que dá folia só de lembrar.

A presença de pessoas pobres e que não possuíam vínculo de parentesco consanguíneo em torno das famílias que tinham maiores posses é uma prática que está presente desde longa data na sociedade rural e urbana brasileira. Esses homens e mulheres (...), no século XIX e no início do XX, compunham a categoria social dos agregados. Como sugere o antropólogo social Alan Macfarlane, em regiões nas quais as instituições do Estado moderno - que possuem o objetivo de garantir a segurança e a justiça para os indivíduos - não estão plenamente instituídas, as famílias, sobretudo, as mais poderosas assumem esse papel. MACFARLANE, Alan. História do casamento e do amor. Inglaterra, 1300-1840. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 72.

SILVIA MARIA FÁVERO AREND. Filhos de Criação. Uma história dos menores abandonados no Brasil (década de 1930). Tese apresentada ao programa de pós-graduação em História da Universidade do Rio Grande do Sul, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Jatahy Pesavento. 2005, p. 335

Mestres na técnica agroecológica do enxerto de laranja, operações de castração de porcos e produção de doce, são os comprometidos em manter a tradição ainda viva. A chegada da casa já foi plataforma de muita festa de reis, porque, antigamente, o festeiro fazia a festa em sua propriedade, é muito nova a ideia de fazer

---

Como sugere o antropólogo social Alan Macfarlane, em regiões nas quais as instituições do Estado moderno - que possuem o objetivo de garantir a segurança e a justiça para os indivíduos - não estão plenamente instituídas, as famílias, sobretudo, as mais poderosas assumem esse papel. MACFARLANE, Alan. História do casamento e do amor. Inglaterra, 1300-1840. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 72. IN SILVIA MARIA FÁVERO AREND. Filhos de Criação. Uma história dos menores abandonados no Brasil (década de 1930). Tese apresentada ao programa de pós-graduação em História da Universidade do Rio Grande do Sul, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dar<sup>a</sup> Sandra Jatahy Pesa vento. 2005, p. 335.

<sup>82</sup> Nome da Porquinha do menino Zezinho, o dono da porquinha preta / Jair Vitória; ilustrações. Cirton Genaro. - 14.ed. - São Paulo : Ática, 1999

a festa no grupo. Isso nunca há de ser um problema, para um lar como esse que sempre se fartou de fraternidade. Mas o tempo transforma<sup>83</sup>, a festa de 2024 é do neto deles, meus primos, imagino que será feita na Escola.

As 'benças'<sup>84</sup> e saudações delongam a chegada, na varanda ao redor da casa todos vão ajuntando, Tia Maria conduz "Chega pra dentro", e pontualmente engaja o olhar da criança e do longevo. Rapidamente é escutado um foguete, e um soar trepidando de caixa, *alguém* toca a trota. Os instrumentos, guardados zelosamente no quartinho da sala, guardam um momento curioso de aproximação da juventude. Eles também são instrumentos mágicos, lindas formas que produzem sons luminosos, que se regem em respeito curativo. Isso já basta para que, em qualquer oportunidade de tocá-los ou mesmo se ajuntar no seu afinamento, encontre os ouvidos atentos dos noviços. Como o número de netos dos anfitriões é grande, assim é o entusiasmo da Tia Maria em receber a comitiva cativa, há uma deliberação não outorgada, mas aproveitada de aproximação dos acriançados. Lembro que tocar nesse lar sempre foi mais delicado, casa de folião sempre é, eles têm ouvidos acautelados com a harmonia, acho que depois que colocaram o forro nos tetos antigos ficou ainda mais informativo a afinação. Essa condição, mesmo assim, não afugenta os corajosos niños, aproveitamos que somos expressivos e recolhemos todos os instrumentos disponíveis, ou pelo menos tentamos, com os olhos de pedido, "Tem que aproveitar!" essa casa estimula a criação, e é a primeira, aproveitar e mostrar serviço.

O louvor do Capitão é demonstrado no correr do seu suor na sala apertada da bandeira estiada, compromissado. Pós cantoria, não há um distanciamento ligeiro da turma, Tio Olímpio estuma o terço repentino, sonetando rapidamente as palavras sagradas. Todos se resguardam com quietude, sabendo que com ele o terço é cortado. No quinto mistério, os olhos de chamado são direcionados a filharada que já vão estendendo a mesa e colocando os caldeirões recheados de fartura. Finalizado a oração, já vamos traçando organização para comer mais uma vez. E tomar uma

---

<sup>83</sup> Contudo, é importante considerar que o "campo" não está passando por um processo único de transformação em toda a sua extensão. Se as medidas modernizadoras sobre a agricultura foram moldadas no padrão de produção (e de vida) urbano-industrial, seus efeitos sobre a população local e a maneira como esta reage a tais injunções não são, de modo algum, uniformes, assim como tais medidas não atingem com a mesma intensidade e proporções as diferentes categorias de produtores. Nesse sentido não se pode falar de ruralidade em geral; ela se expressa de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos. Maria José Carneiro. Ruralidade: novas identidades em construção. Estudos Sociedade e Agricultura, 11 de outubro de 1998: 53-75.

<sup>84</sup> Comprimento comum de mãos dadas. Onde se diz pelo mais novo, por exemplo: 'Bença Tia Maria' e é respondido "Deus lhe abençoe".



pinguinha. Cada qual com o seu prato, digo: suas serras, cobertas com macarrão vermelho, sendo deliciados nas sombras das árvores ao redor, pilastras, banquinhos, tamborete, todo lugar parecem oferecer uma instância para entreter-se com um bom prato.

A mesa de truco, sempre estendida, sinua que é casa de Moreira, logo, muita gente para cantar, o quilo após segundo almoço não se delonga. A atenção do alfer é constante, olha morro abaixo e sente que é hora da despedida do lar, temos mais moreiras para visitar. Assim, são recolhidos todos os instrumentos musicais, súplicas, e a renca da meninada forma o cortejo de agradecimento, louvando-os com a esperança de um novo ano. A saída é de Moreira, cada passo uma mancadinha, digo paradinha, saúda-se todos novamente para continuar a Folia.



Foto: 9 Entrada da entrada da casa Olímpio Moreira, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.



Foto: 10 Juventude se apropriando da tradição durante o conto da folia, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado2022.

## Tio Delor

Descemos mais uns morrotes e no meio deles tem uma casa inclinada no remate do talude. O azul maya da casa passa a sensação de uma casa firme e que guarda um toque de silêncio, não sei explicar, mas que é guardado rapidamente com o Tio Delor, conhecido por fazer, de todas as horas, alegria. Uma procura constante de relatar que não existe problema ruim e nem bom, que não se dá mediante uma prosa em cima de outra prosa, que não se importa muito com a necessidade do tempo cronológico, os assuntos se misturam e remexem a aventureira memória. Sonetos esses que são semelhantes ao se olhar para o lado direito na entrada, onde os ajustados carros foliões vão se acomodando. Abaixo, tem uma ladeirinha que deságua em um curral bonito com um barracão que segura chuva. Logo, na manguinha com estilo guarda histórias de algumas décadas, são ornamentadas com as fibras e folhas do bambuzal ao fundo, paisagem cotidiana de trabalho do Tio Delor, uma visão de solo barrento adorável.

Ao estacionar na estrada de passagem de maneira floreira, entramos na casa do nobre senhor. Ele é meu tio avô, irmão da Avó Dalci, nasceu ali perto e foi um dos poucos que ficou. Se casou e começou a história de casado dele ali, nessa casa que recebe o cortejo, nunca mudou ou se desapegou, pelo contrário, mora.

Uma casa pequena com uma cozinha ligada, separada pelo banheiro e o corredor, construção de casas muito comum na época de 50 e 60, quando se aquecia água na fornalha para banho, e que, nas casas mais sofisticadas, se instalavam a serpentina, comum aqui nessa região. Engraçado que, mesmo uma casa pequena de alvenaria, resguarda um quartinho ligado ao quarto dos chefes da família. Para acessar ele, tem que passar pelos pés da cama dos pais. Esse é o quarto das meninas, pois como o padrão de construção é dominador e não quociente, as mocinhas ficavam vigiadas. Como bem, a casa de quartinho das meninas tem cozinha farta, com fornalha e dispensa anexa. Não se trabalha com o mínimo, para tratar da comitiva ávida por uma cachacinha um torresminho, ou mesmo, aos conhecedores, ver os peixinhos que ficam na bica, onde antes se batia e quarava roupa, hoje é um aquário colorido, que testa a velocidade de atenção.

Acima da jacuzzi antiga de lavar roupa e criar piabinhas, hoje em dia, tem uma casinha de dispensa e trenheira, uma casa que eu só vi ocupada pelas franquinhas, abobrinhas e os destroços. Ao observar os olhares dos mais experientes nas histórias longas, se escutava um sinal de artinha, medo e apontamentos para a beira da casinha. Algo colocado e retirado. Sabe que imagino que a condição daqueles cochichos frente aos destroços é a representação da alegria jovem do tio Delor, que mescla uma dissimetria, como “a fronteira entre uma linguagem científica especial e a linguagem comum, não específica, é sempre móvel”<sup>85</sup>. Algo que tem gente que compreende, como molejo de velho parado de braços cruzados frente ao peito, segurando pra não se adiantar. Se você ver o tião Caixeta, você entende melhor, sanfoneiro depois que fica com os joelhos doloridos dança o tempo todo, entre dor e deleite. E é nessa gingada do guardião do cristal<sup>86</sup> que só mostra suas linhas de capenga quando se quebra. Não existe, portanto, uma clara oposição entre normal e patológico, o povo toma a fofoca em tom de sentimentalismo. Houve uma morte, um suicídio ali nos fundos, é a morte de uma filha, coisa dos anos 70.

Certa vez li por aí, ou vi num filme, que quando os judeus eram levados pelos alemães naqueles vagões fechado, de transportar gado, - com apenas uma rachadura na parte alta para que entrasse um pouco de ar - enquanto iam atravessando campos com cheiro de capim úmido escolhiam o melhor narrador entre eles e, subindo-o em seus ombros, o elevavam até a rachadura para que fosse descrevendo a paisagem e contando o que via conforme o trem avançava. Eu agora estou convencida de que entre eles deve ter havido muitos que preferiam imaginar as maravilhas contadas pelo companheiro a ter o privilégio de olhar pela ranhura. LETELIER, Hernán Rivera. A contadora de filmes. São Paulo: Cosac e Naify, 2012, p. 34.

A vida não vivível funda a possibilidade de negar a vida: o suicídio. DUSSEL, Enrique. Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 94.

---

<sup>85</sup> Souza, Paulo César de. As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões. São Paulo: Ática, 1999, p. 77.

<sup>86</sup> "Novas conferências introdutórias sobre psicanálise" (1933):

Mas é só tocar no assunto que há intromissão de som desorganizado. Um chamado ao mundo presente, seja porque o Capitão já vai cantar, seja porque “Ah, Pra que mexer nisso?”<sup>87</sup>. Borá! No Tio Delor tem muita gente para cantar, vamos cantar também para o povo do Goiás (patrimonialismo familístico). Eles vêm até mais cedo para preparar a comida e ajudar a arrumar a casa. Igor, Sarah e Delho quase não faltam, são os filhos. Tio Delor sempre a frente, moreirinha da cabeça branca. Eu não o conheci de pouca idade, mas posso imaginar que não era encantinhado. Nos ajustamos em meio a sala do meio e a sala de televisão, fazemos o cortejo de chegada ao ajustado altar. Tem sempre terço, coisa que clama oração na casa, questão de atento.

A cantoria é bonita, o capitão tem vocação, pede licença e entende que tem folião na sua frente também, fé batida. Tio Delor é farra, ele é o sujeito melhor de assuntar, dá notícia de tudo e de todos e de si também, uma pessoa com o brio de fazer histórias na sua vida. Compondo sempre tudo que há de bom em uma boa história narrada, riso, arte, solidão, mata burros e júbilo, junto com muito calor humano, não tem esse que não põem atento. Saudado-o nos avistamentos da fronteira iridescente entre mim e outro, penso: tanto fez uso do entendimento para não esquecer, que acabou lendo as linhas do esquecimento<sup>88</sup> dos fatos necessários de lembrar. Os atos mais claros que sua mente tenta sempre obscurecer. Eu já não sei o que é melhor, lembrar em escuro ou esquecer em claro. A destruição de um pensamento inerente à velocidade de sua construção é bem mais remoso que ele próprio. Ou seja, me permite no instante de esquecer, lembrar. Uma parte evidente de um período vivo que não se encarna ao ser esquecido pela lembrança. Doce polpa de poder teorizar sobre o seu esquecimento, que saboreia uma pomposa lembrança de algo que, por si esquecido, tem maior brilho e condição quem sabe morrimento de não mais existir. Ou mesmo, a vontade e apreço de construir um novo pensamento elaborado, sistemático, em uma situação que reluz o brilho de uma mente sem lembrança, que me parece retornar a possível mente em brilho. Sorrimos na troca, somos frutos da tragédia<sup>89</sup>.

---

<sup>87</sup> Rosangela Werlang. Pra que mexer nisso? Suicídio e sofrimento social no meio rural. Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Linha de pesquisa? Trabalho, saúde e subjetividade. Orientadora: Prof. A Dra. Jussara Maria Rosa Mendes. 2013

<sup>88</sup> AGUALUSA, José Eduardo. Teoria geral do esquecimento. Rio de Janeiro: Ed. Dom Quixote, 2012

<sup>89</sup> GONÇALVES, Rosa Maria da Silva. Escrever para (não) morrer em teoria geral do esquecimento, de José Eduardo Agualusa. 2017. 100 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal de

Assim, sintonizo-me novamente ao nosso cantar e dançar pra saudar, o tempo que virá que foi, que está. Tocar para marcar, o rito de passá, o rito de passá<sup>90</sup>. Momentos que realoca o ser abençoado e cativa novamente para que a dúvida sobre o mundo de lá seja nostálgica e com afago, conselheira. Ora, pode afirmar o psicanalista, o fato de a beleza ser passageira só aumenta seu valor! O deleite que ela nos proporciona é mesclado de luto, de renúncia, da expectativa de uma perda iminente. "O doloroso também pode ser verdadeiro", retruca um tal de Freud diante da revolta contra a perda <sup>91</sup>, certamente daria risada do pra quê dá vida, ao encontrar o nobre cidadão.

Tio Delor ergue a bandeira e semeando palavras mentais a leva para abençoar a casa, casinhas e terreiros. Salvo contar que, após o canto de chegada dos foliões, é dada a bandeira ao chefe familiar para que ela a leve para um cortejo em sua habitação, bens, locais de estar. A apresentação da bandeira, é uma limpeza astral, santificação dos espaços, uma purificação, um ritual, algo que o povo brasileiro, independente da crença, sua fé religiosa deposita a sua razão pura para "mover montanhas".

Retomada a bandeira no seu aposento real, o altar, a companhia já está toda esparramada feito rama, alimentando-se de saudosas perguntações dos isturdias<sup>92</sup>. E de como tú tá pra cá, rola souto a serventia de uma pinguinha, com um tira gosto, que pode ser de um inventá de moda de um xuxuzinho verde que deu sopa até as saborosas e reboladas pelotinhas<sup>93</sup>. Ai ai bão demais os dediprosa. Rapidim, já se nota uma desenhaquetamento, parece que o Titino veio aí, é o Moreira mancador da próxima casa: "Míio romper", estumam os gerentes. Assim, sem desfeita, armamos a cantoria de agradecimento, louvamos as almas participantes, imaginamos um

---

Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível:<<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/18784>>. Acesso em: 12 abril. 2023.

<sup>90</sup> CANTAR E DANÇAR PRA SAUDAR: "Rito de Passá" encerra, comemora e inicia ciclos. É um ritual diário e nos ensina a viver o hoje. As dores, as alegrias, as inseguranças, a espera. É um se levantar de bandeiras brancas para a nossa própria guerra interna. Rito de Passá são os Orixás em cada canto da natureza auxiliando com suas vibrações em cada fase. Em cada tempo. É a analogia deles. Rito de Passá é o grito de liberdade dos excluídos socialmente por suas crenças. É afirmação. A música foi composta por MC Tha, produzida por Tide DJ e clipe dirigido Rodrigo de Carvalho,2019. As cenas documentais foram captadas em Nazaré Paulista – Cantinho dos Orixás, em um dia de ritual externo do terreiro de Umbanda Caboclo das 7 Pedreiras, que é localizado na Zona Leste de SP.

<sup>91</sup> <https://www.scielo.br/j/nec/a/SKPG96FFGB6qtfGzgHkTpkP/?lang=pt#>

<sup>92</sup> outros dias.

<sup>93</sup> almôndegas de carne de gado.

repouso fiel aos vivos e confiamos à santificação Maior o que para nós a linguagem não dá conta.



Foto: 11. Vista da Ponte Grande, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

### **Tia Glória e Ronaldo**

Ladeira abaixo já se avista trator apumado, grade, arador, sementeadeira, curral de boi de rodeio, lavoura fértil, cabaça de abelha, piscicultura, baiol, assoalho alto, pé de fumo, acerola e papagaio. É a casa da Tia Glória. Pertim da do Tio Delor, coisa de ir a pé ligeiro, e que se for coisa combinada, desventura de urgência ou prum bom truço, resolve-se no grito a comunicação, duro mesmo é ouvir.



Foto: 12 Infraestrutura agrária da comunidade do Tiririca, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022

Seguimos nas estradas injustiçadas ambientalmente<sup>94</sup> pelas fortes enxurradas em suas morfologias, que até então nos guiamos para a solene morada da Ex-Cantineira da escola do Tiririca. Filha do Irmão da minha avó, ficou lá na fazenda, pois era uma mulher de carteira assinada, casada com o atual tratorista do Conselho de Desenvolvimento Comunitário de Tiririca<sup>95</sup>, mãe do Reinaldo, nasceu em 2001, ano da minha irmã, no mesmo mês, um, no nove, e outro, dia onze. Esse cresceu amarrando a grana na escola, fazendo um arco entre elas pros outros tropeçarem, até a Tia Zélia caiu nas suas armadilhas, ela é nossa professora-vereadora, vamos passar na casa dela amanhã.

Época das boas águas, a culundria já corre para pegar uma carona na traseira das quatro por quatro. Sem a tração, só os valentes como o Tom, nosso folião, que se arrisca a descer. Mas como dizem: “Nunca vi carro de folião ficar atolado”, com as forças abastecidas de álcool, comida gorda e boa fé, é até compartilhada a vontade de um atolado para mostrarmos folia.

---

<sup>94</sup> A justiça ambiental refere-se “aos princípios que asseguram que nenhum grupo de pessoas, sejam grupos étnicos, raciais ou de classe, suporte uma parcela desproporcional de degradação do espaço coletivo.” (ACSELRAD, HERCULANO, PÁDUA, 2004).

<sup>95</sup> (veja a tabela XX)





Foto: 13 Culundria e Capitão Rodrigo no trajeto da Folia, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

Presidente Olegário é rural, isso aqui significa territorialmente que (veja o mapa XX abaixo) o município é coberto por muita soja, abacate, abacaxi, milho, tomate, café, banana, maracujá, ervilha, arroz, feijão, cana-de-açúcar e algodão nos complexos verdes dos planaltos também desertos<sup>96</sup>. Um mar de montanhas agora com o programa de aproveitamento racional das terras do cerrado<sup>97</sup> e riquezas naturais, espaço que ficou ainda mais apresentável com suas reservas particulares do patrimônio mineiro especialmente a Estação Biológica de Vereda Grande e o Perau das Andorinhas, formado por grutas e paredões de pedras que abrigam as andorinhas no período de migração, esplendoroso como se dependuram. A agropecuária surgiu com a chegada de gaúchos e paulistas em 1851<sup>98</sup>, maioria tropeiros que introduziram a agricultura mecanizada com produção em larga escala<sup>99</sup>

---

<sup>96</sup> "Desertos Verdes: plantações de eucalipto, agrotóxicos e água", dirigido por Marcelo Lopes e Ivonete Gonçalves, é um documentário realizado pelo Centro de Estudos e Pesquisas para o Desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia - CEPEDS. 2017.

<sup>97</sup> Cerrado mineiro. Desafio e perspectivas. Belo Horizonte: Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 2004. <<https://dspace.almg.gov.br/bitstream/11037/689/3/689.pdf>>

<sup>98</sup> <https://presidenteolegario.mg.gov.br/historico/>

<sup>99</sup> Exportações do agro mineiro abrem 2023 com novo recorde e somam US\$ 961 milhões em janeiro.

acima de morros, morrinhos e morrotes, os grandes chapadões, especulou até fazer Brasília lá<sup>100</sup>. Ocupados por mega latifúndios de refúgios magníficos de lobos guarás e rios que nascem em terras grandes, médias e terra pequena, nutrem lavouras de exportação de milho, algodão, soja, café, abacate, maracujá, banana e tomate para outras regiões e agricultura de subsistência, onde os principais produtos são arroz, milho, feijão, mandioca e amendoim. Cultivadas lavouras também comunitárias entre os produtores de associações rurais. Povoados não são muito grandes (veja as imagens XX) mas compensa no festivo, bão de farra, folia e folhear palavras como bem fizeram Oliveira Mello<sup>101</sup>, Maria Conceição, e Tia Lisbeth quando me ensinou a escrever (2005-2006).

Enquanto isso estamos passando no mata burro com os primos, ficamos por último, o caro do Willian fi do Dê, que foi nosso folião vítima do COVID-19, ficou patinando na grama molhada, ahh, saiu rapidim. Samuel garro dum lado, Matheus do outro, eu dando palpite, foi fácil. Ainda tem mais sangue que álcool no corpo, moleza, mas já chegamos com o povo iniciando o cortejo, primeiro dia é muito bão tem folião sobrando nas posições, é importante que a vocação avante com coragem é quem tem destreza toca, voz canta, saudade reza.

---

Com crescimento de 6,3%, melhor resultado para o mês na série histórica é impulsionado pela valorização das commodities

[https://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/exportacoes-do-agronegocio-mineiro-estream-2023-com-novo-  
recorde-e-somam-us-961-milhoes-em-janeiro](https://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/exportacoes-do-agronegocio-mineiro-estream-2023-com-novo-recorde-e-somam-us-961-milhoes-em-janeiro)

<sup>100</sup> DERNTL, M. F. Brasília e suas unidades rurais: planos e projetos para o território do Distrito Federal entre fins da década de 1950 e início da década de 1960. Anais do Museu Paulista. v. 28, p. 1-32. 2020.// FRAJNDLICH, R. A. U. C. e BENOIT, A. H. Guerra e Paz: Os debates sobre a construção do centro cívico em Brasília. Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo. v. 19, p. 1-20. 2021.

<sup>101</sup>ESCRITORES QUE ESCREVERAM SOBRE PRESIDENTE OLEGÁRIO: Oliveira Mello – Presidente Olegário – Terra da Esperança, Oliveira Mello – Biografia do olegarense Hilton Mendes, José da Silva Brandão – Festa do Andrequicé, Artur Gonçalves da Silveira – Os Braga de Andrequicé. <https://presidenteolegario.mg.gov.br/literatura/>



Foto: 14 Foliões atravessando mata burro, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

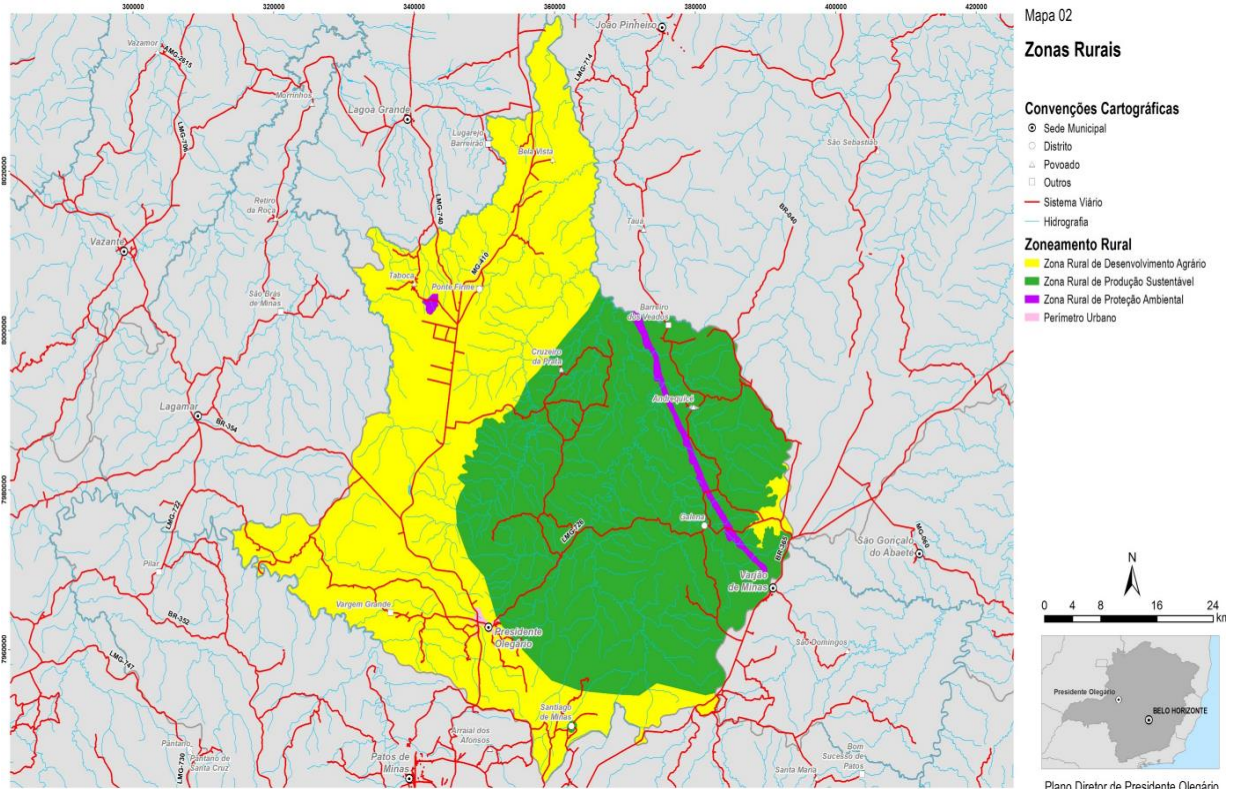


Figura 11 Mapa da Zona Rural de Presidente Olegário. Plano Diretor. 2020.

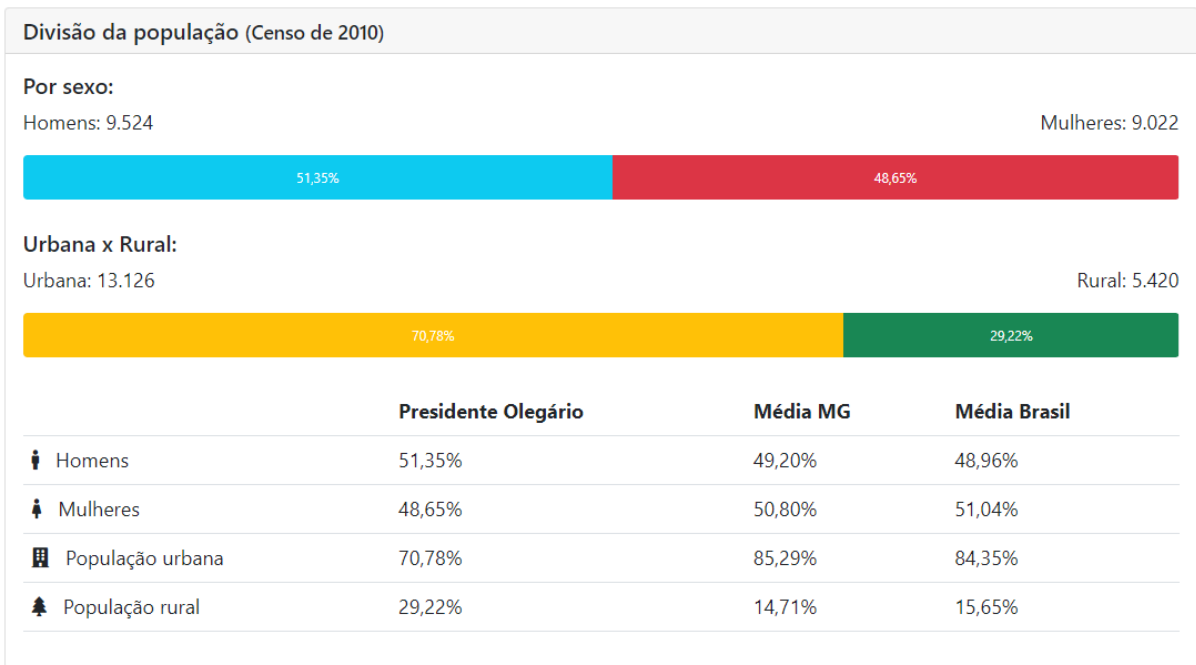


Figura 12. Divisão da população de Presidente Olegário-MG. Fonte dos dados: Censo IBGE 2000, Censo IBGE 2010 e Estimativas de população IBGE 2021.



Figura 13: Progressão de crescimento da população de Presidente Olegário-MG. Fonte: <https://www.estadosecidades.com.br/mg/presidente-olegario-mg.html>

Tabela 1: Contribuições concedidas para Associações, Conselho de Desenvolvimento Comunitário e Sindicatos Rurais de Presidente Olegário/MG gestão 2020-2024, lei nº 3.352. Fonte: Data de Inserção no Sistema Leis municipais: 25/10/2022. Editado pelo autor.

<b>Entidades Beneficiadas</b>	<b>CNPJ</b>	<b>VALOR</b>	<b>Tipo de Contrato</b>
Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Boa Vista	22.243.463/ 0001-17	10.000,00	Contribuição
Associação das Mulheres de Galena	22.243.489/ 0001-65	5.000,00	Contribuição
Associação de Pequenos Produtores Rurais e de Mulheres de Vargem Grande	22.243.497/ 0001-01	5.000,00	Contribuição
Associação de Pequenos Produtores Rurais da Comunidade de Pé do Morro	23.096.969/ 0001-03	30.000,00	Contribuição
Associação dos Produtores Rurais de Água Limpa	23.090.392/ 0001-22	30.000,00	Contribuição
Associação dos Produtores Rurais de Andrequicé	22.230.841/ 0001-28	60.000,00	Contribuição
Associação das Mulheres e de Produtores Rurais de Boa Vista	23.089.246/ 0001-87	30.000,00	Contribuição
Associação dos Produtores e Trabalhadores Rurais da Comunidade do Charco	23.090.194/ 0001-69	19.000,00	Contribuição
Associação dos Produtores Rurais de Barreiros dos Veados	22.227.797/ 0001-05	5.000,00	Contribuição
Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Cachoeirinha	05.672.136/ 0001-61	30.000,00	Contribuição
Associação dos Produtores Rurais de Galena	21.241.856/ 0001-29	5.000,00	Contribuição
Associação dos Produtores Rurais de Ilha Grande	23.115.199/ 0001-07	30.000,00	Contribuição
Associação dos Produtores Rurais da Taboca	22.228.027/ 0001-79	5.000,00	Contribuição
Associação dos Parceiros Prata dos Netos	22.231.419/ 0001-97	5.000,00	Contribuição
Associação dos Pequenos Produtores e Mulheres Rurais da Comunidade de Pissarrão	22.231.807/ 0001-78	16.000,00	Contribuição
Associação do Assentamento Santa Maria	02.651.812/ 0001-22	2.000,00	Contribuição
Assoc. dos Peq.Produtores Rurais de Santo Antônio	05.553.949/ 0001-32	00,00	Contribuição
Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Onça	22.243.398/ 0001-20	5.000,00	Contribuição
Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Cruzeiro da Prata	20.734.364/ 0001-02	00,00	Contribuição
Associação dos Produtores Rurais de Homens e Mulheres de Três Barras e Lobeira	21.280.418/ 0001-70	30.000,00	Contribuição

Conselho Comunitário dos Produtores Rurais de Vitrine	04.394.650/ 0001-10	00,00	Contribuição
Conselho de Desenvolvimento Comunitário de Ponte Grande	01.897.910/ 0001-81	20.000,00	Contribuição
Conselho de Desenvolvimento Comunitário de Santo Antônio	23.089.337/ 0001-12	30.000,00	Contribuição
Conselho de Desenvolvimento Comunitário de Tiririca	01.850.754/ 0001.01	5.000,00	Contribuição
Conselho de Desenvolvimento Comunitário Rural de Bela Vista	03.550.693/ 0001-84	10.000,00	Contribuição
Conselho Comunitário dos Produtores Rurais de Campos	04.389.142/ 0001-43	5.000,00	Contribuição
Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Presidente Olegário	22.243.372/ 0001-81	5.000,00	Contribuição
Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais - EMATER-MG	19.198.118/ 0001-02	158.000,00	Contribuição
Sindicato Rural de Presidente Olegário	20.734.216/ 0001-98	85.000,00	Contribuição
Associação dos Moradores de Ponte Firme e Distrito	13.107.068/ 0001-16	15.000,00	Contribuição
Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Areias	25.244.422/ 0001-33	5.000,00	Contribuição
Associação dos Feirantes da Feira Livre da Agric. Familiar de Presidente Olegário.	29.299.166/ 0001-32	10.000,00	Contribuição

## Dilza

Já me peguei imaginando como seriam nossas terras se todas as árvores ainda estivessem de pé, momento natureza, Φύσις (Physis)<sup>102</sup>. Não todas absolutamente, porque até dá pra entender a retirada de algumas para abrir novas fronteiras<sup>103</sup> e condições de uso de novas terras, afinal somos caminheiros<sup>104</sup>. Mas, esse tal uso da terra foi valorado<sup>105</sup>, e, hoje em dia, terra boa é aquela que lembra um descampado, sem nem um pauzinho pra contar história, e as vezes nem pra pegar

<sup>102</sup> Heráclito: A Physis e o Desocultamento da Vida. LEFF, E. Tradução de MACHADO, G. A.. Curitiba: Desenvolvimento e Meio Ambiente, 2020. Vol. 54, p. 249-276, jul./dez. 2020. DOI: 10.5380/dma. v54i0.74749. e-ISSN 2176- 9109

<sup>103</sup> MARTINS, José de Souza. Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

<sup>104</sup> Música “Caminheiro que lá vai indo, no rumo da minha terra, por favor faça parada na casa branca da serra. Ali mora uma velhinha chorando um filho seu, essa velha é minha mãe. E o seu filho sou eu. Oh! caminheiro, leva este recado meu!” Liu & Leu interpretam “Caminheiro” (2013). <[https://www.youtube.com/watch?v=FesimvDergg&ab\\_channel=Atra%C3%A7%C3%A3oDivulga](https://www.youtube.com/watch?v=FesimvDergg&ab_channel=Atra%C3%A7%C3%A3oDivulga) >

<sup>105</sup> Marx, Karl. Os Despossuídos. São Paulo: Editora Boitempo, 2016, 152 pp. Tradução de tradução Mariana Echalar e Nélio Schneider.

lenha<sup>106</sup> ou colher sombra. O Montesquieu<sup>107</sup>, meio que dizia que existem pelo duas formas de corrupção: uma ocorre quando as pessoas não cumprem a lei; e a outra ocorre quando a lei corrompe as pessoas. Uma situação que faz muita árvore não existir mais. Por suposto, esse pensamento é refrescado quando entramos no mato da Dilza, a estrada para sua casa passa por um túnel de copas altas que se encontram em um verde denso úmido, um lugar majestoso devido a resistência da silenciosa vegetação.

No pen-drive do Tio Olímpio Pimpim, qual peguei carona, o Marco Brasil<sup>108</sup> dizia umas coisas meio bravas sobre “O Sentido da Vida”, começava assim:

Essa é uma história que já deixou muita gente  
comovida  
Fala sobre um homem  
Que achava que na sua vida muitas coisas  
Pra ele não fazia sentido  
É a história de um fazendeiro  
Um homem sem coração  
Mais que um dia pagou caro  
Pelo seu desprezo e a sua ingratidão  
Dos quatro filhos que teve  
Três ele trazia na palma da mão  
Com carinho e muita dula  
E o outro era a caçula  
Que seria a sua sina  
Só porque ela era menina  
Ele não escondia a sua decepção  
E pra todos ainda dizia  
Que filho tinha que ser homem  
Que era pra ajudar o pai na lida  
E que um dia seria o dono do seu próprio chão  
E que filha mulher era atraso de vida

Além de não servir pra lida, não saberia dar  
ordens  
E jamais poderia um dia ser um patrão  
Em todo o canto que ia, os três filhos ele levava  
Só que a menina ele desprezava  
E ela entristecida, chorava escondida, e em  
seu canto ficava  
Sabendo que o maior erro da sua vida era ter  
nascido mulher  
Essa era a única culpa que ela carregava  
Mas um dia já cansada do desprezo que ela  
sofria  
Chamando o seu pai de um lado a verdade ela  
dizia  
Meu pai, o senhor me viu nascer, mas nunca  
me considerou  
Eu já ouvi muito o senhor dizer, que o seu  
maior orgulho  
É a sua fazenda de gado, e ver os seus filhos  
do seu lado  
No lombo de um cavalo, ou em cima de um  
trator

---

<sup>106</sup> Paulo Roberto de Andrade Castro, O Jovem Marx e o Debate sobre a “Lei do Furto de Madeira”. Revista Continentes (UFRRJ), ano 6, n. 10, 2017

<sup>107</sup> MONTESQUIEU, Charles de Secondat. O espírito das leis. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

<sup>108</sup> Marco Aurélio Ribeiro, mais conhecido como Marco Brasil é um renomado locutor de rodeios, político e apresentador de televisão brasileiro filiado ao Progressistas. Ganhou cinco vezes o prêmio de melhor locutor do país, nos anos de 2004, 2005, 2008, 2009 e 2010 Marco Brasil é reconhecido pelo público como o melhor locutor de rodeio do Brasil. Brazilian Press. 6 de janeiro de 2011. Consultado em 12 de fevereiro de 2018. Cópia arquivada em 23 de julho de 2012

Mas é só dos meus irmãos que o senhor tem falado  
Porque comigo o senhor nunca se importou  
E nesse momento dos olhos da menina, uma lágrima rolou  
Mas ela continuou o seu pensamento  
E mesmo chorando ainda falou  
Eu podia muito bem ter nascido um menino  
Talvez tenha sido esse o erro do meu destino  
Que eu acho que ele não me ajudou  
Mas agora eu vejo, que ter nascido a sua filha  
Foi mesmo um engano, eu já tenho doze anos  
E nunca ganhei um beijo e um abraço do senhor  
E é com a alma ferida e com o coração queimando em brasa  
Que eu vou me embora dessa casa e vou sair de vez da sua vida  
Ele ouviu as palavras daquela pobre menina  
Mas não se comoveu com as suas lágrimas e ainda falou  
Eu nunca ouvi tanta bobeira, tanta coisa pra eu fazer, e eu aqui  
Perdendo tempo com as suas besteiras  
E se você quer saber, filho mesmo eu só tenho é três  
E já que você quer ir embora, pode ir embora de uma vez  
E ela se foi  
Pegou a estrada e foi embora  
Só levando uma sacola com as roupas que ela usava  
Nunca mais mandou notícia e nunca mais voltou  
Alguns anos se passaram  
E o fazendeiro começou a ver de perto a sua sina  
Dos filhos que sempre adulava  
Não foi bem o que ele esperava e começou a sua ruína

E mais um tempo depois  
O fazendeiro foi perdendo o seu dinheiro  
Enquanto a doença matava os seus bois  
Os filhos que ele tanto adorava  
Só pensava na farra e na liberdade que tinha  
Pra fazenda não ligavam, passavam o ano inteiro festando  
E assim foram gastando todo dinheiro que tinham  
O fazendeiro foi ficando desesperado  
Seu sangue fervia nas veias  
Gastando com advogado pra tirar os filhos drogados da cadeia  
Depois de velho e cansado  
Ele se viu um homem derrotado  
Abandonado pelos seus próprios filhos  
Ele se viu só, num buraco negro e profundo  
Desprezado por todo mundo, completamente só e endividado  
E a sua fazenda que já foi um dia o seu reino encantado  
Ele teve que vender para um comprador de um outro estado  
Que cobriu a oferta que foi dada  
E aceitou as condições que ele pedia  
E ele só venderia a propriedade, se ele pudesse continuar ali na fazenda  
Mesmo que fosse pra trabalhar de empregado  
Só pra poder viver ali o resto dos seus dias (...)  
Que por ironia, será o meu ponto de partida  
Eu já tô indo embora  
Já até peguei minha sacola  
E a senhora já pode ir cuidar dos seus empregados  
Que eu não preciso de despedida  
Porque desse chão que já foi a minha vida  
Eu não posso sair daqui assim tão humilhado  
Ai então ela falou  
Dessa vez o senhor não se enganou na sua decisão



Porque com desprezo e humilhação, ninguém  
alcança a felicidade  
Mas eu vejo que o senhor já aprendeu bem a  
lição  
E só uma coisa o senhor ainda não percebeu  
Que durante trinta anos eu sempre  
Acompanhei os seus passos, eu vi a sua glória  
e o seu fracasso  
E se o senhor ainda não está me reconhecendo  
Eu vou te contar toda verdade  
Um dia eu também fui tão humilhada e  
desprezada  
Pelo meus pais e meus irmãos  
Que aos doze anos de idade  
Eu tive que pegar a estrada  
Só levando amargura e solidão  
E eu fui dizendo pra mim mesma que um dia eu  
me vingaria  
E quando eu vencesse na vida eu voltaria  
E mostraria para todos o meu valor  
Mas eu já estou vendo nos olhos do senhor nas  
lágrimas  
Que estão caindo  
Que o senhor agora já sabe quem eu sou  
E a dor que eu estou sentindo (..)

Composição: Beto Pereira (2015).

Nunca entendi ao certo, a dor desse homem misógino, e nem de muitos homens que têm certas propriedades<sup>109</sup> gentílicas e antigas. A prova desse desentendimento foi já na mudança identificada da passagem da sociedade matriarcal para a patriarcal. Lembro que no *“Direito Materno”*<sup>110</sup>, os seres humanos quando viviam com mais árvores, tinham relações abertas sexuais e afetivas, e que estas relações excluía toda possibilidade de se “estabelecer a paternidade de uma criança, tendo-se, no caso, só certeza da filiação pelo lado materno, e que, por esse motivo, as mulheres gozavam de grande poder”. Mas, por que então as caças às bruxas foram dirigidas principalmente contra as mulheres? “Como se explica que, ao longo de três séculos, milhares de mulheres se tornaram a personificação do “inimigo no meio de nós” e do mal absoluto? E como conciliar o retrato que inquisidores e demonólogos pintavam de suas vítimas como todo-poderosas, quase míticas – criaturas do inferno, terroristas, devoradoras de homens, servas do diabo que, enlouquecidas, percorriam os céus em cabos de vassoura –, com as figuras indefesas das mulheres reais que eram acusadas desses crimes e, então, terrivelmente torturadas e queimadas em fogueiras? Uma resposta inicial a essa pergunta reconstitui a perseguição às “bruxas” desde os deslocamentos causados pelo

---

<sup>109</sup> ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Tradução de Ruth M. Klaus: 3ª. Centauro Editora, São Paulo, 2006.

<sup>110</sup> Myth, religion, and mother right: selected writings of J.J. Bachofen Johann Jakob Bachofen, Por Ralph Manheim. 1992.



Figura 14 A República por Daumier, 1848

desenvolvimento do capitalismo, em especial a desintegração das formas comunais de agricultura (...) e a pauperização que a ascensão da economia monetária e a expropriação de terras lançou em amplos setores das populações rurais e urbanas”.<sup>111</sup> Me vêm o esperto e engraçado Daumier<sup>112</sup>, que me retira um suspiro solitário no carro, rememorando sua pintura, mostrando a República como uma mãe com dois filhos sendo amamentados, enquanto outro

chorava, crítico em relação ao modelo político da república, chega-me a voz de Criolo

---

<sup>111</sup> FEDERICI, Sílvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva. Editora Elefante, 2019. p. 239.

<sup>112</sup> Pintor francês nascido em Marselha, considerado em seu tempo apenas um caricaturista político, com o tempo passou a ser visto como um dos mais importantes representantes da tendência realista que dominou a pintura francesa em meados do século XIX. Radicado com a família em Paris (1815), onde frequentou a Academia de Belas-Artes e foi influenciado, principalmente por Rubens e Rembrandt, e dos tipos pitorescos das ruas de Paris. Embora tenha realizado muitas xilogravuras, seu principal meio de expressão foi a litografia, produzindo cerca de quatro mil peças, a maior parte delas de conteúdo satírico social e político. Suas ilustrações e charges começaram (1830) a aparecer em La Caricature, publicação de sátira política. Uma sátira a Luís Filipe lhe valeu seis meses de prisão (1832) e com a ascensão do regime autoritário de Napoleão III, sua carreira de chargista foi definitivamente interrompida e ele se retirou para Valmondois (1848), onde ficou até morrer, dedicando-se à pintura de cenas rústicas, explicitando costumes e conteúdo social. <<https://www.guiadasartes.com.br/honore-daumier/obras-e-biografia>> 13/04/2023

com a legenda “Meninos mimados não podem reger a nação”<sup>113</sup> porque a justiça é cega.

De repente viramos à direita no mato e passamos o mata burro pra descer o morro da Dilza, alguém chama a minha atenção pra por reparo na largura dele, dizendo: "Oiã sô, deve ter sido o caminhão do Adilson que enganho aqui", todos confirmam “É, há de ser mesmo”. Nesse instante volto das copas reflexões. E rapidamente me lembro do tempo que trabalhei no Pedrinho Contabilidades, filho da Xavasca, dona da venda, meu primeiro emprego não formal em 2011, meu primeiro ano morando na cidade, ganhava 100 reais, e não aliviando, o Caminhoneiro Adilson, filho da viúva Dilza, sempre aparecia correndo querendo uma Guia (GTA)<sup>114</sup> pra levar gado de um campo pra outro, muita das vezes, mais de uma vez por tarde. Caboco acelerado, muito diferente dos irmãos no ritmo, deve ter mamado mais leite, penso.

Ele era um dos leiteiros<sup>115</sup> da região, passando igual nós hoje, na folia, de casa em casa, todos os santos dias, faça chuva ou faça sol, estrada boa ou estrada ruim. Só tem folga na sexta-feira da Paixão. Assim, a espera é dada de maneira madrugada e ansiada pelos tiradores e tiradoras de leite dessas minas gerais, para entregar o leite nos antigos<sup>116</sup> latões de plástico/metal de 50 litros. Pesado. Mas de dois carregando fazendo um torque no ombro um do outro ajuda a levar até o estaleiro, mas, nem sempre é em dupla.

---

<sup>113</sup> Música - Menino Mimado. Criolo - voz; Gian Correa - violão 7 cordas; Ricardo Rabelo - cavaco; Edy Trombone - trombone; Fernando Bastos - sax Soprano; Maurício Badé - percussão; Guto Bocão - percussão; Alemão - percussão. Produção musical e arranjos de base: Daniel Ganjaman e Marcelo Cabral. Arranjos de metais: Daniel Ganjaman, Marcelo Cabral, Gian Correa, Ed Trombone e Fernando Bastos.2017 <[https://www.youtube.com/watch?v=f28vdAn5TBU&ab\\_channel=Criolo](https://www.youtube.com/watch?v=f28vdAn5TBU&ab_channel=Criolo) >

<sup>114</sup> Emissão de Guia de Transporte Animal - GTA. A GTA é um documento oficial e de emissão obrigatória para o trânsito interdistrital e interestadual de animais para qualquer finalidade (abate, recria, engorda, reprodução, exposição, leilão, esporte e outros). A GTA não é obrigatória apenas para cães e gatos. Os requisitos: A solicitação para emissão da GTA somente poderá ser realizada pelo próprio proprietário ou representante legal, seja o requisitante pessoa física ou jurídica. Estar cadastrado na Secretaria de Agricultura, Abastecimento e Desenvolvimento Rural, informar o endereço e demais informações dos responsáveis de origem e destino dos animais a serem transportados e portar os documentos referentes às vacinações e atestados de exames negativos dentro do prazo de validade, conforme a finalidade e espécie a ser transportada. Normas e Regulamentação Lei nº 5.224/2013. Decreto nº 36.589/2015.

<https://www.agricultura.df.gov.br/emissao-de-guia-de-transporte-animal-gta/>

<sup>115</sup> Trabalhadores do transporte do leite.

<sup>116</sup> Reportagem Canal Sucesso do Campo “A entrega de leite em latão está com os dias contados. O trabalho é intenso e exige dedicação.” (2011). [https://www.youtube.com/watch?v=oQRGB3YXfs&ab\\_channel=SucessonoCampo](https://www.youtube.com/watch?v=oQRGB3YXfs&ab_channel=SucessonoCampo)



Foto: 15 Estaleiro de Leite, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

Na mitologia, relembro que a nobreza do leite não teve seu consumo restrito à fome dos homens. Sua imagem transcende e ganhou os altares, evocando diferentes crenças, a mais conhecida vem da mitologia romana, segundo a qual uma loba teve a missão de amamentar Rômulo e Remo, os fundadores de Roma (imagem XX). “Tal dieta lhes deu força e resistência na perseguição imposta pelo rei Amúlio. Já no antigo testamento, o profeta Moisés faz alusão à terra prometida, como aquela em que corriam leite e mel, como metáfora para descrever a terra fértil de Canaã. Entre os hebreus, o leite também sempre foi símbolo de vida, fertilidade e fartura”.<sup>117</sup> O grego Hipócrates, considerado o pai da medicina, receitava leite fresco de vaca como antídoto para casos de envenenamento. Já no império romano, descobriu-se que o leite tinha propriedades rejuvenescedoras, a esposa linda do imperador Nero, tomava prolongados banhos de leite de jumenta para ficar mais jovem e bela.<sup>118</sup> O uso do leite como alimento é antigo, igual Santos Reis, será que eles comiam queijo? Pra aqui no Brasil, foi trazido pelos portugueses que desembarcaram com algumas vacas, o que significou uma grande novidade para os indígenas nativos. Há registro de que

---

<sup>117</sup> Rômulo e Remo <https://www.todamateria.com.br/romulo-e-remo/>

<sup>118</sup> BOVINOCULTURA DE LEITE Casos: BOVINOCULTURA DE LEITE. 24/11/2014 El mundo de la leche" (P. Mastellone). <<https://www.trabalhosgratuitos.com/Biol%C3%B3gicas/Biologia/BOVINOCULTURA-DE-LEITE-557634.html> >

as vacas leiteiras perdiam sua nobre função, quando oferecidas às tribos do continente, já que eram abatidas e devoradas<sup>119</sup>. Tadinhas.

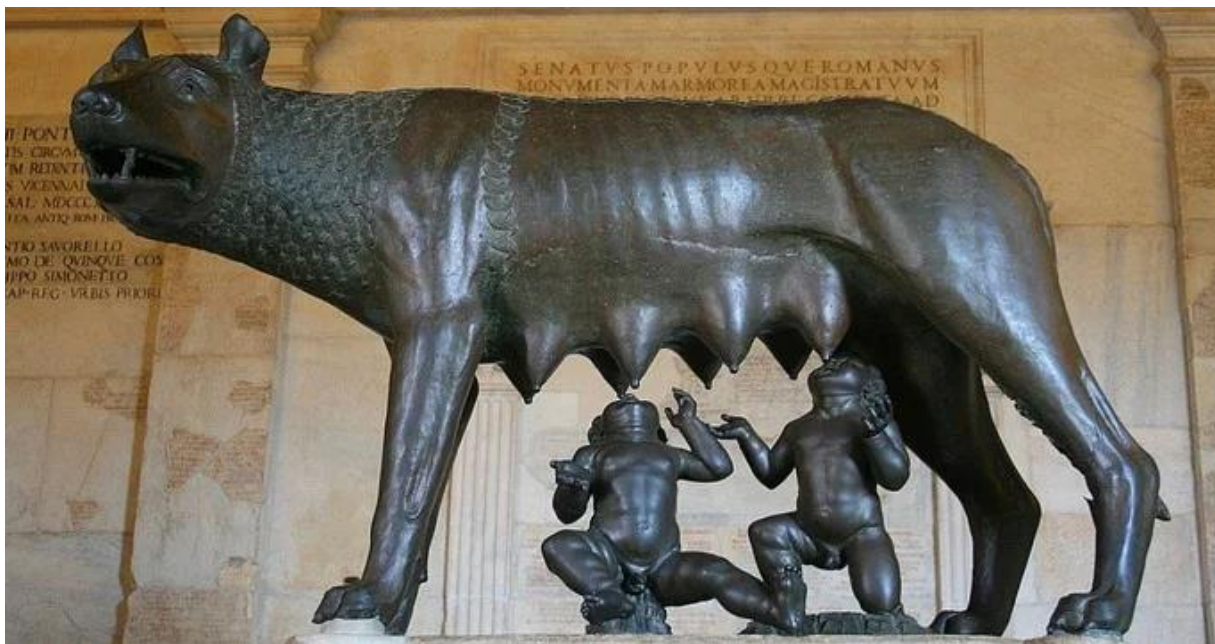


Figura 15 A Loba Capitolina - localizada no Museu Capitolino, foi criada entre os séculos XI e XII e tem 75 cm x 114 cm de dimensão

Chegamos e paramos na rotatória do caminhão de leite, na porta da Dilza, a chuva já nos aperta, o sol já chega às 17h horas, “Vamos chegar bem a noite no pouso do dia”. Aqui a turma já é mais sucinta, os foliões sempre presentes e bem trajados, entendem que a companhia já vai ficando identificada entre os senhores e senhoritas. Que juntos não perdem a oportunidade de soltar um causo, Têir nosso folião coringa, sempre abre um sorriso alegre inteiriço e nos anima.

Cantamos a nossa chegada na sala de piso azulejado de porcelana portuguesa azul sortido tônico. Guardamos os instrumentos em cima das camas de visita e da do Anderson, de 16 anos, neto da Dilza, filho do Amilton e da Rosângela, que são os atuais moradores do lar e nos recebem. Rezamos às boas chuvas aos presentes e fartura em suas ações. Pedimos por cada folião que siga bem a trajetória e com convicção depositamos fé na condição da mudança em vista de dias melhores. Finalizado o terço, o banquinho na lateral direita da cozinha dando ingresso ao quintal é disputado. Lugar de reunir os pitadores e contadores de conversa entretida, seu

---

<sup>119</sup> Leite: sua história, sua importância, seus benefícios. O uso do leite na alimentação é antigo. <<https://www.arquivo.patosnoticias.com.br/noticia/6541-leite-sua-historia-sua-importancia-seus-beneficios> >

local tem essa visão de queijo. hoje em dia, uma visão do paraíso, do olimpo ou mesmo do céu para muitos mineiros<sup>120</sup>.



Foto: 16: Queijos curando. Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

O leite ainda continua sendo tirado santificadamente nas diárias madrugadas. O leite produz um arranjo produtivo de renda interna, em cada fazenda. Do leite faz queijo, requeijão, coalhada em baixo custo de produção e médio/alto valor agregado nas vendas e ainda trata das criações com o soro, tem a vaca e o bezerro de recria. Dá trabalho, mas, em toda parte da economia, há arrecadação e uso da propriedade, sendo múltiplas e logisticamente apoiada no curral e na aparelhagem do pecuarista, que, em sua tradição centenária, tem seu trocado garantido, ainda aqui manual.

Me sinto mais seguro cantando na resposta dos agradecimentos, os versos se repetem e tenho mais fôlego, e menos medo de fazer feio. Já coloquei a prova aqui na Dilza, não sei se minha vocação é exatamente cantar, mas, enfim, faz parte tentar. Montamos a guarda e agradecemos as esmolas, convidamos pra festa e partimos, com a certeza, se assim houver, de voltarmos no próximo ano.

---

<sup>120</sup> (veja a foto XX)

## **Dindinha Marlene e Padrinho Zé Roberto**

Empilhamos tudo dentro dos carros e subimos a serra da viúva Dilza até o mato novamente, seguimos a rodovia de terra sentido Santiago de Minas, até a entrada da fazenda Três Barras, não demora muito e não há de errar, tem duas entradas de fazenda lá. Uma com os eucaliptos que meu pai sonhador plantou pra fazer sombra pros filhos pegarem ônibus da escola, mesmo ainda sem filhos, em sua juventude, e outra com uma guarita da fazenda São João, de café. Vire à esquerda nos eucaliptos se estiver vindo do PO. Na casa da Dindinha Marlene e do Padrinho Zé Roberto, reside a nossa moradora mais jovem da comunidade com os seus dignos 12 anos, a Beatriz. A descida até o sempre saudado casarão dos meus avôs paternos é cheia de volta no meio de ladeira, que geralmente tem um quebra-molas bem alto no meio dele, pra testar o volante da moçada, cercar cascalho e raspar o cano de descarga até mesmo do Fiat 97<sup>121</sup> vermelho do papai.

Madrinha Marlene foi a filha que ficou morando na centenária casa forte do Lazáro Pimpim e Dalci Queiroz. Lar de todos os meus tios, tias, que são 10, e suas crias, a primaiada, somos 28 primos no total, isso porque meus avós eram primos, cada qual soma pelo menos 16 irmãos, que dá canseira na mão pra tanta saudação. A casa em si efetivamente tem muita história e percepção de como as transformações imateriais e desenvolvimento territorial rural desvelaram a materialidade carnal de cada dia passado ali, em pelo menos 100 anos de história.

Impossível retratar o significativo significado de cada abraço, almoço, jogatina, correria no quintal, mandioca plantada, aniversário, nascimento, morte, custosice, tunda, arte, choro, luto, dente tirado, suspiro dado, cicatriz estiada. Cada despedida, reencontro, encontro, desencontro, beijo roubado, beijo ganhando, beijo sonhado. Boi desossado, cavalo amansado, cachorro abandonado, quantas criações catiradas? Inúmeros fôlegos bebidos, aprisionados, versos cantados, veraneios atolados, panelas batidas, uma única botija d'água, raios estralam e iluminam. Brindes feitos na fôrnalha acesa, biscoito assado, frito, temperado, mas nunca congelado. Planos elaborados, abacate panhado, manga chupada, mixirica arrancada, pururuca secada, doce mastigado, roupa lavada, roupa feita, roupa remendada, roupa doada do filho, feito ao filho que fez, defeito ao filho feio. Aos filhos aparecidos, dos sonhados, dos

---

<sup>121</sup>1997 é o meu ano de nascimento; todos os anos da minha vida estive nessa casa.



não assumidos e dos filhos amados, mesmo armados. Netas, bisnetas, altos e alguns de pouca sombra, trabalhadores da gratidão eterna<sup>122</sup>, serventes do pão nosso de cada dia nos daí hoje e santificado seja o nosso patrimônio, que já veio aos vossos reinos e estão sendo sujeitos às nossas vontades, que vêm da terra e do céu.



Foto: 17: Frente da seda da fazenda Três Barras, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

Lar, que chamega o visitante aos pés do alpendre. Uma recepção suspeita, de cima pra baixo, casa que destaca, destacou e descontou bons negociadores, jogadores, oradores, sabidas mulheres. Todo mundo que chega é recebido com elegância e dicção Pimpim. “Um Araujo vive seus suvenires e suas bieiras com a mesma pujança”. Um casamento alinhado. “O Araújo das novas gerações, as que seguem depois da geração de minha vó, é ensinado a manter seu discernimento de forma binária”. Desta forma, se torna um magistrado total. Para nós há dois lados, um bom e um extremamente pernicioso. “É por isso que as novas gerações não conhecem as bieiras passadas. Nos foi ensinado que as feridas devem ser esquecidas, bem como o saber de que a elas não está incorporado nada de salutar. Está aí a herança colonial que arrisco a dizer, foi herdada por toda família negra no Brasil”<sup>123</sup>.

---

<sup>122</sup> Diogo Coimbra Queiroz, (TCC) Título: Escravização Doméstica Trabalhista em Laço Familiar: uma análise sobre a adoção dirigida e a condenação à gratidão eterna. Orientador: Márcia Leonora Santos Regis Orlandini, 2020.

<sup>123</sup> Diego Pinheiro. Texto 1: Árvore Araújo. Quaseilhas àkókò òjò awá jó. QUASEILHAS é a 2ª obra autoral do artista Diego Pinheiro depois de Arbítrio (2011). A obra tem como motivação uma densa pesquisa sobre o TEMPO aliado à memória afro-diaspórica, tendo como eixo às memórias familiares e negras do diretor e dos artistas corpo (alárinjó). Propondo a criação de performatividades dentro das lacunas dessas memórias através da composição de um oríkì para Alagados de Itapagipe. REALIZAÇÃO da ÀRÀKÁ – Plataforma de Criação em Arte <https://plataformaaraka.wixsite.com/quaseilhas/single-post/arvorearauja>



Figura 16 Diego Pinheiro. À KÁKÁ – Plataforma de Criação em Arte  
<https://plataformaaraka.wixsite.com/quaseilhas/single-post/arvorearauja>

Em pensamento crítico, meus primos! Somos produção rural burguesa<sup>124</sup>.

A cacogenia<sup>125</sup> é naturalizada<sup>126</sup>, manca de família Moreira. Mas a madrinha Lelena, não deixou de ter o melhor molejo rebolado pra fazer ameixa e pé-de-moleque. Recebe na porteira de ingresso com o seu digníssimo esposo, um homem atento, de poucas palavras, ditas em tom de licença requintada, rústico sujeito da ação<sup>127</sup> prática, nascido das terras férteis das graviolas de montanha, araticum

---

<sup>124</sup> Wanderley, Maria de Nazareth Baudel O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade / Maria de Nazareth Baudel Wanderley. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

<sup>125</sup> Freyre, Gilberto, 1900-1987. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. — 481 ed. rev. — São Paulo : Global, 2003. — (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil ; 1). "Notas bibliográficas revistas e índices atualizados por Gustavo Henrique Tuna" "Bibliografia de Edson Nery da Fonseca." ISBN 85-260-0869-2.

<sup>126</sup> 1ª Edição: folheto publicado pelo Partido Social-Democrata Polaco, em 1905. Uma edição russa apareceu em 1920. A edição francesa foi publicada pelo Partido Socialista Francês em 1937. A primeira edição inglesa foi publicada pela Socialist Review, de Birmingham. Fonte da Presente Tradução: Socialism and the churches, Luxemburg Internet Archive (marxists.org), 2003. Tradução de: Alexandre Linares. HTML por José Braz para [The Marxists Internet Archive](http://TheMarxistsInternetArchive.org). Direito de Reprodução: Luxemburg Internet Archive (marxists.org), 2002. A cópia ou distribuição deste documento é livre e indefinidamente garantida nos termos da [GNU Free Documentation License](http://www.gnu.org/licenses/).

<sup>127</sup> "Ação: após este exercício de consciência, o agente moral age segundo a escolha que fizer. Para ser uma escolha moral, a ação deve ser conforme a lei, isto é, conforme o dever. No entanto, Kant entende que é possível agir somente por dever, isto é, obedecer à lei a contragosto, forçado ou constrangido. Ainda assim, a ação é moral. Essa distinção é importante, justamente para mostrar que a lei, sendo racional, deve ter força para obrigar os indivíduos a obedecê-la, sem o que nenhuma convivência seria possível. É o fundamento da organização social, que começa nos hábitos, costumes e cultura de um povo, mas deve passar pelo crivo da reflexão crítica do ser racional e consciente." "Crítica da Razão Prática". Por João Francisco P. Cabral, colaborador Brasil Escola Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU e Mestrando em Filosofia pela

carnudo. Acolhem os visitantes prodigiosos, que se satisfazem com boas gaitadas e conversas de amenidades distintas das corriqueiras e sem importância na vida urbana. Aqui põem sentido em cada movimento. Meu avô Lazo, por exemplo, treinou os seus patriotas para ser expert em baralho e conduza de gado. Não sei explicar os métodos é só meio *prestenção*, observação, seja na diversidade de borboletas sul-americanas<sup>128</sup> ou nos alimentos super nutritivos que se adaptam a todas as culturas e ao 'mudou o mundo'<sup>129</sup>, silhuetas táteis, facilmente distinguidas na fazenda.

Ingressam todos pelo alpendres, ascendido no espaçoso salão de assoalho vermelho com comunheira de cinco metros, estica as vista. “Corre Marlene!”, se escuta de canto no mourão da Tia Marta, irmã dela, “Vêm pros folião cantá!”. Harmonicamente se acende o familião na frente da bandeira. Os foliões enchem o peito e tocam bunito minino, cê tem que ver! O som esparramado nas aroeiras vibram mais alto, há de ver se faz sentido. Apresentados os Reis do oriente, a bandeira então parte para visitar o casarão ligado à cozinha que agora tem varanda nova (2020), corredor de piso de caquinho, varanda pro banheiro de fora, quintal cimentado pro forno e em frente dele a despensa. Abacateiro guardador de segredos do quintal também é abençoado, igual à horta, o pomar, à roça, o canavial, e a bica da nascente fértil com queda d'água natural, que é<sup>130</sup>, toda hora que chega um pra provar, fresquinha, nova, limpa que é um céu. Rodeados os terreiros, os terços já estão nas

---

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP" Veja mais sobre "A Razão Pura Prática em Kant e os Fundamentos da Ética." em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/a-razao-pura-pratica-kant-os-fundamentos-Etica.htm>

<sup>128</sup> <https://revistapesquisa.fapesp.br/cores-ao-vento/>

<sup>129</sup> Consulta Regional sobre a Biodiversidade para a Alimentação e a Agricultura da América Latina e Caribe < <https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/387954/> >

<sup>130</sup> Guthrie, W.K.C. Os Filósofos Gregos, de Tales a Aristóteles, Lisboa, Presença, 1987, pp. 41-45. Mas, perguntava Parmênides, tem esta palavra “transformar-se em” algum significado real? Como pode dizer-se que uma coisa muda, como dizeis, por exemplo, que o ar se transforma em água e fogo? Mudar significa tornar-se no que não é, mas dizer do que é que não é, é simplesmente falso. O que é não pode não ser alguma coisa, pois “não ser” significa desaparecer da existência. Então já não seria o que é, mas isto é algo que fora assumido, e que tinha de ser assumido, desde o princípio. O postulado inicial de Parmênides era apenas um e único: “é”, isto é, uma única coisa existe. O restante deduzia-se a partir daqui.



Foto: 18 Espelho tradicional, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

mãos das devotas, que estumam o povo da mesa de baralho. Cem por cento das vezes dá rusga.

Logo o bendito<sup>131</sup> já é puxado, até o Tupã<sup>132</sup> sabe que é hora de queta. Entre nós, há muitos nesta casa que estão a serviço da vocação católica, leigos do pai eterno, que fazem velas iluminarem-se e tem permissão para distribuir o sangue e corpo do senhor<sup>133</sup> ungidos. As delações são confessadas em silêncio, faço a minha: “para que todos sejam um, (...),

como tu estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós.”<sup>134</sup> Faço as pazes com os dito-cujos, anseios angustiosos velhos e maldosos que me acompanham. Vamo que vamo! Já são quase 19h, e ainda tem o pouso. Partimos rumos as panelas fartas e com quentes comidas banhadas com mãos das mulheres zelosas. Abrimos rumo a sexta refeição do dia, fazemos até fila. Passamos o dia todo juntos e mesmo assim, feito imã, um vai assuntá temáticas risotas com o outro. Repente se ouve com a mão hasteada com um copo de cachacinha:

“Estou aqui neste lugar porque tenho devoção  
Sou filha desta dessa terra, me criei foi nesse chão  
Já orei pedindo a Deus, com grande aflição  
Tenho tanto agradecer  
E pra vocês eu vou falar  
Que enquanto eu tiver vida e saúde pra trabalhar  
Companheiro para ajudar e amigos igual ocêis  
Eu faço compromisso e pego A Festa de Reis”.

<sup>131</sup> Bendito Louvado Seja · Ministério de Música Doação · D.R.

<sup>132</sup> Nome do cachorro da fazenda.

<sup>133</sup> Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão.

"O Ministro Extraordinário da Sagrada Comunhão é um leigo ou leiga a quem é dada a permissão, temporária ou permanente, de distribuir a comunhão aos fiéis na missa e em outras circunstâncias, tendo também outras funções." Acesso <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-10/ministros-extraordinarios-da-sagrada-comunhao-pe-gerson-schmidt.html> l>

<sup>134</sup> (João 17:21).

Transcrição de verso cantado e composto por Janaína Coimbra Queiroz,  
2023.

Jajá, carinhosamente, ponteia o verso, consagrando palavras rimadas que são a marca certificada dessa família. Pilha e mexe, sempre tréplica vos remete. O alfer sapateador já está que não se quieta, cutucando o Capitão dizendo: “Vamos pagar passagem da casa abastada? Que é que tem boiadeiro Pimpim na cruzia do mato aguardando a moçada”.

Partimos, abençoados com o poder depositado da fé alheia, para o pouso, ‘Tchau brigado’, tamo partindo. ‘Fica com Deus cêis tudo’ é pelo menos 32 vezes dado. Casa de Moreira Araujo Queiroz Pimpim, vale sempre reforçar, ‘tamo partindo’, fica com Deus, até logo. “Não se preocupe não, vai indo que vamos também”. Partimos, abanando as mãos e dando buzinas matulas de que se parte em partilha partida.

## **Olímpio Pimpim**

Na estrada aumentamos o som e na penumbra do início da noite, cantamos:

O som da viola bateu  
No meu peito doeu, meu irmão  
Assim eu me fiz cantador  
Sem nenhum professor aprendi a lição  
São coisas divinas do mundo  
Que vem num segundo a sorte mudar  
Trazendo pra dentro da gente  
As coisas que a mente vai longe buscar

Em versos se fala e canta  
O mal se espanta e a gente é feliz  
No mundo das rimas e trovas  
Eu sempre dei provas das coisas que fiz

Por muitos lugares passei  
Mas nunca pisei em falso no chão  
Cantando interpreto a poesia  
Levando alegria onde há solidão  
O destino é o meu calendário  
O meu dicionário é a inspiração  
A porta do mundo é aberta  
Minha alma desperta  
Buscando a canção  
Com minha viola no peito  
Meus versos são feitos pro mundo cantar  
É a luta de um velho talento

Chegamos na casa do sempre Capitão Olímpio Pimpim<sup>135</sup>, vice-prefeito, nascido em 22/02/1946 e que ficou feliz com o aniversário em 22/02/2022, dobradinha, contou me um dia, falando de um advento da saúde naquele ano. Disfarça ter fundamental incompleto. Já está a noite no pouso, culundria já começa a se articular em mucuia quase imperceptível no meio de todo mundo, já se vê uma célula de juventude reunida para decidir os meios dos devaneios. Ele e sua finada esposa costumam(vam) ficar entre a porteirinha e o alpendre, saudando todos que chegam, independentemente. Não faz a menor diferença<sup>136</sup> se já tivermos se visto antes, durante o dia. os patronos da casa fazem o movimento saudando novamente, enturmam todos com um aperto de mãos, tradição mesopotâmia persa<sup>137</sup>, já contei, mas tutelo as diferenças, nem tudo é o que é, sem tirar nem pôr. Há paradigmas no que se discursa e no que se acolhe, saudemos o companheiro planejamento territorial também, em sua arte de vincular, de forma colaborativa e comunicativa, e nas múltiplas escalas as dimensões de financiamento, investimento, regulação e intervenção física no ambiente<sup>138</sup>.

---

<sup>135</sup> Poder 360, descrição dos cargos políticos <https://eleicoes.poder360.com.br/candidato/1163456#2012>

<sup>136</sup> CRAIA, E. C. P. Deleuze e a ontologia: o ser e a diferença. In ORLANDI, L. B. L. (org.) A Diferença. 1 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

<sup>137</sup> Na Sociedade persa não existia a possibilidade de mobilidade social, ou seja, da pessoa mudar seu status social com o fruto de seu trabalho. Se um persa nascesse em uma família pobre morreria nessa estratificação social” dessa forma, a sociedade civil persa era chamada de estamental e rígida. Somente em determinadas situações peculiares essa tradição social era quebrada. A coluna principal do império eram os soldados persas. Eles tinham muito valor dentro da sociedade porque eram os responsáveis pela organização dos diferentes povos, e pela proteção das fronteiras. História Universal - da Babilônia à Pérsia - Vol. 3. 1989

<sup>138</sup> LEFF, Enrique. Epistemologia Ambiental. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Não dô conta, fiquei inquieto, tomemos algumas notas de algibeira antes do final do dia e que vão ser levadas nos próximos dias.

Os territórios rurais como categorias são como 90% do território brasileiro, heterogêneo, tem relações rural x urbano, local-extralocal, sociedade-economia-natureza. Território, não é só natural, não é só natureza e não é só cultura. A economia é a atividade por meio da qual eu transformo os recursos para utilidades das pessoas, em métodos concorrentes do planejamento territorial (veja tabela XX) pelas práticas planejamento (veja tabela XX). De repente tô falando isso pro Taidi é ele confirma com a cabeça, dando sinal que entendeu tudo, e ainda pede licença pra falar; abro um sorriso ansiando uma dúvida, algo que posso manipular pra falar, ele me vira olhando nos olhos, de maneira séria, 'Ele me escutou!' e fala: "Gabriel, cadê a pinguinha?". Sô rio. Já que estamos na casa do Capitão, pelo menos apresentei.

Tabela 2 Mudança do paradigma do planejamento das áreas rurais, anotações do autor 2022.

	Produtivista	Nova Ruralidade
Enfoque	Setorial	Territorial
Objetivo	Aumentar a produtividade, transbordando	Promover múltiplas dimensões e funções
Atores	O produtor agropecuário	A diversidade de grupos sociais
Áreas de governo	Secretaria ou Ministério da Agricultura	Coordenação entre diferentes áreas de governo

Tabela 3 Áreas do Planejamento, anotações do autor, 2022.

139	Tradicional	Participativo	Insurgente	Territorial
Característica central	Top down	Bottom up	Contra o Estado	Sistêmico
Papel do planejador	Tecnicista - anos 50	Construtivista	Hiperpolarizante	Sociotécnico
Papel do plano e das intervenções	Tecnicista	Negação	Dominação / relações de força	Interpretar criticamente o território e ampliar o conhecimento disponível aos tomadores de decisão

Os Pimpim<sup>140</sup> estão prontos para receber a folia. Encantados pela indústria do rodeio<sup>141</sup> e vaquejada<sup>142</sup>, sabem que cada milésimo de tempo vale a entre vda,

<sup>139</sup> Virada do século XX-XXI, mudança do paradigma do planejamento das áreas rurais, sendo os grandes vetores das transformações rurais eles:

1. Distâncias físicas e simbólicas diminuíram - interdependências rural-urbano;
2. Queda da participação da agricultura na Força de Trabalho e nas rendas - intersetorialidades (modernização);
3. A ascensão da questão ambiental na vida moderna - multifuncionalidade (ideia de que as áreas rurais cumprem múltiplas funções para as sociedade urbanas - volta da fome, insegurança alimentar e mudança do clima – conservação ambiental por conta dos serviços ecossistemas – mudando do uso do solo – processo de comoditização – amenidades urbanas - confortos: paisagens, qualidade dos indicadores de bem estar humano, ou seja elementos de diferentes naturezas.

<sup>140</sup> Pimpim Agronegócios Serviços <https://www.solutudo.com.br/empresas/mg/pres-olegario/cultivo/pimpim-agronegocios-servicos-agricolas-7706358>

<sup>141</sup> Os tropeiros tiveram importância decisiva na história de nosso país, especialmente em Minas Gerais. Foram os primeiros agentes de transporte e difusão cultural. Eles abasteciam as vilas e levavam correspondências e informações, sendo, de fato, uma espécie de meio de transporte, correio e meio de comunicação primitivo. Muitas cidades surgiram do local de pouso (rancho) dos tropeiros, [foram os primeiros agentes de transporte, comunicação comercial e social].

<sup>142</sup> Como é possível perceber, a prática da vaquejada à época das apartações é bem diferente do que se vê hoje. Antes ela era uma atividade de origem cultural, contendo aspectos lúdicos, inclusive. Porém atualmente a prática vem ganhando cada vez mais um aspecto de esporte e competição, trazendo consigo grandes investimentos financeiros.” (BRANDÃO, I.M. Crimes ambientais: uma visão sobre práticas de rodeio da vaquejada. Revista



estremece o caboclo e sequela o herói. Geralmente, no pouso, alguns irmãos dos donos da casa que trabalham e moram em Brasília e Uberlândia vem pra serestar junto com a comunidade<sup>143</sup>, que participa da oferenda. Antigamente, eu mesmo só vivi a rebarba, o pouso era o momento do sanfoneiro ajuntar a falange na fumega. Povo dançava, tomava a coragem de caneco. Movimento que ia longe, porque os foliões dormiam nessas casas. Essa era uma caravana itinerante em seu giro, não retornava para casa, se ficasse distante, na prática mesma Bandeira respeita suspeição da superstição. A Folia evita refazer os passos, sem observar rigorosamente se está à direita ou à esquerda. A referência mais “explícita para esse tabu se encontra no fato de que os reis Magos não retornaram para sua terra pelo mesmo caminho que vieram, para não expor o Cristo recém-nascido à sanha mortífera de Herodes”<sup>144</sup>. Ouvi, da Folia da Galena, que não se deve cruzar sobre o mesmo caminho, pois a cruz é um símbolo da morte e, aqui, a festa trata do nascimento. A referência à morte nesse caso é estritamente evitada por eles, o que ressalta o caráter extraordinário do tempo natalino e a promessa paradisíaca no nascimento de Jesus, comemorado com muita fartura e música, no reino da superstição<sup>145</sup>.

Na sala de TV, tem um quadro do dilúvio<sup>146</sup>. Sempre me impressionei com ele, e embarcações com contos de piratas, me presentearam com o livre arbítrio de imaginar, e pensar como é estar sendo guiado pelas estrelas na água; os três reis já

---

Ibero-Americana de Ciências Ambientais, Aquidabã, v.5, n.1, p.157-169, 2014. DOI:<http://dx.doi.org/10.6008/SPC2179-6858.2014.001.0011> )

<sup>143</sup> Como classificar os donos da terra que saíram dela para conseguir uma renda principal em outro lugar, mas não se desfizeram dos seus patrimônios, mas que estão arrendando as propriedades para a produção de alimentos baratos? Marx, trata no Capital tomo VI, capítulo 35 da terceira classe estruturante, os ‘terratente’ ou rentista, mais conhecido nos cursos de pensamento econômico. Pode-se então classificá-los nesse análise?

<sup>144</sup> Dossiê de Registro de Bem Imaterial A FOLIA DE REIS EM PRESIDENTE OLEGÁRIO, MG. (p. 112) <http://www.estilonacional.com.br/web/wp-content/uploads/2012/05/A-Folia-de-Reis-em-Presidente-Oleg%C3%A1rio.pdf>

<sup>145</sup> “o brasileiro, todo ele, é essencialmente supersticioso. Pois as superstições resultam essencialmente do vestígio de cultos de parecidos ou da deturpação ou acomodação psicológica de elementos religiosos contemporâneos, condicionados à mentalidade popular. O olegarense não foge à regra” (Oliveira Mello, 1985. p. 128)

<sup>146</sup> O mito do dilúvio é uma narrativa em que uma grande inundação, geralmente enviada por uma (ou várias) divindade(s), destrói a civilização, muitas vezes em um ato de retribuição. Paralelos são frequentemente feitos entre as águas da inundação e as águas primitivas de certos mitos de criação, sendo que a água é descrita como uma medida de limpeza ou purificação da humanidade, em preparação para o renascimento. A maioria dos mitos de inundação também contém um herói cultural, que “representa o desejo humano pela vida”. A temática mitológica do dilúvio é generalizada entre muitas culturas ao redor do mundo, conforme visto em histórias sobre inundações da Mesopotâmia; nos Puranas (livros religiosos hindus); em Deucalião, da mitologia grega; na narrativa do dilúvio no Gênesis; em mitos dos povos quichés e maias na Mesoamérica; na tribo Lac Courte Oreilles Ojibwa de nativos americanos da América do Norte e entre os chibchas e cañaris, na América do Sul. Leeming, David (2004). «Flood | The Oxford Companion to World Mythology». Oxfordreference.com

foram tão incertos na terra, imagina lá onde o medo irracional da vastidão do oceano deve afiar os íons, penso, azar do mar que não tem Minas. Aqui o dilúvio é de lágrimas mesmo, o Capitão, sabe bem como guiá-las na sua verdade cantada, ativa as glândulas da emoção pela vida. Esse lugar lacrimal é íntimo dele e ele sabe contar pra gente onde fica só recitando com a viola no peito. Chorar pelo que a vida é, como foi, e o que ela quer da gente. Coragem! Espero que continue diluviando seus companheiros, pois a vocação de Capitão o senhor entende tanto que até repassou. Guardados os instrumentos nos lugares situados seguros, desafrochamos as caixas e fazemos o nó de caixeiro com os pauzinhos, esse ano só teve terço<sup>147</sup>. Vamos tirar gosto da pinga com a cerveja, acabou o primeiro dia.

Que vontade eu tenho de sair  
Num carro de boi ir por aí  
Estrada de terra que  
Só me leva, só me leva  
Nunca mais me traz  
Que vontade de não mais voltar  
Quantas coisas eu vou conhecer  
Pés no chão e os olhos vão  
Procurar, onde foi  
Que eu me perdi  
Num carro de boi ir por aí  
Ir numa viagem que só traz  
Barro, pedra, pó e nunca mais

Carro de Boi, Milton Nascimento (1976)

---

<sup>147</sup> Quando morre um familiar, às vezes há o pedido dos membros da família de não cantar, demonstrando respeito e parte de um luto. Maria Helena, faleceu em 2022.



Foto: 19. Capitão Olímpio Pimpim segurando a bandeira em sua fazenda, Presidente Olegário-MG.  
Foto: Gabriel Machado, 2022.



Foto: 20 Janela com colagens representativas, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

## Dia II - 26/12

### Zé Caixeta

Por medo de uma história contada que um anjo aconselhou, fiz doestos<sup>148</sup> aos santos. Aqui está a Santa Bandeira, que vos veio visitá. Veio pedindo a vossa esmola. Para seu dia festejá. Deus vos pague a santa esmola. Que nos deu com alegria. Os Três Reis do Oriente. Que lhe deu uma boa guia.”

O galo já cantou, o dia não demora! (bis). Para quem mora perto, é cedo, pra quem mora longe, é hora! (bis)<sup>149</sup>. E assim, com o café tomado e o leite nas latas, vacas apartadas e os santos queijos já prontos, nos encontramos umas nove e pouco no ponto. As panelas do dia anterior são acrescidas com mais açafrão e é rescaldo o feijão. Cachorro latiu, vou aprevenir, o momento pede.

Durante os anos, muitas transformações se deram para que uma tradição tenha esse valor de nome. Atualmente não dormimos mais no pouso e nos últimos anos devido o COVID-19, tivemos uma interrupção, não cantamos em 2020. Em 2021 tivemos que adaptar a tradição, não dorme mais no pouso por via da história econômica e, agora se concretizam todos os atos da peça na mesma noite. Reduzindo também os gastos com a alimentação dos anfitriões e com o trabalho feminino, majoritariamente responsável por fazer a comida ofertada, limpar a casa e preparar os espaços.

Seguimos então para nossa finada casa, agora em reflexão, Zé Caixeta era colono<sup>150</sup> modo diferente de ganhar o pão. Não vamos mais lá, mas já fui muito. Guardo-os, subindo os azedos pezinhos de acerola nos fundos das taperas desabadas com figueiras acenando pra mim<sup>151</sup>. Caracterizadas por suas raízes memoriais, guardiãs dos colonizadores, nutridas de diferentes insumos racionais

---

<sup>148</sup> “A lei de 7 de janeiro de 1453, de D. Dinis, diz-nos o general Morais Sarmento, que "mandava tirar a língua pelo pescoço e queimar vivos os que descreem de Deus ou dirigiam doestos a Deus ou aos Santos"; e por usar de feitiçarias "per que uma pessoa queira bem ou mal a outra..."<sup>61</sup> como por outros crimes místicos ou imaginários, era o português nos séculos XVI e XVII "degredado para sempre para o Brasil".<sup>62</sup> Em um país de formação antes religiosa do que etnocêntrica, eram esses os grandes crimes e bem diversa da moderna, ou da dos países de formação menos religiosa, a perspectiva criminal. (Casa grande e senzala)

<sup>149</sup> 🎵 Amanhecer na Roça - Tonico & Tinoco 🎵

<sup>150</sup> Raízes do Brasil – Sérgio Buarque de Holanda Cap. 1, 4 ,5 O “homem cordial” e a sociabilidade brasileira Vida

<sup>151</sup> Música de Daniel - Meu reino encantado

trazidas do ocidental. Pouco insumo e muita química<sup>152</sup>. Acho que não tem um fim de ciclo de supremacia, o indivíduo, perante o social quando se morre, postulo Antífonas cânticos pros homens cordiais, distantes sociais e afogados de intimidade no plano das essências<sup>153</sup>.

Aqui com a porteira fechada, podemos ter uma visão do paraíso<sup>154</sup> do projeto brasileiro frágil. Acendo um palheiro em frente a entrada da fazenda, saudando a continuidade das famílias, indiferenciado o público privado, via laços sentimentais. Me vem notas nada originais. Ao olhar para a agrária<sup>155</sup> conformação de um período colonial com a formação do pensamento e formas de organização; vejo a produção e sua replicação, dos diversos tipos sociais rurais dessas localidades integradas, apropriação do espaço folieiro. Piso em terras herdadas e instauradas, em padrões sociais de produção que internalizam certos comportamentos que se mantêm no decorrer do tempo da cordialidade, do patriarcalismo, e do personalismo<sup>156</sup> de cada planta plantanda. Nosso Brasil, ao contrário das lembranças afáveis, acompanha o predomínio constante de vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordem impessoal, formando pujante famílias. Os efeitos decisivos da supremacia incontestável, absorveram o núcleo familiar – a esfera por excelência dos chamados contratos primários, dos laços de sangue e de coração – está em que, as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram um modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós. Isso ocorre mesmo onde as instituições democráticas, fundadas em princípios neutros e abstratos, pretendem assentar a sociedade em normas anti-particularistas. No meu ponto de vista, possui proximidade com o povo ibérico, chega a ser interessante, mas

---

<sup>152</sup> Revista Ponto de Vista - Vol.3 27 UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA QUÍMICA NO BRASIL Luiz Henrique Milagres de Oliveira e Regina Simplício Carvalho Colégio de Aplicação – COLUNI Universidade Federal de Viçosa (UFV) Campus UFV, Viçosa – MG

<sup>153</sup> Em 1893, o poeta brasileiro catarinense João da Cruz e Sousa (1861 – 1898), conhecido como Cruz e Sousa, Dante Negro ou Cisne Negro, publicou duas obras que foram consideradas o marco do Simbolismo no Brasil. Foram elas: Broquéis (1893, poesia) e Missal (1893, poemas em prosa). Escreveu, ainda, Tropos e Fantasias (1885, poemas em prosa, junto a Virgílio Várzea). Os poemas apresentados por Cruz e Sousa têm como características a tendência à sensualidade do indivíduo, o individualismo, um certo desespero e a preferência pela cor branca. Esse autor militou pela escravidão, retratando o assunto em alguns dos seus poemas, por meio de metáforas. Após o falecimento de Cruz e Sousa surgiram as obras póstumas Últimos Sonetos (1905); Evocações (1898, poemas em prosa); Faróis (1900, poesia); outras evocações (1961, poema em prosa); O livro Derradeiro (1961, poesia) e dispersos (1961, poemas em prosa). SOUZA, Warley. "O Simbolismo no Brasil"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/o-simbolismo-no-brasil.htm>. Acesso em 17 de abril de 2023.

<sup>154</sup> Buarque de Holanda, Sergio. Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000.

<sup>155</sup> TODOS ESSES CONCEITOS ESTÃO NO KAUTSKY E LÊNIN ORIGINALMENTE

<sup>156</sup> FOCO NO LIVRO RAÍZES DO BRASIL: CAPS 1,4,5

ao mesmo tempo desprovida de julgamentos de valor, pois foca muito em um certo “embelezamento” do processo colonizador, recordemos nosso Hino:

Precisamos, precisamos esquecer o Brasil!  
Tão majestoso, tão sem limites, tão despropositado,  
ele quer repousar de nossos terríveis carinhos.  
O Brasil não nos quer! Está farto de nós!  
Nosso Brasil é no outro mundo. Este não é o Brasil.  
Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?  
Hino Nacional, um poema de Carlos Drummond de Andrade<sup>157</sup>

Nossa independência vem de matar a fome. Essa mesma que nos divide<sup>158</sup>.  
Reacendo o meu tabaco.



Foto: 21 Estrada de acesso a antiga casa, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

<sup>157</sup> Leia mais em: <https://veja.abril.com.br/coluna/augusto-nunes/hino-nacional-um-poema-de-carlos-drummond-de-andrade/>

<sup>158</sup> JOSUÉ DE CASTRO E A DESCOBERTA DA FOME. 2 de novembro, 2021. Por Anna Maria de Castro <https://geografiadafome.fsp.usp.br/josue-de-castro/>

## João Caixeta



Foto: 22. Pasto preparado para gado, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

“A gente olha apenas o passado e o presente”. Entre os indígenas não existe a palavra futuro” enquanto ideia de algo previsionado e que tenha essencialmente que ser planejado, eles nomeiam as coisas a partir da experiência vivida. “Como não se experimentou o futuro, não existe uma palavra que o nomeie. Não existe essa ideia de futuro. Claro que cada povo tem a sua dinâmica de compreensão cosmológica. Mas costuma ser assim. O passado é fundamental porque é o tempo da memória, é essa memória que vai dizer quem eu sou e o que eu faço nesse mundo. Sem apressar, sem querer dar salto, mas se apercebendo da natureza. Uma visão que olha pra trás. É esse passado que nos impulsiona para frente, para aquilo que há de vir. O indígena nunca pergunta para uma criança sua, pois de antemão ela já sabe que essa criança não será nada, porque ela já é tudo o que ela deveria ser. Porque ela é criança, e precisa viver essa estação plenamente. Brincar. Quando a uma

criança indígena foi perguntado o que ela queria<sup>159</sup> ser quando crescer, ela respondeu “avô”<sup>160</sup>.

Mudando de aldeia, mudamos de território, agora não vamos mais à casa antiga do João Caixeta, filho do colono Zé, que foi por muitos anos caseiro do Olímpio Pimpim. Com a morte do pai, e sem trabalho garantido, mudou-se para a cidade<sup>161</sup>. Não passamos lá, mas foi a casa do Mamão, meu amigo, colega de classe na Tiririca, rapaz rural, que mudou de lá, mas volta pra cá pra trabalhar com a lida no campo<sup>162</sup>, inclusive em fazenda de outros irmãos Pimpim, coisa do presente mesmo, coisa pra Bitoun<sup>163</sup>, não sei se ao perguntar a ele sobre o futuro, gostaria de ser como o seu avô em nossa aldeia moderna.

---

<sup>159</sup> DANIEL MUNDURUKU. CATANDO PIOLHOS, CONTANDO HISTÓRIAS –, MEMÓRIAS E BIOGRAFIAS. “Ali, contávamos para todos os adultos presentes tudo o que havíamos feito durante o dia. Embora não parecesse, todos nos ouviam com atenção e respeito. Aquele era um exercício de participação na vida de nossa comunidade familiar.” Memórias de infância de um menino indígena que nos fala das tradições de seu povo Munduruku transmitidas pela narrativa oral nos momentos felizes quando, sentado na aldeia, no colo dos mais velhos ou ao pé da fogueira, ouvia histórias enquanto eles catam piolhos em seus cabelos e lhe fazia carinhos na cabeça. O livro apresenta oito histórias, sendo algumas delas mitos, outras lendas dos espíritos da floresta e outras lições de vida ou narrativas de memórias das brincadeiras inocentes. 2008.

<sup>160</sup> “O futuro é algo que faz com que a gente não se comprometa com as coisas ao nosso redor” PUBLICADO EM JULHO 6, 2021 | POR ESTADOS GERAIS DA CULTURA. Em <<https://estadosgeraisdacultura.art.br/o-futuro-e-algo-que-faz-com-que-a-gente-nao-se-comprometa-com-as-coisas-ao-nosso-redor/>>

<sup>161</sup> O economista maranhense Ignácio de Mourão Rangel (1914-1994), em A questão agrária brasileira, dos anos 60-80, revisita o processo de acumulação de capital nacional das relações entre campo e indústria no processo de urbanização moderno capitalista e as transações da crise agrária de base econômica, política e social. O documento se encontra no livro ‘Questão agrária, Industrialização e crise urbana no Brasil’, organizado por José Graziano da Silva em 2004.

<sup>162</sup> “CARNEIRO, Maria José. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. in Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares / orgs. Raimundo Santos, Luis Flavio Carvalho, Francisco Carlos Teixeira Da Silva. - Rio de Janeiro, 1998

<sup>163</sup> O geógrafo Jan Bitoun (UFPB) e a arquiteta Livia Miranda (UFCG), apresentam neste documento as contribuições do estudo “Repensando o conceito de ruralidade no Brasil: implicações para as políticas públicas”, que foi coordenado pelo instituto interamericano de cooperação para a agricultura (IICA) e financiado pelo ministério do desenvolvimento agrário em 2014. Pesquisa robusta de caráter quali/quantitativo (Métodos de regionalização e Métodos de Tipificação), que tem o intuito de classificação dos espaços territoriais brasileiros para promover políticas públicas de desenvolvimento territorial com diagnósticos coerentes e que realcem a visibilidade dos espaços heterogêneos. A leitura dos métodos de regionalização qualitativos está no sentido dimensional de como e por que a tipificação da dinâmica heterogênea e multidimensional atribuída ao rural do Brasil atual devem reconhecer as entidades espaciais com as suas diferenças de natureza e grau. BITOUN, J et al 2015. Tipologia regional das ruralidades brasileiras como referência estratégica para a política de desenvolvimento rural. Raízes, 35(1): 21-33, 2015



O geógrafo Jan Bitoun (UFPB) e a arquiteta Lívia Miranda (UFCG), apresentam neste documento as contribuições do estudo “Repensando o conceito de ruralidade no Brasil: implicações para as políticas públicas”, que foi coordenado pelo instituto interamericano de cooperação para a agricultura (IICA) e financiado pelo ministério do desenvolvimento agrário em 2014. Pesquisa robusta de caráter quali/quantitativo (Métodos de regionalização e Métodos de Tipificação), que tem o intuito de classificação dos espaços territoriais brasileiros para promover políticas públicas de desenvolvimento territorial com diagnósticos coerentes e que realcem a visibilidade dos espaços heterogêneos. A leitura dos métodos de regionalização qualitativos está no sentido dimensional de como e por que a tipificação da dinâmica heterogênea e multidimensional atribuída ao rural do Brasil atual devem reconhecer as entidades espaciais com as suas diferenças de natureza e grau. A descrição quantitativa dos métodos de tipificação, tem o coeficiente estatístico multivariado discriminadas em 26 tipos de denominações regionalizadas, que coadunam de experiências internacionais da OCDE, dos EUA e da União Europeia dos anos 90 e atualizações/upgrade das categorias demográficas de uso e ocupação da terra do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os resultados são as categorias conceituais e metodológicas das ruralidades brasileiras, séc. XXI.

BITOUN, J et al 2015. Tipologia regional das ruralidades brasileiras como referência estratégica para a política de desenvolvimento rural. *Raízes*, 35(1): 21-33, 2015.

## Márcia

Partimos em menção a próxima casa, fazenda de Márcia, que em alguns anos fomos, descemos as distintas e que podem ser imaginadas “Serras dos Padres”<sup>164</sup>, uma preciosidade. Descida digna de Mouras<sup>165</sup>, damas do sertão<sup>166</sup>. Aqui também há uma narrativa polifônica, casa de fazendeira, mulher de terras herdadas. Chamou a comitiva para abençoar seu lar, fizemos cortejo completo, agraciados por tira gosto e

---

<sup>164</sup> MEMORIAL DE MARIA MOURA - Rachel de Queiroz, 1992.

<sup>165</sup> (...) eu sentia (e sinto ainda) que não nasci pra coisa pequena. Quero ser gente. Quero falar com os grandes de igual para igual. Quero ter riqueza! A minha casa, o meu gado, as minhas terras largas. A minha cabroeira me garantindo. Viver em estrada aberta e não escondida pelos matos em cabana disfarçada como índio ou quilombola. Mas num alto descoberto, deixando ver de longe o casarão lá em cima, telhado vermelho, paredes brancas caiadas. Cavalos de sela comendo milho na estrebaria, bezerro gordo escaramuçado no pátio. Quero que ninguém diga alto o nome da Maria Moura sem me guardar respeito. Que ninguém fale com Maria Moura – seja fazendeiro, doutor ou padre, sem ser de chapéu na mão (QUEIROZ, 1992: 125).

<sup>166</sup> Joaquina do Pompéu (1752–1824), a chamada Dama do Sertão, de reconhecida influência nas Gerais na segunda metade do século 18 e início do 19 e participação até nas lutas pela independência do Brasil.

boa intenção. Mas pelas meremerências<sup>167</sup> da vida, não passamos lá nos últimos anos<sup>168</sup>, seguimos cortando o roteiro.



Figura 17 Dona Joaquina do Pompéu  
- Yara Tupynambá, 1998. Em pintura  
de Yara Tupynambá, Joaquina  
aparece com um pé calçado e outro  
descalço, indicando seu amor pelo  
sertão.

“[...] O historiador não é um escravo humilde nem um senhor tirânico de seus fatos. (...). O historiador sem seus fatos não tem raízes é inútil; os fatos sem seu historiador são mortos e sem significado. Portanto, minha primeira resposta à pergunta ‘Que é história?’ é que ela se constitui de um processo contínuo de interação entre o historiador e seus fatos, um diálogo interminável entre o presente e o passado”.  
Agregamos planejadores!

## Saturno e Divina

Os moradores de Santa Rita<sup>169</sup>, às vezes, de tão isolados, perdiam o controle do dia da semana, o tempo era marcado pelos dias radiados, refletidos nos dias

<sup>167</sup> Barros, Marília Gazola Pessôa. Estudo do léxico de João Guimarães Rose e de sua tradução italiana de Grande Sertão: Veredas. Um dicionário bilíngue de neologismos português/italiano e italiano/português. 2011. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

<sup>168</sup> Há mais casas rurais na região do giro, não quer dizer que por haver uma tradição todas as propriedades participam, deve haver convite de recebimento e inclusão da folia no seu giro. Somos incorporações de pedidos de passagem, levamos-vos a quem pedir.

<sup>169</sup> O nome Santa Rita da Boa Sorte permaneceu até 1867 quando se criou o Distrito de Santa Rita e, em 1880, passou a chamar-se Santa Rita de Patos, nome que permaneceu até 31 de dezembro de 1938, ano em que recebeu a denominação atual de Presidente Olegário. Em

santos e alegres, no dia da ida na cidade. Representava uma situação demarcada mensalmente, geralmente no início do mês, então se reunia às demandas da casa, do terreiro, curral, cachorro e do sal. As urgências não produzidas do vizinho mais perto e do vizinho trabalhador mais longe, tudo, eram listadas e dirigidas ao representante gaiato pra resolver, trazer, busca e aproveitar pra comer um pastelzinho com Mineiro no ZeroHora<sup>170</sup>. Era uma espécie de caravana de informações no dia especial do mês<sup>171</sup>. Situação risonha para contar aos netos, coisa que Divina sabe bem, vó assunteira e observadora, dona orgulhosa das suas flores, divinas, curioseia até as criancinhas. Sabidos das mudanças, tiveram uma flexibilidade maior da sua herança, gosto de remeter que foram pais não medíocre sobre os assuntos de educação<sup>172</sup>, como muitos outros dessa terra. Não há mais uma regra a seguir, fica em casa aquele que tiver “mais aptidão” para a agricultura e “menor vocação para os estudos”. A regra tradicional de que o mais novo é quem deve ficar, passa a não valer mais em função dos projetos individuais dos comprometidos filhos e netos. É claro, no entanto, que essa flexibilidade tem um limite imposto pela necessidade de um sucessor<sup>173</sup>, mas ainda não há de ser. Casa cheia, festiva e rodeada de varandas convidativa, nos apresentemos.

Chegamos e verificamos os materiais acústicos, afinam-se as caixas e as violas, nos colocamos na apertada sala com a família à frente, iniciamos os cânticos de apresentação. Lá na salinha tem aquele Jesus que fica te olhando de lado pro

---

<<https://presidenteolegario.mg.gov.br/historico/#:~:text=O%20nome%20Santa%20Rita%20da,denomina%C3%A7%C3%A3o%20atual%20de%20Presidente%20Oleg%C3%A1rio.> >

<sup>170</sup> <https://www.minasgerais.com.br/pt/apoio/presidente-olegario/bar-e-restaurante-zero-hora>

<sup>171</sup> A partir dos anos 60 e 70, conforme os vínculos com a cidade foram se estreitando, as transformações começaram a ser notadas no interior das famílias. As famílias extensas que chegavam a abrigar até quatro gerações deram lugar a famílias nucleares com tendências à neo-localidade do jovem casal, em consequência da resistência das noras de se subordinarem às sogras e dos conflitos derivados do choque entre gerações. A demolição dos antigos casarões coloniais e sua substituição por construções modernas, que tendem a satisfazer as necessidades geradas pela inculcação de valores da sociedade urbano-industrial, pode ser encarada como uma atitude densa de significados simbólicos que reforçariam uma mudança nos padrões de relacionamento no interior da estrutura familiar. Na nova casa novas regras se instalam: a rígida hierarquia entre os mais velhos e os mais jovens daria lugar a relações mais igualitárias, com maior espaço de individualização. “CARNEIRO, Maria José. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. 1998.

<sup>172</sup> Segundo o censo feito pelo INEP em 2003, há 371 mil alunos matriculados em cursos de graduação no Estado. Fórum Técnico 'A Educação Superior em Minas Gerais: Conjuntura Atual e Perspectivas' Belo Horizonte - Setembro de 2005

<sup>173</sup> No caso da invalidez ou morte do pai, ou do sucessor já escolhido, há sempre um filho que retorna à casa para dar continuidade ao projeto familiar de manter a exploração agrícola. Não há registros ainda, nessa região, de venda da propriedade devido à ausência de sucessor. O compromisso moral com a família é ainda muito forte, proporcionalmente ao reconhecimento pela ‘ajuda’ familiar, o que cria uma situação de dívida jamais quitada. “CARNEIRO, Maria José. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. in Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares / orgs. Raimundo Santos, Luis Flavio Carvalho, Francisco Carlos Teixeira Da Silva. - Rio de Janeiro, 1998(p. 101)

outro, a todo momento. Uma coisa que sempre achei curioso, mas não cheguei a questionar Jesus, ele sabe que foi santificado pela liberdade conferida na observação. Ou demos a ele nossa liberdade por querer? Os olhos, seguimento das palavras outorgadas. Lá na casa da madrinha Marluce tinha um, na entrada da dispensa, sempre fiquei cuei para consultar as vasilhas de doce, até Jesus desvia.

O cortejo é arrematado, saudamos todos os santos lares, aos presentes e aos ausentes, mesmo não corporificados, o Capitão atende os pedidos de cântico para os distantes. Não nos esparamos muito, a varanda acolhedora com banco largo com garrafa d'água e baralho de truco em cima da mesa é o suficiente para que todos fiquem por lá mesmo, parlando. O tom é dado, o terço vai ser puxado. Em frente ao Jesus que tudo vê, não tem afugento as confissões, não tem escapatória, articulados homens e mulheres em cerca de trinta minutos são mantidos em guarda pela legião determinística dos misteriosos utópicos. Acho interessante que quando o puxador de terço passa ao casal que nos recebe, na maioria grande das vezes, os dois rezam em conjunto, até a respiração se sincroniza no tempo, um tom mais alto da Divina e um mais grave do Saturno, momentos como esse me lembro das líras e vidas de uma imagem<sup>174</sup> no Paradiso<sup>175</sup>, que é a terceira e última seção do poema épico de Dante da Divina Comédia. Nela, o poeta italiano descreve sua jornada pelos Céus, as coisas que vê e as pessoas que encontra a caminho até o chamado Empíreo, a verdadeira morada de Deus, dos santos, dos anjos e das almas dos fiéis salvos. Ele é acompanhado por Beatrice, o amor da vida de Dante Beatrice Portinari<sup>176</sup>, que o guia pelas nove esferas do céu<sup>177</sup>. Livro humano e contemporâneo, nos sonetos clementes. Assim, seguimos para o fim das monções, depositamos o terço no altar.

As panelas estão fartas, cozinheira de primeira e doceira esplêndida. Sempre em cima de suas fornalhas a comida nos alimenta. Franguinho precioso, desmanchando, cada qual com a sua vontade, nos fartamos com a felicidade dada

---

<sup>174</sup> IMAGEM ABAIXO

<sup>175</sup> (inglês: "Heaven", "Paradise")

<sup>176</sup> (1266-1290)

<sup>177</sup> <https://historylists.org/art/9-spheres-of-heaven-dantes-paradiso.html>

aos viajantes, que recebem sempre um docinho no final, para explicitar que divino

são os saberes que fazem dos paladares que vão, lembrarem. Finalizada a folia, cantando ao acolhido. Continuamos enquanto alegres ascende lentamente ao Empyrean<sup>178</sup>.



Figura 18 Em A Divina Comédia. Paraíso. De Dante Alighieri. Tradução, José Pedro Xavier Pinheiro. 1832-1882. Ilustrações de Gustavo Doré 1832-1883. p. 179.

an rainbow from as of a snow-white rose: Empyrean host to me the saintly host  
(Par. XXXI, 1, 2)

## Geraldo Calimério e Guilhermina

E assim, guiamo-nos ao recorrer de preces. Vamo que vamo! Descemos as estradas batidas e moldadas a terra vermelha pisoada, um caminho firme que quando molhado faz os pneus escorregarem com uma facilidade quiabenta. A voz barítono

<sup>178</sup> Empíreo vem do latim medieval empyreus que vem do latim clássico empyrus, uma adaptação do grego antigo émpyros (ἔμπερος), "no fogo (pira/pyros)". Em suma, Céu Empíreo é o lugar no mais alto dos paraísos (reservado para anjos, deuses, santos e seres abençoados) que em cosmologias antigas acreditava-se ser ocupado pelo elemento fogo (ou éter na filosofia natural de Aristóteles). Se relaciona com o conceito aristotélico de motor imóvel.

rouca do Geraldo Calimério, que abria a porteira pra Van passar com mais tranquilidade, ainda me soa entre as canas da índia:

“Oh, Gabi! Como que cê tá, bonzinho? Aprendeu tudo?”

“Oh, Seô Calimério, tô bão. Mas acho que aprendi tudo não em, temos que voltar amanhã. Fica com Deus”

Recorria com um sorriso acenando de polegar. Subíamos a estrada escorregadia de pinhos laterais semanalmente.

Ingressávamos no gramado verde sadio, cerceado por pés de mangas produtivas. As mangas de dezembro, época da fruta, não encanta muito o bebedor de pinga (manga com pinga dizem que mata, nunca testei), mas os anima, quando bate um vento e derruba alguma lá nas grimpas, ao léu dos seus sombreados, gostamos de um mal-feito. Que de costume chegamos, cumprimentamos os donos da casa e nos amontoamos no disputado banco em frente a casa pequena de telha brasilite. Lá eles eram caseiros de um chacreado doutor. Fez dos pequenos hectares um sítio de visitação, casinha no campo que é zelada pela família que nos acolhe, um charme, pertinho da nascente do rio Tiririca. Tem bica, piscina, lagoa, poço e córrego. Um recanto das águas propriamente. Casa que por tradição acolheu com satisfação o santo folião, com uma taxa de leitoa bem-posta, fruto de trato, cuidado e devoção.

Águas que já passaram, viu seu moço. As aposentadorias vieram cedo nesse lar, certa ação, porque com filha doentinha desde menininha, atende-os com preciosidade em toda medicina. Calimério e Guilhermina sempre foram os anciões pra mim. Acho que quando nasci, beira que eles já eram aposentados, ou pelo menos já contavam com a tal previdência<sup>179</sup>.

---

<sup>179</sup> DELGADO, G. C.; CARDOSO, J. C. (Org.). A Universalização de Direitos Sociais no Brasil: A Previdência Rural nos Anos 90. Brasília: Ipea, 2000. // DELGADO, G. C.; THEODORO, M. Desenvolvimento e Política Social. In: JACCOUD, L. (Org.). Questão Social e Políticas Sociais no Brasil Contemporâneo. Brasília: Ipea, 2005.

“As diferenças nos sistemas de previdência social de diferentes países podem ser explicadas por fatores tanto políticos como financeiros. Devido a esses fatores, o sistema previdenciário brasileiro – que enfatiza uma reforma paramétrica no sistema contributivo (pay-as-you-go), melhorando sua eficiência e equidade -, de acordo com Kay (2001), difere das reformas iniciadas em países tais como Chile (em 1981), Colômbia, Peru, Argentina, Uruguai, México, Bolívia e El Salvador (nos anos 1990). Esses países estiveram na vanguarda da reforma da previdência social global, ao introduzir contas de investimentos individuais privados para complementar ou substituir os sistemas de tipo contributivo regidos pelo Estado”. O interesse deste trabalho pela previdência social rural justifica-se por três motivos principais: 1) a inclusão dos trabalhadores rurais - com destaque para os trabalhadores familiares - foi tardia em relação a outras categorias de trabalhadores; 2) no decorrer da história da previdência social brasileira, houve momentos em que a concessão de benefícios aos trabalhadores rurais resultou da ação estatal, ao passo que, em outros momentos foi evidente a mobilização dos interessados visando a melhoria de benefícios já concedidos e a conquista de novos; 3) como a previdência social rural é deficitária, uma vez que o valor total das contribuições é inferior ao montante de benefícios, parece haver uma certa distribuição de rendas do setor urbano para o rural

Previdência social rural e gênero. Anita Brumer. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, nº 7, jan/jun 2002, p. 50-81 <https://doi.org/10.1590/S1517-45222002000100003>

Sítio de casarão que vê de cima o festejo na casa do caseiro, em silêncio.  
Façamos semelhantes, esse ano só os santos foram visitar<sup>180</sup>.

---

<sup>180</sup> É tradicional a passagem apenas da bandeira nas casas onde se perderam algum membro da família. Em sinal de respeito e passado a bandeira e grande parte das vezes feito uma oração, a comitiva não vai toda, apenas o Alfere e o Capitão.

## Tio Altino<sup>181</sup>

Borá tomar um café docim? Né pussivel! Tem Pimpim que tem essa mania de café doce, são poucos, mas rilia. Avançamos a estrada do outro lado do córrego, passamos pelo precioso Tiririca, mas rarefato<sup>182</sup>; teve uma vez que afundei dentro dele mas não senti medo ou desespero ou tentativa de sair, curti. Achei a água fria misturada com o leite barroso uma oportunidade de me camuflar, coisa de minino da roça desprovido de anime. Mas que em silêncio escutava, vendo coisas que soavam como se nenhuma voz humana aqui se pronunciasse, chove-se um fantasma anárquico, demolidor amplo. “Nada no vazio deste deserto anuncia-se como ausência, carne em unha. Odor silencioso no vento escarpa, corte de um espectro pousando na água. Tudo que escoa em silêncio ecoa<sup>183</sup>”.

Continuemos nos recorridos, porque tem folião atrás, em sua tropa de aço, música e compasso. Os que conseguem virar já rapidinho se ajeitam em frente a pousada que nos acolhe, mas vez e sempre, tem um que imbica barranco a frente, que nem os três reis seguram. É motivo pra samba dos escorpiões de bolso. Seguimos, fazer o quê? Deus é bão o tempo todo. Nos alinhamos em frente a nova estalagem. E esplêndida a beleza dessa terra. Uma fazenda farta, que tem um formato de bacia em volta da nascente, rente a casa, que desflorestada um tempo anterior pra abrir pra lavoura<sup>184</sup>, fez despontar os vivosos Ipês amarelos, que alguns

---

<sup>181</sup> “Isso significa que para elucidar a questão de se a cultura é mera expressão fenotípica da psicologia humana evoluída ou se a evolução biológica lançou o ser humano para uma dimensão que transcende a própria biologia”. Haddad, Fernando. O terceiro excluído: Contribuição para uma antropologia dialética. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

<sup>182</sup> Rarefato: outra trilogia do tédio, 1984. Frederico Barbosa. Rarefato (Editora Iluminuras, 1990)

<sup>183</sup> Lenda de Eco. Eco foi personagem principal de numerosas lendas que tinham por objetivo explicar a origem do eco. Eco era uma ninfa, reconhecida pelo seu encanto, juventude e beleza, que vivia nas montanhas e nas grutas. Foi uma das ninfas que acompanhou a deusa Hera quando está se casou com Zeus. Eco tinha a tarefa de distrair a atenção de Hera, com conversas e cantos, sempre que Zeus se ausentou nas suas aventuras amorosas com deusas e mortais. Quando Hera descobriu a artimanha, castigou Eco, retirando-lhe a voz e fazendo-a repetir sempre a última sílaba das palavras que eram faladas na sua presença. A ninfa Eco ficou conhecida como "aquela que não sabe falar em primeiro lugar, que não pode calar-se quando se fala com ela, que repete apenas os últimos sons da voz que lhe chega" (Ovídio, Metamorfoses). Pouco tempo depois, Eco apaixonou-se por Narciso, mas impossibilitada de lhe confessar o seu amor e ignorada por ele, refugiou-se nas cavernas, onde morreu de desgosto e onde ainda hoje se consegue ouvir o eco da sua voz. Quanto a Narciso, este foi castigado pelos deuses por ter recusado Eco. Condenado a apaixonar-se pela sua própria imagem, Narciso morreu a olhar para o rosto refletido nas águas de um lago. Porto Editora – Lenda de Eco na Linfopenia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consulta. 2023-04-24 18:58:28]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$lenda-de-eco](https://www.infopedia.pt/$lenda-de-eco)

<sup>184</sup> Quadro abaixo



plantei<sup>185</sup>. Terra, ela mesma semelhante a torneira aberta da nascente, tem estoque finito. Pensemos nos modos de ganhar essa partida. Porque adentramos na casa de um truqueiro.

Tio Altino sempre se casou com mulheres poderosas, um conquistar altivo, alto de encentadura. Jogador. Mudou depois de casado pra Tiririca, e depois pra morada nova no recasar, quase no mesmo lugar, na terra herdada, que nutre a forma afetiva da dicção alta que decompõem tratados de arrendamento<sup>186</sup> nos atos de serviço. Ai ai, a vida no campo. Lá, até a romantização do campo volta a aparecer. Gosto de onde o sol se põe na bacia do Tiririca. Me lembra dos momentos de guerra fria entre mim e o Diogo, filho dele. Somos da mesma idade, inteligente de observação e gays desde então. Há! Como era bom a guerra fria, podia até visitar. Porque em muitos momentos do nosso amadurecimento, e por sermos da mesma idade, vindo de uma família de muitos primos, éramos submetidos ao regramento dos demais, por curiosidade grande parte héteros, fazíamos brigar. Eu sempre competitivo de família, não me aguentava, batia no Diogo, que sempre abria o aguaceiro na dicção pimpim. Momentos de guerra. Era bem mais recorrente que se parece. As maldades ocorrem na mucia<sup>187</sup>.

Hoje é diferente, já pedi desculpas e acredito que a minha vida é melhor com ele, que inclusive está aqui com a Janaina sua irmã, são os que mais gostam de folia. Douglas, o outro irmão, é nerd, jogador de LOL, às vezes online por aqui. Caminhamos rumo ao altar do salão. A atenção é a maturidade coletiva que os filhos depositam em articular a fé alheia e vossa, é uma aglutinadora de troféus, pinga e tira gosto. Logo já se escuta: “Hô povo, chega pra cá!”. Conectando quem vem lá.

Saudamos todos novamente, do bangela ao com dente, que entretidos nos acura Adão: “Problema de você!” pra toda e qualquer inquietação que a vida

---

<sup>185</sup> O Torrãozinho, mascote que marcou uma geração inteira de meninos e meninas ensinando a cuidar da natureza, está de volta. É o Programa Semeando, criação do Sistema FAEMG que retorna em 2022 com a parceria do Sebrae para levar às crianças e educadores uma compreensão crítica e global sobre a importância do agronegócio e a relação campo-cidade. As ações serão direcionadas a alunos e professores do Ensino Fundamental I das escolas municipais e estaduais mineiras. Juntos, eles serão orientados para gerar valores e atitudes para que as crianças atuem com empreendedorismo no desenvolvimento de iniciativas coletivas locais e na conservação e utilização adequada dos recursos naturais. O objetivo é estimular a formação de futuros cidadãos, conscientes da importância da preservação ambiental, sustentabilidade do sistema e visão empreendedora. <http://www.faemg.org.br/programas/programa-semeando#:~:text=%C3%89%20o%20Programa%20Semeando%2C%20cria%C3%A7%C3%A3o,e%20a%20rela%C3%A7%C3%A3o%20campo%2Dcidade>.

<sup>186</sup> MARX, K. O capital. Crítica da economia política. Livro III. São Paulo: Boitempo. Cómo se convierte la ganancia extraordinaria en renta del suelo. (CAP. 37, p. 574-575)

<sup>187</sup> Significado: Aflição, angústia, agonia, incômodo, desconforto, sensação desagradável.

envenenada tem que nos dar. Nos organizamos em frente a bandeira, avistamos uns 30 troféus de torneio de truco. Firmamos o pacto no salão novato. A percussão nos cativa. Lépidos, encunhamos uma única ferramenta, a vanguarda do vanguardista, base familiar. “Santos Reis, santo festivo, santo dos de humor oscilante, devoto das preces das pessoas a cantoria é para os presentes e os visitantes”. Feito o primeiro ato, o Terço é certo. Não perdemos hora, já são dezessete.

Finalizado o terço, a prenda é certa, garranos sentido ao tira jejum. Há de notar que todo dia bom tem que haver truco. Há troféus que não são conquistados com plefe, truco ou sorte, esse jogo tem nobreza, que está nas cartas dos quatro ocupantes de tamboretos organizados, face a face<sup>188</sup>. Já assunto um desses preciosos lugares à mesa e chamo um velho amigo meu pra então, ganhar uma partida, Levinas<sup>189</sup>, corre cá.

Senhor curioso, falador de mãos ágeis e olhar de cegonha<sup>190</sup> mostra já de início que a condição humana não é simplesmente moldada pela racionalidade, mas é dependente de muitos elementos estranhos que essa razão busca clarear e compreender. Há no homem a “ordem do outro”, que são as partes principais da existência humana que permanecem às escuras e de forma enigmática<sup>191</sup>. Um ótimo jogador, cêis vão ver, digo em voz de superioridade. Mas o senhô continua o verbo “(..) o eu e o mundo do Outro não podem ser reduzidos aos critérios colocados pela razão. O Outro se apresenta como aquele que se recusa a ser conteúdo, que não pode ser englobado pelos sentidos existenciais”<sup>192</sup>.

Lévinas, peraí então, toma uma pinga e solta uma risada. O que o senhor tá dizendo é que o “outro” sempre inunda o espaço do “mesmo” e rompe os perímetros do que é conhecido?

Como em ar de resposta definida continua:

---

<sup>188</sup> HUTCHENS, Benjamin C. Compreender Levinas. Trad. Vera Lúcia M. Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2004.

<sup>189</sup> LEVINAS, Emmanuel. Totalidade e infinito. Trad. J. P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988.

<sup>190</sup> A Lituânia foi o primeiro país a se tornar independente da União Soviética. TERRA DAS CEGONHAS. A cegonha é o animal nacional e acredita-se que ela traz harmonia para as casas onde faz ninho. As crianças lituanas ainda acreditam que são as cegonhas que trazem os bebês. No dia 25/03 celebra-se o Dia da Cegonha pendurando presentes para crianças em galhos, acendendo fogueiras de palha e outros rituais arcaicos.

<https://slaviantours.com/blog/11-curiosidades-sobre-a-lituania/#:~:text=A%20cegonha%20C3%A9%20o%20animal,palha%20e%20outros%20rituais%20arcaicos.>

<sup>191</sup> Gabriel Machado Araujo, sob a orientação de Pedro Roberto Jacobi, com a colaboração de Luciana Travassos e Enrique Leff, na área de Ciências Ambientais no 28º Simpósio Internacional de Iniciação Científica e Tecnológica da USP - SIICUSP. Macrometropole paulista: Environmental ethics and the production of holes (fase internacional).

<sup>192</sup> LEVINAS, Emmanuel. Totalidade e infinito. Trad. J. P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988. p. 80.

“O outro não se insere na “esfera de uma totalização ou do mesmo, ele ganha o estatuto de infinito”<sup>193</sup>.

A mesa vibra, pede outra pinga, sua presença extravasa qualquer compreensão da razão. Solateiro, dá sua cartada final, dizendo:

“O Outro coloca o eu sob o aspecto da responsabilidade, justamente porque os seres humanos expressam sua singularidade na relação social de “maneira misteriosa”. Nos deixa claro que há algo na interação dos homens que nos instiga, mas que permanece irreduzível e inexplicável. Assim, a responsabilidade do eu será uma responsabilidade pelo rosto do Outro. Isso impõe no eu, a sua condição de liberdade. A responsabilidade o tornará livre. Essa responsabilidade com o outro é fundamental, pois nascemos num mundo relacional que não podemos ignorar ou fugir”<sup>194</sup>.

“O face-a-face com o outro vai exigir de nós a responsabilidade dessa partida companheiro”, digo a ele. Dessa forma, descobre-se a experiência da liberdade no processo de relacionar-se com o outro e truca roubando. Na mesa de truco eu já nervoso ele continua “então o eu vou se colocar sempre com um novo e necessário compromisso para o bem-estar dos demais”, tirar sarro, perdendo a mão.

O baralho está no pé, digo a ele, mas Levinas, responde; olhando no rosto do Outro que sempre vai exigir que reconheçamos as nossas responsabilidades<sup>195</sup>. “Vamo trucar nisso? Truco!”

Truca, gritado, na mesma respirada. Olhamos, todos os quatro da mesa,	
rimos. Perdemos o truco e ganhamos o finito. Soa o repetente, saio lembrando:	
cada qual para o que nasce,	E outro de negociar.
cada qual com sua classe,	Outro vive de enganar -
seus estilos de agradar.	o mundo só presta assim:
Um nasce para trabalhar,	é um bom outro ruim,
outro nasce para briga,	e eu não tenho jeito pra dar.
outro vive de intriga,	Pra acabar de completar:

---

<sup>193</sup> Jorge Luiz Barbosa. O princípio da responsabilidade na relação face-a-face em Levinas. 21 de maio de 2009.

<sup>194</sup> Jorge Luiz Barbosa. O princípio da responsabilidade na relação face-a-face em Levinas. 21 de maio de 2009

<sup>195</sup> Levinas quer nos mostrar com o princípio de responsabilidade que a outra pessoa é um outro mundo que brilha através do seu rosto, e que não pode ser redutível às ideias que a razão deseja. O Outro se manifesta para o relacionamento de forma misteriosa, exigindo através do infinito presente no seu rosto a responsabilidade do eu. Por isso, o eu estará sempre sendo perseguido pelas exigências que a face do outro coloca. Jorge Luiz Barbosa. O princípio da responsabilidade na relação face-a-face em Levinas. 21 de maio de 2009. <https://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=304>

Quem tem o mel, dá o mel.

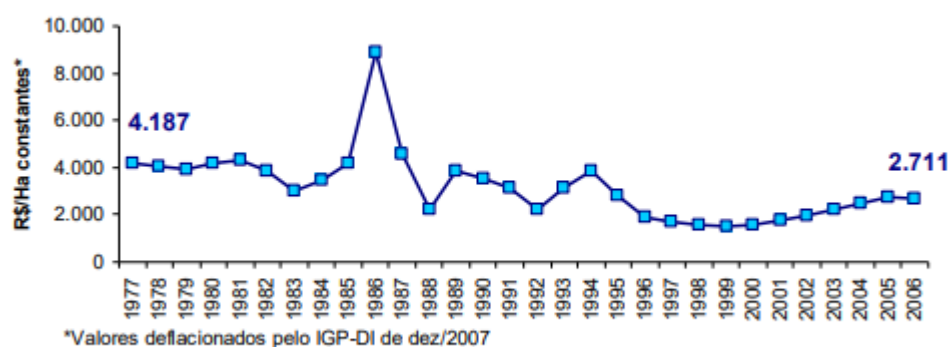
Quem nada tem, nada dá.

Quem tem o fel. dá o fel.

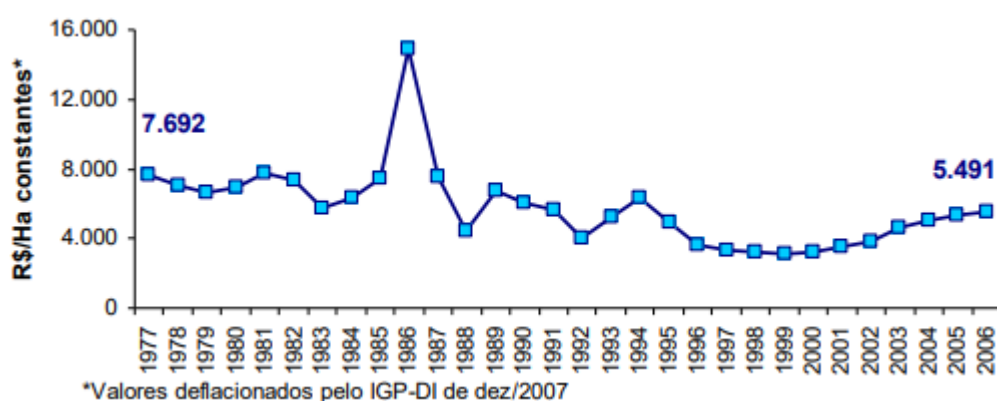
*Da sagrada escritura dos violeiros... José Ramalho*

Ficamos nos trucos e a saudação final já foi dada, convites feitos, partimos pro  
pouso.

**Gráfico 1 - Evolução do Preço de Venda de terra Pastagens - Brasil**



**Gráfico 2 - Evolução do Preço de Venda de terra Lavouras - Brasil**



A elevação dos preços da terra no Brasil no período 2000 a 2006 foi motivada por vários fatores. A política cambial foi favorável às exportações agropecuárias em alguns anos desse período e, desse modo, vários complexos agroindustriais se beneficiaram, em especial as carnes e a soja e derivados. Como a demanda de terras é uma demanda derivada do comportamento dos produtos, sem dúvida o bom desempenho destes afetou o preço da terra. O crédito rural foi outro fator de impulso ao preço da terra, pois entre 2000 e 2006 o aumento do volume de recursos para produtores e cooperativas aumentou em 63,0% em valores reais. Até 2007 esse aumento foi de 80,4%. Faz parte desse ponto uma mudança substancial na política agrícola que foi a criação do Programa Modernafrota que provocou grande aumento no número de tratores e máquinas agrícolas através da criação de linhas de crédito de investimento.

**Tabela 9 - Variação dos preços de terras entre 2000 e 2006/07 - Dólar/Ha**

	Brasil		Variação %	USA		Variação %
	2000	2006		2000	2007	
Preços de Terras de Lavouras	885,73	2.312,10	161,04	3.459,47	6.671,84	92,86
Preços de Terras de Pastagens	428,14	1.140,29	166,34	1.257,76	2.866,42	127,90
Preços de Arrendamentos de Lavouras	76,64	140,97	83,94	166,80	210,04	25,93
Preços de Arrendamentos de Pastagens	35,31	65,83	86,43	21,99	29,65	34,83

Fonte: FGV-FGV DADOS e USDA (2007)  
Elaboração dos autores

## . Jacinto e Zélia

Já saímos à noite, voltamos o rastro da estrada, passamos novamente no corguinho e entramos nas sortes de terras da Dona Zélia. Professora da escola, foi cinco vezes eleita mulher vereadora de PO<sup>196</sup>. Duas vezes presidente da Câmara. Tio Jacinto, seu esposo, deve ter acompanhado pelo menos duas mil pessoas, chuto, para legalização dos documentos (título, identidade, aposentadorias, certidões de nascimento...). Um casal de padrinhos do povo.

Chegamos no final de mais um dia, vemos o povo reunido a distante da entrada, “Sábado, né? Solta um comentário Marimbondo<sup>197</sup>. Sinal de que o pouso está cheio. Irmãs, Irmãos, filhos, sobrinhos, genros e netos, todos quase sempre presentes. A bandeira que já chegou faz hora, já foi recebida na sombra de uma amoreira pé de porteira com os anfitriões. Nós entramos e já espiamos, entre o que estão, vão vir e os que já se foram. A penumbra de uma lembrança certinha me vem, saúdo meus espíritos recuerdos de Douglas, jovem folião amado, falecido de acidente recente. Já antes mesmo de nada, vou em direção a pinga e bebo uma com ele, foliamos por quem daria tudo para estar aqui. Em partilha, cumprimento a primaiada, que em casa da professora sempre tem um ar de pedagogia, lugar de recreio, as posições no alpendre e varadas com pilastras nos faz conversar. Artes e fatos. Pouso feliz, com cara que prolonga a noite e diminui a pinguinha. Rompemos então ao hino e cantos espirituais, porque no segundo dia finalizado, ainda nem se clama canseira.

Chumaça<sup>198</sup> iniciada, visto a possibilidade de umas modas de violas no final da noite, caixas até aceleram e nascem pelo menos dois Jackson no pandeiro<sup>199</sup>. A direção da casa ensinou que... o folclore abarca todo o campo da tradição, a cultura material e a cultura espiritual”<sup>200</sup>, estamos apoiados. Mas são exigentes, tem folião de pé a frente. Em sala decorada com estimados livros, carros de bois e fotos de família, abençoemos a ciência do saber popular e a educação no campo, e certamente as experiências preciosas do rigor científico que é ensinar.

---

<sup>196</sup> <https://eleicoes.poder360.com.br/candidato/1491738#2016>

<sup>197</sup> Apelido carinhoso de um folião.

<sup>198</sup> peça de madeira semicircular entre os cocões para fazer o carro de boi cantar; Adaptado do texto do Dicionário de Caetité Mês, de André Koehne; Museu do carro de boi. <https://www.carrosdeboi.com.br/>

<sup>199</sup> Jackson do Pandeiro. Mpb Especial (1972)

<sup>200</sup> (FLORESTAN, F. 2003, p. 59)

Abrimos um terço colorido, todos se aproximam aos pés do altar, vou pra lá, e peço sigilo. Cotado, rezo um mistério para uma unção, benção, para os sem nação. Mesmo que nasçam. Mas vivem e vem. As mentes amam também. Amém.

Inhambu pia no brejo, chuva moio a teia, põe cachaça nesse verso gaiteiro.

Seguimos pra janta, de repetente na partida, escuto conversas de português (...) “o que que é uma gramática? O que que é uma gramática? Que eu não estudei, mas eu li ela por acaso. O senhor quer saber o que é gramática? Vou fazer rimado pro senhor ver. A gramática é uma ciência de remota antiguidade por ter a chave da língua ela mostra com realidade. Mostra a origem das palavras com suas propriedades. São nove partes, doutor, que compõem a oração. Artigo, nome, verbo, substantivo no particípio ou na conjunção. Preposição, pronome e advérbio e a interjeição. E temos dramaticamente doutor, cada frase um elemento. Na lógica temos três. Que coincide no momento. A gente, sujeito, verbo e atributo ou comprimento. Doutor, tá satisfeito? Do caipira não duvida mais? Sabe que o caipira conhece os termos gramaticais. O cantor quando tem senso doutor, os versos mostram sinais. Agora cê puxa a corda na mão pra vê quem puxa mais. Se a aranha anda pra frente, caranguejo anda para trás<sup>201</sup>”. Palmas mobilizadas.

Acabou o segundo dia.

---

<sup>201</sup> Transcrição do CD Trovas e Versos do Calangueiro. ERNESTO VILLELA. Ernesto Villela nasceu em São José dos Campos, em 24 de agosto de 1916, no local chamado “mangueirão do Chico Pereira”, conforme afirmação de Alcemir Palma. O local é onde atualmente estão as instalações da antiga Tecelagem Paraíba. O pai natural de Guaratinguetá era Antenor Sales Villela e a mãe chamava-se Maria José da Costa Villela. O pai de Ernesto chegou a estudar em um colégio salesiano, encaminhado pelos progenitores Major de Sales Villela e Maria Januária dos Reis Villela. Alcemir Palma não mencionou, mas deduzimos que o pai de Ernesto deve ter estudado no Colégio São Joaquim de Lorena. Vindo a residir em São José dos Campos, Antenor Villela foi cuidar da fazenda em que nasceria mais tarde Ernesto Villela e mais sete irmãos. Com a crise do café, assim como para muitos no Vale do Paraíba, a opção foi o gado leiteiro. O futuro calangueiro já atuava como tropeiro e além das atividades costumeiras, as tropas exerciam a função de mensageiros. Como a situação financeira piorou, o pai de Ernesto vendeu a fazenda em 1940 para pagar dívidas. Ainda consegue adquirir uma chácara no Bairro de Santana. A partir de então, Ernesto Villela passa a administrar outras fazendas em São José dos Campos, mas já havia desenvolvido o lado de cantor influenciado por Ana Rosa Alves Viana, avó materna, conhecida como Vó Sinhana. Conforme Alcemir, Ernesto Villela afirmava que “a grande herança deixada pela avó foi a facilidade com que fazia versos de improviso e cantava cana-verde, música dançante, em que os participantes ficam em roda e os cantores se desafiam por meio dos versos”. (...) Ernesto teve contato com o calango já em meados de 1940, desenvolvendo seus dons e iniciando sua própria carreira. Ao longo dos anos, devido à habilidade, rara inteligência ao compor rimas e desafios, mereceu ser denominado Mestre Calangueiro.

## Dia III - 27/12

### Carlos

*“O ‘Velho Chico’ corre onde Deus determinou”<sup>202</sup>. Soava na rádio distante quando me acordam. Estou seco querendo água e o som zunido continuava. “A respeito da tão falada transposição do Rio São Francisco, penso da seguinte forma: não se pode combater a seca com propagandas enganosas e mentirosas. É inconcebível a ideia de amenizar os problemas do semiárido Cearense, Paraibano e Potiguar e aumentar os do semiárido de Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais. Os ambientalistas brasileiros, depois de um longo e profundo estudo, se posicionaram contra a transposição. Atitude sensata, pois as águas do ‘Velho Chico’ correm onde Deus determinou.” Bom dia.*

Se não me engano, já busco um café e parto rumo à Folia. Fico questionando a rádio por não dar gerenciamento no discurso<sup>203</sup> do senhor, mas ele já depôs<sup>204</sup>. Vou observando a estrada. Aqui sempre temos um rio no meio, ir ou não no Carlos, fizeram questão uns anos e outros não. O motivo é que ali se construiu uma fazenda de agronegócios, gira morador, como dizem. Derrubaram as imensas árvores para o ingresso da produção de cebola e tomate, até então. Tudo mecanizado e aguado. Resultou em assoreamento, sempre muito difícil saber se é uma casa de passagem.

---

<sup>202</sup> 2ª Antologia Literária Olegarensis (2005) narra a fala de Elmiro Alves do Nascimento, político brasileiro do estado de Minas Gerais, que foi prefeito de Patos de Minas e governou o município de 1997 a 2000, sempre filiado ao PFL, hoje DEM Elmiro Alves do Nascimento, político brasileiro do estado de Minas Gerais, que foi prefeito de Patos de Minas e governou o município de 1997 a 2000, sempre filiado ao PFL, hoje DEM. Começou a carreira na política como candidato a deputado estadual, em 1978. Atualmente é deputado estadual na Assembleia de Minas Gerais, assustando que:

<sup>203</sup> Lei nº 13.199, de 29 de janeiro de 1999, que confere a A Política Estadual de Recursos Hídricos e o Sistema Estadual de Gerenciamento de Recursos Hídricos - SEGRH-MG, nos termos da Constituição do Estado e na forma da legislação federal aplicável, que dispõe no Art. 4º - O Estado assegurará, por intermédio do SEGRH-MG os recursos financeiros e institucionais necessários ao atendimento do disposto na Constituição do Estado com relação à política e ao gerenciamento de recursos hídricos,

<sup>204</sup> CPI da Copasa: ex-vice-presidente da companhia e ex-prefeito de Patos de Minas, Elmiro Nascimento depõe na comissão Oitiva foi realizada na quarta-feira (28). CPI foi aprovada pela Câmara após denúncia sobre possível descumprimento do contrato existente entre o Município e a Companhia. Por Lucas Figueira, G1 Triângulo e Alto Paranaíba. 29/07/2021 <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2021/07/29/cpi-da-copasa-ex-vice-presidente-da-companhia-e-ex-prefeito-de-patos-de-minas-elmiro-nascimento-depoe-na-comissao.ghtml>



Não fomos, mas gostaria de lembrar<sup>205</sup>. Perto de muita água é tudo feliz, Carlos.



Foto: 23 Represa no córrego Tiririca, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

---

<sup>205</sup> MOYO, Sam; JHA, Praveen; YEROS, Paris. “The classical agrarian question: Myth, reality and relevance today”. *Agrarian South: Journal of Political Economy*, 2013, vol. 2, no. 1, p. 93-119. Na disciplina cursada de TRANSFORMAÇÃO AGRÁRIA NO SUL GLOBAL. Prof. Andrea Santos Baca

[Santos.baca@ufabc.edu.br](mailto:Santos.baca@ufabc.edu.br) . EMENTA: Esta disciplina tem por objetivo introduzir aos alunos de Pós-graduação a evolução da agricultura na economia mundial e a transformação do campo ao longo do século XX, com destaque aos países da África, Ásia e América Latina/Caribe. Serão fornecidas ferramentas conceituais para se pensar a questão agrária contemporânea e apresentados os debates referentes aos desafios do século XXI, especialmente o do desenvolvimento nacional, igualitário e sustentável. Destacaremos, entre as várias dimensões da questão agrária, a crescente monopolização do sistema agroalimentar global, a persistente crise agrária e o êxodo rural, as experiências de reforma fundiária e agrária, os desafios da produção camponesa e agroecológica e o papel dos movimentos sociais contemporâneos. (Ouvinte, 2023.1)

## *Histórias de assombração*<sup>206</sup>



Foto: 24 Jatobá em dois perfis e horários diferentes, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

Era uma vez um cavaleiro pequeno, adolescente, que tinha um sonho, chegar antes do escurecer em casa. Ele passou o dia todo com seu pai e padrinho levando gado de uma fazenda para outra, estava cansado. Quando viu a tia que morava nem perto nem longe, quis ficar na casa dela. Mas tinha que voltar à tarde pra casa, não tinha como. Sua mãe tinha pedido que voltasse.

Era sábado de lua cheia. Ótima para cavalgar. Já no meio do caminho iluminado pela lua. Ele conseguia ver bem os vultos. Em uma encruzilhada, seu pai anuncia que vai passar no colchete abaixo que tinha deixado aberto na ida. E mandou o menino ir pela estrada que era mais seguro.

Concordou e foi, estava uma noite de dia quente. Tudo muito agradável, até na porteira onde iria encontrar seu pai. Mas ele não chegou no mesmo momento.

Assim, esperou. Olhando pra frente via um jatobá guardador de segredos. Sempre teve medo das histórias que contavam das suas sombras. Entretanto o adolescente nunca acreditou, gostava das suas grandes copas e como podia brincar com os seus frutos.

Mas nessa lua cheia, um evento raro começou a acontecer, seu cavalo estava todo inquieto, seu cachorro rangia. Segurou com vontade mas não adiantou. Logo lembrou do santo cristo que veio a terra, juntou as mãozinhas e soletrou os salmos<sup>207</sup>,

---

<sup>206</sup>

<sup>207</sup> (Salmos 23:4): "Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, Não recearei mal algum, porque tu és comigo: O teu cajado e o teu bordão, eles me confortam

“... que... os vales da sombras... venham ao nosso... cajado.” Estava completamente tomado pelo medo.

Logo lembrou de qual era a história antiga deste jatobá guardador de segredos. O fato era que, se você passasse debaixo dele em noite de lua cheia, você saberia o dia da sua morte.

Gélido, algo assusta seu alazão. Ele abraça com todas as forças o pescoço do seu salvador e o toca em maior velocidade. Fechando os olhos. Salta a galopar. Mas a regra é clara, passou embaixo, saberia o dia da sua morte<sup>208</sup>. Ele se negou a olhar a morte. E ela o puniu, ceifando a sua vida.

O pai nunca encontrou, nem o alazão e o cão. Ficando apenas as sombras do jatobá guardador de segredos para saber do fim.

**Moral da história:** Nunca pisque debaixo do pé de Jatobá, brincadeira. A Moral é: Toda saudade é uma espécie de velhice.



Figura 19 Albrecht Dürer, O Cavaleiro, a Morte e o Diabo (1513) 1513. Técnica de calco gravura. Dimensões 24,5 cm x 19,1 cm. Localização: Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque.

---

<sup>208</sup> Música- Esse filme que passou foi bom. Letrux, 2020. “Todos os anos da sua vida você passa pelo dia da sua morte sem saber. Todos os truques que você usa sempre saem da sua boca pra tu sobreviver.”

## Afonsinho e Eliana

Passados os apuros da estrada, que abrem os olhos pra vida, já avistamos na curva da estrada os carros já postos para partir o dia. E o povo no alpendre, lá a gente se encontra... “E se lembra de coisas que a gente nunca soube, mas que estavam lá dentro de nós; não sei - Proust devia explicar isso direito”<sup>209</sup>. Saudamos todos de mãos dadas novamente e beijamos a bandeira adorada. O caldo de frango já está no fogo. A diretoria está traçando o giro do dia, aproveitamos para colocar as potocas no guia.

No Alpendre se escuta:

Aquela terra é boa, viu<sup>210</sup>.

Quem arrendou? E  
terratene<sup>211</sup> de fãmia.



Foto: 25 Alpendre, fazenda do Afonsinho, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

---

<sup>209</sup> Em busca do tempo perdido (do francês *À la recherche du temps perdu*) é uma obra romanesca de Marcel Proust escrita entre 1908-1909 e 1922, publicada entre 1913 e 1927 em sete volumes, os três últimos postumamente em Lúcio Costa, “O aleijadinho e a arquitetura tradicional”, O Jornal, edição especial de Minas Gerais, Rio de Janeiro <<https://www.platformspace.net/home/o-aleijadinho-e-a-arquitetura-tradicional-the-little-cripple-and-everyday-architecture> >

<sup>210</sup> A propriedade territorial pressupõe o monopólio de certas pessoas que lhe dá o direito de dispor sobre determinadas porções do planeta como esferas privativas de sua vontade privada, com a exclusão de todas as demais. Partindo disso, se trata de explorar o valor econômico, é dizer, de valorizar o monopólio da base de produção capitalista.

<sup>211</sup> Nada mais cósmico que a argumentação da propriedade da terra privada de Hegel. O homem como pessoa necessita dar realidade a sua vontade com a alma da natureza exterior e, para tanto tomar posse desta natureza como sua propriedade privada. Se isto fosse a definição “da pessoa”, do homem como pessoa, logicamente todo homem deveria ser ‘terratene’ para poder realizar como tal pessoa. A livre propriedade privada sobre a terra - um produto muito moderno- não é, segundo Hegel uma relação social determinada, senão uma relação de homem como pessoa com a ‘natureza’, um direito absoluto de apropriação do homem sobre todas as coisas” (Hegel, *Philosophie des Rechts*, Berlim, 1840, p. 49). É evidente, em primeiro lugar, que o indivíduo não pode afirmar-se como proprietário pela sua “vontade” frente a vontade do outro que quer materializar-se igualmente sobre o mesmo pedaço da crosta terrestre. Para eles faz falta condições muito diferentes de boa vontade. Además, é absolutamente impossível ver onde se traça ‘a pessoa’ é o limite de realização de sua vontade, se a existência de sua vontade se realiza em todo um país ou necessita todo um “montón” de países para manifestar-se por meio da sua apropriação ‘a soberania’ da minha vontade sobre as coisas’ [ob. cit., p. 80]. Ao chegar aqui, Hegel não se mantém em pé. “A tomada de posse tem um caráter muito especial; só se toma posse de aquilo com o que entra em contato com nosso corpo, mas o segundo é, ao mesmo tempo, que os objetos exteriores tem uma extensão maior do que nós podemos abraçar. Ao estar em posse de algo, com ele se relaciona também com outra coisa. Exercemos a tomada de posse por meio da mão, mas o meio de ação da mesma pode aplicar-se (p. 90 [91]). Mas, a sua vez este outro se faz em relação com outra coisa, e desta forma o limite ao qual nossa vontade pode ser despejada está desaparecendo como a alma sobre a terra. Quando possuímos algo, tendemos imediatamente a pensar que não somente o que possuímos diretamente, mas também o que faz conexão com ele. Aqui temos que intervir com os seus preceitos do direito positivo, pois partindo do conceito mesmo não é possível concretizar mais (p. 91). E esta uma confissão extraordinária ingênua por parte do conceito e demonstra que o conceito, apesar de querer fazer passar-se desde o primeiro momento uma concepção a sociedade jurídica da propriedade territorial perfeitamente concreta e correspondendo a sociedade burguesa por algo absoluto, não há compreendido absolutamente “nada” das modalidades reais desta propriedade territorial. E leva implícita, ao mesmo tempo, a confissão de que, ao mudar as necessidades é necessariamente do desenvolvimento social, quero dizer, do

No alpendre podemos nos perguntar questões conselheiras, como por exemplo: De onde vem a renda da terra se a natureza não produz valor? Ou investigar quando choverá pra pôr adubo. Se o queijo e requeijão produzidos tão agregando mais valor. Nesse espacinho é onde se acolhe os cantadores, ao gosto do vovô.



Foto: 26 Foliões afinando as vozes no alpendre, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

Casa farta, de assoalho lustrado e bem enfeitado, as donas da casa são pintoras, artistas plásticas, muito devotas de sua natureza. Nos recebem com alegria, a filha tem vocação pra folia. E no casarão dos Afonsos nós convocamos a vocação, armamos cada qual em sua posição e é letrado o verso pelo Capitão. Santificados em nome de nossa tradição, que a família seja abençoada na União. Concluimos com os pedidos de esmola, para qual entender o valor de nossa unção. Logo finalizamos a cantoria e é puxado o terço ao altar preparado. Finalizado, é nos ofertado algo bem-preparado, mãos elegantes já chegam com uma pinguinha pra começar o dia, tomamos afinando as gargantas.

Casas como essas que hospedam muitas histórias e oradores, veem nas coisas naturais sincronia com o real e espiritual. Junto da companhia, um jardim de

---

desenvolvimento econômico, podem mudar e ter necessariamente que mudar também os conceitos do direito positivo. MARX, K. O capital. Crítica da economia política. Livro III. São Paulo: Boitempo. Cómo se convierte la ganancia extraordinaria en renta del suelo.(CAP. 37, p. 574-575)

flores, falamos os cantos dos reis e buscamos vocacionar a esperança do povo. Um cântico de oração que também é de proteção. Assim, alguns dos nossos foliões e também suas companheiras, guardam orações sinérgicas muito semelhantes, mas ditas em tons de raminho<sup>212</sup>. São as benzeções. São feitas por quem tem dom, minha avó tinha dote. “Os(as) benzendeiros(as), pessoas portadoras de um poder espacial, capazes de controlar as forças desencadeadoras de desequilíbrios físicos, emocionais e espirituais. Por meio de benzimento, garantem o funcionamento da normalidade desejada, rompendo-se com o desequilíbrio ameaçador da existência. Apesar de estarem à margem do processo de religião institucionalizada, os(as) benzendeiros(as) ocupam papel de destaque e desfrutam de certa autoridade em suas comunidades”<sup>213</sup>. As rezas são prática baseada em crenças arraigadas na mistificação e executada por meio de um ritual. Cada benzedeira possui um rito próprio, uma maneira singular de benzer, mesmo quando se trata da mesma benzeção<sup>214</sup>. Aqui, de canto de olho, vejo uma destas orações, “peço a Deus virgem Maria, pra tirar todo quebrante ao que é filho de Maria, seja desde então seu guia”. Me vem de ouvido uma outra oração, outra comoção, devoções distintas que se encontram no desvelar da vida para sua proteção:

Deus te gerou	Nos teus cabelos
Deus te regenerou	Nos teus "comer"
Olhado quebrante	Nas tuas carnes
Desse mau, Deus te curou	Na tua disposição
Se for na tua gordura	Na tua boniteza
Na tua formosura	No teu trabalho
Nas tuas carnes	Na tua inteligência
Ou na tua feiura	No teu bom sentido
Nos teus olhos	No teu bom pensamento

<sup>212</sup> MOURA, Elen Criarina Dias de. Entre Ramos e Rezas: o ritual de Benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Paulo: PUC, 2009.

<sup>213</sup> MOURA, Elen Criarina Dias de. Entre Ramos e Rezas: o ritual de Benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Paulo: PUC, 2009.

<sup>214</sup> NOGUEIRA, L.C.; Versonito, S.M.; Tristão, B.D O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas – o caso do Município de Mara Rosa, Goiás. <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/1290/693#:~:text=A%20benze%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20uma%20pr%C3%A1tica,se%20trata%20da%20mesma%20benze%C3%A7%C3%A3o> .

Se for inveja, se for má vontade  
Que seja saído, que seja curado  
Com o poder de Deus e da Virgem Maria  
Amém  
Ave Maria, cheia de graça  
O Senhor é convosco  
Bendita sois vós entre as mulheres  
E bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus  
Gloria ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo

Assim como era no princípio, agora e sempre  
Por todos os séculos, por todos os séculos  
Amém  
Pelo poder de Deus  
Que deus Ihe cure  
Ele há de interceder  
Esse ramo foi embora  
Foi pro lixo, não roga mais  
Já passou, o que tiver que dê... já  
Não roga mais<sup>215</sup>

Em momentos como esse, os Erês do rio chegam com suas flautas, cantando alegres, limpando tudo e qualquer confusão, nó, amarração, fica bonzinho que até canta:

Se um dia fosse chamado pra tocar no céu eu ia  
la lisonjeado, 'cê pode apostar que eu ia  
Leve como uma pluma, melhor, uma melodia  
Na paz dos ancestrais lá das fitinhas da Bahia  
Brilhando como a prata dessa Lua que me guia  
Sambando pelas nuvens como a flauta e tantas guias  
Polvilhado de estrelas, eu sou o escuro que alumia  
Que a noite se não é mãe, na certa é vó, ou então é tia  
Eu penso na plateia com Odoyá e Maria

Jesus, Oxalá, Buda, audiência reluzia  
Alá, Nanã, Omama, Ganesha, Santa Luzia  
Até o do subsolo se espreme e do fundo espia  
Enquanto Deus diz  
Chegou São Pixinguinha  
De Odeon, de Yaô, de batuque na cozinha  
De Carinhoso, olha lá ele com a flautinha  
De Rosa, de Nininha, carne assada, ladainha  
Dos Batuta, Sapequinha e Pombinha e benguelê  
É ele, pode crer, todo mundo adivinha  
Chegou São Pixinguinha

---

<sup>215</sup> Raminho · BaianaSystem  
ATO 1: Navio Pirata  
© 2021 Máquina De Louco  
Released on: 2021-02-12  
Mixer: Daniel Ganjaman

Production Company: Máquina De Louco  
Producer: Daniel Ganjaman  
Mastering: Fernando Sanches  
Lyricist: Roosevelt Ribeiro de Carvalho  
Composer: Roberto Barreto

Amém

Amém

(...)

Se um dia fosse chamado pra tocar no céu eu  
ia

Cochichar no bocal e o vento traduziria

Em algo monumental, que nossa alma acaricia

Pra explodir num louvor, que toda palma  
carecia

Elegância e amor, ó o topete das cotovia

Os santos se amontoam, que o homi é uma  
sinfonia

Orfeu emocionado – isso sim que é poesia

E os anjo amontoado dizendo: Essa arre pia

E eu vendo uma platéia com Odo yá e Maria

Jesus, Oxalá, Buda, audiência reluzia

Alá, Nanã, Omama, Ganesha, Santa Luzia

Até o do subsolo se espreme, do fundo espia

Enquanto Deus diz

Chegou São Pixinguinha

De Odeon, de Yaô, de Batuque na cozinha

De Carinhoso

Olha lá ele com a flautinha

De Rosa, de Nininha, Carne Assada, ladainha

Dos Batuta, Sapequinha, De Pombinha e  
Benguelê

É ele, pode crer. Todo mundo adivinha

Chegou São Pixinguinha





Foto: 27 Benção, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

Lara laiá, lara laiá, lara lalaiá (lara lalarara)

É o pã dessas florestas tropicais

Onde chopãs monumentais

Venceram a insônia

Que impede o povo de dormir em paz

Sabe onde o Brasil jamais foi colônia?

Na flauta do Alfredinho lá do Catumbi<sup>216</sup>

---

<sup>216</sup> A sequência mostra o artista em um estúdio com fundo alaranjado, remetendo de certa forma ao seu álbum mais recente, Amarelo (2019). Na letra da música, o rapper Emicida fala sobre a alegria que sentiria caso fosse possível subir ao céu para encontrar figuras icônicas da música como Pixinguinha. Maestro, flautista, saxofonista,

compositor e arranjador brasileiro, ele é considerado um dos maiores compositores do país e ganhou fama por popularizar o choro. Nascido no Rio de Janeiro em 1897, Pixinguinha faleceu na mesma cidade em 1973, aos 75 anos. Assista ao vídeo de “[São Pixinguinha](#)”

## Paulo

Deixamos o lar e partimos ao futuro<sup>217</sup>, não dando nenhum passo em vão, confiamos na crença. Que seria de maneira palpável uma barragem em leito de rio, que precisa ser firme e com válvulas de evasão, um ladrão, como tipicamente conhecido o mecanismo mecânico pros fluidos fluírem. Além de escoamento, o extravasor também serve como alerta de que a bóia ou outro componente do reservatório apresenta defeitos. Os foliões podem ter esse acesso de conhecimento já na saída da casa do Tio Afonso. Acho que tem a ver com o relevo.

Em um fundo de vale como o de lá, a composição pasteurizada de resíduos ao longo do tempo coloca em evidência a decomposição e sedimentação do relevo em cada geração. Explico melhor e mais simples, acho que nas típicas represas do fundo de vales, somos instruídos a pensar sobre a paisagem. E é um lugar muito bonito, a represa no fundo da casa, com a estradinha passando na barragem. Maneira mais alegórica de dizer que o quê era fluido, ficou rígido e foi contingenciado. Foi feita uma intervenção no leito do córrego, bem típico em solos menos arejados e mais compactados como são os solos argilosos que possuem uma composição muito rica em alumínio, magnésio, ferro, potássio, lítio e outros elementos. O intemperismo retoma a camada de solo e coloca em decomposição o encoberto, movimento inverso e reverso que as formigas nos ajudam enxergar, pois lá, são muito eficientes em seus hábitos construtores<sup>218</sup>. Mas tem como "inoportuna" a sua facilidade de compactação, isso pode dificultar a circulação de ar e água através do solo, para o formigueiro podem ser utilizados como matéria prima. Esse tipo de perfil pode ser corrigido "adicionando condicionadores que tornem a mistura mais porosa e enriquecer essa terra com matéria orgânica"<sup>219</sup>. Situação que há muitos anos não é levada em consideração pois, as ladeiras em 2015 estão tomadas de vassoura<sup>220</sup>, gado e, agora, mais recente, soja.

---

<sup>217</sup> FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. O mal-estar na civilização e outros trabalhos. Volume XXI (1927-1931). Traduzido do alemão e do inglês, sob direção de Jayme Salomão. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1969.

<sup>218</sup> Reginaldo Constantino. Cupins do Cerrado. Editora: Technical Books. 2015. ISBN: 9788561368456

<sup>219</sup> <https://www.brutatec.com.br/blogs/Quais-sao-os-tipos-de-terra-para-plantas>

<sup>220</sup> <https://www.ppmac.org/content/guanxuma-vassoura>

Assim, a compactação firme da terra arrasada, com uma gama de formigas trabalhando sujeitas às intempéries, é o nosso percurso íngreme até a entrada da fazenda de Paulo. Ele é dos Afonso também, mora em Paracatu, mas herdou a

terrinha aqui, construiu casa e tudo mais, fez quintal que ficou um brinco, novas ruralidades, mas esse ano não vamos lá, só os Santos.

Entre as louváveis exceções a este tratamento amorfo ou polissêmico da 'nova ruralidade' nas ciências sociais cabe citar, a título de exemplo, os trabalhos de Carneiro (1998), Wanderley (2000), Veiga (2000, 2004, 2005) Abramovay (2003), Brandenburg (2005) e Favareto (2006).

"Nesta parte, pretende-se mostrar que a chamada abordagem territorial emerge num contexto sócio-histórico muito específico, revelando-se tanto uma categoria empírica, em cuja base estão as transformações recentes muitas vezes batizadas sob a definição ampla e vaga de "novas ruralidade", como uma categoria cognitiva, formulada visando dar conta da dinâmica emanada desta nova situação. A conjunção deste duplo significado contido na ideia de desenvolvimento territorial traz nada menos do que um solapamento das bases históricas e teóricas sobre as quais se constitui toda a tradição dos ramos disciplinares devotados aos estudos rurais ao longo do século passado. Adicionalmente, pretende-se demonstrar também que, menos do que uma nova teoria, a emergência da abordagem territorial implica, sobretudo, no dimensionamento de uma escala específica dos processos de desenvolvimento onde, em vez de uma análise dicotômica do urbano e do rural, torna-se necessário um enfoque relacional, que envolve os dois polos a partir do entendimento de suas relações de oposição e de complementaridade. Uma escala que necessariamente remete ao conceito de região e que obriga a um seu reexame. Uma escala que sugere a necessidade de reabertura de um diálogo entre as ciências sociais e a ecologia, afastadas em demasia tanto por conta das inegáveis especializações que cada uma comporta, como, talvez principalmente, pela necessidade decorrente do processo de institucionalização disciplinar em sublimar mais as diferenças do que as complementaridades, algo simplesmente fundamental no caso de objetos onde a presença da natureza é tão marcante como no caso dos estudos rurais. A chamada abordagem territorial do desenvolvimento rural revela, enfim, um conjunto de instâncias empíricas fundamentais e incontornáveis, uma escala específica dos processos sociais a ela subjacentes e, igualmente importante, a necessidades de se recorrer a teorias sociais ecológicas que deem o devido suporte de análise".

FAVARETO, Arilson da Silva. Paradigmas do desenvolvimento rural em questão - do agrário ao territorial. 2006. Tese (Doutorado em Ciência Ambiental) - Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/T.90.2006.tde-24042008-113514. Acesso em: 2023-04-25. (p. 24 e 25)

## Café (Zé Maria)

Passou o mata burro estamos dentro do café, O símbolo da hospitalidade dos mineiros na cultura brasileira, é tão charmosa a composição de leiras e leiras bem posicionadas. É uma lavoura muito produtiva e de cor bem vibrante durante todas as estações do ano, acho interessante esse tipo de agricultura perene em que a conservação das plantas, sem nenhum evento extremo pode chegar a 25 anos<sup>221</sup>, ciclo de experiência do nosso estudo.

Geralmente a distância das plantas na linha varia entre 50 cm e 1 metro; e de 1,5 m a 4 metros na entrelinha, de acordo com o sistema. Isso dá uma variação entre 2.500 e 13.000 plantas por hectare, segundo estudos de João Leonardo Corte Battistella (2021), doutorado da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" - ESALQ/USP.

Chegando na sede da fazenda, temos a situação característica das fazendas de agronegócio, aqui não são todos os anos que passamos, os donos não vivem na casa, o ex-dono, tinha um ferro velho no município de Patos de Minas (MG), e tem a fazenda como um lugar a ser explorado pela monocultura e, nos últimos tempos, a produção de leite em dois ou mais períodos. É uma rotina de trabalho muito rígida, pois culturas diferentes, os animais e as plantas, exigem um trabalho interdisciplinar de vivência e

assalariado. Assim, poucos caseiros ficam por muitos anos, nem todos os que vêm são da região, ou mesmo são católicos. Em resumo, são assalariados do empreendimento, seu vínculo com o trabalho não garante a vivência da folia, situação que não é excludente a relações, os antigos moradores vem na festa final e garante uma pratada no final.

Mas, nosso trabalho é especular se tem gente que queira receber os três reis por lá, ou mesmo passar a bandeira e rezar por uma boa vida. Quando vamos, tem a ver com a mulher, porque é ela a mais encarregada de ofertar um tira gosto aos foliões. Sinalizada a passagem, chegamos e já ficamos na porta embaixo de um pé de marmeleiro, que é uma "planta de origem persa, ôia é, frutífera e de fácil cultivo, cresce de forma natural em regiões meridionais da França, Itália e nos bosques do

221

<https://revistacafeicultura.com.br/index.php?tipo=ler&mat=30403#:~:text=O%20caf%C3%A9%20C3%A9%20uma%20cultura,tempo%202D%20pelo%20menos%2025%20anos.>

Cáucaso”<sup>222</sup> e pelo visto em terras argilosas de Minas Gerais. É só chegar que já começa a prosa solta dos meninos velhos no pé da planta. Porque além de ter fruta com um gosto bem cítrico, seus galhos finos e grossos são extremamente flexíveis, superdifíceis de romper. Essas guaspas cultivadas na frente das casas, para além de bonitinha, têm, tinham e terão a serventia de botar ordem em casa. A educação dos filhos de lá, sempre foi açoitada pelas passagens por umas boas guaspadas de marmelo, todos já sentimos ou já conhecemos os ‘educados’ pela tunda de uma. Pros mais arditos, que não apanhavam, elas já foram motivo de correria, medo, respeito, pressão e ordenamento de geração. Eu mesmo já amoitei uma que minha mãe tinha poderio, pois uma tunda com elas deixa sequelas, é o ritmo.

Passagem rápida, mas com marcadores importantes, vamos a 2002-2007, prezinho até a quarta série, era natural termos as nossas obrigações ademais dos deveres da casa, nos tornamos membro da família por conta da responsabilidade do trabalho também. Mas nessa idade misturávamos brincar com trabalhar, e as duas situações exigiam que fôssemos muito bem-organizados, pois tínhamos poucas horas de sol. Durante março e setembro, era sem graça, a minha maior companheira sempre estava cansada demais pra essa conciliação. A Lívia, minha amiga, tinha sua vida tocada e cortada abruptamente pela melodia que alcança Mi maior ao Sol Menor, com saltos largos de um registo para o outro, acompanhados de Fá Maior ao Fá Menor, uma velocidade que foi traduzida e que quando ouvi na Sala São Paulo em 2016, me remeteu você. *Le quattro stagioni*, conhecido em português como ‘As Quatro Estações’<sup>223</sup>. Essa sinfonia barroca traduz a passagem das estações, iguais, ditam o ciclo reprodutivo da “Mancha do Café”<sup>224</sup> e das de Lívia.

---

<sup>222</sup><https://casa.umcomo.com.br/artigo/como-plantar-marmelo-20766.html> SOBRINHO, J. S.; MONTENEGRO, H. W. S. Ensaio da época de plantio de estacas de marmeleiro. Anais da Escola Superior de Agricultura Luis de Queiroz, Vol. 6, 1949. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/aesalq/v6/14.pdf>. Acesso em: 19/10/2020. CARVALHO, F. C. de; ARAÚJO FILHO, J. A. de; GARCIA, R.; PEREIRA FILHO, J. M.; ALBUQUERQUE, V. M. de. Efeito do Corte da Parte Aérea na Sobrevivência do Marmeleiro (*Croton Sonderianus* Muell.Arg.). Revista Brasileira de Zootecnia, Vol. 30, Nº 3, Suppl. 1, Viçosa, 2001. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-35982001000400004](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-35982001000400004). Acesso em: 31/10/2020. SILVA, F. G.; OLIVEIRA, G. L. Conhecimento popular e atividade antimicrobiana de *Cydonia oblonga* Miller (Rosaceae). Revista Brasileira de Plantas Mediciniais, Vol. 15, Nº 1, Botucatu, 2013. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-05722013000100014](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722013000100014). Acesso em: 24/10/2020.

<sup>223</sup> Sendo quatro concertos para violino e orquestra do compositor italiano Antônio Vivaldi, compostos em 1723. Por, Gonçalves, Albertino. Música e Cultura: As Quatro Estações de Vivaldi, os seus Sonetos, e as pinturas de Marco Ricci». Música e Cultura. <http://musicascomcultura.blogspot.com/2012/06/as-quatro-estacoes-de-vivaldi-os-seus.html>

<sup>224</sup>Mancha de Café. A situação dos trabalhadores rurais na produção de café em Minas Gerais e a responsabilidade social corporativas dos supermercados. Informe da Oxfam Brasil. julho de 2021. <https://www.oxfam.org.br/justica-rural-e-desenvolvimento/por-tras-do-preco/mancha-de-cafe/>

A Região do Cerrado Mineiro é de origem produtora de café de alta qualidade, reconhecida mundialmente como a primeira “Denominação de Origem” do Brasil, surgiu no noroeste do Estado de Minas Gerais<sup>225</sup>, que é onde está PO<sup>226</sup>. Quando um dado como esse é contado a um fazendeiro, a situação é escutada com atenção, muita das vezes as siglas não ajudam. Mas, como aprendi com os métodos, aplicar as escalas e dinâmicas dentro do limite de uma fazenda para eles, é muito bom, eles são peritos disso, então acabam se interessando e se tornam próprios do conto.

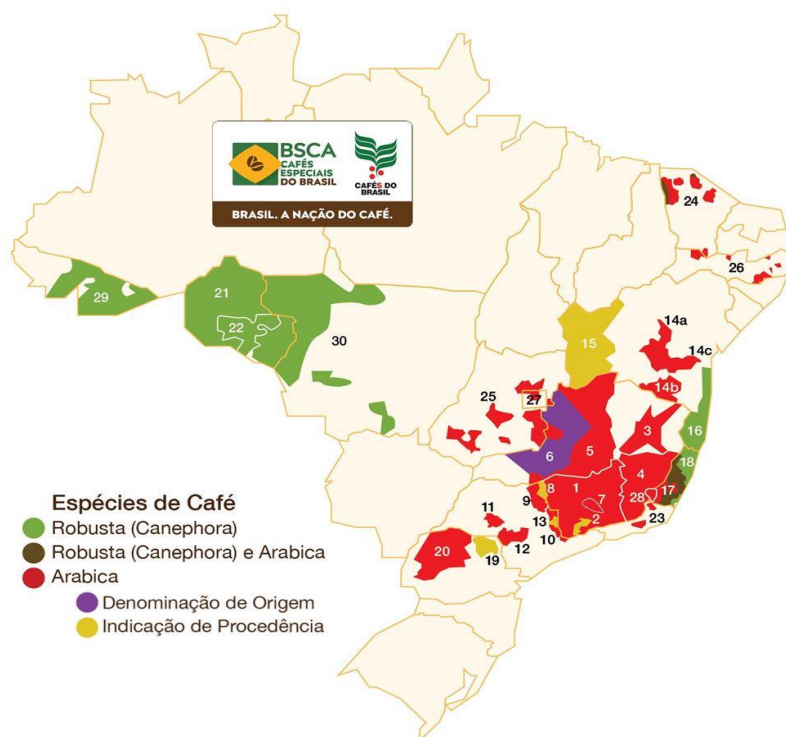


Figura 20 Acompanhamento da Safra Brasileira V. 4 – SAFRA 2017, setembro 2017. Conab; BSCA – Cafés Especiais do Brasil; Relatório sobre o mercado de café – setembro de 2017. International Coffee Organization.

<sup>225</sup> <https://intranet.cerradomineiro.org/index.php/farmId/produtor/633/>

<sup>226</sup> Vejamos a Associação Brasileira de Cafés Especiais (BSCA), que nos mostra no mapa acima.

Com a denominação “Origens de Café no Brasil”, o mapa apresenta as 30 áreas de produção no País, sendo sete em Minas Gerais, seis em São Paulo, três na Bahia, duas no Espírito Santo, no Paraná e em Rondônia e uma no Rio de Janeiro, Ceará, Goiás, Pernambuco, Distrito Federal, Acre, Mato Grosso e na divisa entre Espírito Santo e Minas (Caparaó). Entre elas, estão incluídas a Denominação de Origem do Cerrado Mineiro e as Indicações de Procedência da Mantiqueira de Minas, Alta Mogiana, Região de Pinhal, Oeste da Bahia e do Norte Pioneiro do Paraná.  
<https://www.cafepoint.com.br/noticias/giro-de-noticias/mapa-das-origens-produtoras-de-cafe-e-atualizado-pela-bsca-214745/>

É, não é por menos que PO tem a festa da produção e não uma festa da especialização. Mas, voltemos à Lívia, que enquanto os foliões estão esparramados por uns minutos, já avistam a próxima casa. Mas resgatar as piadas enquanto outros assustam os moradores pelas suas crias e criações, não é difícil pros viajantes. Faz parte contar o que não é segredo pra ninguém, tem até quem dignifique, mas essa mulher que nasceu, logo cedo acordava no café. Entregue a criação da Maria Bitá e do Tião Bitá, tios dela. Vamos passar amanhã na casa deles. Ela foi filha de mãe solteira preta, aos primeiros meses de vida foi cuidada pela família negra e numerosa, que já tinha tido todos os filhos, e tinha idade dos netos deles, quando chegou. Então, com a família já criada a panha de café da Maria Bitá com a meninada já não é

raridade. E junto deles uma série de outros migrantes panhadores<sup>227</sup>, que vinham para essas áreas de produção todos os anos em busca de trabalho<sup>228</sup>. Unidade latino-americana, recorde de um repórter desajeitado que explicava como era feita às palhas de café na Costa Rica, no Globo Rural, estavam em relevo bem montanhoso e as crianças se seguravam bem<sup>229</sup>, levou um tombo que tira riso até agora.

Lívia apanhava café como Vivaldi compunha. Velozes. Festivos e perigosos. Arrancava com destreza os mais chegados no vermelho e mantinha a alegria dos

<sup>227</sup> MIGRAÇÕES TEMPORÁRIAS E AS RELAÇÕES DE TRABALHO NO CAMPO: O CASO DA CAFEICULTURA DO CERRADO Maria Andréa Angelotti Carmo Universidade Federal de Uberlândia - UFU [http://www.lagea.ig.ufu.br/xxIenga/anais\\_enga\\_2012/eixos/1402\\_1.pdf](http://www.lagea.ig.ufu.br/xxIenga/anais_enga_2012/eixos/1402_1.pdf)

<sup>228</sup> Gênero, migração e trabalho temporário: vidas em trânsito pelas lavouras de café do Sul de Minas Gerais CELSO ANTÔNIO SPAGGIARI SOUZA RITA DE CÁSSIA SANTOS FREITAS [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427199025\\_ARQUIVO\\_Genero,migracaoetrabalhotemporario,vidasemtransitopelaslavourasdecafedoSuldeMinasGerais.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427199025_ARQUIVO_Genero,migracaoetrabalhotemporario,vidasemtransitopelaslavourasdecafedoSuldeMinasGerais.pdf)

<sup>229</sup> O Especial do Café: trabalho infantil é encontrado em lavouras da Costa Rica. Fonte: EPTV Sul de Minas e G1 Sul de Minas [https://www.youtube.com/watch?v=6\\_j7DEBfYZg&ab\\_channel=LuizValeriano](https://www.youtube.com/watch?v=6_j7DEBfYZg&ab_channel=LuizValeriano)



mais atrasados. Separava as folhas no pano estirado no chão, tinha destreza com arrumação, varia e amontoava para secar, ser rastelado, esparramado e guardado. Uma harmônica sequência de primavera.

As estações foram se passando, veio nova força, amor e filhas. Se mudou para outra fazenda, desta vez de eucalyptus, tinha a função de cuidar das formigas, e reger sua logística. Adoeceu de câncer de mama<sup>230</sup>, seu verão e outono se colapsaram, chegou ao fim do inverno por distrato irremediado<sup>231232</sup>.

Naquela manhã,  
O gole de café desceu queimando  
Ardendo no sol  
(...)  
Gosto forte, de saudade e de sal<sup>233</sup>

---

<sup>230</sup> Lidiane Silva Dutra, Aldo Pacheco Ferreira, Marco Aurélio Pereira Horta, Paulo Roberto Palhares. Uso de agrotóxicos e mortalidade por câncer em regiões de monocultura. RIO DE JANEIRO, V. 44, N. 127, P. 1018-1035, OUT-DEZ 2020 DOI: 10.1590/0103-1104202012706

<sup>231</sup>Os primeiros trinados do Movimento 1 (Allegro non molto), do Inverno, nos repassam a imagem de alguém tremendo sem parar sobre a neve, castigado ainda pelo severo soprar do vento cortante, anunciado já pelo primeiro solo de violino, gerando um clima de tensão que culmina no tutti orquestral, que passa a sensação do correr batendo os pés a todo o instante e no último solo do movimento, o bater dos dentes em um frio intenso. O aconchego de ficar ao fogo, quieto e satisfeito, enquanto a chuva do lado de fora a tudo banha, pode ser perfeitamente sentido não somente pelo doce e expressivo solo de violino do Movimento (Largo), mas também pelo pizzicato da orquestra imitando a chuva. O Movimento (Allegro), é o único movimento rápido da obra que já começa com um solo de violino, sugerindo o caminhar sobre o gelo, a passos lentos, com medo de cair com a tentativa. O tutti seguinte expressa o caminhar com mais decisão e cair sobre a terra, novamente, ir sobre o gelo e correr forte, sem que o gelo se rompa. O tema seguinte em andamento lento e posterior a tempo num confronto entre violino e orquestra, finaliza com vigor a música, ou como Vivaldi desejou, “sentir sair do céu o vento Siroco, o boreal e todos os ventos em pé de guerra. Este é o inverno, ainda assim, há nele alegria”. Le Quattro Stagioni, Opus 8 "Il cimento dell'armonia e dell'inventione" Antonio Vivaldi (Veneza, 4 de março de 1678 — Viena, 28 de julho de 1741)

<sup>232</sup> “O DanWatch, centro de pesquisa independente da Dinamarca, desenvolveu investigação jornalística sobre as condições de trabalho nas lavouras de café do Brasil. Entre outras constatações, a organização relata condições de trabalho análogas à escravidão, aplicação de agrotóxicos perigosos e falta de equipamentos de proteção. ESTADÃO. 04 MAR 2016, <https://globo.com/Noticias/Agricultura/Cafe/noticia/2016/03/entidade-da-dinamarca-denuncia-condicoes-de-trabalho-em-lavouras-de-cafe-do-brasil.html>

<sup>233</sup> Café amargo de Carmen Faustino Poeta, escritora, educadora e articuladora cultural. Integrante do Mjiba – Coletivo de Mulheres Negras da Zona Sul de São Paulo, organizou juntamente com Elizandra Souza a coletânea Pretextos de Mulheres Negras (2013). [http://afrolatinas.com.br/wp-content/uploads/2020/10/17-5-17-publicacao-2014-latinidades-miolo-alta\\_compressed.pdf](http://afrolatinas.com.br/wp-content/uploads/2020/10/17-5-17-publicacao-2014-latinidades-miolo-alta_compressed.pdf)



Figura 21. Lívia com sua família. Fonte: Arquivo próprio, 2019.

ANO	TRABALHADORES RESGATADOS NO CULTIVO DE CAFÉ NO BRASIL	TRABALHADORES RESGATADOS NO CULTIVO DE CAFÉ EM MINAS GERAIS
2018	210	109
2019	106	105
2020	140	140

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)/Secretaria de Inspeção do Trabalho (SIT) - Painel de informações e

## Tio Afonso

Seguimos estrada a fora, com os olhos por vezes marejados e rosto acuado do sol. Também não passamos esse ano na casa-beira-de-estrada-com-pé-de-manga-assustado. Mas me agradava o finado pomar de mexericas enrederas. Era camim do ponto de ônibus pra minha casa, saia catiando feito silêncio dos deportados e chupando lembranças indizíveis dos maus incuráveis<sup>234</sup>.

<sup>234</sup> Silva, S. G. da. (2014). Jackson Pollock e a descoberta do inconsciente na arte americana do pós-guerra. ARS (São Paulo), 12(24), 21-40. <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2014.96736>



Figura 22 Pé de Manga assuntado. Foto: Gabriel Machado, 2022.

## Vicente e Joventina

Assim, seguindo mais rompante, a companhia vai direto pra casa de outro Afonso; teutônico de guerreiros de ânimo combativo, Vicente de origem Ibérica. Todos vamos. Como prefiro homenagear ao “Morro do Ventos Uivantes”<sup>235</sup>. Fiquei impressionado de um jeito bibliófilo uma vez, com a posse, em mãos, do livro branco pela Fernanda, filha da casa. Era ultrarromântico<sup>236</sup>. Voltávamos à cidade, ela no ensino médio, sempre linda, de camisa branca no ônibus marrom poeira. Entendi quando li, sua riqueza de detalhes sobre a propriedade, onde parece que nenhum detalhe pode faltar porque faz falta. Sombrio na forma de triangular o amor romântico,

---

<sup>235</sup> Emily Brontë. O morro dos ventos uivantes. Traduzido por Julia Romeu. Editora Penguin-Companhia, 2021 ISBN 655782287X

<sup>236</sup> Denomina-se Ultrarromantismo o movimento literário ocorrido na segunda metade do século XIX. Influenciada pelo escritor inglês Lord Byron, essa geração caracterizava-se pelo pessimismo, desgosto de viver, ócio, sentimento de inadequação e gosto pela morbidez. É importante ressaltar que tais características já eram encontradas no Romantismo, no entanto, na estética ultrarromântica ocorreu um exagero desse sentimento de mal-estar. O ultrarromantismo desenvolveu-se não apenas na Europa, mas também no Brasil, quando, durante as décadas de 1850 e 1860, jovens poetas universitários de São Paulo e do Rio de Janeiro reuniram-se em um grupo, dando origem à poesia ultrarromântica brasileira. Escrito por Débora Silva. Em 19/06/2015 (atualização: 16/01/2019 <<https://www.estudopratico.com.br/ultrarromantismo-caracteristicas-alvaes-de-azevedo-e-cassimiro-de-abreu/>>

ninguém é só bom e ninguém é só ruim. Suas encenações de *West Yorkshire* são algo estranho e conhecido aqui no Tiririca, genial artista.

Chegamos com toda a companhia, nos organizamos em frente ao salão na cozinha e cantamos. Já sabemos as influências sobre o desenho das casas de moradia das pessoas, mas não observamos as casinhas ao redor da morada como o paiol, o galinheiro, a casinha do motor, o curral, o barracão, a casinha da carroça, o chiqueiro, e a árvore canela de galinha. Estaleiro, manguinha dos bezerros, capoeira, os fundos e as correntezas leves do córrego. Uma multifuncionalidade de serviços.

Rezamos o terço logo ali mesmo. Pedimos proteção e atendemos as preces da Joventina. Que nos demais idos, voltemos. Comemos em face de prece, saboreando o bom toque mineiro em seus assados. Já veio o escurecer, devidamente benzidos e em noite de lua cheia. Temos a situação perfeita pra passar embaixo de outro jatobá guardador de segredos. Despedimos convidando, devidamente, na ordem do direito assertivo, que vos abram as boas janelas.

### **Multifuncional**

A noção de multifuncionalidade da agricultura está associada ao reconhecimento oficial de que ela exerce um papel cuja importância transcende a produção de produtos agrícolas propriamente ditos, destinados à alimentação humana e animal e matéria-prima para a indústria. Dado o seu papel determinante no território e a perpetuação de certas práticas, a atividade agrícola desempenha um papel essencial no ordenamento territorial e na preservação de bens e tradições culturais. Nesse contexto, “a multifuncionalidade da agricultura revela-se nas sinergias entre a atividade agrícola e o desenvolvimento rural” (Givord, 2001, p. 4).

O conceito de multifuncionalidade surgiu a partir dessa problematização e ganhou maior dimensão ao adentrar os debates sobre desenvolvimento rural e meio ambiente dos principais organismos internacionais, sobretudo a partir da Rio-92, como visto anteriormente. Soares (2001), por sua vez, ressaltou que a temática também ganhou destaque no âmbito da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), ao reconhecer que as comunidades agrícolas, além de sua função primária de produção de alimentos, podem moldar a paisagem; prover benefícios ambientais, tais como conservação dos solos, gestão sustentável dos recursos naturais renováveis e preservação da biodiversidade; e contribuir para a viabilidade socioeconômica em várias áreas rurais. Ela também esteve fortemente presente nos debates na União Europeia em torno da reforma da Política Agrícola Comum (PAC), iniciados na década de 1980.

## Geraldo e Maria



Figura 23. Jatobá na entrada da Fazenda Tomazinho, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

Seguindo na toada das velhas modinhas de viola caipira<sup>237</sup>, passamos debaixo do vivo jatobá guardador de segredos. Entrada da minha casa. Sentou-se que todo mundo nasce em um lugar<sup>238</sup>, e que te “lembrar não faz sentido, não vale a pena ter

---

<sup>237</sup> Música: Deixa As Águas Rolar. Cantores: André e Andrade. Estilo: Sertanejo / Moda de Viola

<sup>238</sup> Um dos importantes desenvolvimentos na geografia cultural, no último quarto do século XIX, foi a ascensão de um movimento frequentemente referido como “geografia humanística”, que se aproxima fortemente da obra de Husserl, bem como da de Heidegger, e que deu uma ênfase especial ao conceito de lugar como uma noção central e determinante na investigação geográfica. As figuras-chave nesse desenvolvimento incluem autores tais como Yi-Fu Tuan (1997), Edward Relph (Place and Placelessness 1976), Anne Buttimer e David Seamon (1980), e suas obras não têm sua influência restrita apenas à geografia. De fato, a geografia humanística tem sido aliada a um modo de pensamento ambiental orientado para o lugar (place-oriented), o qual abrange autores de uma larga série de disciplinas, da sociologia à psicologia, da antropologia à arquitetura. Nesse vasto campo, o “Bauen Wohnen Denken” (“Construir, habitar, pensar”) (1954), e de Heidegger, aparece frequentemente como um texto-chave. Ademais, essa tradição pode também ser vista como se ligando à obra de Vidal de la Blanche, preparando-a – o que, pode-se pensar, confirma as associações sugeridas por Agamben. Na verdade, contudo, o lugar que Vidal de la Blanche ocupa aqui aponta para a necessidade de um certo grau de cautela ao se tentar traçar as conexões e as linhas de influência que se pode pensar como estando em questão, uma vez que a tradição vidaliana, tal como ela aparece na geografia americana, é frequentemente contraposta ao pensamento ratzeliano, mais do que sendo aliada a ele. Além disso, a geografia humanística se aproxima fortemente da fenomenologia, de Husserl bem como de Heidegger, tanto quanto de autores como Bachelard e Merleau-Ponty. No entanto, como situar essa tradição fenomenológica mais vasta, na qual a idéia de uma estreita ligação entre ser humano e espaço ou lugar é também um tema recorrente (especialmente como desenvolvida na obra de Bachelard e Merleau-Ponty), em termos do conjunto problemático de ligações esboçado por Agamben. Jeff Malpas. Geografia, Biologia e Política:

saudade, foi perdendo e que...” geralmente se acha a felicidade, caí na realidade. Uma condição nada original, um lugar<sup>239</sup>, qual continuado de lugares, cercado de pessoas que nasceram nos mesmo *alguns* lugares. Formam um espaço, que pode ser delimitado por um trio, que foi percorrido pelos amarelos e coloridos pés de pessoas que, fiéis, encontram territórios indicados pelas coordenadas estelares para encontrar o nascido anunciado. Enfim, um nascimento<sup>240</sup>. Ato constante e vascular que acontece a todo instante e mesmo assim para grande parte do povo, tem uma atmosfera de festejo, graça e glória. Eu mesmo nasci e cresci aqui, à medida da minha solidão até aqui. Não tão solitária, porque tive o umbigo enterrado no esteio de parteira de aroeira, inclusão na tradição direta e sem murmúrio.

Porteira robusta de grandes tábuas largas e pesadas, de quase 3 metros, suspensas do chão que de maneira solene quem mantém e regula a passagem do ser não falante e recebe o nobre sinal dos foliões com voz dando permissão adentram ao meu pequeno quintal encantado. “Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir nos seus galhos. Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa <sup>241</sup>.

---

Heidegger sobre lugar e mundo. *Natureza Humana* 11(1): 171-200, jan.-jun. 2009. School of Philosophy, University of Tasmania. Email: [Jeff.Malpas@utas.edu.au](mailto:Jeff.Malpas@utas.edu.au)

<sup>239</sup> MARXISMO E GEOGRAFIA (A Geograficidade e o diálogo das Ontologias) RUY MOREIRA Universidade Federal Fluminense. Este texto foi inicialmente escrito para subsidiar a mesa-redonda de mesmo título, realizada no 6º Congresso dos Geógrafos Brasileiros (6O. CBG, Goiânia, 2004), sendo aqui reescrito e ampliado para o fim desta publicação. *Natureza Humana* 11(1): 171-200, jan.-jun. 2009

<sup>240</sup> KOMNISKI, Paula Cristina Nogueira Vieira; CHATELARD, Daniela Scheinkman; CARVALHO, Isalena Santos. Encontros e desencontros: do nascimento à constituição do psiquismo. *Estilos clínicos*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 113-131, abr. 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext & pid=S1415-71282017000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282017000100007) & lng= pt\ nrm=iso>. acessos em 16 abr. 2023. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v22i1p113-131>.

<sup>241</sup> "Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. (...) Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa. Sou hoje um caçador de achadouros da infância. Vou meio dementado e enxada às costas cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos (...)." BARROS, 2003, XIV). A constatação acerca da construção de um contra discurso estético, neste texto de Barros, pode ser observada justamente no ponto de tensão entre o eu e o outro. Um Exemplo pode ser verificado no trecho do texto sugerido. “Acho que o quintal onde a gente brinca é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande” (BARROS, 2003, XIV). Os valores aferidos pelo olhar do sujeito que vive e, de certa forma, também contemplam a própria infância são os não monetários, representados pela curiosidade e imaginação: o quintal possui mais possibilidades de descobertas e invenções que o mundo inteiro”. Mais do que isso, essa ideia de que o eu (e seu mundo – o quintal, no caso) é maior que o outro e seu mundo é própria da fase narcísica vivida na infância. Tal qual a fase do “eu maior que o mundo” vivida por Drummond, segundo os estudos de Affonso Romano Sant’anna (1992), o(s) sujeito(s) de Barros olham e vivem (n)o mundo a partir de suas experiências, de seus quintais, de seus valores nada capital, mas volitivo-passionai. Prof. Drª Luciane de Paula (UNAERP) Mestranda Marina Haber de

Porteira boa tem mourão fundo de aroeira. Segura o gado. Faz a vez do seu cerro duro de tempo, plantado de maneira semente em um lugar. Deve ser porque a concepção de lugar ocupa espaço e tempo de estar, totalidade em um conjunto de relações realizadas através de funções e formas apresentadas historicamente por processos, tanto do passado como do presente, igual pólen de flor. O enterro do umbigo é contínuo, o candieiro Geraldo, filho do Lázaro Pimpim, neto da Cota, teve o umbigo enterrado lá nas três barras. Maria Aparecida, filha da Rita Machado, neta da Maria Machado, teve o seu no Pissarão. Olegarienses, originários do cerrado, região do Chapadão de Paracatu, mundo vivido de abundância por um povo colorido, que tem de tudo nesses gerais, como diria um tal de João Rosa, daqui pertim.

Assim, chegando mais cedo que os companheiros, é minha vez de receber os Santos Reis na minha antiga casa. Ela caiu, era um casarão de paredes de adobe. Foram restaurar o telhado roído pelo tempo e a estruturas não suportaram, abriram-se as paredes, todas foram ao chão, porque alguns pedaços derrubei. Depois de então meus pais decidiram passar uns dias na cidade, e por lá ficaram. Mudando completamente a dinâmica de roteirização do trabalho na fazenda sobrevivente de agricultura familiar. Todavia, a família tem vocação e tradição, recebe os santos folião.

Lá donde cresci, com Vanessa e Miguel, têm satisfação em acolher os viajantes. Eles logo se organizam na parte da casa que restou, assentados no banco vermelho, Capitão já organiza e toma posse. A Santa Bandeira usufrui da sua majestade e convoca foliões por verbos. A família e o altar ficam em frente a ela, é cantado um verso para cada um, pedindo esmola e saudado tal visitação. Para mim, que sou folião, é dedicado um letrado nobre, um verso especial, que com sagaz tonicidade anuncia o Capitão. Ao presente, nesse momento folião, que sabe da determinada função, inserido já em vocação, receba Santos Reis. O guia folião.

---

Figueiredo (UFSCar). “Achadouros”: uma leitura bakhtiniana do contradiscurso das memórias da infância de Manoel de Barros Eutomia – Ano II, Nº 2 – Dezembro de 2009.



Figura 24: Foliões cantando na varanda, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

O som das caixas tocando na minha casa sempre me fazem encher os olhos de alegria, lágrimas de fé. O sentido místico e real do que é tradição. Finalizado o primeiro ato, guardamos os instrumentos e damos início ao terço. Tomamos tenentes os nobres rosários e em homilia ratifica-se a palavra cristã. Oferecemos para as boas almas e as boas lidas. Solateiramente os foguetes sobem aos céus, e o povo grita “Viva Santos Reis!”.

O tira gosto já está pronto na fonalha, servimos pão de queijo com pelota, linguiça caipira com mandioquinha, queijo com rapadura e pinga com guaraná Mineiro. Família proseadora de identidade<sup>242</sup>, querem sempre que se sintam bem. Farta os santos é a vida também. Logo, logo, um anuncia a hora da partida. Nos organizamos frente a saudosa bandeira. Nos agradecem cantando a esmola, o agrado e a família. Convoca o folião pra sair na frente da bandeira, como sinal de nobreza a função do jovem cidadão. Um ritual de incorporação e nomeação foliã. E partem para ir, voltar e repartir.

---

<sup>242</sup> Castells (2000, p. 22) considera a identidade como um processo de construção de significados pautados em “conjuntos de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados”. Essa construção da identidade está articulada com as relações de poder. Na concepção de Castells (2000), a identidade deve ser compreendida como processo culturalmente construído e repleto de significados, sendo que sua construção pode ocorrer por instituições dominantes, como a igreja (...)



***Já que o gênero literário me permite, faço um monólogo.***



Figura 25: Foto em 2000 e 2022 da minha casa, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

Me sinto condenado a viver a existência de que minha casa caiu. O Eu, que é um território de batalha, migrou. Meus condescendentes não imaginam o que é o solo frio que meus pés tocam, assino sentado uma carta de cárcere. Como se conseguisse sentir a passos lentos o chão seco e escuro de asfalto. Lentamente engatinho com muito esforço, mas com gestos singelos de aprendiz. O movimento fica estranho e toma forma após um raio, um choque, um colapso que me atinge. Volto novamente a minha, deles, rotina de palavras, que não parece estar me fazendo tão bem, como anos atrás fizeram. Estou ansioso aguardando a próxima etapa, acredito que já fiz o que me propus. Inventei, recriei, me fizeram nesse meio, não me permiti sentir, errei, sorri, busquei sempre a meta reta, o alvo arredondado. Volto novamente depois desse mal-estar. Com uma mente ainda mareada. As dosagens expostas não fizeram tão bem. Mas como toda tomada química, essa há de passar e de entornar uma memória importante a se lembrar e não retornar, que é também tentar. Ou tentar não retornar aos dias de cama. Sentido que meu corpo sente. Somente ele é capaz de regenerar o que o culposo faz a si próprio. Intensa confusão. Espero não me culpar por tentar ser uma alma presente nas decisões que todos teríamos dificuldades. Sendo assim, eu próprio confundido me mutilo; situação gravíssima, delicada e que me deixou alguns dias acamado. Não consigo pedir SOS a mim mesmo. Que estupidez pavão. Faça, grite, coloque crédito em ti os dias futuros vão ser compostos por esses deitados. Esses em que a dor e a negação da vida reinou, também serão cordel de

fantasia real da minha história. Talvez, logo, eu tenha mais flexibilidade para acolher minha rigidez antes de romper. Antes que o diário anunciasse o último suspiro do antigo feliz. Há rendição de uma alma solitária que margeia as dívidas provisórias de um punhado de ganância obrigatória. Um garoto nutrido consome. Seguir não é qualquer verbo, tem o sentido de ir atrás, se submeter. E linguagem simbólica essa, que permite navegar no tempo condenado ao nada, à espera do nada. Um dia após o nada, o nada. Uma relutância tão forte ao desprazer do cansaço do nada. Um homem sem amor sente amorfia. Uma presença coexistente com uma noção de que as coisas não precisam de ti para se comportar. Não é dado o sentimento do homem sem amor romântico, que reina e coroa, com coisas brilhantes. Meio que é um ovo coberto de uma fina e elegante manjedoura feita pelo aracnídeo mais horrendo que a genética concebeu. São os mesmos outros homens que estão no mundo exterior, também sem amor. Ou até mesmo com os amores. São pessoas que coexistem e não precisam de mim para se comportar. Estou no sistema desigual para me assistir a essa situação e não colocar as minhas necessidades e desejos. Porque as aranhas são horrendas e o desencantamento pelo mundo é uma verdadeira teoria do esquecimento. Ah, o que me vale. Mais valia eu assistir os homens ditos com amor e me conforto. Eu tô sem uma casa. Olha como isso soa em fresta, quinas, pontos, posicionamentos, momentos que importam, lugares que ainda nem fui. Minha carteira caiu, uma família me alertou. O universo não passa de uma agitação de elétrons, prótons, fótons, todos seres com propriedades bem definidas em perpétua interação. Realmente a existência é lamentável. Levantar, olhar, fechar as pálpebras, suar, comer e ser julgado pelo onipresente. Atabalhoadamente sem se dar conta que a individualidade dela se tornará parte da vida dele, que não podia simplesmente erradicá-la como uma excrescência de um órgão vital. O deus de Latinos eram uns deuses das coisas vivas, do imediato, do real, do tangível. Em toda a sua vida viverá na presença desses deuses, sem se preocupar com as divindades que, sob a superfície de nossas ações e paixões, forjam silenciosamente as armas fatais dos mortos. Todo canto santo é menor que qualquer pessoa. Amor é mais verbo que substantivo. Amor é mais ação que conceito. A vida não está em seus contos e livros, a vida está lá fora, já dizia o bolseiro. Em lugares com a dimensão tipo cerrado, minha satisfação é confrontada com o transitório. Eu mesmo não posso apelar pela minha insatisfação. É relutante. E fetichizada pelo meu eu, que pode ser sim planejador, mas nunca sem paisagem. Ao mesmo tempo que a concepção de virtude é um parágrafo

que tem que te lembrar do comentário da branquitude. Já não sei quantas vezes passei por essa rodovia. Nem se me esforçasse muito conseguiria dizer, quantas vezes já vi essa rota com suas voltas, luzes amarelas distantes de cidades e postes normais. Mas nem sempre tudo foi calmo. Já eufórico, com muitas incertezas, com muitas dúvidas, medos; todos conselheiros. Eu abracei cada um deles. Uns me puxaram para seus entraves, que demorei e me enamorei, como verdadeira capacidade material de fazê-los reais, dei a eles condições de se tornarem vivos. E por serem reais, materiais, dialético, espiral, espiral.... mas, como todo bom momento, passageiro. A lua que me segue ou eu que sigo ela?! Não importa. Me acompanha novamente, parece hilário esse movimento de olhá-la e parecer ser reconhecido, meio mineira ela'cho. Receptiva e acolhedora, independentemente de como e de onde veio, lá está, meio que dizendo: - opa, como cê tá? Vem pra dentro desses giros incontáveis no asfalto. Muito da sola foi gasta, minhas solas. Renovadas, garanto sempre novas. E com o prazer aguçado de olhar distante das luzinhas das cidades me aproximo. Meus amores são, foram e, acho que poderíamos chegar à conclusão que, serão, pela lógica ilógica dos sentimentos, de que, vão me mudar, fazer pensar, motivarem sentimentos e pensamentos inéditos. Isso, mãos vazias, alma e corpo nus, para cada um dos próximos. Fiz do meu passado companheiro, isso pra mim significa, sem culpa, julgamentos, mas com muito deboche e risos. Porque o bom de sorrir é repetir. O objetivo dessas letras é dizer que está tudo bem ter que mudar. É um direito. As preocupações são para me melhorar, estudar, viver e gozar. Nada que eu buscava encontrar encontrei. Mas tudo que encontrei foi tudo que tenho agora. Se eu encontrar um desafio, um momento de desestabilização e provocação que eu lembre dessas palavras. E que eu não me esqueça. Discursos não alimentam. O que o povo precisa é de legumes frescos e de uma boa franga pelo menos uma vez na semana. Só me interessam as revoluções que começam por sentar o povo à mesa. O curar é coletivo. Mas não deixa de ser sempre assustador o silêncio de gente reunida. Tem um velho na minha frente. Normal. A constante congelada do tempo. A certeza das rugas cheias de charme. Usa óculos como gente nova. Eu uso também. Talvez você use quando for velho. Aumenta a credibilidade de estar perdendo ou ganhando habilidades especiais. Fico imaginando o que os seus pés já viram. Imagina? Deve ter pisado no passado de outros velhos. Abrindo trilho para gente nova e formigando terra, essa nossa bem velha. Na real, não sei, teria que calçar suas solas. Mas tudo agora é desvelado, sempre deve ter sido, Liberdade! Tem de tudo nesse vagão. Sempre tomo

o primeiro por método, e pôr me sentir seguro e estar seguindo gente velha, fico à vontade para viajar. Antes o que nos assustava era o outro. Agora é onde o outro postou. Território de liberdade deve ser mesmo só nos recuerdos. Também não sei, teria que perguntar aos joelhos do velho. Eles devem sentir saudade do sinovial. São Paulo também é assustador, hoje e ontem. Mas hoje é diferente, parece aquele caminho que já passei, sei lá, confortável de um jeito esquisito, familiar, mas diferente, deve ser tipo ficar velho. Não sei, teria que perguntar ao velho de botões bonitos, daquelas blusas de lã de velho. Esse velho me parece. No mirante descuidado e sem essa performance, queria poder tocar Tamanduateí, escolhemos admirar, não é a primeira vez, estava assustado antes, mas, agora também. Ele, o velho, também foi olhar, curioso, como se dissesse sem palavras: "o que tem alí que o jovem suspira". O velho se foi, não perguntei nada, assustado de poder assustar. Foi tipo brigadeiro. Somos mesmo todos seres mágicos e incríveis. Só precisamos nos lembrar de sentir isso! Eu sei que o fluxo é confuso. Estou nele e sou ele. Atirado a atritos de cada momento, nem consigo controlar o tombo no ar, pois quando o monumento desaba, como um niño herói, que das alturas se lança enrolado, defendendo de todo mal o inimigo a sua bandeira. Pego a minha e nós encontramos no instante do salto. Gravidade. Ele disse que seria leve. De leve só resta o som orquestrado da manjedoura morta. Que me aconselha e se senta do lado do banco Cristóvão. Ahhh eu não sei. Só sei que sei que não sei. Filosofia desvelada. Que falta me faz paz para ler. Que falta ler, para ler o que quero ler. O ponto chegou. Novamente. Cuidado. Me foram roubadas a esperança e a alegria. Meu sonho se tornou cabide de uma vestimenta roubada. Estou triste. Meu riso se perdeu. E a vontade de conquistar um momento bom, ufa, não tenho. Não tô feliz. Eu me dou melhor com os bichos do que com gente. Quando vejo o meu cavalo livre e solto no pasto tenho vontade de encostar meu rosto no seu vigoroso e aveludado pescoço e contar-lhe a minha vida. E quando acaricio a cabeça do meu cão sei que ele não exige que eu faça sentido ou me explique. Me sinto muito mais leve. Tenho as mochilas carregadas e solas do all star bem gastadas. Mas, comigo, levo a marca de contar estrelas, constelações e medir nos céus imensidões. Fazer aumenta nossa solidão. Profetas vêm, prometem mais pra quem disser "Amém". Quem desta vez sacrificaram?! E não vão dizer que ninguém sabia da hipocrisia. Me calo, feito um mineiro. Mas o rabisco sai solto, sozinho, solar, saludos, sabido Sabino, salvo em Salvador de Salesópolis. Meio sujado, salvado, subido torto. Que propriamente é decorado, soletrando, sabendo ser, vira sendo salmo. Que é um

sopro serpenteado suave sumindo do sagui sabotador. Hoje em dia, já não passo gel no cabelo. Tenho muito a aprender ainda. Uma luz no momento de respiro. Calma, uma pausa. Vamos lá, muita coisa que não precisa ser colocada na mochila que carrego sozinho. Exhaustiva, essa relação nova. Que não precisa ser boa. Mas que também não precisa ser exonerada. Um tempo indeterminado. Uma nova casa acaba de cair. O suscetível não precisa acontecer. Planejamento no risco é o que deve ser utilizado. Parece que estou me colocando em um outro papel de ator envolvido que não foi bom. Não preciso ir longe. Só preciso ir. Às vezes fica um silêncio de isolamento. Uma folha que se move ao vento quente e com cheiro de eucalipto passa. Um movimento em sentido sutil e sem destino matematicamente calculado. Um singelo ruído distante da verde e seca pastagem ao fundo. Um horizonte que não destina projeções sobre sua presença nos rodeia. O ar que entra em contato com os pulmões é fabricado há 5 minutos atrás, pela reação, qual a radiação ultravioleta que entra na atmosfera é decomposta via fotossíntese, devido a água atmosférica com o dióxido de azoto. Os animais repletos de carbono são de inúmeras combinações biotermodinâmicas fervidas desse mesmo ar. A Terra devido as suas terminações nervosas constituem no partir das suas raízes a decomposição do nitrogênio desse também ar. A pureza, meramente distante da conjugação de valores que poderíamos configurar sobre tal condição humana, pode ser experimentada nesse ar. Esse que percorre as vias pulmonares com prazer; é outra realização nervosa humana que pela impossibilidade de duração se torna objeto de consumo desse prazer dentro de corpo que funciona como um fósforo aceso, percorrendo as células, comunicando a liberdade, pode se mover, tem energia. O sol está a 135°, sua função calorífica em ondas modifica a abertura da íris, para que todo bom vivente possa experimentar seu show das tardes de outono. O bater do vento no rosto com a iluminação ideal provoca mais do que um simples vigor energético, mais um 'modo turbo' para renascer. O destino do movimento mais uma vez não importa, não tem fronteiras no caminho, é uma competição contra o impulso de ficar imóvel. Cheiro de comida fadiga o cérebro. Cheiro de comida da criadora. Te acalenta e te preenche sem ao menos experimentar o alimento, que muitas das vezes não importa. Uma canção ao fundo te resgata ao tempo de um tempo. O encanto de recordar, segredos da memória. Haver escondido. O escondido foi oculto com razão. Para ser recordado nos momentos que o isolamento não tem obrigatoriedade. Funciona da seguinte maneira: quando despercebido, o controle da sua máquina, mas desafiadora que não está em guarda,

seu sentido de sociabilidade; que lembramos não é apenas um sentido entre os seres que usam a linguagem, mas também entre o íntimo e outrem; se põem em verdade comum com o presente. O toque se torna preciso, o olhar se torna penetrante e fixo, a lágrima tem mais a dizer que simplesmente seu gosto docinho de água, o abraço dá choque. A palavra não é convertida em sentido, mas é sentida. Nesse momento, nesse exato momento é que se forma a memória. Psicanálise vai dizer muito mais. Inevitável não ter história. Inevitável não usarmos a técnica. A tecnologia está ao redor, selecionada para dominar, tomamos a natureza como matéria e como um exame de conhecimento, devemos entender e resolver, buscar a melhor solução e de preferência a mais rápida para descrever o processo de conjugação das fissuras humanas na conversão de mais instantes de vida. Obstruídos para entrar, para chegar na próxima fase. E instaurando, até mesmo, leis para segurar o impulso, senão a experiência de vida de outrem tem menos valor que a sua meta. Fronteiras são instauradas, como se fossem algo que determinasse progresso. Democracias são fundidas em salvaguarda de direitos privados, mas como ideologia de seguridade. Somos uma espécie de quase 7,7 bilhões de humanos. Uma espécie. O conhecimento que se produz é impossível de ser conhecido. Agora, quantos sonhos foram experimentados nessa noite? Se todas as noites pelo menos 20% da população sonhar, qual será o impacto do sonho na construção do conhecimento? Sonhos são projeção de memórias vividas. O isolamento corporal é genial, temos a pele, maior tecido do corpo humano que reveste, como uma capa superespecial, todas as partes desse meso organismo face o mundo exterior. Para que possamos nos mover com propriedade no mundo de forma que tenhamos sempre o rendimento ideal. Mesmo assim, os buracos sempre estão presentes. Não os buracos no mundo, ou no caminho, muito menos os buracos negros. São os buracos que possibilitam a entrada de ar. O isolamento da pandemia rompe, com pelo menos 400 milhões de respirantes. O sentido começa a dar importância ao visível. A imagem em tempos de um inegável sentimento de amor pela produção cultural, me demonstra que o invisível tem mais força de mobilização que o material, às vezes, discorda? Devo estar tocado com o Domingo de Ramos. Outro momento que exacerba o indivíduo como centro de produção de verdade. O registro de um sujeito que passa pelas multidões e em seu trajeto são ofertados ramos. Qual caminho devemos seguir? Acredito que o clima de preocupação do mundo, pode ser bom, pois ainda não experimentamos a possibilidade de ficar sem ar. Há o que fazer entre tudo. O sol já não é mais visível.

A obscuridade vai tomando conta, o corpo se aclima, a produção de ar se torna mais comprimida. Já consigo sintonizar o objetivo da escrita. O isolamento em tempos de mundo rede é um fato que devemos nos atentar. A partir de agora é como assistir um filme no cinema do México, antes de qualquer sessão: "Em caso de sismos não entre em pânico, esta sala está preparada para abalos, siga as luzes e mantenha a calma e busque um ponto de encontro seguro" e assim você inicia seu momento de lazer. A poesia pelo contrário não avisa. A poesia é bruta. não acena ao te atravessar. ousadia em colega. Faz parte da sua necessidade. Ou necessita para fazer as partes? Desloca o crescimento da continuação com sua permissão, ou não, por vezes, desnecessária. Me espanta a minha capacidade de entender os problemas e mesmo assim fazer deles a minha companhia em viagens como está. Me espanta e me assombra a minha combinação de forças e intensidade, em uma relação que mais me agride que me fortalece no momento. Me espanta a frustração de uma amizade sem conflitos e com uma velocidade reprodutiva de valores que passei anos tendo que entender e reduzir a frustração de que o conhecimento é poder. Me espanta a minha facilidade de ser absorvido pela dominação. Me espanta ser dominado, açoitado, acuado, chamado e me faço posto de atenção, audição e submissão com uma facilidade que um ser que sabe administrar o mínimo de um punhado de informações sobre quem eu sou e onde andei, faz comigo. Me espanta como um centeio jogado ao vento de uma terra arada. Me espanta a minha condição de afirmação e minha dedicação em uma relação que ao mesmo tempo que me engaja, me estrangula e me põem em pressão a níveis aéreos. Me espanta eu ser tudo isso, um homem em formação com a sua responsabilidade afetiva. Me espanta ser enganado. Me espanta ser colocado em sacrilégio e com uma devoção constante de um alguém que facilmente pode ser dividido, organizado em suas anotações e trocado por pesos. Me espanta estar contente com essa viagem, onde eu mesmo só sei o idioma. E gostei. Assim, em ritmo, em oração e com um colar no pescoço, a poesia chega no osso, na sociedade da poesia, sua face é comum, igual a ruptura do pretérito ao seu abrir semblante. Eu por mim mesmo, mudei para meu barraco acampado no Marias da Terra. A emoção foi um estado mental. Essas descobertas deixam claro que nosso conhecimento é altamente influenciado por experiências precedentes e, especificamente, que os estados cerebrais emocionais podem persistir por longos períodos no tempo. Todos podemos, ao longo de uma vida, conhecer várias existências. Eventualmente, desistências. Aliás, o mais habitual.

Poucos, contudo, têm a possibilidade de vestir uma outra pele. Não preciso ir mesmo não tendo mais casa. Meu patrimônio é imaterial. “À parte disso, tenho em mim todos os sonhos do mundo”<sup>243</sup>. Quer uma rapadura pequena suja?

Acabou o terceiro dia.

#### **Dia IV -28/12**

Amanheceu, peguei a viola botei na sacola e fui viajar<sup>244</sup>. Te convido a completar o giro em outro modo de condução, a cavalo continuamos a nossa investigação. As próximas cinco casas não foram visitadas no ano da pesquisa pela folia de reis. Decisões que foram tomadas pelos vivos e até mesmo pela sagrada morte.

Vem! Empresto meu cavalo. Canarinho é bom de sela.

#### **Celinho e Sislane**

Arriados os cavalos, partimos de maneira tranquila e elegante. Arriba dos animais, tu debes impor um certo respeito, do estilo que te aproxima dele. Afinal, é você que o leva para cavalgar. Segure firme, porque, onde gosto de pilotar, tem mais pirambeira misturada com capoeira que o novato costuma trilhar. Rapidamente tomamos sentido à casa do Celinho e Sislane, a paisagem nos centraliza, paramos

---

<sup>243</sup> LEIA inteiro: Poema Tabacaria, Fernando Pessoa, 1928.

<sup>244</sup> "Renato Teixeira" interpreta "Amanheceu, peguei a viola", pista del álbum "No Auditório Ibirapuera". (C)2006 Agência Produtora. Distribuido por Radar Records.



pra observar do alto da cascalheira o infinito; ufa, faz sentido suspirar.



Figura 26; Vista do alto da cascalheira da casa do Celinho e Sislane, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

Seguimos descendo os altos morretes na estrada meio pirabanda. Nenhum problema, estamos em cavalos saudáveis. O dono da casa foi trabalhador do Gilmar Campos<sup>245</sup>, garimpeiro aqui da região que meu avô agiotava. Conta a reza, que pediu as contas de caseiro do garimpeiro depois de conhecer cada meia volta de grota de suas terras. Terras da receita agora, somo. Após sair, com o pagamento garantido, conquistou a própria terra. Assentado, agora produz de tudo nas terras roxas e ainda não perdeu o reinado em cima dos seus alazões. É filho do mato, sabe seguir os passos de criação perdidos nos vales gerais, se eu não visse não acreditaria no caso, ali o moço mata a cobra e mostra o pau. Seu filho Vitor é igual, pilota uma moto de cross nesses fundos, sob até nas lajes. Fundou um punhado de trilhas que, se brincá,

---

<sup>245</sup> O Jusbrasil encontrou 75 processos que mencionam o nome Gilmar Alves Campos no TJMG, no TRF1 e em outros tribunais. O mais enfático Processo nº 000XXXX-35.2015.8.13.0058 e Ministério Público do Estado de Minas Gerais x Alves Campos Agropecuaria LTDA. TJMG · Três Marias, MG. Por dano Ambiental.

ataiando chega em Andrequicé<sup>246</sup>, fabricando um radical turismo por aqui<sup>247</sup>, que Santos Reis te proteja.

Seguimos no caminho cheio de pedras e terras de várias composições de cores. Puxo uma história do bolso sobre uma reportagem de PO. Ô lugarzinho bão pra contar prosa. A trote dos fatos, conto de um senhor Joaquim Venâncio, assunta que ele foi o descobridor do maior diamante encontrado no Brasil<sup>248</sup>. A história dele é a seguinte:

“Quase trinta e um anos se passaram desde aquela manhã de 13 de agosto de 1938, à beira do riacho Santo Antônio do Bonito, no município de Coromandel. Todo esse tempo fez da vida do garimpeiro Joaquim Venâncio Tiago uma sequência de altos e baixos, de dinheiro e de pobreza, de esperanças e desilusões. Naquela manhã, sua picareta bateu na pedra brilhante e majestosa que se tornou conhecida como “Getúlio Vargas”, o maior diamante já encontrado em terras brasileiras, com 726 quilates. Rico e famoso, Joaquim Venâncio deixou rolar toda a fortuna. Hoje, esquecido e pobre, aguarda em um ranchinho a pau-a-pique entre as montanhas de Presidente Olegário”. Vai escutando que tem mais. Seguinte, vamo aproveitar que tamo aqui antes da porteira e vamo ver o cocho de água novo que fica em um planalto cerca da ribanceira, lavourinha do Tião.

O homem dizia de si mesmo que sempre foi “um caboclo privilegiado e escolhido pelas almas boas do outro mundo”. Na minha vida, elas apareceram e se foram deixando atrás de si a fortuna para ser, por mim, encontrada.” Ele contava que em uma noite, por volta das onze, estava deitado numa rede e ouviu uma voz chamar seu nome. “A princípio, assustou-se. Depois, algo bateu em seu ombro. E ele viu uma preta velha de branco e com um cachimbo na boca.

Perguntei-lhe o nome. Disse chamar-se Flaviana. Então lembrei-me da história que me havia contado sobre uma certa mulher que morava ali e que havia morrido depois de enterrar em algar da casa um diamante que estava servindo para discórdia entre seus filhos.

---

<sup>246</sup> Veja o quadro abaixo.

<sup>247</sup> Carlos Eduardo de Almeida Ramoa & Paulo dos Santos Pires. O mototurismo e a sua relação com o turismo de aventura e o ecoturismo. Artigos • Tur., Visão e Ação 21 (2) • May-Aug 2019 • <https://doi.org/10.14210/rtva.v21n2.p195-216>

<sup>248</sup> Fernando Ricardo, publicada na extinta revista “O Cruzeiro”, em 21 de maio de 1969. A reportagem inteira pode ser encontrada em OLIVEIRA MELLO. Presidente Olegário: Terra da Esperança, 1985. p. 139.

Depois de algum tempo mudos, a velha mostrou-lhe onde estava escondida a pedra. Era uma cavidade na parede da sala. E ele encontrou: - Era um diamante de dois quilates e meio”.

Canarinho até relincha. Você teria vontade de encontrar uma Flaviana por aí? Pergunto o porquê, se o homem vendeu pedras até para Sinhô Pereira, conhecido de Chico Maranhão, que era o pernambucano que comandou Lampião. Uma fisionomia tipo alagoano, um homem tipo Graciliano Ramos diria. Ah, queria quem sabe achar, mas não endoidar. Dias atrás, pegaram o diamante-cor-de-rosa<sup>249</sup>, quero essa febre pra mim não. Mas é o Gilmar, né. Sabe com quem se enganará.

---

<sup>249</sup> Para uns, os diamantes – que ornamentam a realeza e deslumbram estrelas de cinema – são eternos e servem para dizer “eu te amo”. Para outros, uma febre, cuja compulsão por ter o melhor é capaz de ceifar vidas dentro e fora do garimpo, movimentar conhecidos doleiros para evadir divisas e, mais do que nunca, dilapidar os cofres públicos. O que mais chama a atenção em uma das mais recentes maracutaias feitas no País com gemas preciosas – séculos depois do comendador João Fernandes e sem Chica da Silva – é a ousadia. Na salada que mistura lavagem de dinheiro via Banestado, o banco americano MTB e investigação policial daqui e dos EUA, o ingrediente mais nobre é a venda de um diamante rosa de 80 quilates, no valor de US\$ 12 milhões em estado bruto, para um comerciante de Hong Kong. A pedra especial – conhecida como fancy color – foi negociada pelos irmãos Gilmar Campos e Geraldo Magela Campos, donos de garimpos em Minas. O diamante avaliado em US\$ 30 milhões depois de lapidado saiu clandestinamente do País dentro de um maço de cigarros rumo a Nova York. Mais uma prova de que o fumo faz mal à saúde, principalmente à da Nação. Assim começa a viagem ilegal da brazuca Pink Diamond, como é conhecida essa preciosidade no mercado internacional. A aventura é um remake do submundo do contrabando internacional de diamantes, sem o charme e a ação do agente 007. Amaury Ribeiro Jr. E André Dusek (Fotos) Pará De Minas (MG) <https://istoe.com.br/autor/amaury-ribeiro-jr-e-andre-dusek-fotos-para-de-minas-mg/> Os irmãos Gilmar e Geraldo saem do País com pedra de US\$ 30 mi escondida em maço de cigarro e se ligam a doleiro que lavou US\$ 1,7 bi em quatro anos.

Opa, cochão d'água tá sadio....

Dados da ABRATURR (2007) (Associação Brasileira de Turismo Rural) relativos à atividade turística no meio rural no Brasil mostram que dentre as opções de recreação oferecidas pelos estabelecimentos turístico-rurais estão “gastronomia típica; água (rios, cachoeiras, lagos, piscinas, pesca e navegação); trilhas (campos, matas e montanhas); arquitetura histórica, folclore e música (talentos locais); lidas rurais: cavalgadas, manejo, ordenha, cultivo, colheita; [...] cantigas de rodas e folguedos típicos”. Diante de tais características, admitimos como hipótese de trabalho, que a relação entre um tipo de trabalho mais voltado para a agricultura tradicional e este, que desponta com alto potencial de imaterialidade (implicado na atividade turística), apresenta-se como indicador de uma nova ordem produtiva, que se configura como tendência em vários países do mundo. A pesquisa que realizamos, debate, dentre outras questões: sobre a forma como os empreendedores rurais combinam suas atividades produtivas tradicionais (agrícolas, alimentícias), com as atividades ligadas ao turismo. Também, de que modo passam a se estruturar as relações de trabalho neste novo quadro produtivo, quais as novas formas de ocupação originadas e como são suas relações de trabalho. Como, a pluriatividade, evidenciada, em especial, pela atividade turística, estaria contribuindo para a estabilidade e o desenvolvimento da população local e para a continuidade da atividade agrícola. O interesse no desenvolvimento da pesquisa faz parte da afinidade que temos com a temática, e é relativo também à importância e à atualidade da questão das transformações do meio rural e da identificação do fenômeno do turismo neste espaço, assim como da necessidade de repensar a “atividade agrícola” através do conceito de pluriatividade, tendência manifesta em diversos países, especialmente os que compõem a União Europeia, por aqueles que estudam a questão agrária.

Carlos Eduardo de Almeida Ramoa & Paulo dos Santos Pires.

O mototurismo e a sua relação com o turismo de aventura e o ecoturismo. Artigos • Tur., Visão e Ação 21 (2) • May-Aug 2019 • <https://doi.org/10.14210/rtva.v21n2.p195-216>

## **Curiosidade Olegarense**

A romaria de Nossa Senhora da Abadia de Andrequicé é a mais tradicional e maior Festa de origem religiosa do município e região. Esta festa acontece no distrito de Andrequicé, 62 km de PO. Durante a primeira quinzena do mês de agosto, as atenções da população se voltam para essa festa, que culmina no dia 15 de agosto, dia de Nossa Senhora da Abadia. Foi fundada há mais de um século, quando na época os fiéis se deslocavam para o povoado a pé, a cavalo e de carro de bois. Com a modernidade, essa festa passou por várias modificações, porém na última década a população vem se preocupando com o resgate da tradição e vem buscando as origens da festa, com o surgimento da cavalgada e da Romaria dos carros de bois. É uma festa que acolhe todas as pessoas de diferentes camadas sociais, unidas pelo espírito da devoção e de diversão. (Fonte: Prefeitura de Presidente Olegário. Acesso 26/04/2023. <https://presidenteolegario.mg.gov.br/cultura/> , modificado pelo autor)



Foto: 28 foto da festa de Andrequicé, André Mendonça Leite, 2017.

## Marcus e Efigênia

...a boiada pode agora se aguar. Esse cocho é coisa nova. A água vem da casa do Marcus, que é irmão da Sislane e casou-se com Efigênia, que é filha do Tião Bitá, onde vamos passar. Mas meio que na verdade já estamos na fazenda em que sua casa familiar foi construída, eles viveram toda uma vida nas terras que foram do meu avô. Uma situação delicada e nada simples de definir, sendo que os Bitás, são a família mais forte e numerosa negra da região e meu avô continha um colonialismo interno<sup>250</sup> em seu coração. Eu, que sou minino, cheguei a entrar em uma graduação de engenharia de energia pro modo de quê? Não se deixar o povo sem luz<sup>251</sup>.



Foto: 29: Vista da cascalheira da casa de Marcus, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

---

<sup>250</sup> Veja o quadro abaixo

<sup>251</sup> Veja o quadro abaixo

Já aqui, a Efigênia, quase antes de mudar, reivindicou o serviço básico. Mulher asseada. Água encanada, energia e *fossa ecomarcus* fundada. Um quintal farto. Que os Santos Reis deem em dobrado.

Dou um grito, saúdo eles de longe e seguimos escalando em trotes ocós e metálicos que saem da terra.

A definição do colonialismo interno está originalmente ligada a fenômenos de conquista, em que populações nativas não são exterminadas e formam parte, primeiro do Estado colonizador e depois do Estado que adquire uma independência formal, ou que inicia um processo de libertação, de transição para o socialismo, ou de recolonização e regresso ao capitalismo neoliberal. Os povos, minorias ou nações colonizadas pelo Estado-nação sofrem condições semelhantes às que os caracterizam no colonialismo e no neocolonialismo em nível internacional: 1) habitam em um território sem governo próprio; 2) encontram-se em situação de desigualdade frente às elites das etnias dominantes e das classes que as integram; 3) sua administração e responsabilidade jurídico política concernem às etnias dominantes, às burguesias e oligarquias do governo central ou aos aliados e subordinados do mesmo; 4) seus habitantes não participam dos mais altos cargos políticos e militares do governos central, salvo em condição de ‘assimilados’; 5) os direitos de seus habitantes, sua situação econômica, política social e cultural são regulados e impostos pelo governo central; 6) em geral os colonizados no interior de um Estado-nação pertencem a uma ‘raça’ distinta da que domina o governo nacional e que é considerada ‘inferior’, ou ao fim e ao cabo convertida em um símbolo ‘libertador’ que forma parte da demagogia estatal; 7) a maioria dos colonizados pertence a uma cultura distinta e não fala a língua ‘nacional’. Se, como afirma Marx, ‘um país se enriquece à custa de outro país’ igual a ‘uma classe se enriquece à custa de outra classe’, em muitos Estados-nação que provêm da conquista de territórios, chamem-se Impérios e Repúblicas, a essas formas de enriquecimento juntam-se as do colonialismo interno (Marx, 1963: 155, Tomo I) (CASANOVA, 2006, p. 96).

CASANOVA, Pablo González. Colonialismo Interno. In. BORON, A. A.; AMADEO, J.; GONZÁLEZ, S. (Orgs.). A teoría marxista hoje. Problemas e perspectivas. Buenos Aires: São Paulo: CLACSO: Expressão Popular, 2006. p. 395-420. in CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. COLONIALISMO, TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE: a luta pela terra dos Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul. 2013. 470 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciência e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

(...) Se no passado os espaços rurais eram somente o lugar da tradição e das relações de interconhecimento e proximidade entre seus habitantes, agora as formas de sociabilidade incorporam cada vez mais elementos antes tidos como tipicamente urbanos. Isso se expressa nos hábitos de consumo, em uma reinvenção das tradições culturais e religiosas, na crescente monetarização da vida social. Em outros termos, há certa unificação do mercado de bens simbólicos envolvendo o rural e o urbano. Uma das consequências destas mudanças envolve justamente o tipo de serviços a ser provido nestas áreas e que tipo de prioridades dar aos investimentos. Alguns urbanistas têm argumentado, por exemplo, que uma forma de frear a expansão urbana seria evitar a criação de certas infraestruturas nas áreas rurais como asfaltamento e expansão de energia elétrica e internet, pois isso atrairia populações urbanas e geraria uma posterior pressão por conversão formal das áreas rurais em áreas urbanas, permitindo então maior parcelamento do solo. Mas seria correto negar às populações que ali vivem o acesso a este tipo de conforto, até recentemente monopolizado pelo mundo urbano?

FAVARETO, A. e EMPINOTTI, V.E. Notas sobre os desafios do planejamento rural frente às transformações do início do século XXI. In: Deponti, C.; Freitas, T.D. Favareto, A. Três Décadas de Planejamento em Áreas Rurais: balanços e perspectivas. Pedro e João Editores: São Carlos. p. 31 – 55.2021.

## **Tião Bita e Maria Bita**

Vamo passar por baixo, tem umas pedras com vistas lindas dos cerrados da época em que os continentes estavam em outra posição. Dizem que o norte de Minas estava junto da Antártida, onde hoje é o Deserto do Kalahari, na Nigéria, além da Argentina e do Uruguai. Minas já teve mar, dentro dessa grande área continental havia um mar. Suas rochas e fósseis indicam que seriam águas bem rasas inclusive, boas pra banhar e pescar<sup>252</sup>. Mas o mar não ficou, de amor romântico, se foi, mas deixou para nós uma vista apaixonada.

---

<sup>252</sup> Inglez, Lucas. Estruturas discoides na Formação Cerro Negro (Grupo La Providencia), Argentina e suas implicações para a paleontologia de macrorganismos pré-cambrianos / Lucas Inglez dos Reis. - Rio Claro, 2018. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas Orientador: Lucas Veríssimo Warren Coorientadora: Fernanda Quaglio. Reportagem "Minas já teve mar, diz estudo de



Ficamos marejados e seguimos por entre as baixadas de pedras pontiagudas, árvores de cinturas súber e nascentes valentes. Olha! Aponto para a casa fumaçando a silhueta de sonhos Nabucodonosor<sup>253</sup>. Vamo que vamo! Descemos com os cavalos arditamente por entre as rochas sedimentares, chegamos, vemos se o sal e a água dos cochos na porta estão contemplados e os amarramos na cerca de arame liso fora. Vistamos já Tião Bitá e Maria Bitá debaixo de uma sombra boa, pitando ao sol do meio-dia.

Chegamos, tomamos uma água fria da cabaça, e nos ajustamos debaixo da sombra para poder escutar, ouvir, aprender, se benzer, matar a saudade, atualizar dos bons dias e assustá-los com histórias sobre como os metrôs andam debaixo da terra. Descanso, para poder regar força para as traduções das quais essa morada representa. Olho para as ladeiras que me criaram e suspiro reiterando que “tudo o que é sólido desmancha no ar, tudo o que é sagrado é profanado, e os homens são finalmente forçados a enfrentar com sentidos mais sóbrios suas reais condições de vida e sua relação com outros homens”<sup>254</sup>.

O que essa família representa e parte da história particular e universal das altas discussões sobre a formação do Brasil, elaboradas pelos clássicos<sup>255</sup>. Dou uma

---

pesquisador. Fósseis dos primeiros animais marinhos foram encontrados em rochas no norte do Estado. MINAS GERAIS. Thaís Mota, do R7. 13/09/2014, <https://noticias.r7.com/minas-gerais/minas-ja-teve-mar-diz-estudo-de-pesquisador-13092014>

<sup>253</sup> Cada parte do corpo da estátua formada por um material diferente simbolizava um reino. A identificação destes reinos também fica mais clara quando consideramos as visões de Daniel registradas nos capítulos 7 e 8. A cabeça de ouro: representava o Império Babilônico de Nabucodonosor (626-539 a.C.), que com toda majestade governa sobre as nações conforme Deus havia permitido (Dn 2:38). O tórax e os braços de ferro representavam o Império Medo-Persa (539-330 a.C.) que, comandado por Ciro, subjugou a Babilônia durante o reinado de Belsazar (Dn 5). O ventre e quadris de bronze: representava o Império Grego (330-63 a.C.) que conquistou o Império Persa com Alexandre o Grande. O Império Grego se expandiu rapidamente até se fragmentar após a morte de Alexandre. Pernas de ferro e pés de ferro e barro: representava o Império Romano (63 a.C. em diante). O fato de ser simbolizado por pernas de ferro e depois por pés feitos de uma mistura de ferro e barro, talvez aponte para duas fases distintas do Império Romano, que no começo era sólido, mas, depois, devido a conflitos e conspirações internas começou a ruir. Passado os sete tempos o rei recobrou o entendimento e reconheceu o poder e a majestade do verdadeiro Deus que governa o universo (Dn 4:34-37). O objetivo desse sonho de Nabucodonosor foi anunciar a humilhação do rei da Babilônia diante do Deus Altíssimo. < <https://estiloadoracao.com/sonho-de-nabucodonosor/> >

<sup>254</sup> Título original: *All That is Solid Melts Into Air* Tradução: Carlos Felipe Moisés. (Prefácio, Introdução, Capítulos I, II e III) Ana Maria L. Ioriatti (Capítulos IV e V) e Marcelo Macca (Notas) Capa: João Baptista da Costa Aguiar A partir de ilustração de Kazimir Malevich “Composição Suprematista” Revisão técnica: Carlos Felipe Moisés e João Roberto Martins Revisão: Márcia Copola Tomio Kurata Sylvania Corrêa. Editora Schwarcz Ltda. 1986.

<sup>255</sup> BRESSER PEREIRA, Luis Carlos (2015). *A Construção Política do Brasil*. São Paulo: Ed. 34 Letras. BUARQUE DE HOLANDA, Sergio (1995). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 26ª. Edição. CALLIGARIS, Contardo (1992). *Hello Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil*. São Paulo. Ed. Escuta. CARDOSO, Fernando H. & FALETTO, Enzo (1967). *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar ed. FAORO, Raymundo (2000). *Os donos do poder*. São Paulo: Publifolha. 10ª. Edição. FERNANDES, Florestan (1975). *A Revolução Burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro. Zahar Ed. FRANCO,

risada e contando, nas sombras do jambolão, dos professores rígidos da interpretação, fiz com o senhor Arilson Favareto, que favoritou só umas cinco mil páginas em um quadrimestre, li mais que isso, e ainda foi muito pouco para descrever a gênese da formação da sociedade brasileira e o seu acesso privilegiado à terra<sup>256</sup>, visto a minha relação com os Bitas.

Ganhamos a boa fé do povo preto, um café docim e uma bolacha assada no forno pra acompanhar. Já vou pro terreiro caçar uma goiaba preciosa, me desvio das valas e tomo cuidado pra não pisar em nenhuma catinga ou lixo cortadiço. É certo volto com a cabeça que faço de camiseta cheia. Os cavalos dão sinal de desconforto com os arreios arrojados.

Me despeço pedindo benção, mesmo eles não morando mais lá, Tião Bita veio a falecer dois anos depois da pandemia e Maria Bita mudou pra cidade em busca de mais facilidade ao modo vívido e racializado de uma majestosa rainha Ramonda<sup>257</sup> brasileira. Não conseguiu estruturar eletrificação, mas que Santos Reis os recorra a toda prece cor de angústia.

---

Gustavo (1998). A Inserção Externa e o Desenvolvimento. Revista de Economia Política. Vol. 18. N. 2. FREYRE, Gilberto (2006). Casa Grande & Senzala. São Paulo: Ed. Global. 51ª. Edição. FREYRE, Gilberto (2006). Sobrados & Mocambos. São Paulo: Ed. Global. 16ª. Edição. NASCIMENTO, Abdias (1978). O Genocídio do Negro Brasileiro. São Paulo: Ed. Perspectiva. PRADO JR, Caio (2011). Formação do Brasil Contermpoâneo. São Paulo: Companhia das Letras. Ed. Especial. RIBEIRO, Darcy (1995). O Povo Brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras. SINGER, Andre (2012). Os Sentidos do Lulismo. São Paulo: Companhia das Letras. SINGER, Andre (2015). Cutucando Onças com Varas Curtas. Revista Novos Estudos Cebrap. SOUZA, Jesse (2015). A Tolice da Inteligência Brasileira. São Paulo: Ed. Leya. VELOSO, Caetano (2017). Verdade Tropical. São Paulo: Companhia das Letras. 2ª. Ed.

<sup>256</sup> (A nova cara da pobreza rural: desafios para as políticas públicas / Antonio Marcio Buainain (et. al). Brasília: IICA, 2012. (Série desenvolvimento rural sustentável; v. 16 p. 260).

<sup>257</sup> De acordo com um comunicado de imprensa oficial da Disney para Pantera Negra: Wakanda para Sempre, a Ramonda de Angela Bassett, mãe de T'Challa e Shuri, foi nomeada Rainha de Wakanda devido à morte de seu filho. O produtor do filme, Nate Moore, explicou como a rainha Ramonda é parte integral da narrativa nesta sequência: "Ramonda é um personagem tão importante. Aqui está uma mãe que perdeu o marido e agora o filho. Ela tem governado Wakanda na ausência do rei. É uma dicotomia interessante ver essas duas mulheres como líderes, como rainha e princesa, e como mãe e filha."O papel da Rainha Ramonda em Pantera Negra: Wakanda para Sempre segunda-feira, 7 de novembro de 2022 <https://www.marvel616.com/2022/11/o-papel-da-rainha-ramonda-em-pantera.html>



Foto: 30 Casa do finado Tião Bitá, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

## Programa de Eletrificação Rural

"...A ausência de infraestrutura de energia, água potável e saneamento, entre outros serviços básicos, (...) inviabiliza o desenvolvimento econômico e o crescimento da renda nas áreas rurais, provocando a evasão destas regiões e a concentração populacional nas áreas metropolitanas (Oliveira, 2001). Desta forma, ao fornecer parte das condições básicas para a permanência da população na zona rural ou até mesmo reverter o fluxo migratório, é evidente que a energia elétrica contribui para criar meios de evitar o êxodo rural (Ribeiro, 2002). A evolução das taxas de eletrificação rural, urbana e total dos domicílios brasileiros (ANEEL, 2002) mostra que o período de maior crescimento da taxa de eletrificação no Brasil foi entre 1975 e 1985, quando o índice de atendimento dos domicílios passou de 51% para 77%. Nesse mesmo período a taxa de eletrificação rural passou de 22% para 45%. Entretanto, a taxa de eletrificação rural para o ano 2000 ainda se encontra muito baixa, se comparada com a taxa de eletrificação urbana, apesar de apresentar um crescimento elevado nos últimos anos.

Atualmente o Brasil conta com um Programa Luz para Todos, instituído no ano 2003, para implementar a universalização do acesso à energia elétrica para as famílias residentes no meio rural e que ainda não tinham acesso a esse serviço público. Além das comodidades imediatas proporcionadas pelo acesso à energia elétrica, ela também foi instrumento de desenvolvimento e inclusão social dessa população. (Ministério de Minas e Energia. Programa de Eletrificação Rural. <http://antigo.mme.gov.br/web/guest/secretarias/energia-eletrica/acoes-e-programas/programas/programa-de-eletrificacao-rural> )

### PARCELA DE DOMICÍLIOS SEM ENERGIA ELÉTRICA NO BRASIL: MACRORREGIÕES URBANAS E RURAIS (%)

Ano-base	Norte		Nordeste		Centro-Oeste		Sudeste		Sul	
	U	R	U	R	U	R	U	R	U	R
1985	10,6	n.d.	11,3	80,7	8,7	71,1	4,1	45,2	5,2	36,9
1998	2,2	n.d.	2,1	37,1	0,5	25,1	0,3	11,1	0,6	7,5
2001	1,6	n.d.	1,8	33,5	0,8	23,0	0,3	8,3	0,6	9,2

Fonte: IBGE (2001) e OLIVEIRA (2001)

Nota: U = Urbana; R = Rural; n.d. = não disponível

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, "Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2001". Brasil & Oliveira, L.C., 2001, "Perspectivas para a Eletrificação Rural no Novo Cenário Econômico-Institucional do Setor Elétrico Brasileiro". Tese de M.ScCOPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil. IN Roberto Schaeffer; Claude Cohen; Mauro Araújo Almeida; Carla Costa Achão & Fernando Monteiro Cima. **Energia e pobreza: problemas de desenvolvimento e grupos sociais e urbanos do Brasil**. División de Recursos Naturales e Infraestructura. Santiago de Chile, setembro, 2003.

## Lizeta

Subimos as ladeiras que um dia pareciam maiores que hoje, imagino que a percepção deve ser por conta das erosões que meus olhos viram, enxurradas fortes. Meu pai até tentou colocar uns bolsões beira da estrada, se frustrou, mas adiantou. Segurar a terra colorida mista de várias composições de cobertura fanerozóica, com sistemas orgânicos brasileiros e crátons é complicado em uma constituição geológica geral<sup>258</sup>.

Adiantemos o passo, precisamos foliar e encontrar o povo que já está bem a frente. Damos um alívio e terminamos a subida com um trote violento, daqueles que a sincronia de corações com o animal é súbita. E o pensamento vai longe pela estrada, que é cortada pela velocidade do animal em terras de Lizeta, agora, Margareth. Paramos na porteira e tomamos fôlego embaixo do jatobá guardador de segredos. Sentamos um instante para praiar, pode ser?

E assim, em refrescantes sombras de jatobá, os mineiros curtem o mar de montanhas que misturados com o céu que toca o chão permitem remissões:

*“Toda vida tive medo de poder me encontrar comigo mesmo. Retornar a quem eu sou me faz ter mais condições de permanecer na aceitação coletiva do que me construíram e fizeram de mim em nome de um bem maior e com mais condições. Hoje sinto a solidão na aventura que é o trabalho, trabalho organizado, sem muitas premissas, poucos observadores, apenas fazendo o que é recomendado e que tenho que fazer. Como se a luz do dia fosse um chefe de fábrica que tem um relógio de precisão. Com a barriga procurando alimento penso que é mais fácil ser um mimado, a fome disciplina, a fome tem cor, a urgência de uma boa produção também. Creio que os homens da terra produzem pelo medo de estarem sós debaixo do sol, ver a vida e ter a visão construída de um produtor dela, é uma sensação de poder ser um indivíduo potente cultivador. A fraqueza de uma potência não é margeada de observador. O próprio observador é por si o seu maior julgador. Mesmo no coletivo temos a sensação de estar incubido e esquecido, mesmo atuando na sua melhor versão temos a sensação de não poder produzir o melhor conteúdo. Faz falta a paisagem.*

---

<sup>258</sup> Veja o quadro abaixo

*A paisagem boa é o agricultor fortificado, ela exime potência, entretanto, é na situação diária e a que mais se movimenta e se mantém estática. E a paisagem que o construiu de um homem melhor, diferente dos outros, moral, pois a sensação de liberdade e finito colocada nessa paisagem faz dele um potente admirador de si solito. No coletivo é administrador e administrado pelas leis que dele não são assim, tão reguladoras. As leis divinas neste momento só têm validade frente a outros homens, frente a natureza, o respeito ou mesmo a contemplação dele é ditada pelas ferramentas domesticadas. Sem elas a solidez da sua potência seria dissipada no ar. Reflexo disso é a sensação constante que muitos podem até menos negar, mas é admissível a qualquer forma de ser humano, que se sentar aos pés de um jatobá ao tocante de um dia ensolarado, embebido de solidão, lhe mostra a fragilidade de sua estadia.*

*Que vale menos que uma estrondosa árvore que te dá um amparo ao sol das 14 horas. Reflexão que assunta em silêncio os peregrinos nos seus caminhos, que passam por últimos exemplares, de décadas de eventos e situações que trazem um ar de semelhança aos vivos, percorrem as terras assombrados pelo poder da morte. Ao passarmos pelo fortificante árvore, temos uma pastagem vasta e que assunta preço, as terras das mulheres sozinhas são sempre muito fáceis de ser apressadas pelos homens.*

*O que me faz lembrar de uns escritos que dizem: “Mas, o senhor sério tenciona devassar a raso este mar de territórios, para sortimento de conferir o que existe? Tem seus motivos. Agora - digo por mim - o senhor vem, veio tarde. Tempos foram, os costumes mudaram. Quase que, legítimo leal, pouca sobra, nem não sobra mais nada. Os bandos bons de valentões repartiram seu fim; muito que foi jagunço, por aí pena, pede esmola. Mesmo que os vaqueiros duvidam de vir no comércio vestidos de roupa inteira de couro, acham que traje de gibão é feio e capiau. E até o gado no gramel vai mingando menos bravo, mais educado: casteado de zebú, desvém com o resto de curraleiro e de crioulo. Sempre, nos gerais, é à pobreza, à tristeza. Uma tristeza que até alegra. Mas, então, para uma safra razoável de bizarrices, reconselho*

de o senhor entestar viagem mais dilatada, não fosse meu despoder, por azias e reumatismo, aí eu ia. Eu guiava o senhor até tudo.”<sup>259</sup>

Agrado?

Já descansados vamos lá em casa desarrear os animais e encontrar a Folia.

"Minas Gerais e em Presidente Olegário, abarca parte do Cráton do São Francisco e dois sistemas brasileiros Tocantins e Mantiqueira" e é composto por uma morfologia diversificada, que pode ser identificada abaixo:

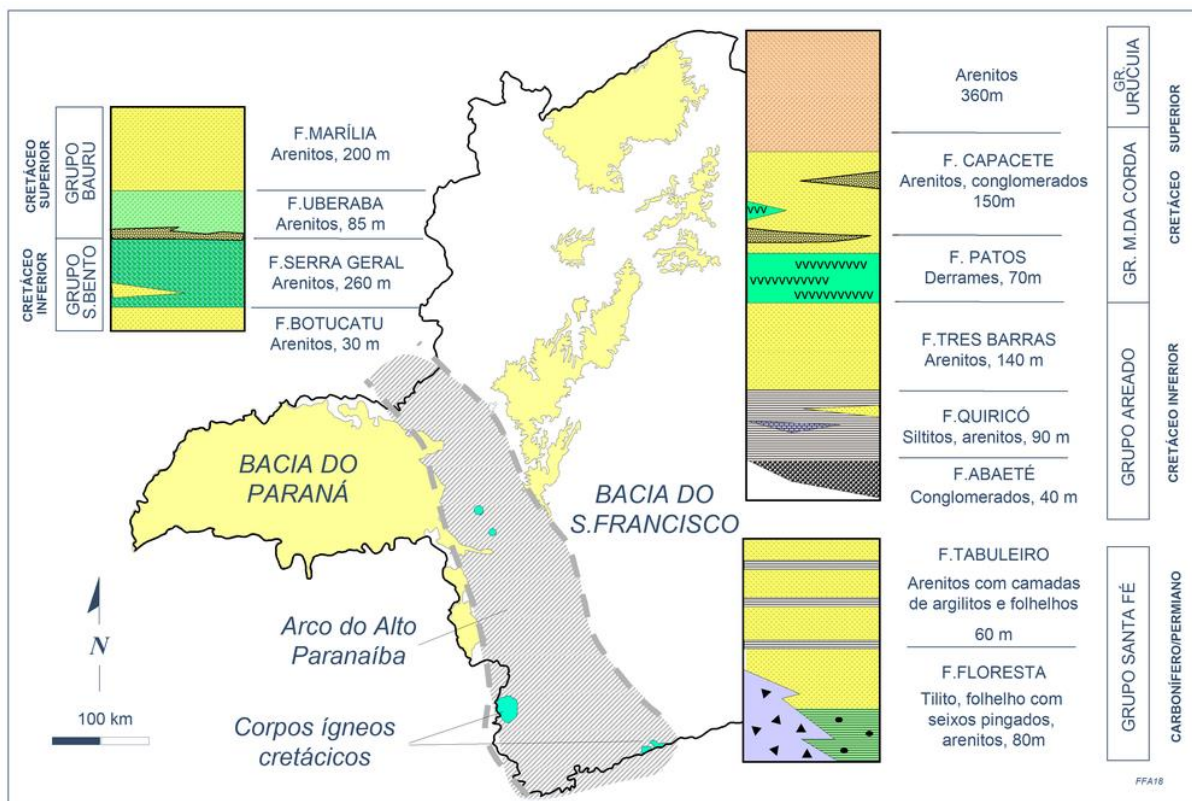


Figura 27 Mapa geológico simplificado dos terrenos fanerozóicos de Minas Gerais, com as respectivas colunas estratigráficas simplificadas das bacias do São Francisco e Paraná. Representam-se também Arco do Alto Paranaíba e as maiores intrusões ígneas cretácicas associadas.

<sup>259</sup> ROSA, J.G. Grande Sertão Vereda, 2019, p. 260.

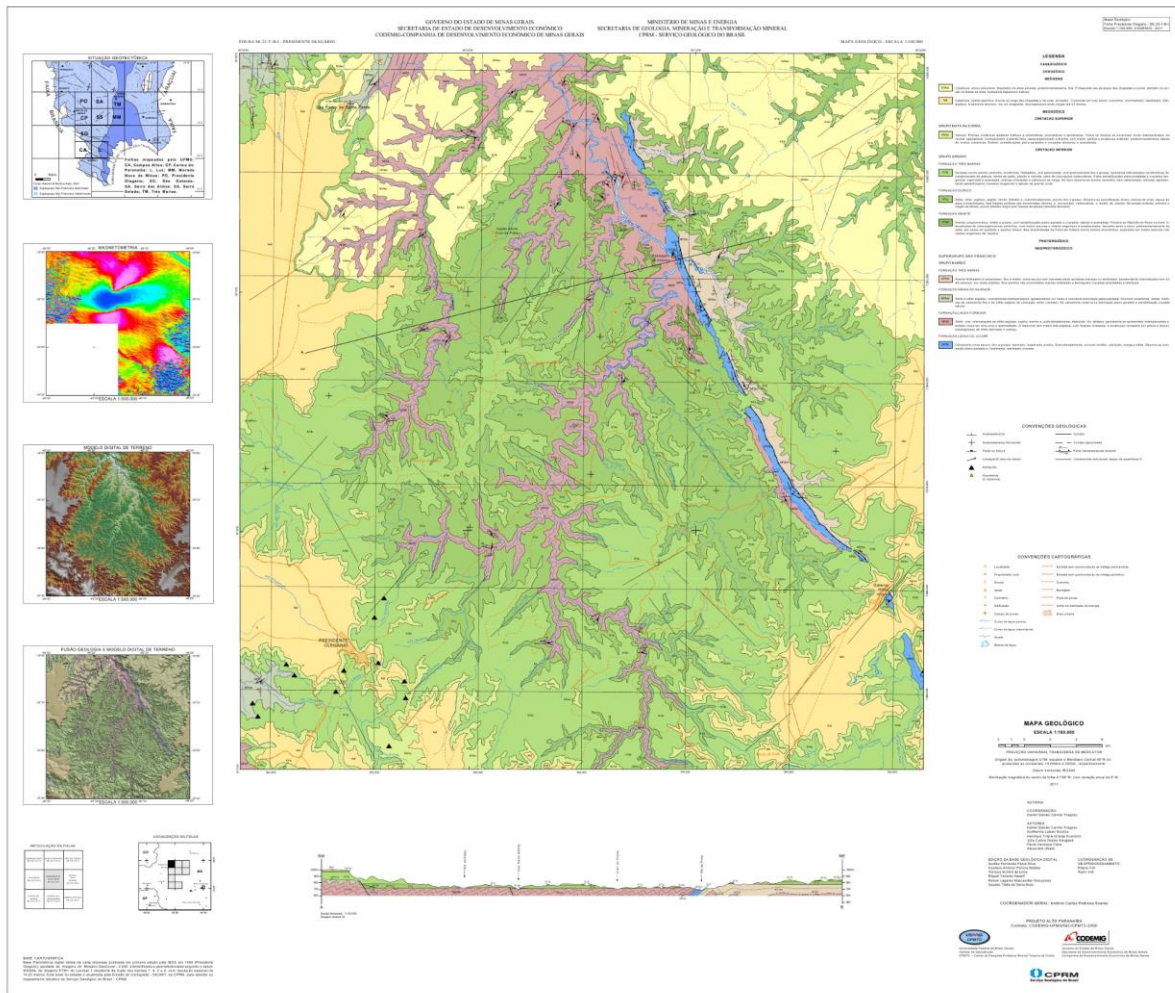


Figura 28 **Presidente\_Olegario** Mapa Geológico da Folha <http://www.portalgeologia.com.br/index.php/mapa/#downloads-tab>

## Valdim e Maria

Ouviu-se, em um tom sarcástico apurado: "Obrigado pela paciência. Fui dar um trato na botina e me enrolei". Lamentam-se em tons de desculpados e soltam os ombros dizendo "Pelo menos ta granfino". "Fico agradecido com o olhar de quem estava dando uma encerada na botina". Coisa que aprendi com minhas tias, que você pode sair desajeitado, mas nunca desarrumado, pra que sair feio? Coisa dos gerais. Entramos, estrada acima, para a casa do Valdim e da Maria. O pouso lá onde todo mundo já teve um romance. Um rabo de olho, um rolo, todo mundo têm um relato para contar, inclusive o que lhe contam. Romances, amores, desamores, descuidos, nomeados assédios, patifarias, pião, sexo. Assuntos que ao folião Valdim, o segundo folião mais velho da nossa folia, peço desculpa se me excedi. Mas não tem como negar que é uma casa muito amada e ansiada para estar.



Senhor Valdim vem de uma família de músicos, ele faz parte da folia desde muito anos, fazendo a resposta, folião titular da posição. Olho pra ele com alteridade. Ele é magrinho, elegante, aprumado, fazedor de currais punhados a mão de uma forma tão cuidadosa e engenhada que é admirado no campo da carpintaria. Pai de dois filhos que sempre estão juntos em nossa caminhada. Fazem banquetes inesquecíveis, abundância para alimentar 200 pessoas. Com sobremesa, doces até ensacados, uma fartura. A medida lá é dignificar o convidado, com a presença dos Santos. Ele inclusive, o senhor Valdim, é o que mais tem cara de Santo.



Foto: 31 Folião Valdim em sua casa, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2020

Mora nesta casa há um punhado de anos, lembro de quando ia pegar o ônibus pra cidade, estudar, fica o ponto um pouco acima da casa deles, cerca de uns 4.5 km da minha. Sempre encontrava a Maria, sua esposa, tomando carona no ônibus dos minino. Sempre muito elegante, conversadeira e perfumada. Eu adorava que ela sempre tinha uma revista *Avon* pra ganhar um dinheiro. Dando palco, até me pegar no colo, me recordo durante as voltas do ônibus quente.

Um casal que confiava nos dois, transparece até hoje. Tudo isso com suficiente ânimo e disposição para receber os santos foliões, que após cantarem, deixam os instrumentos em cima das camas como de costume na tradição, disponíveis para que envolvesse os

tocadores. Artistas da família apareciam, o ânimo era total e se brincar, logo menos um pé de valsa começava a rodar. O papo sortia, como as cotovias no alpiste. A gaitada da Maria subia, que era alegria e atenção aos convidados. fazia tudo por amor ao Santos, era a fé dela. Até os últimos dias de vida, Maria faleceu no dia de Natal em 2021. Fui ao enterro dela, ajudei a enterrar antes de sair para a folia. Eu era um dos festeiros daquele ano. Não cancelamos a festa, mas prestei meus sentimentos e memórias a sua santa Vida, que a família fosse acolhida pelos Santos Reis.

No mesmo ano de pesquisa e sua morte, passamos na casa dela, mas não cantamos em sentido de luto<sup>260</sup>. Mas a pedido dela e por ter preparado aos foliões, comemos com emoção toda a carne de porco por ela preparada à nossa espera. A melhor carne de lata que eu já comi na minha vida. Nem acredito que algo possa superar essa especiaria da comida mineira. Em sua singela alma, escrevo para homenagear uma mulher amada. Que descanse em paz.

Fim do quarto dia.

## **Dia V - 29/12**

### **João Queiroz e Missi**

Bom dia. Coloque uma música se possível, nome: Nós é Jeca mais é Jóia, de Juraildes da Cruz, Aurora do Paraíso/TO, 2018<sup>261</sup>.

Eu obviamente, estava escutando o remix do Trio Chapahalls, um hino das festas do PO. Escuto alto chegando na Terra Rica. Estava eu, de manhã, dando uma mão em uma leva de leite doado para fazer a festa. *Informação importantíssima:* Durante todos os dias do giro, lá na Escola, os festeiros do ano estão organizando tudo, o que significa alimentação caseira mineira, em escala industrial, para cerca de 1500 pessoas, para o dia da esplêndida festa final, dia 01/01/2023, o ano de posse do terceiro mandato do Presidente Luiz Inácio.

A fazenda do Queiroz Contabilidade; como é conhecido o seu empreendimento urbano, tem a arquitetura em planalto, com sede no centro, coisa possibilitada pelos anos 2000. Aqui na região as casas eram feitas do ladinho da nascente, para melhor

---

<sup>260</sup>FREUD, Sigmund. A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos: 1914-1916: com os comentários de James Strachey. Imago, 1996.

<sup>261</sup> Vídeo no palco do Sr. Brasil, o cantor Juraildes da Cruz interpreta a música 'Nós é Jeca mais é Jóia', cantiga de roda de própria autoria. [https://www.youtube.com/watch?v=twB25z5j-E&ab\\_channel=Sr.Brasil](https://www.youtube.com/watch?v=twB25z5j-E&ab_channel=Sr.Brasil)

e mais eficiente bombeamento d'água. Com o projeto de criação e logo após a revolução da EMBRAPA<sup>262</sup>; um marcador das transformações agrárias territoriais do Sul Global<sup>263</sup>, novas formas de ocupação agrárias foram proporcionadas, como também a heterogeneidade de usos da terra<sup>264</sup> não quer dizer que as principais atividades de pecuária e agricultura se dissolvam, havia um planejamento de conservação também dos principais modelos de produção.

Entramos cativados, os foliões estão organizados e comunicam em voz alta a satisfação de cantar em um salão que tem uma altura muito boa para a acústica. Tomamos rédea e o primeiro canto do dia é declamado. A alegoria demonstra atenção ao nobre cidadão, que, com sua família e devoção, protege a tradição. Fazemos tudo com comoção, puxando o terço rezamos em menção aos filhos, netos e familiares, todos frutos de Maria. Que rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.

---

<sup>262</sup> Veja o Quadro abaixo

<sup>263</sup> O carneiro hidráulico no dia a dia. A gênese do carneiro hidráulico, também conhecido como bomba de aríete, balão de ar ou burrinho, foi construída em 1796, pelo cientista francês Jacques E. Montgolfier. Máquina de elevação de água com energia própria, toda fabricada em aço, é simples e muito eficaz no abastecimento de água na agricultura e pecuária. No Brasil, ela é muito usada nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo. A versão mais simples, fabricada em ferro fundido, custa em torno de R \$300,00. O nome carneiro hidráulico vem do som que surge na bomba quando acontece o "golpe de aríete", semelhante ao choque de cabeças entre ovinos em luta. Trabalhando de forma ininterrupta durante 24 horas, todo dia, após a instalação, o carneiro hidráulico possui duas limitações de uso, segundo o pesquisador. A primeira, é a condição topográfica, onde é necessário que a fonte de água – geralmente um riacho -, tenha um desnível acentuado no leito, permitindo que a tomada da água fique na parte mais alta e a bomba instalada a pelo menos dois metros de desnível. A segunda limitação, de acordo com César Nogueira, é que apenas uma fração da água é aproveitada. Ou seja: no máximo um terço da vazão disponível pode ser elevada pelo sistema. O funcionamento então segue um rito, como explica o pesquisador: "E no momento que a água atinge uma velocidade elevada, a válvula de descarga fecha-se rapidamente, gerando o golpe de aríete, e dando origem a uma sobrepressão, possibilitando a elevação de uma parte da água que nele penetra a uma altura superior àquela de onde a água vem, sem precisar de força externa, usando apenas uma pequena queda hidráulica". A tecnologia mudou a vida de agricultores na África. 01/07/2014. Acesso em 27/04/2023 [https://www.embrapa.br/busca-de-noticias?p\\_p\\_id=buscanoticia\\_WAR\\_pcebusca6\\_lportlet&p\\_p\\_lifecycle=0&p\\_p\\_state=pop\\_up&p\\_p\\_mode=view&p\\_p\\_col\\_id=column-1&p\\_p\\_col\\_count=1&buscanoticia\\_WAR\\_pcebusca6\\_lportlet\\_groupId=1354386&buscanoticia\\_WAR\\_pcebusca6\\_lportlet\\_articleId=1870403&buscanoticia\\_WAR\\_pcebusca6\\_lportlet\\_viewMode=print](https://www.embrapa.br/busca-de-noticias?p_p_id=buscanoticia_WAR_pcebusca6_lportlet&p_p_lifecycle=0&p_p_state=pop_up&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-1&p_p_col_count=1&buscanoticia_WAR_pcebusca6_lportlet_groupId=1354386&buscanoticia_WAR_pcebusca6_lportlet_articleId=1870403&buscanoticia_WAR_pcebusca6_lportlet_viewMode=print)

<sup>264</sup> A atual fase de territorialização do capitalismo mundial constitui-se pela formação e institucionalização flexível de grandes regiões, com diferentes conformações funcionais e estruturas de redes de cidades, mais ou menos policêntricas. Comum à constituição das cidades-região é o fato de que a produção de seu espaço, dada por atributos econômicos e urbano-industriais, gera, ao lado de coesão urbana por complementaridade e competição entre cidades, grande fragmentação territorial, constituída por lugares apartados dos atributos espaciais, que definem essas regiões, por diferenças de grau e de natureza, ou mesmo por sua construção simbólica (ALLEN et al., 2002; HAESBAERT, 2010).

Nós nos espalhamos pelas varandas em volta a casa e competimos na mesa de sinuca. E passadas umas pinguinhas, uma atrás da outra, por que não? Já é quase meio-dia e só tomamos umas três doses, até então. Dia 5, né? Pontuamos no cantinho da Vovó Elza, sua fornalha sempre nos entregou abundância com comida farta para Santos Reis. Enchemos os pratos e logo mais Joãozinho conta um verso letrado, falando dos velhos tempos e dos dinheiros ganhados. Todos acham graça enquanto mastigam suas pelotinhas. Solta-se uns foguetes, nossa festa está chegando, Santos Reis chama pra cantar. Até juntar toda a companhia, levo hora, porque voltamos ao copo da pinga, a indecorosa. “Eu bebo não é por vício e nem por nada, bebo porque no fundo do copo tem o retrato de minha amada e bebo para que ela não morra afogada, mas falo para ela: " Aprende a nadar desgarrada!”. Bebemos, cantamos e partimos para mais um dia de giro.



Foto: 32 Vista aérea da Fazenda Terra Rica, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

**História da Embrapa.** Na década de 1970, a agricultura se intensificou no Brasil. O crescimento acelerado da população e da renda per capita, e a abertura para o mercado externo mostravam que, sem investimentos em ciências agrárias, o País não conseguiria reduzir o diferencial entre o crescimento da demanda e o da oferta de alimentos e fibras. No âmbito do Ministério da Agricultura, um grupo debatia a importância do conhecimento científico para apoiar o desenvolvimento agrícola. Nesse momento, os profissionais da extensão rural começaram a levantar a questão da falta de conhecimentos técnicos, gerados no País, para repasse aos agricultores. O então ministro da Agricultura, Luiz Fernando Cirne Lima, constituiu um grupo de trabalho para definir objetivos e funções da pesquisa agropecuária, identificar limitações, sugerir providências, indicar fontes e formas de financiamento, e propor legislação adequada para assegurar a dinamização desses trabalhos. Em 7 de dezembro de 1972, o então presidente da República, Emílio Garrastazu Médici, sancionou a Lei nº 5.851, que autorizava o Poder Executivo a instituir empresa pública, sob a denominação de Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), vinculada ao Ministério da Agricultura. O artigo 7º estabelecia um prazo de 60 dias para a expedição dos estatutos e determinava que o decreto fixasse a data de instalação da empresa. O Decreto nº 72.020, datado de 28 de março de 1973, aprovou os estatutos da Empresa e determinou sua instalação em 20 dias. Este foi atualizado em 04 de agosto de 1997 pelo Decreto nº 2.291. Em 1974, foram criados os primeiros centros nacionais por produtos: Trigo (em Passo Fundo, RS), Arroz e Feijão (em Goiânia, GO), Gado de Corte (em Campo Grande, MS) e Seringueira (em Manaus, AM). Com o objetivo de apoiar as ações da diretoria da Embrapa e funcionar como elemento de ligação às áreas responsáveis pela execução da pesquisa, foram criados os Departamentos: de Diretrizes e Métodos, Técnico-Científico, de Difusão de Tecnologia, de Recursos Humanos, Financeiro e de Informação e Documentação.

Fonte: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Parque Estação Biológica - PqEB, s/nº, Brasília, DF. <https://www.embrapa.br/memoria-embrapa/a-embrapa>

### **Tio Geraldo Moreira e Tia Sinhá**

Tem uma lenda nessa casa, que o fogo da fofalha nunca se apaga. Ele é conservado há quase 70 anos de casamento na morada. O fogo mantém o ambiente da cozinha climatizado para que a razão da palavra seja feita em alto e bom timbre.

A serpentina é sempre mantida acesa pelo Geraldo Moreira para que sua amada jurada Sinhá sempre, ao precisar de água para se banhar, tenha quente, situação que garante ao longo destes anos o seu cobertor de orelha estimar empatia.

Chegamos na casa dos Moreiras e estacionamos na baixada da porta da casa antiga, descemos e cumprimentamos os donos da casa dentro do alpendre, sítio com o mesmo desenho de assoalho e teto alto, com quadros de anjos pendurados nas vigas de madeira nobre. Me fazem lembrar de uma história de um quadro antigo de Klee que se chama *Angelus Novus*. Tragédia engraçada que representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto aí da pintura. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. “Essa tempestade é o que chamamos progresso”<sup>265</sup>. Essa parábola não sai da minha íris, ainda mais nas casas cobertas de anjos, santos e bodas. Ele é um marcador, um camaleão e um eterno retorno, que temos que ter em mente nesse mergulho descritivo dos dias, pois seus olhos estão em cada santa imagem que protege, pois Deus existe mesmo quando não há. Mas o demo não precisa existir para haver.



Figura 29 Angelus Novus, 1920, tinta nanquim e tinta à óleo sobre papel, 31,8 x 24,2 cm, Paul Klee, Museu de Israel.

Instados os anciãos e todos os seus familiares em frente a nossa bandeira, nos posicionamos, toamos a marcha singela em ventura da cepa que brotou a rama e dela brotou a flor. Da flor que nasceu Maria é de Maria o Salvador. Neste dia, neste dia, o incrível, o verdadeiro. Coisa que nunca se viu, morar lobo com cordeiro. A comer do mesmo pasto, tigre, boi, burro e leão. Por um menino guiado, até a

<sup>265</sup> Benjamin (1920), Sobre o Conceito de História, Tese IX.

nossa confraternização”<sup>266</sup>. Todos serão irmãos, ninguém será diferente, todos guiados por um menino, desarmado, sem nenhum poder. Esse menino é o pequenino que nasceu no presépio, posto no altar brilhante e em vermelho. Aos olhos do Santo Pai, vantejamos os velhinhos amados debaixo do esteio armado.

O santo terço e puxado em mãos e em voz de sinhá, estimula a nossa vocação. Destinamos as boas almas proteção e aos reunidos um sentir bem, para que seja conduzindo com *stimmung*<sup>267</sup> e zelo as suas relações na existência, mesmo que não sejam hibridações, mas com a potência e perseverança de que a nossa tradição terrestre seja sempre cuidada, porque há um passado que nunca foi presente e que tem a ver com o que chama se *naturaleza*. Alegria, a Sinhá está ativa, uma líder de nascença, já está preparado o agrado para nossa benevolência. Nos ajustamos junto da fornalha e tomamos uma pinga com Geraldo. Que fala e canta em refrões bem altos, que dão respiro a voz grave, que abre espaço em sorriso pro nosso compromisso. Festejamos, consagramos o profano e o mundano, e, na hora celeste, assumimos as vestes, nos despedimos vociferando com a quarta voz composta na tradicional e justa causa posta.

---

<sup>266</sup> Composição: Reginaldo Veloso. Da Cepa Brotou A Rama Músicas Católicas.

<sup>267</sup> Veja o quadro abaixo

## “EI CUERPO DE LA TIERRA, LA ENCARNACIÓN DE LA VIDA Y EL STIMMUNG DE LA EXISTENCIA”

O anterior vem a questionar todo propósito de pensar a Terra como um Real intocado pelo Simbólico. Mas a lá do irrepresentável, o impensável e incidente de uma essência originária oculta na Φύσις, emerge a pergunta pela *potência da vida*: por um princípio de vida que pudesse emancipar ainda, contravindo a invasão tecnológica da vida, manifestar se como uma "imanência da vida" o regime ontológico da ordem da *Gestell*, da racionalidade técnico-econômica do mundo globalizado na modernidade. Certamente, na meditação de Heidegger, a Terra não poderia assimilar o Real fora do Simbólico, há uma ordem pré-ontológica ou a-ontologia intocada pelo ser. Sim a Terra se mantém "oculta", não deseja ser uma categoria "terrestre", cerca da compreensão sensível. Entretanto, afirma Haar, não resulta claro do qual maneira

“E o redescobrimento da Terra significa uma reintegração do "sensível" e do corpo na meditação de Heidegger. O corpo "propriamente" os sentidos que estão quase-ausentes ou presentes de maneira mais bem oblíqua ou marginal no Ser e Tempo, aparecem em numerosas interpretações do à mão, a visão e ao escutar no curso sobre Heráclito (GA-55), no “*El principio razón*, e em *¿Qué se llama pensar?*” como pertencendo a uma dimensão que não é sensível- em oposição ao inteligível- não simplesmente “natural”, se não “terrestre” [...] o que distingue principalmente esta dimensão terrestre do espaço fenomenológico do ‘corpo próprio’ de Merleau-Ponty, assim como o sensível platônico, e que para este seja revelado e tenha sentido, o corpo depende de um, de uma empatia afetiva que sempre o envolve. *Stimmung* [...] volta além, há um passado que nunca foi presente e que tem que tem haver com a tradição chama se natureza (HAAR, 1993: 14).

HAAR, M., 1993. The cong of the Earth. Heidegger and the grounds of the history of Being, Blooming-ton / Indianapolis, Indiana University Press. IN LEFF, E. El fuego de la vida: Heidegger ante la cuestión ambiental- Ciudad de México: Siglo Veintiuno Editores, 2018. (p. 182) (Tradução do autor).



## Eri e Sirlene

Nos despedimos, mas não saímos da família, vamos a casa do filho que mora com realeza nas terras altas da nossa redondeza. Eri é da idade do meu pai, Sirlene da minha mãe, eu, quase da idade do primogênito, de quem lembro da minha infância, enquanto trabalhávamos na roça, ajudávamos a mãe, carregando água pra encher o pote. Casa feita perto da rodovia de terra que segue em sentido de Santiago de Minas, passagem que certamente Antônio Candido descreveria sendo as “áreas de subdesenvolvimento e com problemas do subdesenvolvimento (ou atraso) que invadem o campo da consciência e a sensibilidade do escritor, propondo sugestões, erigindo-se em assunto que é impossível evitar, tornando-se estímulos positivos ou negativos da criação”<sup>268</sup>. Lugares como esse que já sentiram sede, se saciam com vidas.

Assim, sendo tocado pelo romântico, somos seguidos de boa admissão. Instalamos os automóveis no pasto à frente e em varanda silente tocamos aos Santos Foliões. É cantado novamente a apresentação e os pedidos de esmola aos nobres cidadãos. Que logo é nos oferecido um agrado hidratado pra nossa vocação. Nos instalamos nas muretas destas varandas, que por extensão não falam e que não se expressam por meio de palavras, eu faço uma amiga. Amizades brotadas em meios semiáridos cerrados, abastecido de cisternas cuidadas de diálogo são um pé de relva num dia estiado. Somos românticos da segunda geração. Se amenos morrêssemos amanhã, nossas famílias pensariam na aurora de porvir que é o amanhã, “mas essa dor de vida que devora. A ânsia de glória, o doloroso afã... A dor no peito emudecerá, ao menos<sup>269</sup>” se eu viver amanhã. Tiramos de risa que Deus é bom o tempo todo, narra-se uma nova brisa.

Seguimos agradecendo a casa adorada, cânticos ao seu povo e que Santos Reis lhe dê um aguaceiro de alegrias. Porque perto de d'água todo mundo é mais feliz, quem dirá a troca de mensagens:

---

<sup>268</sup> CANDIDO, Antônio. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989. ( p. 177-178).

<sup>269</sup> SE EU MORRESSE AMANHÃ - Álvares de Azevedo - 1853

não deixe de amar o impessoal  
seja um gato que te sonda  
seja a ovelha no auto grau de conexão  
Lembre de como pode ser gostoso um carinho desvinculado de interesse  
que a ganância oprime até mesmo a criança melhor  
e que um lar violento não pode ser considerado partilha  
que o saber de uma nova ameixa te acalente com um beijo de despedida  
que a vontade que me tira e faz ansiedade, não seja a que me mergulhe pra  
nenhum lugar  
sonhe pequena suja. sonhe

17:26 ✓✓

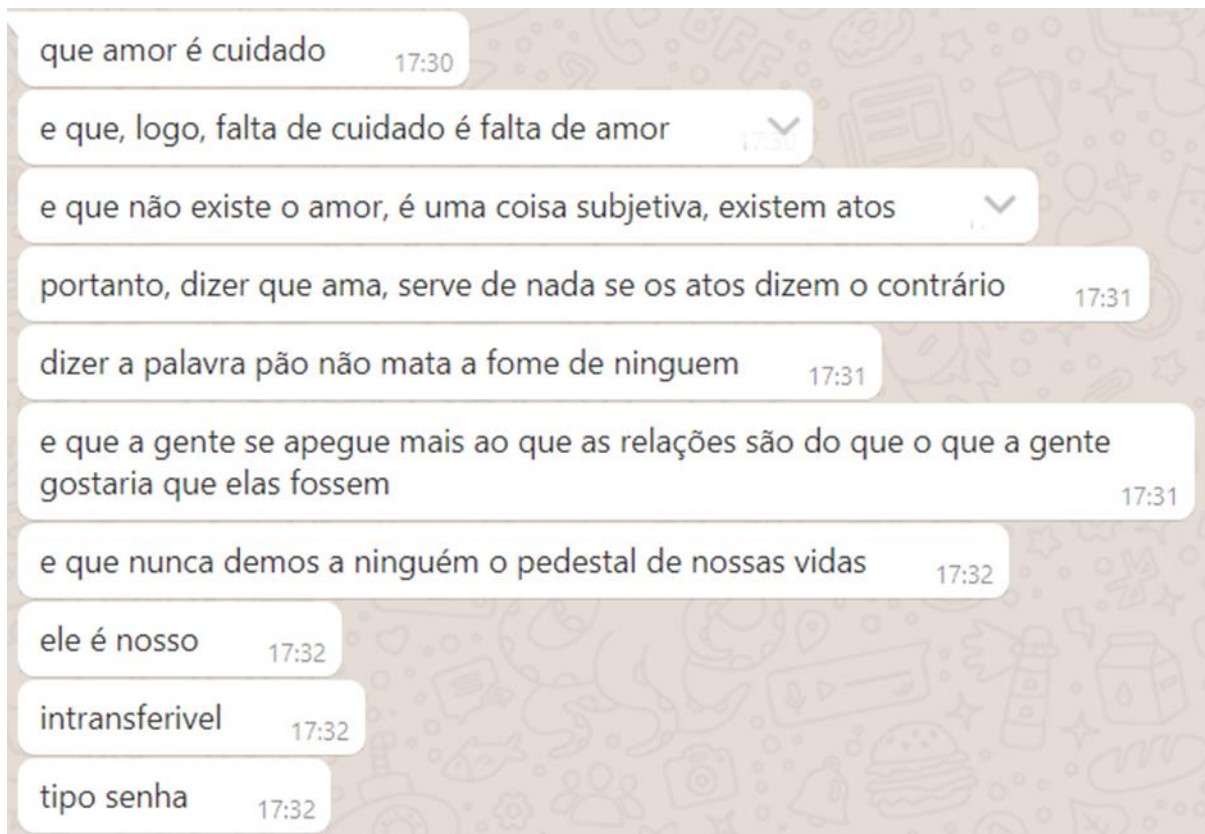


Figura 30: Troca de mensagens com Angélica Queiroz.

## **Programa Cisternas**

O Programa Nacional de Apoio à Captação de Água de Chuva e outras Tecnologias Sociais (Programa Cisternas), financiado pelo MDS desde 2003 (acesse e conheça a legislação [CGR1] instituído pela Lei Nº 12.873/2013 e regulamentado pelo Decreto Nº 8.038/2013), tem como objetivo a promoção do acesso à água para o consumo humano e para a produção de alimentos por meio da implementação de tecnologias sociais simples e de baixo custo.

*Metodologia* - As cisternas podem ser:

Cisterna familiar de água para consumo, instaladas ao lado das casas e com capacidade de armazenar 16 mil litros de água potável. Cisterna Escolar de água para consumo, instalada em escolas do meio rural e com capacidade de armazenar 52 mil litros de água potável. Cisterna de água para produção, com capacidade de 52 mil litros de água, de uso individual ou coletivo das famílias.

A metodologia de implementação empregada pelo programa é a Tecnologia Social, ou seja, é implementada em interação direta com a população diretamente beneficiada, envolvendo técnicas e metodologias apropriadas. Para isso a implementação prevê as seguintes etapas:

- 1) Mobilização social - é o processo de escolha das comunidades envolvidas e mobilização das famílias que serão contempladas, realizado pela entidade executora com a participação de instituições representativas da localidade.
- 2) Capacitação - é a fase do projeto que caracteriza as tecnologias implementadas pelo Programa Cisternas como “tecnologias sociais”, afinal, estimula-se o envolvimento dos beneficiários por meio da realização de capacitações específicas. Tais capacitações são realizadas valorizando a organização comunitária existente, com proposta pedagógica adequada, voltada à educação popular. Os materiais didáticos utilizados são produzidos com linguagem simples e ilustrações, favorecendo a compreensão dos processos envolvidos.
- 3) Implementação – é a fase do projeto que se constrói e implementa a tecnologia. A mão-de-obra é escolhida preferencialmente na própria comunidade, barateando, assim, custos, gerando oportunidades de trabalho e movimentando a economia local. As famílias beneficiadas e os pedreiros envolvidos são capacitados pelo próprio Programa. Assim o processo de construção e implementação das tecnologias é realizado em regime de cooperação, gerando sentimento de pertencimento, o que promove maior sustentabilidade ao equipamento instalado.

## **Maria do Juca e Vandeci**

Descemos o morro pra gaiteira, a santa cozinheira Maria. Eu mesmo nunca soube de Juca, mas quase chamamos ele se entoarmos uma cantiga de pinga com adivinha de dona Maria do Juquinha. Situação nada complicada pra velha senhora, que na terceira idade está saudável. Sua presença é forte e cativante, com o seu filho Vandeci, produzem leite e cuidam da vidinha a dois, de uma forma radiante assim, acolhem os santos festejantes. Que limpando as botinas entram em santa harmonia para a casa saudar em ritmo de folia.

### **Idosos no meio rural: uma revisão integrativa**

“(...) o perfil de idosos do meio rural tem especificidades originadas nos hábitos de vida e na cultura da sua região. O convívio familiar, a vida em comunidade, atividades habituais menos estressantes em comparação com o meio urbano e a continuidade do trabalho, mesmo depois da aposentadoria, podem ser fatores de proteção para um envelhecimento saudável no meio rural. Quanto à qualidade de vida, as principais recomendações dos estudos para os serviços de saúde foram no sentido de ampliar para os idosos do meio rural o acesso à participação social e ao lazer. Salientam que devem ser consideradas e potencializadas as organizações já existentes na comunidade, que facilitam a interação social, para contribuir na manutenção da capacidade funcional dos idosos. Considerando a complexidade do processo de envelhecimento, as equipes interdisciplinares de saúde são fundamentais para dar conta de oferecer uma atenção integral aos idosos. O desenvolvimento destas habilidades e competências deve iniciar na formação acadêmica, o que se apresenta como um grande desafio. Outro é a necessidade de mais estudos com o propósito de melhor compreender as características do envelhecimento da população, que é uma realidade brasileira.

Winckler, M., Boufleuer, T. R., Ferretti, F., & De Sá, C. A. (2016). IDOSOS NO MEIO RURAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA. Estudos Interdisciplinares Sobre O Envelhecimento, 21(2). <https://doi.org/10.22456/2316-2171.60691> (grifos do autor)

Cantamos e logo mais nos ajustamos, geralmente a casa que não tem altar exposto não se reza, motivo da tradição, dessa forma, somos levados pra varanda da cozinha alterada, para comer com divulgação. Papamos com a família presente que,

demasiada comoção, coloca na mesa diversa uma cacofonia de alimentação<sup>270</sup>. As bocas cheias de dentes celebram as sobrinhas foliãs de outras companhias, mas sempre gostam de estar juntas na apresentação de devoção, deixam a suas folias para nos honrar com satisfação. O prodigioso prejuízo<sup>271</sup> nem sinal, alonguemos pra agradecer.

## Prechede

A folia agora passa na pinguela firme de mourão, vamos visitar um dos tão famosos casarões dos tropeiros de tradição<sup>272</sup>. Ao meu velho e indivisível, avôhai, avô e pai<sup>273</sup>, deixo uma carta:

*“Uma prosa boa sempre se inicia com um aperto de mãos e o firme confronto, frente a possibilidade de olhar nos olhos, situação que em certas horas se engasga, tomar a fala, olhos nos olhos do irmão. Quem inventou isso foram os persas, lugar onde fizeram as roupas dos três reis. Quizá eram de lá... e tinham gosto pelo reflexo da alma, essa figura única e tão admirável de ser. Recorte de toda espécie humana, que é livre e desprendida de tudo mais, seu efeito é similar ao cair da chuva de meados de dezembro após seca brava, bâtega.*

*Em se falar em chuvas, lavávamos e elaborávamos questões profundas sobre a chuva do passado no combinado do futuro, um jeito tropeiro de dizer: “Se chovê amanhã, eu vou depois”, certezas que o presente momento de um novo encontro nos vinha à tona de forma quase indiferente, como o dia, não me incomoda ser satisfatório ao gosto dele, um dia apenas é. E nesse sentido, que se segue muitas vezes a busca por se acalantar um qualquer canto, chão, pé de tento ou banquinho branco de 1974.*

---

<sup>270</sup> Para a discussão de Comida, Capital e Neoliberalismo acesse: SILVA FILHO, Olívio José da. Neoliberalismo está na mesa: comida, consumo e necessidades do capital. 2020. 109 f. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural) —Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

<sup>271</sup> Nome do Cachorro do Eduardo, folião da companhia.

<sup>272</sup> Os tropeiros tiveram grande importância econômica, pois, além de animais, faziam também o comércio de carne, toucinho, farinha, rapaduras e queijos, que eram transportados nos cavalos, ou carros de bois. Em caixotes de madeira, ou em brucacas (bolsas de couro) Jurema Mascarenhas Paes. TROPAS E TROPEIROS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX NO ALTO SERTÃO BAIANO. Dissertação apresentada ao Mestrado em História Social da Universidade Federal da Bahia - UFBA., sob a orientação do Prof. Dr. Ubiratan Castro de Araújo, para obtenção do título de Mestre em História. 2001.

<sup>273</sup> Música: Avôhai · Zé Ramalho, 1997.

*Qualquer sombra nos refresca, serve para retirar as minhas histórias ou, até sem jeito, reflexões que me ensinaram a Verdade. É, assim, que se colocava uma referência de estar vivo e seguir; digo isso porque, não havia cabimento ou condição de um relato vindo de uma capoeira por ela ser inventada, aumenta a credibilidade por quem já a encontrou nas terras antigas do Prechede. Correr no seu meio a cavalo, no mais absurdo mato engaranhado, mesmo assim nem se passar na cabeça a condição de que ficar envolvido nessa mata, não anula a minha capacidade de ação, articulação e reflexo, mesmo assim acreditava em tudo que o Prechede dizia. Afinal, ele tinha balas de macaco na sua algibeira, seu poder era manso e assertivo como a sua voz.*

*Vento frio, sinal de que novidades peripatéticas da vida a de seguir vindo, com toda a vivacidade da minha terra adorada, há alguns anos escuto meu telefone tocar. Ao atender sem apertos de mãos, falava-se o suspense, no necessário ouvir da retirada da viva alma. Com o soar de voz choroso, tira o sono desse menino, que se torna muito duro. Sinal que não tem como arrancar uma árvore esplendorosa e enraizada sem sofrer danos. Ela fez climas, amenidades e shivas como essas de dezembro. Uma ligação como essa precisa de tempo e é ouvida em miúdas palavras suspiradas, acredito que todo mundo uma hora ou outra vai receber uma ligação sobre a morte de um conhecido da família, que te marcou na infância e sabe disso, mas, não se mantém presente nas conversas de domingo.*

*Cuidados que a gente arruma pela estrada! Sem pai e nem mãe para aconselhar, seguindo as orientações que as prosas me moldaram a seguir, por sinal encontro eles cada vez mais, sempre mais. Já ouvi até dele, “Você vai encontrar gente ruim e gente boa pelo caminho, mas com certeza, existe mais gente boa que gente ruim”. Ele dizia das estradas que já viu peão hoje vê bisneto da Cota. Porque até então, estão quase na mesma estrada.*

*Aliás, não só por isso, mas pela essência colocada lá, na substância que abastece e rememora, saborosas latas com carne de porco. Cada almoço, regado de líquidos ardentes, conduz a tradição centenária, filhos que se replicam, do mais velho ao mais novo bisneto, do mais afortunado ao menos possuidor, todos arreiam dos lombos fortes das tropas para festejar. Que se torna mítico e que marca, feito o solo sonante da caixa da Folia de Reis, e no compasso “da sanfona que eu danço, é no balanço*

*da venera que me encanta, É no sorriso da morena mais faceira. Que eu vou pra sala e danço toda a noite inteira*<sup>274</sup>. *Aí aí, os pousos em sua casa já fizeram os moços tirar caruncho do esteio.*

*Com sabor de saudade, o que gostaria, mesmo, era de declarar que não é doce, como café com açúcar, e nem amargo, mas forte e saboroso, aquele modo de fazer ressalta o valor. Quero tocar esse pandeiro com sabor de despedida, com clima fúnebre. Latente a escravização do momento, um luto sobrevoava com a certeza que em algum lugar tem luz. Não no sentido apenas luminoso, com velocidade e cadência, afinal que parte da ciência exata ou mesmo a do espírito oculta esse conhecimento. Querer só se concretiza com foco e um tantim menos de preguiça, com ela também é de se ajoelhar e chorar. Ser doutor é o referencial de paciência, nada é para já, afinal vinte anos é muito pouco para chamar folião para cantar. Mas é o que tá chamando! Com isso me incluo, nessa alta madrugada, acompanhado pelas notícias sentidas. Grato pela sua companhia na vida. Descanse em paz.*

*Acabou o quinto dia.*

## **Dia VI - 30/12**

### **Eli e Mônica**

Bom dia, leitora, comecemos o dia com um sorriso no rosto que é o sexto dia. Aqui gostaria de pensar um pouco sobre a natureza da natureza, da formação de um sistema complexo, uma estrutura de planejamento que tem que se deter a formação maciça dos átomos. Introduzir a termodinâmica e a engenharia dos materiais a um peão é algo que demanda uma certa linguagem observativa, quase de alfabetização, com gramática e tudo mais, pois introduz uma linguagem a quem se atende demanda de um olhar de cria-ação. Quando penso sobre a dimensão do solo do sol é o iminente caos, e que se identifica com a auto-organização dos meus átomos, tomo vento e olho o sujeito à minha frente, trilhando o caminho indo pra uma pinguela, que feliz

---

<sup>274</sup> Música, No Compasso da Sanfona. Grupo Tradição.

atinge a maturidade de um outro astro mirim, recém condensado. Esse pensamento é facilmente despercebido visto que, a um metro e meio a frente, tem uma tábua, geralmente duvidosa sobre sua Fortitude e geralmente bem molhada. Diferente da confiança que o sol nutre a *physis*, essa pinguela não se mostra igual.

Há uma técnica, male, male posta pelo Vinícius, filho da casa que nos recebe, que a coloca por mérito da história. Porque para ele mesmo, essa pinguela nem é necessária, é um rapaz muito forte, dos que eu conheço talvez um dos mais fortes e de avidez automática. se mudou para o Acre para tentar a sorte nas fronteiras agrícolas<sup>275</sup> e vistos os sonhos de esperança. Ele passa uma confiança que trouxe do levantamento de latas de leite, bens que são preciosos por aqui, vencedores em torneios de leite. Pode-se ver que, ele, seu pai e sua mãe, uma unidade de família pequena que vive em uma casa de três quartos, varanda tomada de plantas e cozinha afora bem equipada e moderna, vos guarda com autoridade no assunto leiteiro. Antes tinha a Keli, que se mudou pra cidade para estudar, não a vejo em sua casa, mas tem muitas fotos bonitas das suas conquistas, que, misturadas com os títulos das melhores vacas leiteiras da cooperativa Coopatos de Patos de Minas<sup>276</sup>, confraterniza com os convidados.

Essa casa não tem altar, então já chegamos de manhã, aguardamos as notícias sobre a pinguela, conversamos, sem muita pressa, sobre a paisagem e as plantas da Mônica. A casa de plantas da Mônica. Tem gente que tem um jeito de nutrir (*nurture*) que admira e inspira os outros, cantamos, nos alimentamos do ofertado. Cantamos pra santa família e saímos gratos.

---

<sup>275</sup> Bruno Costa da Professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Doutorando do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). QUESTÕES ESSENCIAIS DO DEBATE AGRÁRIO DE JOSÉ DE SOUZA MARTINS SOBRE A EXPANSÃO CAPITALISTA NAS FRONTEIRAS. Revista do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (UFV) ISNN 2359-5116 | V. 9 | N.1 | JAN.-JUN.2020

<sup>276</sup> A Coopatos e considerada uma das principais cooperativas de laticínios do país, a COOPATOS está localizada na maior bacia leiteira da região Sudeste e segunda maior do Brasil, com sede no município de Patos de Minas. Estamos presentes com a qualidade de nossos produtos nos estados de Minas Gerais, Distrito Federal e Goiás, sempre com intuito de entregar a melhor experiência de compra a cada cliente. Somos fruto da semente da cooperação, plantada nesta terra há mais de 65 anos por produtores que acreditaram no sonho de que, juntos, poderíamos trilhar um caminho mais próspero. Com o apoio e a força dessa gente simples e trabalhadora, evoluímos, e hoje somos mais de 3 mil colaboradores e cooperados que formam a família COOPATOS. <https://coopatos.com.br/noticias/69-coopatos-conquista-faixa-ouro-no-premio-somoscoop>



## Joana



Figura 31 Foliões seguindo para a casa da Joana, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

Dobre a calça e ponha a bota na lama, seguimos os três para a casa da Dona Joana. O caminho até sua casa nos suscita a velha tradição, passar a pé de casa em casa era nossa sina. Passando brejo, barreiro, pinguela e aguaceiro, protegendo da chuva os instrumentos e nunca esquecer de que, nas antigas homilias, os santos objetos nas travessias não passam debaixo de cerca e nem passam pela janela. Porque a nobreza também está nos detalhes de cada passo dado.

Uns atolam, outros rebolam, mas do chão ninguém passa, chegamos a casa alterosa uma dos lares ainda com menor salubridade de saneamento da comunidade. Que distoa bem o tratamento que recebemos em uma varanda de piso branco e grota cantante da companhia. Estimamos os instrumentos no peito e cantamos as versões de apresentação e consagração. Aqui se repete a tradição, sem altar não rezamos. Logo, ficamos na varanda da senhora pequena<sup>277</sup>, que acolhe os foliões como manda tradição. É nos oferecido um café quente e um tira gosto elaborado. Tomamos uma

---

<sup>277</sup> “fome crônica, originada não tanto da redução em quantidade como dos defeitos da qualidade dos alimentos (Gilberto, 34) Hiponutrição, problemas de desenvolvimento da estatura

pinga com limão panhado e, em breve prosa, estumamos as novas, Santos Reis faz questão de cumprir sua tradição e que fiquem em paz e que os males não cheguem em seus nobres corações. Partimos em meio ao trio alamado e em tons de riso ficamos contagiados, “Isso que é foliar”.

### **Geraldinha Bita**

Subimos o morro da cascalheira, entramos no mato preservado e logo menos nas curvas da estrada chegamos a casa da Geralda Bita que, com sua grande família, nos recebe em seu forte com demasiada alegria. Seu quintal formoso, indica que a produção a cada ano vem com mais trabalho e permanência em um espaço usucapião<sup>278</sup>, ajustamos todos dentro da nova varanda, feita em cima da terra pisada, e puxamos o verbo para as almas encontradas.

A saudação dos santos é emocionante, o Teir, nosso coringa da folia, é filho da casa e está à frente da bandeira. Temos uma casa de músicos, compositores e trabalhadores, que de nascença preta sempre fizeram do trabalho sua primazia. E colocado a vigília à mesa, rezamos o terço com bastante devoção e ao lado dos amigos e foliões, oferecemos aos dias bons e que permaneçam em nossa amizade.

Partimos ao banquete exposto, que suspira a lembrança de um Tutu que dança, é estrondoso o saber da comida ofertada, nos fartamos e repetimos<sup>279</sup>, comendo parcimoniosamente. Como se tivessem a espera do aguado o ano todo, fazendo lembrar o movimento das árvores que pegam poeira na beira da estrada<sup>280</sup> e são purificadas com a passagem das águas. Sempre, no meio da bonança, os músicos da dança despertam o deus Baco, para cobrir de graça a agricultura, repleta de transformações de fertilidade e dança, onde o vaqueiro tira o chapéu pra dama, quebrando a lei da inércia e dando torque nos trilhos de rolamento da continuidade psico sócio humana do nosso Brasil colônia<sup>281</sup>. Se as condições humanas de

---

<sup>278</sup> Veja o quadro abaixo

<sup>279</sup> Como é uma diferença de grau e não de natureza, porém, é suscetível de modificar-se, acompanhando o desenvolvimento da sociedade ou as mudanças de situações dos indivíduos ou grupos de indivíduos. (FLORESTAN, F. 2003, p. 64)

<sup>280</sup> “Pobre tem de ter um triste amor à honestidade. São árvores que pegam poeira”

<sup>281</sup> “Quando uma nova reforma foi feita na Lei dos Pobres inglesa em 1834, a concepção de pobreza já estava influenciada pelos ideais utilitaristas e laissez farianos. A nova lei assistiu apenas aos completamente destituídos, surgiram assim uma distinção até hoje muito utilizada: a distinção entre pobres e indigentes. Pensadores influentes da época, como Davi Ricardo e Thomas Malthus, condenavam a assistência aos por acreditarem que isso ocasionaria problemas ao bom funcionamento do sistema econômico (Ricardo, 1982, passim; Malthus, 1982, passim). A pobreza era geralmente associada à preguiça, à indisposição para o trabalho, à má índole do indivíduo, salvo aqueles casos de incapacidade física e/ou mental que impossibilitaram o indivíduo de trabalhar. Por isso, o

alimentação fossem acostumadas a gula, é possível que passaríamos toda a tarde, mas, os dias aqui têm pressa e Santos, ansiedade, reunimos nossa remessa e deixamos a casa em voga.



Figura 32: Baquete na casa da Geraldinha, Presidente Olegário-MG. Fonte: Gabriel Machado, 2022.

---

auxílio aos pobres era visto como incentivo ao vício, além de livrá-los da responsabilidade de sustentar suas famílias. Para além desses argumentos, havia o interesse por parte dos empregadores de que os benefícios concedidos e o número de benefícios fossem o menor possível, a fim de evitar uma pressão sobre os salários pagos diante da crescente necessidade de mão de obra exigida pelo processo de industrialização em curso. A ajuda consistia em alimentos e algum auxílio monetário, suficientes apenas para garantir a sobrevivência dos beneficiários. E, assim, apareceu a necessidade de determinar a quantidade nutricional mínima requerida para garantir a sobrevivência de uma pessoa. O indivíduo ou a família que não conseguisse atender aos requerimentos nutricionais mínimos necessários à sua existência era definido como pobre.” (207)

### **O que é usucapião rural?**

A usucapião rural é uma das modalidades existentes dentro da usucapião, também conhecida como *pro labore*, que possibilita que alguém adquira a propriedade de um bem imóvel rural ao preencher os requisitos legais necessários. Em termos de legislação específica para a usucapião rural, temos o art. 1.239 do Código Civil, bem como o art. 191 da Constituição Federal.

Art. 191. Aquele que, não sendo proprietário de imóvel rural ou urbano, possua como seu, por cinco anos ininterruptos, sem oposição, área de terra, em zona rural, não superior a cinquenta hectares, tornando-a produtiva por seu trabalho ou de sua família, tendo nela sua moradia, adquirir-lhe-á a propriedade.

Art. 1.239. Aquele que, não sendo proprietário de imóvel rural ou urbano, possua como sua, por cinco anos ininterruptos, sem oposição, área de terra em zona rural não superior a cinquenta hectares, tornando-a produtiva por seu trabalho ou de sua família, tendo nela sua moradia, adquirir-lhe-á a propriedade.

### **O que é usucapião rural?**

A usucapião rural é uma das modalidades existentes dentro da usucapião, também conhecida como *pro labore*, que possibilita que alguém adquira a propriedade de um bem imóvel rural ao preencher os requisitos legais necessários. Em termos de legislação específica para a usucapião rural, temos o art. 1.239 do Código Civil, bem como o art. 191 da Constituição Federal.

### **Purete e Aparecida**

Sumimos o morro com bastante dificuldade, as comidas foram feitas com banha de verdade. Faço referência às antigas lendas que vieram para nos encantar. Para suavizar o mundo de agruras em que vivemos. “Pois, lenda, vem de *legenda*, gerundio latino do verbo legere, que significa: aquilo que deve ser lido. Tem um fundo de verdade histórico, mas com o passar dos tempos, foi adquirindo muito de acréscimo imaginativo através de quem vai contando os fatos”<sup>282</sup>. É assim que, do

---

<sup>282</sup> (Oliveira Mello, 1985, p. 133) ”

alto do monte, aponto para casas que nem há homens e mulheres que aparecem ou precisam estar pra ficarem conhecidos pelas suas proezas. O nome nem o deixa na lembrança dos moradores. Apenas o apelido, Purete.

Folião tocador da nossa agremiação morava nos fundos de terras pirambentas e de difícil comunicação, com filhos PCDs e mulher benzedeira, mudaram para cidade em busca de melhores maneiras de conduzir sua estimativa de vida. Me lembro de, com quatro, cinco anos, irmos todos em união saldar a casa do velho filão, que chama sempre atenção dos processos da civilização que vão em sentido de se incorporar o não-material na esfera da produção<sup>283</sup>. Porque ele faz de sua vida um eterno portal ao ser folião. Que seus dias continuem sendo acompanhados de grandes comitivas de folia e de terrenos mais fáceis para a sua procissão.



Figura 33 Folia de Reis. Folia de Tiririca e Tomazinho. O “Chapéu de Couro”, fermentado de cana composto com jurubeba, foi uma das bebidas alcoólicas oferecidas pelos devotos durante o giro. 25 de dezembro de 2010.

Presidente Olegário, MG. Foto: Eduardo Costa (Agência Uai).

---

<sup>283</sup> Veja o Quadro abaixo

Essa abordagem parte do pressuposto de que a “esfera da produção capitalista contemporânea se ampliou, envolvendo hoje estas esferas não materiais da vida no campo de produção de valores, da geração de mais-valia e de exploração do trabalho” (MOREIRA, 1999, p. 242). A produção de signos (tanto os novos como as apropriações de expressões culturais não-hegemônicas, como os saberes e práticas “tradicionais”) passa a constituir um elemento importante dos processos econômicos e sociais contemporâneos. Observamos nesse contexto uma revalorização do rural não mais como espaço de produção de bens materiais, mas como uma rica fonte de bens simbólicos que passam a alimentar uma outra dinâmica econômica e social. A natureza, principal aglutinadora de signos nesse meio, torna-se a base sobre a qual a nova noção de rural se constrói. Deixando de representar um meio de produção, a natureza passa a ser um objeto de contemplação que é valorizado justamente pelas suas características imateriais, objeto de avaliações múltiplas, de caráter subjetivo, mas que integra também uma visão da realidade que é ao mesmo tempo imaginária e operatória, no sentido dado por Rémy (1989), ou seja, serve para classificar e dar sentido ao mundo. Resulta desse processo a implantação de novas indústrias como a do turismo e a cultural. Como elementos explorados por essas novas indústrias, destacam-se a recuperação e manutenção do patrimônio rural identificado quer seja nos recursos naturais, quer seja nos bens arquitetônicos, e o resgate de expressões de saber e de festividades coletivas. O rural associado a essa ressignificação da natureza e da cultura passa a ser visto como lugar de outro tipo de trabalho, não mais restrito à produção de alimentos e de matérias-primas para as indústrias, mas como de produção de bens simbólicos que alimentam a indústria cultural e a comunicação entre universos culturais distintos, sejam de origem urbana ou de origem rural

CARNEIRO, M.J. Rural como categoria de pensamento. *Ruris*, 2 (1), p. 10 – 38, 2008.

### **Vanderlei e Elenice**

Assim, em clima de sesta, continuamos nossa deambulação em giro que chega no pouso temprano. Pois o dono da casa é o homem mais madrugador e acelerado que eu conheço, isso significa: faz poço de água, arruma barracão, faz cerca, anda de trator, ara pirambeira e não se assusta com picada de escorpião, acorda todos os

dias 3:30-4 horas da manhã, mandando Bom dia no grupo, dando um sentimento de recomeço.



Foto: 33 Porta da casa do Wanderley, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

Descrevo que “nesse mundo rural assim domesticado, implanta-se um império do tempo medido, em que novas regularidades são buscadas”. Muitas delas só se tornam possíveis quando tem êxito a vontade de se subtrair às leis naturais. “O respeito tradicional às condições naturais (solo, água, insolação, etc.) cede lugar, em proporções diversas, segundo os produtos e regiões, a um novo calendário agrícola baseado na ciência, na técnica e no conhecimento”<sup>284</sup>.

Aqui se cria, praticamente, um novo modelo de mundo rural, sem mistérios, onde cada gesto e cada resultado deve ser previsto, de modo a assegurar a maior produtividade e a maior rentabilidade possível. Plantas e animais já não são herdados das gerações anteriores, mas são criaturas da biotecnologia<sup>285</sup> domesticadas<sup>286</sup> em busca de maior qualidade e facilidade.

---

<sup>284</sup> (Milton Santos, op. cit., p. 243, cap. 13: “Espaços da racionalidade”).

<sup>285</sup> (Milton Santos, op. cit., p. 243, cap. 13: “Espaços da racionalidade”).

<sup>286</sup> palavra “domesticado”, eis uma palavra bem escolhida. Pois de fato bem sabemos que a junção do capital flexível, as novas tecnologias aplicadas sobretudo à pecuária e à monocultura e, como sua “ciência”, sua lógica e sua ideologia invadem tanto o campo rural quanto todos os outros campos da vida (no sentido agora conferido por Pierre Bourdieu a essa palavra), ora propondo e ora impondo uma outra ética dirigida à criação de saberes, valores, sentimentos e sociabilidades que gerem modos de vida tão “modernos” que terminem, sabendo disso ou não, inteiramente submetidos a essa nova racionalidade.

Vanderlei e Elenice, vivem esse ritmo na fazenda tecnológica, seu único filho trabalha e convive em harmonia, Rodrigo o galã da Tiririca. Pragmático de temporalidade-verdade<sup>287</sup> dos modos de ser dos seus pais, recebem os santos reis embaixo de uma tempestade. Santo faceiro que gosta de muita lama e bons cachaceiros. Brinco, mas, neste momento de pinga é até bom chover no peito. Colocamos os santos em reunião e tocamos na casa como se fossemos irmãos. Puxamos o terço em devoção e assim conjuramos a união. Com a família reunida, a boia já está na mesa, comemos e nos alegremos, porque o que a chuva faz num dia, a terra não acaba em dois. Sendo assim, chegam os magos foliões oferecendo uma enraizada pra fechar o corpo e dar mais disposição, tomamos de careta o mal que se espanta.



Foto: 34 Bebida preparada para melhorar a disposição dos foliões, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

*Fim do sexto dia.*

---

<sup>287</sup> SOARES, Silnei S. Enquanto Lola corre, o tempo se enrola (sobre si). In: I Encontro Internacional para o Estudo da Semiosfera, 2007, São Paulo. Semiótica da Cultura e Semiosfera. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007



## Dia VII - 31/12

### Tio Zé Moreira - Morador Eduardo

Bom dia, começamos com uma sensação quase melancólica temporal, uma coisa parecida com o clima frio do sudoeste da França<sup>288</sup>, nas chegadas de inverno para os caboclos do interior. Os foliões e foliãs estão com um cansaço gordo dos dias passados, todavia já lamentam que é o último. Nos reunimos na casa do nosso gerente, o responsável mais velho dos instrumentos, o senhor mais resistente ao tempo, o ancião por todos respeitado. Zé Moreira, nos seus 97 anos, recebe os Santos Reis em sua casa, hoje conduzida pelos filhos, e que em seus lapsos de memória sempre é recordada. É um sítio festejado, até ao Padre Marino<sup>289</sup>, que no mesmo ano da pesquisa faz visitação aos mestres resistentes do tempo de todas as folias do município, com o objetivo de zelar e proteger as boas-vindas que, por profunda devoção aos festejos de Natal, colocam à prova sua expedição carnal.

Nos aproximamos da casa folia-mestre, cantamos ao nobre gerente por toda a sua vida, que aceita de bom grado os versos improvisados. Puxando por ele o terço, fazemos as oferendas a sua nobre serventia aos deuses da alegoria. Ao lado da bandeira olha o enredo como um maestro de uma orquestra, sabendo que é responsável também por controlar o ritmo, a direção e o tom geral do grupo, como por ensinar e motivar os músicos, ajudando-os a tocar com precisão, equilíbrio, unidade e energia<sup>290</sup>.

---

<sup>288</sup> Veja o quadro abaixo.

<sup>289</sup> <https://ponoticias.com.br/padres-marino-e-leomar-tomam-posse-na-paroquia-de-santa-rita-de-cassia-em-presidente-olegario/>

<sup>290</sup> História da música ocidental. Jean e Brigitte Massin; tradução Teresa Resende Costa. 37ss. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997». Consultado em 30 de maio de 2023.



Foto: 35 Zé Moreira aos 97 anos segurando a bandeira na sua casa, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

Afáveis agrados são ofertados, têm até cordeiro assado, tomamos nosso café da manhã proteinado, com o ancião ao nosso lado. Alegria e satisfação ver os jovens com tanta aproximação ao totem<sup>291</sup> que carnificina nossa profissão. Organizamos o cortejo, que em sonetos de alegria se despede em santa folia.

---

<sup>291</sup> “O Totem é, na verdade, um desenho que corresponde aos emblemas heráldicos das nações civilizadas e que cada pessoa é autorizada a portar como prova da identidade da família à qual pertence. É o que demonstra a etimologia verdadeira da palavra, derivada de 'dodanim', que significa "aldeia ou residência de um grupo familiar". Um totem é um ser espiritual, objeto sagrado ou símbolo que serve como um emblema de um grupo de pessoas, como uma família, clã, linhagem ou tribo. Os primeiros antropólogos e etnólogos como James George Frazer, Alfred Cort Haddon, John Ferguson McLennan e W.H.R. Rivers identificaram o totemismo como uma prática compartilhada entre grupos indígenas em partes não conectadas do mundo, tipicamente refletindo um estágio de desenvolvimento humano. O etnólogo escocês John Ferguson McLennan, seguindo a moda da pesquisa do século XIX, abordou o totemismo em uma perspectiva ampla em seu estudo *The Worship of Animals and Plants* (1869, 1870). McLennan não procurou explicar a origem específica do fenômeno totêmico, mas procurou indicar que toda a raça humana havia, nos tempos antigos, passado por um estágio totêmico Maryniak, Irena. *Spirit of the Totem: Religion and Myth in Soviet Fiction*, 1964-1988, MHRA, 1995. Berg, Henk de. *Freud's Theory and Its Use in Literary and Cultural Studies: An Introduction*. Camden House, 2004

O CAMPONÊS E SEU CORPO. Dossiê Pierre Bourdieu no Campo • Rev. Sociol. Polít. (26) • Jun. 2006  
• <https://doi.org/10.1590/S0104-44782006000100007>

Baseado em um estudo da cidade em que passou a infância (no Béarn, no Sudoeste da França), realizado nos anos 1960, combinando história, estatística e etnografia, o autor demonstra como as posições econômicas e sociais influenciam no crescimento da taxa de celibato em uma sociedade camponesa baseada na primogenitura graças à mediação da consciência incorporada que os homens adquirem de sua posição social. A cena de um baile local em que os solteiros se reúnem à parte serve para iluminar e dissecar o choque cultural entre o campo e a cidade e a consequente desvalorização dos jovens do campo quando as categorias urbanas de julgamento penetram no mundo rural. Como sua educação e sua posição social leva as jovens a serem sensíveis à “apresentação” (aparência, vestimenta, porte, comportamento), bem como abertas aos ideais urbanos, elas assimilam os padrões culturais vindos da cidade mais rapidamente que os rapazes, o que condena os últimos a serem medidos por métodos que os desvalorizam aos olhos de seus potenciais cônjuges. Como o camponês internaliza, por seu turno, a imagem desvalorizada que os outros formam de si a partir das categorias urbanas, ele passa a perceber seu próprio corpo como um corpo “encamponizado” [“em-peasant”], carregado dos traços das atividades e das atitudes associadas à vida rural. A má consciência que ele tem de seu corpo leva-o a romper a comunhão com ele e a adotar uma atitude introvertida que amplifica a vergonha e o sem-jeito produzidos pelas relações sociais marcadas pela extrema segregação dos sexos e pela repressão do compartilhamento das emoções.

### **Zé do Juca e Maria do Juca**

Seguimos em altruísmo para a casa devota de seres humanos que amansam uma tropa e acreditam na inteligência dos animais, que desde a mais remota antiguidade denotam fábulas de criação<sup>292</sup>. A casa da Santinha e seu esposo Maria do Juca, festejam o encontro de duas folias, a nossa e a Folia da Ponte Grande, comunidade rural limítrofe. Nesse ano de pesquisa houve o registro de um encontro

---

<sup>292</sup> como aconteceu com Esopo, Fedro, por exemplo

dos devotos, venham deixar eu contar uma história contente, de uma topada um pouco diferente.

Dizem que somos um povo supersticiosos invocados de uma "superstição" e isso demonstra a liberdade e ao mesmo tempo o irrecusável diante do tabu, que, sendo uma proibição sem explicação racional, contínua por via das dúvidas sendo mantido, por mais que não se creia nele. Nessa Folia a crença diz para não cruzar com outras Folias, porque senão os instrumentos desafinam: seria esse um sinal de antigos conflitos? Não foi possível estabelecer ao certo.

Dizem, sobretudo, que só podem girar à direita, mas não dizem à direita de quem. Depois de procederem à cerimônia de Saída, realizamos um caminho muito mais dificultoso para não encontrar com a outra Folia que chegava e permanecer girando à direita<sup>293</sup>. Além dos tabus, há ainda o fato de que o número de casas a serem visitadas deveria ser ímpar, o sumário deste documento por exemplo foi feito respeitando essa tradição, e que o giro devia ter um rito para encerrar a cada dia. O que distingue o percurso sagrado de um mero trajeto são os tabus e obrigações relacionados a ele. O percurso não pode ser cumprido a esmo. Sobre o impedimento de encontrar duas Folias durante o giro, contam-nos que, anteriormente, o encontro exigia o confronto de versos entre capitães, e que se tinha o costume de tomar a bandeira e instrumentos dos perdedores em tais confrontos. Hoje em dia, não somos tão radicais, ao encontro de duas folias, somos mais cordiais. Seguimos um cortejo em duas filas, uma para cada bandeira, em que cada folião passa embaixo da do outro, em forma de respeito. Depois disso, continuamos com a superstição, não tem verso improvisado, mas é trocada a santa esmola debaixo das vistas dos santos. Um momento muito único e de provação que não andamos em uma fé com poucos foliões. A Folia que chegou no lar primeiro tem preferência e necessita terminar todos os atos para que a outra tome posse. Assim, são contidos na tradição, não interrompendo o momento sagrado de nenhum Capitão. Aqui com a Folia da Ponte Grande somos tudo folião.

---

<sup>293</sup> Dossiê de Registro de Bem Imaterial. A FOLIA DE REIS EM PRESIDENTE OLEGÁRIO, MG. Ciclo Natalino 2010. p. 131.



Foto: 36 Alferes da Folia do Tomazinho e Alfer da Folia da Ponte Grande, Presidente Olegário-MG.  
Foto: Gabriel Machado, 2022.



Foto: 37 Ritual de passagem embaixo da bandeira entre os foliões de duas folias, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.



Foto: 38 Troca de esmolas entre duas folias em Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

## Chavasca

No raiar da aurora a folia se encaminha para a última casa do seu santo Giro. A Venda da Tiririca, casa da hermosa Chavasca, ponto de encontro de todo mundo, já foi lar do nosso finado Capitão Neso, que sua santa alma seja guardada. Toda a comunidade se encontra presente, não é apenas um lugar de comércio é o cluster territorial logístico de informações de tudo que se passa, passou e vai passar nessa comunidade rural. A Venda, também é um lugar simbólico do cotidiano e da constituição social desse território.

Seus elementos, a mesa de truco e de sinuca, a bomboniere antiga e o balcão recheado de guloseimas, com os estaleiros de pinga ao lado da imagem de Nossa Senhora da Aparecida, são componentes nostálgicos e vivos nas paisagens da memória de toda a companhia. Lá no salão, ao redor da mesa de sinuca, é posta em julgo toda a nossa trajetória, com as vozes amaciadas pelos dias percorridos, cantamos os versos com a nossa melodia. Fazemos a apresentação dos santos foliões, que percorreram as léguas do céu e um punhado de chão, santifiquemos a

família aqui presente e em memória do Capitão. Os visitantes se penduram nas janelas e ficam de canto na porta para ver a família estimada à frente da bandeira receber a passagem dos santos, que muito dão aos vivos, que o santificam, a causa proclamada da história real e tão bem honrada.

Finalizamos nossa apresentação e colocamos todos os santos objetos em pouso na mesa de bilhar, como feito em todos os outros santos lares com altar, conjugamos o terço para agradecer os dias percorridos e para abençoar a casa amada e inculcar de fé, nossa amiga, madrinha, tia e mulher Chavasca. Neste momento é feito um terço forte, mais sentencioso e fervoroso que o habitual. É nossa última casa antes do arremate, fechamos um ciclo de coletas de dádivas pelo caminho, visitamos todas as casas abertas, oremos por eles e pelo povo que acredita nesta santa reza



Foto: 39 Vanda do Tiririca (Venda da Chavasca), Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.



Foto: 40 Instrumentos em cima da mesa de bilhar na Venda do Tiririca, Presidente Olegário-MG.  
Foto: Gabriel Machado, 2022.

Foto: 41 Cozinheiros mexendo o tutu de feijão da Festa de Reis em Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022. Foto: 42 Instrumentos em cima da mesa de bilhar na Venda do Tiririca, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.

O terço santificado; a pinga na goela. Festejamos todos com as comidas ofertadas e tocamos música. Não tem jeito, a linguagem que se constrói na combinação entre sons e o silêncio organiza o espaço. Em seu ritmo influenciado pela cultura local inserimos e alcançamos a intimamente intrínseca da comoção que sensibiliza a ação do viajante local a um forró interno e facilmente sapateado. Como manda a tradição e para pagar a nossa estadia, juntamos no peito a sanfona, que agradece a esmola e convida para a festa maior. Dizendo a todos desta família até o ano que vem.

*Fim do sétimo dia.*



## **Escola- Entrega/Arremate**

Assim, nesse ritmo, além de fechar o giro, conecta a celebração do ano corrente com a do ano posterior, de forma a funcionar como um dos motores da repetição e como garantia sagrada de que a Folia retomará sua incumbência no futuro. É feito o ritual da Entrega, como forma de antecipar a próxima festa, e se cria uma continuidade que supera o hiato em que a Folia fica adormecida. A Entrega é o rito que encerra as atividades do Giro das Folias. É uma forma ritualizada para a entrega aos festeiros das esmolas recebidas. Chamar de Entrega, o encerramento do Giro, significa dizer que os foliões cumpriram suas obrigações para com os Santos Reis e realizaram todos os ritos necessários para a execução mais perfeita possível do giro. A entrega é o fim de um processo, mas também o início de outro, que, por fim, resulta na distinção da comunidade, que se eleva diante de seu poder de doação, através da solidariedade coletiva, e produz uma efervescência que revigora o sentimento de pertencimento e coalizão do grupo. A entrega é um passo essencial na formação da mentalidade comunitária e na possibilidade de usufruto daquilo que ela produz. É pela entrega que a reciprocidade se torna manifesta. De forma que a cerimônia da Entrega, ou o dia da Entrega, coroa um ciclo. De fato, ciclo aqui é a palavra-chave, onde é homenageando os antigos que no céu estão unidos, vibram com emoção os novos amigos. Vivi e vivo assim, com a certeza de uma vida alegre e comunitária.

## A Festa de Santos Reis<sup>294</sup>

Quatro da manhã do dia Réis os foguetes já acordam a comunidade, no caso de Presidente Olegário, o município. Já é hora de colocar tudo previamente preparado no fogo. A hospitalidade do povo mineiro se consolidou como uma característica marcante na construção de sua identidade, desde os tempos do período colonial. Segundo Eduardo Frieiro, mais de um viajante estrangeiro, ao penetrar no território de Minas, “(...) pôde observar que havia mais luxo no vestir da gente mineira (...). Quase todos notavam também, registrando-o em seus relatos de viagem, o que havia de acolhedor e afável no seu trato”. Essa hospitalidade tendeu a se manifestar muito intensamente no campo da culinária. Servir a mesa dos visitantes com qualidade se tornou, então, uma questão primordial para as famílias da região. Ao acompanhar as celebrações das Folias de Reis de Presidente Olegário, observa-se a força da cozinha dentro da festa e da tradição mineira. A comida preparada é oferecida como uma dádiva, em sinal de devoção, e os fiéis acreditam que receberam, em troca, a bênção dos Santos Reis.

A festa não se explica no seu dia, na verdade, entre nós, “é o pior dia”, pois ela se faz nos dias anteriores, onde todo mundo trabalha e no fazer se faz responsável por ela. O dia da festa é o momento de abundância e glória sendo esperada e

---

<sup>294</sup> Entre os acontecimentos da festa, uma fotógrafa de São Paulo registrava aspectos mais tradicionais e pitorescos, as figuras da Folia e outras, buscando ângulos de efeitos diversos. O que ela encontrava? Alguma plasticidade, várias incertezas. “LOPES, José Rogério. Deus Salve Casa Santa, Morada de Foliões. Rito, Memória e Performance Identitária em uma Festa Rural no Estado de São Paulo. Campos - Revista de Antropologia, Curitiba, v. 8, n. 1, pág. 125-144, 2007. <http://dx.doi.org/10.5380/cam.v8i1.9561>.”

cultivada por todos que visitamos, convidamos e cantamos. É festa popular; o que é preciso ter é ser-presença, é para os vivos, a comemoração.



Foto: 44 Maria do Juca preparando as pelotas da Festa de Reis em Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.



Foto: 43 Cozinheiros mexendo o tutu de feijão da Festa de Reis em Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.



Foto: 45 Panela de arroz com pequi, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022.



Foto: 46 Painéis de comida em cima das mesas na Festa de Reis, Presidente Olegário-MG. Foto: Gabriel Machado, 2022..

Das quatro da manhã até o meio-dia, que é o horário comumente indicado para a realização do festejo, não para de chegar gente no local indicado, tudo já está encaminhado, escalado, assado, frito e feito com muito amor e zelo. A comida sempre está à mesa, desde o primeiro momento, ela representa a produção, representa Trabalho, representa alteridade ao próximo que fornece a base para a afirmação de que a diversidade é um traço ontológico da existência do ser<sup>295</sup>.

Cê tem que visitar!

Tentei transpor em palavras o gostinho do patrimônio imaterial ao longo dos escritos, pensando sempre no sagrado e no profano deste momento. O que vou descrever são aspectos muito sutis da estrutura do momento, é melhor vocês irem conhecer para realmente entenderem a história viva.

Ao meio-dia na porta de entrada da escola o foguete anuncia: “Vamos chegar, vamos chegar na casa do rei vamos chegar. Vamos encontrar, vamos encontrar o Rei com a Rainha, vamos encontrar.” É feito um lindo cortejo até o presépio, onde o Capitão faz o mesmo movimento de cântico da Saída, canta-se o nascimento desde o anúncio a Maria. É entoado, em voz precisa, cada dia que acabamos de percorrer, com associações diretas a todas as datas marcantes do novo testamento. E feita a entrega da bandeira no seu presépio enfeitado, pois já é vivo o futuro da humanidade.

Após esse momento, muita gente se aproxima para beijar e saudar a santa Bandeira, a alegria entoa nos quatro cantos, tudo é festa, tudo respira festa, é o dia da Festa, são cerca de 1500 pessoas esperadas para esse momento, que vai do prefeito da cidade à criança sem dente. No palco armado, é pedida aos cantantes uma pausa, rezamos o terço que, respeitando a tradição, cantamos ele inteiro momento sublime<sup>296</sup> que, que eleva ao santo Céu nossos pedidos fiéis. É lindo, é

---

<sup>295</sup> O pressuposto de que a condição humana é constituída pela alteridade é revisitado proeminentes os estudiosos contemporâneos como Amartya Sen e Elinor Ostrom, no universo da economia, Pierre Bourdieu e Anthony Giddens, na sociologia, guardadas as suas diferenças, vêm demonstrando que é desejável organizar a base social e produtiva das sociedades sob a diversidade. A diversidade, destaca esses estudiosos, gera conflitos e interesses difusos, mas é a base sobre a qual a democracia, a criatividade e a inventividade humanas florescem. Sem a diversidade e a liberdade para exercê-la, a própria condição humana não se realizaria em sua plenitude. O tema da diversidade remete à questão de como indivíduos fornecem a base para a afirmação de que a diversidade é um traço ontológico da existência do ser. SCHNEIDER, S. Reflexões sobre diversidade e diversificação: agricultura, formas familiares e desenvolvimento rural. *Ruris*, v.4, n.1, pp. 85 – 131. 2010

<sup>296</sup> O termo sublime (do latim *sublimis*, "que se eleva" ou "que se sustenta no ar") entrou em uso no século XVIII, para indicar uma nova categoria estética, que se distinguia do belo e do pitoresco. O sublime provoca reações estéticas na qual a sensibilidade se volta para aspectos extraordinários e grandiosos da natureza, considerada um

singelo e aberto a todos que quiserem acompanhar. Em outras palavras, a Folia articula uma rede de relações que a festa punha em dança, ritualizada no espaço<sup>297</sup>



Foto: 47 Foliões e foliãs da Folia do Tomazinho/Tiririca em Presidente Olegário. Foto: Gabriel Machado, 2022.

Com a festa já cheia de convidados e com duas mesas de 20 metros repletas de comida e sendo repostas a todo instante, é feito o ato final, a consagração última, o momento mais importante para a tradição dos Foliões de Reis se manter viva,

---

ambiente hostil e misterioso, que desenvolve no indivíduo um sentido de solidão. O termo foi inicialmente empregado na retórica e na poesia, passando a ter aceitação mais ampla após 1674, quando foi publicada a tradução francesa de Nicolas Boileau do Tratado sobre o sublime, escrito no final do século I ou no século III, por um anônimo designado pelos modernos como Pseudo Longino. Como conceito estético, o sublime designa uma qualidade de extrema amplitude ou força, que transcende o belo. O sublime é ligado ao sentimento de inacessibilidade diante do incomensurável. Como tal, o sublime provoca espanto, inspirado pelo medo ou respeito. Edmund Burke e, posteriormente, Kant defendem que a beleza não é o único valor estético. Diante de uma tempestade ou de uma sinfonia de Beethoven, o sentimento seria do sublime, mais que do belo. Nascido da vontade de exprimir o inexprimível, o gosto pelo sublime prevalece sobre o gosto pelo belo. Pode-se ligar a reflexão desses autores ao desenvolvimento do pré-romantismo, a partir de meados do século XVIII. CHILVERS, Ian. Dicionário Oxford de Arte. 2.ed. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 584 p.

<sup>297</sup> LOPES, José Rogério. Deus Salve Casa Santa, Morada de Foliões. Rito, Memória e Performance Identitária em uma Festa Rural no Estado de São Paulo. Campos - Revista de Antropologia, Curitiba, v. 8, n. 1, pág. 125-144, 2007. <http://dx.doi.org/10.5380/cam.v8i1.9561>.

a passagem da Coroa de Reis ao redor da mesa de doce. Os festeiros responsáveis do ano são colocados no centro do cerimonial; tal representação sintetiza a renovação e o envelhecimento do ciclo devocional, e em uma dupla/trio famílias, grupos ou mesmo amigos fazem a simbolização de um momento de transição de responsabilidade, que devota um novo coroar: os festeiros novos, que personificavam os Santos Reis, motivo da devoção e fé, são a partir dessa proclamação quem irá tocar o fazer da festa comunitária no próximo ano. É espiritual o momento da transição, nós foliões ajoelhamos tocando e o nosso gerente incumbido faz a passagem das coroas físicas do reinado fictício atual para os próximos devotos. No meio da festa ao redor de toda a abundância confirmamos com veemência a nossa fé embutida na vida desta tradição.



Foto: 48 Passagens das coroas na mesa de doce no dia da Festa de Reis, Presidente Olegário-MG, Foto: Gabriel Machado, 2022.

Depois deste momento, meus caros leitores, desafroxo a caixa e a guardo, coloco uma pelota na mão e na outra levanto um copo de pinga, faço o santo sinal ao santo guia e deixo a botina moer no forró, me acabo em festa e sou sempre levado embora contra a minha vontade.



Foto: 49 Foto: André Mendonça. **Festa em louvor aos Santos Reis reúne milhares de pessoas no município de Presidente Olegário.** Postado por Hamilton Amorim. 6 de janeiro de 2020, Foto: André Mendonça. **Festa em louvor aos Santos Reis reúne milhares de pessoas no município de Presidente Olegário.** Postado por Hamilton Amorim. 6 de janeiro de 2020, <https://ponoticias.com.br/festa-em-louvor-aos-santos-reis-reune-milhares-de-pessoas-no-municipio-de-presidente-olegario-2/>



Viva Santos Reis! Viva a nossa Folia!

A articulação dos instrumentos oficiais destinados à salvaguarda e valorização desse patrimônio intangível culminou com o Decreto nº 3.551/2000, instituidor do "Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial " e do "Programa Nacional do Patrimônio Imaterial ", responsável pela "implementação de política específica de inventário, referenciamento e valorização desse patrimônio "(arts. 1º e 8º), dentro do que desempenha papel capital o Inventário Nacional de Referências Culturais - o INRC, outro pilar para a missão estatal de proteger o patrimônio cultural.

A articulação dos instrumentos oficiais destinados à salvaguarda e valorização desse patrimônio intangível culminou com o Decreto nº 3.551/2000, instituidor do "Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial " e do "Programa Nacional do Patrimônio Imaterial ", responsável pela "implementação de política específica de inventário, referenciamento e valorização desse patrimônio "(arts. 1º e 8º), dentro do que desempenha papel capital o Inventário Nacional de Referências Culturais - o INRC, outro pilar para a missão estatal de proteger o patrimônio cultural.



Foto: 50 Vela acesa em frente à bandeira, que contém as representações do Menino Jesus, Nossa Senhora, São José e os Santos Reis. 25 de dezembro de 2010. Presidente Olegário, MG. Foto: Eduardo Costa (Agência Uai).

**Acabou a “festa sagrada”.**

**Fim, até o próximo ano...**

## Referências Bibliográficas

Acseirad, Henri, Selene Herculano, and José Augusto Pádua. "Justiça ambiental e cidadania." *Justiça ambiental e cidadania*. 2004. 315-315. A lei de 7 de janeiro de 1453, de D. Dinis, diz-nos o general Morais Sarmiento,

ABRAMOVAY, Ricardo et alli. *Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. FAO/INCRA, EPAGRI, CPPP, Chapecó/Brasília, 1997.

Antologia Literária Olegarense (2005).

Antônio Vivaldi, compostos em 1723. Por, Gonçalves, Albertino. *Música e Cultura: As Quatro Estações de Vivaldi, os seus Sonetos, e as pinturas de Marco Ricci*. Música e Cultura. <http://musicascomcultura.blogspot.com/2012/06/as-quatro-estacao-de-vivaldi-os-seus.html>

Araújo, Lavínia Uchôa Azevedo de, et al. "Avaliação da qualidade da atenção primária à saúde sob a perspectiva do idoso." *Ciência & Saúde Coletiva* 19 (2014): 3521-3532.

Amaral, Luiz Augusto do, et al. "Água de consumo humano como fator de risco à saúde em propriedades rurais." *Revista de Saúde Pública* 37 (2003): 510-514.

Barros, Marília Gazola Pessôa. *Estudo do léxico de João Guimarães Rose e de sua tradução italiana de Grande Sertão: Veredas. Um dicionário bilíngue de neologismos português/italiano e italiano/português*. 2011. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Beck, Ulrich.. *A metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. p. 259.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de História. Obras Escolhidas, vol. I. Magia e Técnica, Arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BENSAID, Daniel. Os despossuídos: Karl Marx, os ladrões de madeira e o direito dos pobres. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 11-73.

BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. Tradução Olga Cruz – Caderno de Ciências da Terra. Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, no 13, 1972.

Bíblia Sagrada. Lucas Cap.2, 1-2. São Paulo: Ed. Ave Maria, 2008.

BITOUN, J et al 2015. Tipologia regional das ruralidades brasileiras como referência estratégica para a política de desenvolvimento rural. Raízes, 35(1): 21-33, 2015

BOVINOCULTURA DE LEITE Casos: BOVINOCULTURA DE LEITE. 24/11/2014 El mundo de la leche" (P. Mastellone). <https://www.trabalhosgratuitos.com/Biol%C3%B3gicas/Biologia/BOVINOCULTURA-DE-LEITE-557634.html>

BRANDÃO, I.M. Crimes ambientais: uma visão sobre práticas de rodeio da vaquejada. Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais, Aquidabã, v.5, n.1, p.157-169, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.6008/SPC2179-6858.2014.001.0011> )

Brazilian Press. 6 de janeiro de 2011. Consultado em 12 de fevereiro de 2018. Cópia arquivada em 23 de julho de 2012

BRESSER PEREIRA, Luis Carlos (2015). A Construção Política do Brasil. São Paulo: Ed. 34 Letras.

BUARQUE DE HOLANDA, Sergio (1995). Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 26ª. Edição.

Burke, Kenneth. Sobre símbolos e sociedade. Editora da Universidade de Chicago, 1989.

McHone, J. Gregory e J. Robert Butler. "Províncias ígneas mesozóicas da Nova Inglaterra e a abertura do Oceano Atlântico Norte." *Geological Society of America Bulletin* 95.7 (1984): 757-765.

BUZANELLOS, Edemar. *La burguesía agraria: Organización de Clase y representación de intereses en Brasil. 1964-1988*, Facultad de Ciencias Políticas y Sociales - UNAM, México, D.F, 1991

CALLIGARIS, Contardo (1992). *Hello Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil*. São Paulo. Ed. Escuta.

Canal Sucesso do Campo "A entrega de leite em latão está com os dias contados. O trabalho é intenso e exige dedicação." (2011). [https://www.youtube.com/watch?v=oQRGB3YXf-s&ab\\_channel=SucessonoCampo](https://www.youtube.com/watch?v=oQRGB3YXf-s&ab_channel=SucessonoCampo)  
CARDOSO, Fernando H. & FALETTO, Enzo (1967). *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar ed.

Carlos Eduardo de Almeida Ramoa & Paulo dos Santos Pires. O mototurismo e a sua relação com o turismo de aventura e o ecoturismo. *Artigos • Tur., Visão e Ação* 21 (2) • May-Aug 2019 • <https://doi.org/10.14210/rtva.v21n2.p195-216>

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO. TEMPOS E ESPAÇOS NOS MUNDOS RURAIS DO BRASIL. *RURIS | VOLUME 1, NÚMERO 1 | MARÇO DE 2007*

CARNEIRO, M.J. Rural como categoria de pensamento. *Ruris*, 2 (1), p. 10 – 38, 2008.  
CARNEIRO, Maria José; Krissy de FREITAS, Gislaine GUEDES. Valor da Terra e Padrão de Herança entre pequenos agricultores familiares. Trabalho apresentado XXI da Associação Brasileira de Antropologia, Vitória, 1998.

CARNEIRO, Maria José. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. in *Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares / orgs. Raimundo Santos, Luis Flavio Carvalho, Francisco Carlos Teixeira Da Silva*. - Rio de Janeiro, 1998(p. 101)

CARR, Edward Hallet. Que é história? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 28-29.  
Tradução: Lúcia Maurício de Alverga.

CARVALHO, F. C. de; ARAÚJO FILHO, J. A. de; GARCIA, R.; PEREIRA FILHO, J. M.; ALBUQUERQUE, V. M. de. Efeito do Corte da Parte Aérea na Sobrevivência do Marmeleiro (*Croton Sonderianus* Muell.Arg.). Revista Brasileira de Zootecnia, Vol. 30, Nº 3, Suppl. 1, Viçosa, 2001. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-35982001000400004](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-35982001000400004). Acesso em: 31/10/2020.

Cassirer, Carl. Ensaio sobre o homem: Introdução à filosofia da cultura humana [1944]. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Castells, Manuel. "Rumo a uma sociologia da sociedade em rede." Sociologia contemporânea 29.5 (2000): 693-699.

CAVALCANTI, Maria Laura V. de C. e FONSECA, Maria Cecília Londres. Patrimônio Imaterial no Brasil. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

Cerrado mineiro. Desafio e perspectivas. Belo Horizonte: Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 2004.  
<https://dspace.almg.gov.br/bitstream/11037/689/3/689.pdf>

Coletânea Pretextos de Mulheres Negras (2013) Elizangela de Souza.  
[http://afrolatinas.com.br/wp-content/uploads/2020/10/17-5-17-publicacao-2014-latinidades-miolo-alta\\_compressed.pdf](http://afrolatinas.com.br/wp-content/uploads/2020/10/17-5-17-publicacao-2014-latinidades-miolo-alta_compressed.pdf)

Conferência Geral da UNESCO. Em 2003, Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial é aprovada na Conferência Geral da UNESCO (ratificada pelo Brasil em 2006)

Consulta Regional sobre a Biodiversidade para a Alimentação e a Agricultura da América Latina e Caribe <<https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/387954/>>

CONTI, J. B. Geografia e Paisagem. Ciência e Natura. Santa Maria, v.36 Ed. Especial, 2014.

CRAIA, E. C. P. Deleuze e a ontologia: o ser e a diferença. In ORLANDI, L. B. L. (org.) A Diferença. 1 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

Crítica da Razão Prática". Por João Francisco P. Cabral, colaborador Brasil Escola Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU e Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP" Veja mais sobre "A Razão Pura Prática em Kant e os Fundamentos da Ética." em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/a-razao-pura-pratica-kant-os-fundamentos-Etica.htm>

DANIEL MUNDURUKU. CATANDO PIOLHOS, CONTANDO HISTÓRIAS –, MEMÓRIAS E BIOGRAFIAS. 2008.

Débora Silva. Em 19/06/2015 (atualização: 16/01/2019) <https://www.estudopratico.com.br/ultrarromantismo-caracteristicas-alvares-de-azevedo-e-cassimiro-de-abreu/>

DELGADO, G. C.; CARDOSO, J. C. (Org.). A Universalização de Direitos Sociais no Brasil: A Previdência Rural nos Anos 90. Brasília: Ipea, 2000.

DELGADO, G. C.; THEODORO, M. Desenvolvimento e Política Social. In: JACCOUD, L. (Org.). Questão Social e Políticas Sociais no Brasil Contemporâneo. Brasília: Ipea, 2005.

DENDASCK, Carla Viana; LEE, Gilead Ferreira. Concept d’Habitus en Pierre Bourdieu et Norbert Elias. Revue scientifique pluridisciplinaire de la base de connaissances. Vol. 3, 1 an. Mai 2016. P. 1-10. ISSN 24480959”

DERNTL, M. F. Brasília e suas unidades rurais: planos e projetos para o território do Distrito Federal entre fins da década de 1950 e início da década de 1960. Anais do Museu Paulista. v. 28, p. 1-32. 2020.



Desertos Verdes: plantações de eucalipto, agrotóxicos e água", dirigido por Marcelo Lopes e Ivonete Gonçalves (ivonetegoncalvesdesouza), é um documentário realizado pelo Centro de Estudos e Pesquisas para o Desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia - CEPEDES. 2017.

Dicionário de Caetité Mês, de André Koehne; Museu do carro de boi.  
<https://www.carrosdeboi.com.br/>

Diogo Coimbra Queiroz, (TCC) Título: Escravização Doméstica Trabalhista em Laço Familiar: uma análise sobre a adoção dirigida e a condenação à gratidão eterna. Orientador: Márcia Leonora Santos Regis Orlandini, 2020.

Dossiê de Registro de Bem Imaterial A FOLIA DE REIS EM PRESIDENTE OLEGÁRIO, MG <http://www.estilonacional.com.br/web/wp-content/uploads/2012/05/A-Folia-de-Reis-em-Presidente-Oleg%C3%A1rio.pdf>

Dossiê de Registro de Bem Imaterial A FOLIA DE REIS EM PRESIDENTE OLEGÁRIO, MG. (p. 112) <http://www.estilonacional.com.br/web/wp-content/uploads/2012/05/A-Folia-de-Reis-em-Presidente-Oleg%C3%A1rio.pdf>

Dossiê de Registro de Bem Imaterial. A FOLIA DE REIS EM PRESIDENTE OLEGÁRIO, MG. Ciclo Natalino 2010. p. 131.

Dossiê para registro das Folias de Minas do Estado de Minas Gerais. IEPHA-MG. Belo Horizonte, 2016.

DUSSEL, Enrique. Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 94.

Edição: folheto publicado pelo Partido Social-Democrata Polaco, em 1905. Uma edição russa apareceu em 1920. A edição francesa foi publicada pelo Partido Socialista Francês em 1937. A primeira edição inglesa foi publicada pela Socialist Review, de Birmingham. Fonte da Presente Tradução: Socialism and the churches, Luxemburg Internet Archive (marxists.org), 2003. Tradução de: Alexandre Linares.

HTML por José Braz para The Marxists Internet Archive. Direito de Reprodução: Luxemburg Internet Archive (marxists.org), 2002. A cópia ou distribuição deste documento é livre e indefinidamente garantida nos termos da GNU Free Documentation License.

Emily Brontë. O morro dos ventos uivantes. Traduzido por Julia Romeu. Editora Penguin-Companhia, 2021 ISBN 655782287X

ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Tradução de Ruth M. Klaus: 3ª. Centauro Editora, São Paulo, 2006.

ESCRITORES QUE ESCREVERAM SOBRE PRESIDENTE OLEGÁRIO: Oliveira Mello – Presidente Olegário – Terra da Esperança, Oliveira Mello – Biografia do olegarense Hilton Mendes, José da Silva Brandão – Festa do Andrequicé, Artur Gonçalves da Silveira – Os Braga de Andrequicé.  
<https://presidenteolegario.mg.gov.br/literatura/>

ESTADÃO. 04 MAR 2016,  
<https://globo.com/Noticias/Agricultura/Cafe/noticia/2016/03/entidade-da-dinamarca-denuncia-condicoes-de-trabalho-em-lavouras-de-cafe-do-brasil.html>

FAORO, Raymundo (2000). Os donos do poder. São Paulo: Publifolha. 10ª. Edição.  
FAORO, Raymundo. Os donos do poder. Formação do patronato política brasileiro. 3ª edição, revista, 2001.

FAVARETO, Arilson da Silva. Paradigmas do desenvolvimento rural em questão - do agrário ao territorial. 2006. Tese (Doutorado em Ciência Ambiental) - Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/T.90.2006.tde-24042008-113514. Acesso em: 2023-04-25. (p. 24 e 25)  
FAVRET-SAADA, Jeanne. 1990. "Être Affecté". In: Gradhiva: Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie, 8. pp. 3-9.

FAVRET-SAADA, Jeanne. 1990. "Être Affecté". In: Gradhiva: Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie, 8. pp. 3-9. Tradução. PAULA SIQUEIRA Mestranda em Antropologia Social pelo PPGAS/ MN/UFRJ e pesquisadora de grupos culturais,

política e religião em Nilo Peçanha, no Baixo Sul da Bahia e Revisão: TÂNIA STOLZE LIMA Professora Doutora de Antropologia pelo ICHF/UFF. Cadernos de campo n. 13: 155-161, 2005

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva. Editora Elefante, 2019. p. 239.

FERNANDES, Florestan (1975). A Revolução Burguesa no Brasil. Rio de Janeiro. Zahar Ed. FRANCO,

Fernando Ricardo, publicada na extinta revista "O Cruzeiro", em 21 de maio de 1969. A reportagem inteira pode ser encontrada em OLIVEIRA MELLO. Presidente Olegário: Terra da Esperança, 1985. p. 139.

FERREIRA, Vanderlei de O. A abordagem da paisagem no âmbito dos estudos ambientais integrados. Geotextos, vol. 6, n. 2, dez. 2010.

Fonte: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Parque Estação Biológica - PqEB, s/nº, Brasília, DF. <https://www.embrapa.br/memoria-embrapa/a-embrapa>  
Fórum Técnico 'A Educação Superior em Minas Gerais: Conjuntura Atual e Perspectivas' Belo Horizonte - Setembro de 2005

FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo. História econômica. In: CARDOSO, Ciro Flamarion S; BRIGNOLI, Héctor Pérez. História económica da América Latina, t. 1, Sistemas agrários y historia colonial. 3. ed. Barcelona: Crítica, 1984, 1. ed. 1979, p. 27-43.

FRAJNDLICH, R. A. U. C. e BENOIT, A. H. Guerra e Paz: Os debates sobre a construção do centro cívico em Brasília. Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo. v. 19, p. 1-20. 2021.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. O mal-estar na civilização e ou-tros trabalhos. Volume XXI (1927-1931). Traduzido do alemão e do inglês, sob direção de

Jayme Salomão. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1969.

FREYRE, Gilberto (2006). Casa Grande & Senzala. São Paulo: Ed. Global. 51ª. Edição. FREYRE,

Freyre, Gilberto, 1900-1987. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. — 481 ed.

FREYRE, Gilberto(1977) Vida social no Brasil nos meados do século XIX. Rio de Janeiro: Editora Arte Nova, Recife: Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. FRIEIRO, Eduardo. Feijão, Angu e Couve. Belo Horizonte, 1966. Editora da Reitoria da UFMG.

Gabriel Machado Araujo, sob a orientação de Pedro Roberto Jacobi, com a colaboração de Luciana Travassos e Enrique Leff, na área de Ciências Ambientais no 28º Simpósio Internacional de Iniciação Científica e Tecnológica da USP - SIICUSP. Macrometropole paulista: Environmental ethics and the production of holes (fase internacional).

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar, Escrever, esquecer. São Paulo: Editora 34, 2006. Cap 3

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin: os cacos da História. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasilense, 1993. Cap 4

Gál 4, 4-6. SAGRADA, BÍBLIA, and COMO ESTUDAR A. BÍBLIA. "Bíblia." Antigo testamento. Flórida: CPAD (1995).

Gasques, José Garcia; Bastos, Eliana Teles; Valdés. PREÇOS DA TERRA NO BRASIL. Costanza: 2008-07. DOI: 10.22004/ag.econ.106106

Gênero, migração e trabalho temporário: vidas em trânsito pelas lavouras de café do Sul de Minas Gerais CELSO ANTÔNIO SPAGGIARI SOUZA RITA DE CÁSSIA SANTOS FREITAS

[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427199025\\_ARQUIVO\\_Genero\\_migracaoetrabalhotemporario,vidasemtransitopelaslavourasdecafedoSuldeMinasGerais.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427199025_ARQUIVO_Genero_migracaoetrabalhotemporario,vidasemtransitopelaslavourasdecafedoSuldeMinasGerais.pdf)

Gilberto (2006). Sobrados & Mocambos. São Paulo: Ed. Global. 16ª. Edição. Givord, 2001, p. 4)

GONÇALVES, Maria Célia da Silva. As folias de reis de João Pinheiro : performance e identidades sertanejas no noroeste mineiro. 2010. xiv, 225 f. Tese (Doutorado em Sociologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2010

GONÇALVES, Rosa Maria da Silva. Escrever para (não) morrer em teoria geral do esquecimento, de José Eduardo Agualusa. 2017. 100 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível:<<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/18784>>. Acesso em: 12 abril. 2023.

Guilherme Porto. As Folias de Reis no Sul de Minas. Rio de Janeiro: MEC/SEC/FUNARTE - Instituto Nacional de Folclore, 1982. p.19

GUIMARÃES, Alberto Passos. Quatro Séculos de Latifúndio. São Paulo: Fulgor, 1963.

Gustavo (1998). A Inserção Externa e o Desenvolvimento. Revista de Economia Política. Vol. 18. N. 2.

Guthrie, W.K.C. Os Filósofos Gregos, de Tales a Aristóteles, Lisboa, Presença, 1987, pp. 41-45

Haddad, Fernando. O terceiro excluído: Contribuição para uma antropologia dialética. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

HAESBAERT, R. Regional Global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. – 2ªed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

Heráclito: A Physis e o Desocultamento da Vida. LEFF, E. Tradução de MACHADO, G. A.. Curitiba: Desenvolvimento e Meio Ambiente, 2020. Vol. 54, p. 249-276, jul./dez. 2020. DOI: 10.5380/dma. v54i0.74749. e-ISSN 2176- 9109

História Universal - da Babilônia à Pérsia - Vol 3. 1989

HOLANDA, Sérgio Buarque. (1936), Raízes do Brasil 1ª edição. São Paulo,

Holanda, Sérgio Buarque. Visão do paraíso: os motivos endêmicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro)

Holzer, Werther. "Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente." Revista Território 2.3 (1997): 77-85.

Programa Semeando <http://www.faemg.org.br/programas/programa-semeando#:~:text=%C3%89%20o%20Programa%20Semeando%2C%20cria%C3%A7%C3%A3o,e%20a%20rela%C3%A7%C3%A3o%20campo%2Dcidade>

IEPHA - Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais <http://www.iepha.mg.gov.br/>

HUTCHENS, Benjamin C. Compreender Levinas. Trad. Vera Lúcia M. Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2004.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, "Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2001". Brasil & Oliveira, L.C., 2001, "Perspectivas para a Eletrificação Rural no Novo Cenário Econômico-Institucional do Setor Elétrico Brasileiro". Tese de M.ScCOPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil. IN Roberto Schaeffer; Claude Cohen; Mauro Araújo Almeida; Carla Costa Achão & Fernando Monteiro Cima. Energia e

pobreza: problemas de desenvolvimento e grupos sociais e urbanos do Brasil. División de Recursos Naturales e Infraestructura. Santiago de Chile, setembro, 2003

Immanuel Kant, metafísica dos costumes, 1797. p.18

Inglez, Lucas. Estruturas discoides na Formação Cerro Negro (Grupo La Providencia), Argentina e suas implicações para a paleontologia de macrorganismos pré-cambrianos / Lucas Inglez dos Reis. - Rio Claro, 2018. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas Orientador: Lucas Veríssimo Warren Coorientadora: Fernanda Quaglio. Reportagem "Minas já teve mar, diz estudo de pesquisador. Fósseis dos primeiros animais marinhos foram encontrados em rochas no norte do Estado. MINAS GERAIS. Thaís Mota, do R7. 13/09/2014, <https://noticias.r7.com/minas-gerais/minas-ja-teve-mar-diz-estudo-de-pesquisador-13092014>

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS – IEPHA/MG. Cadastro das Folias de Minas Gerais. Inventário das Folias de Minas. Belo Horizonte: IEPHA/DPM/GPI, 2016

Jacopo de Varazze. Legenda Áurea (p. 150, 2003).

Jair Vitória; ilustrações. Cirton Genaro. - 14.ed. - São Paulo : Ática, 1999

Jorge Luis Borges, Centro Cultural Kirchner, Buenos Aires, 2023. (tradução do autor) Jorge Luiz Barbosa. O princípio da responsabilidade na relação face-a-face em Levinas. 21 de maio de 2009.

José Olympio & FREYRE, Gilberto.(2002) Casa-Grande & Senzala. (Edição crítica coordenada por Guillermo Giucci, Enrique Larreta e Edson Nery da Fonseca). Madri, Barcelona, La Habana, Lisboa, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, San José: ALLCA XX.

JOSUÉ DE CASTRO E A DESCOBERTA DA FOME. 2 de novembro, 2021 Por Anna Maria de Castro\* <https://geografiadafome.fsp.usp.br/josue-de-castro/>

Jurema Mascarenhas Paes. TROPAS E TROPEIROS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX NO ALTO SERTÃO BAIANO. Dissertação apresentada ao Mestrado em História Social da Universidade Federal da Bahia - UFBA., sob a orientação do Prof. Dr. Ubiratan Castro de Araújo, para obtenção do título de Mestre em História. 2001.

Karl Marx em princípios de maio de 1875. Publicado pela primeira vez (com certas omissões) por F. Engels em 1891, na revista Neue Zeit. Publica-se de acordo com a edição soviética de 1952, cujo texto foi traduzido do manuscrito em alemão. Traduzido do espanhol.

KAUTSKY, Karl. A questão agrária. Tradução de C. Iperoig. 3a. Ed. São Paulo. Proposta, 1980.

KODAMA, Katia. Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009. (Tese em Ciências da Comunicação). Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-04082009-202926>

KOMNISKI, Paula Cristina Nogueira Vieira; CHATELARD, Daniela Scheinkman; CARVALHO, Isalena Santos. Encontros e desencontros: do nascimento à constituição do psiquismo. Estilos clínicos, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 113-131, abr. 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext & pid=S1415-71282017000100007 & lng= pt\ nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282017000100007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 16 abr. 2023. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v22i1p113-131>.

KURZ, Robert. A privatização da natureza. Disponível em: <http://www.obecoonline.org/rkurz102.htm>. Acesso maio 2017.

Lac Courte Oreilles Ojibwa de nativos americanos da América do Norte e entre os chibchas e cañaris, na América do Sul. Leeming, David (2004). «Flood | The Oxford Companion to World Mythology». Oxfordreference.com



Le Quattro Stagioni, Opus 8 "Il cimento dell'armonia e dell'inventione" Antonio Vivaldi (Veneza, 4 de março de 1678 — Viena, 28 de julho de 1741)

Lefebvre, 1986: 163). "totalidade do processo social e de suas leis" (Lefebvre, 1986: 165

LEFF, Enrique. Epistemologia Ambiental. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Lei nº 13.199, de 29 de janeiro de 1999, que confere a A Política Estadual de Recursos Hídricos e o Sistema Estadual de Gerenciamento de Recursos Hídricos - SEGRH-MG, nos termos da Constituição do Estado e na forma da legislação federal aplicável, que dispõe no Art. 4º - O Estado assegurará, por intermédio do SEGRH-MG

Lei nº 5.224/2013. Decreto nº 36.589/2015.  
<https://www.agricultura.df.gov.br/emissao-de-guia-de-transporte-animal-gta/>

Leite: sua história, sua importância, seus benefícios. O uso do leite na alimentação é antigo. <https://www.arquivo.patosnoticias.com.br/noticia/6541-leite-sua-historia-sua-importancia-seus-beneficios>

LETELIER, Hernán Rivera. A contadora de filmes. São Paulo: Cosac e Naify, 2012, p. 34.

LÉVINAS, E. Ética e infinito. Diálogos com Philippe Nemo. Lisboa: Edições 70, 1988.

LEVINAS, Emmanuel. Totalidade e infinito. Trad. J. P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988.

Lidiane Silva Dutra, Aldo Pacheco Ferreira, Marco Aurélio Pereira Horta, Paulo Roberto Palhares. Uso de agrotóxicos e mortalidade por câncer em regiões de monocultura. RIO DE JANEIRO, V. 44, N. 127, P. 1018-1035, OUT-DEZ 2020 DOI: 10.1590/0103-1104202012706

Ligiéro, Zeca. "Batucar-cantar-dançar: desenho das performances africanas no Brasil." Aletria: revista de estudos de literatura 21.1 (2011): 133-146.

Lista das Folias cadastrados; Mapeamento das Folias em Minas Gerais e Dossiê de Registro das Folias de Minas

<http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/component/phocadownload/category/21-as-folias-de-minas>

Liu & Leu interpretam "Caminheiro" (2013).

[https://www.youtube.com/watch?v=FesimvDergg&ab\\_channel=Atra%C3%A7%C3%A3oDivulga](https://www.youtube.com/watch?v=FesimvDergg&ab_channel=Atra%C3%A7%C3%A3oDivulga)

José Graziano da Silva. Questão agrária, Industrialização e crise urbana no Brasil', 2004.

da Silva, José Graziano and Solange Monteiro. "A fome é um problema de acesso." A Economia Brasileira 3.12 (2011): 24-28.

LOPES, José Rogério. Deus Salve Casa Santa, Morada de Foliões. Rito, Memória e Performance Identitária em uma Festa Rural no Estado de São Paulo. Campos - Revista de Antropologia, Curitiba, v. 8, n. 1, pág. 125-144, 2007. <http://dx.doi.org/10.5380/cam.v8i1.9561>.

LOPES, José Rogério. Deus Salve Casa Santa, Morada de Foliões. Rito, Memória e Performance Identitária em uma Festa Rural no Estado de São Paulo. Campos - Revista de Antropologia, Curitiba, v. 8, n. 1, pág. 125-144, 2007. <http://dx.doi.org/10.5380/cam.v8i1.9561>."

LUKÁCS, Gyorgy. O jovem Marx e outros escritos de filosofia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

MACFARLANE, Alan. História do casamento e do amor. Inglaterra, 1300-1840. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 72. IN SILVIA MARIA FÁVERO AREND. Filhos de Criação. Uma história dos menores abandonados no Brasil (década de 1930). Tese apresentada ao programa de pós-graduação em História da Universidade

do Rio Grande do Sul, sob orientação da Profª Drª Sandra Jatahy Pesavento. 2005, p. 335.

MAKSUD, Ivia. Jovens rurais: novos ideais? Relatório de Pesquisa, projeto integrado "Transmissão do Patrimônio, Etnicidade e Reprodução Social", coordenado por M. J. Carneiro, CNPq. 1996

Mancha de Café. A situação dos trabalhadores rurais na produção de café em Minas Gerais e a responsabilidade social corporativas dos supermercados. Informe da Oxfam Brasil. julho de 2021. <https://www.oxfam.org.br/justica-rural-e-desenvolvimento/por-tras-do-preco/mancha-de-cafe/>

Marcel Proust escrita entre 1908-1909 e 1922, publicada entre 1913 e 1927 em sete volumes, os três últimos postumamente em Lúcio Costa, "O aleijadinho e a arquitetura tradicional", O Jornal, edição especial de Minas Gerais, Rio de Janeiro <https://www.platformspace.net/home/o-aleijadinho-e-a-arquitetura-tradicional-the-little-cripple-and-everyday-architecture>

Maria José Carneiro. Ruralidade: novas identidades em construção. Estudos Sociedade e Agricultura, 11 de outubro de 1998: 53-75.

MARILENA CHAUI. BRASIL. MITO FUNDADOR E SOCIEDADE AUTORITÁRIA. 1ª EDIÇÃO: ABRIL DE 2000. 2ª REIMPRESSÃO: outubro de 2001

MARTINS, José de Souza. Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

MARTINS, José de Souza. O cativo da terra. São Paulo: Editora Contexto, 2010

MARX, K. O capital. Crítica da economia política. Livro III. São Paulo: Boitempo. (CAP. 37, 38, 45).

MARX, K. O capital. Crítica da economia política. Livro III. São Paulo: Boitempo. Cómo se convierte la ganancia extraordinaria en renta del suelo.(CAP. 37, p. 574-575)

MARX, Karl Os despossuídos: Karl Marx, os ladrões de madeira e o direito dos pobres. São Paulo: Boitempo, 2016.

Marx, Karl. Os Despossuídos. São Paulo: Editora Boitempo, 2016, 152 pp. Tradução de tradução Mariana Echalar e Nélio Schneider.

MARXISMO E GEOGRAFIA (A Geograficidade e o diálogo das Ontologias) RUY MOREIRA Universidade Federal Fluminense. Este texto foi inicialmente escrito para subsidiar a mesa-redonda de mesmo título, realizada no 6º Congresso dos Geógrafos Brasileiros (60. CBG, Goiânia, 2004), sendo aqui reescrito e ampliado para o fim desta publicação. *Natureza Humana* 11(1): 171-200, jan.-jun. 2009

Maryniak, Irena. *Spirit of the Totem: Religion and Myth in Soviet Fiction, 1964-1988*, MHRA, 1995. Berg, Henk de. *Freud's Theory and Its Use in Literary and Cultural Studies: An Introduction*. Camden House, 2004

Maurice Merleau Ponty. *O visível e o invisível*. Ed. José Artur francês Gianotti, Armando Mora Francês d'Oliveira, Editora Perspectiva S.A., 2020

Mazzieri, V.; S. Avalos. 1997. *Metamorfosis de Insectos*. SERIE DIDÁCTICA. CUADERNILLO 2. Cátedra Zoología Agrícola. Fac. de Cs. Agrop. U.N.C.

MEMORIAL DE MARIA MOURA - Rachel de Queiroz, 1992.

MENEZES, Marilda Aparecida. "História oral: uma metodologia para o estudo da memória". *Vivência*, n. 28 2005. p. 23-36

Maurice, Merleau-Ponty. "Fenomenologia da percepção. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura." (1999).

MIGRAÇÕES TEMPORÁRIAS E AS RELAÇÕES DE TRABALHO NO CAMPO: O CASO DA CAFEICULTURA DO CERRADO Maria Andréa Angelotti Carmo Universidade Federal de Uberlândia - UFU

[http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais\\_enga\\_2012/eixos/1402\\_1.pdf](http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1402_1.pdf)

Milton Santos, op. cit., p. 243, cap. 13: "Espaços da racionalidade

MOREIRA, Erika Vanessa & HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. O lugar como uma construção social. Revista Formação, nº 14, volume 2 - p. 48-60, 2007. Disponível em [http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/6\\_moreira\\_e\\_hespanhol.pdf](http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/6_moreira_e_hespanhol.pdf) Acesso em 27 de setembro de 2022.

MOURA, Elen Criarina Dias de. Entre Ramos e Rezas: o ritual de Benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Paulo: PUC, 2009.

MOYO, Sam, Jha, Praveen and Yeros, Paris, (2013), The Classical Agrarian Question: Myth, Reality and Relevance Today, Agrarian South: Journal of Political Economy, 2, issue 1, p. 93-119, <https://EconPapers.repec.org/RePEc:sae:agspub:v:2:y:2013:i:1:p:93-119>.

MOYO, Sam; JHA, Praveen; YEROS, Paris. "The classical agrarian question: Myth, reality and relevance today". Agrarian South: Journal of Political Economy, 2013, vol. 2, no. 1, p. 93-119.

Música - Menino Mimado. Criolo - voz; Gian Correa - violão 7 cordas; Ricardo Rabelo - cavaco; Edy Trombone - trombone; Fernando Bastos - sax Soprano; Maurício Badé - percussão; Guto Bocão - percussão; Alemão - percussão. Produção musical e arranjos de base: Daniel Ganjaman e Marcelo Cabral. Arranjos de metais: Daniel Ganjaman, Marcelo Cabral, Gian Correa, Ed Trombone e Fernando Bastos.2017 <[https://www.youtube.com/watch?v=f28vdAn5TBU&ab\\_channel=Criolo](https://www.youtube.com/watch?v=f28vdAn5TBU&ab_channel=Criolo)

Música, Metamorfose Ambulante - Raul Seixas

Myth, religion, and mother right: selected writings of J.J. Bachofen Johann Jakob Bachofen, Por Ralph Manheim

NASCIMENTO, Abdias (1978). O Genocídio do Negro Brasileiro. São Paulo: Ed. Perspectiva.

Natureza Humana 11(1): 171-200, jan.-jun. 2009. School of Philosophy, University of Tasmania. Email: [Jeff.Malpas@utas.edu.au](mailto:Jeff.Malpas@utas.edu.au)

NOGUEIRA, L.C.; Versonito, S.M.; Tristão, B.D O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas – o caso do Município de Mara Rosa, Goiás.  
<https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/1290/693#:~:text=A%20benze%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20uma%20pr%C3%A1tica,se%20trata%20da%20mesma%20benze%C3%A7%C3%A3o> .

FREUD, Sigmund. "Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise [1932-1933]." Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro. Imago 22 (1972).

O DanWatch, centro de pesquisa independente da Dinamarca. O Especial do Café: trabalho infantil é encontrado em lavouras da Costa Rica. Fonte: EPTV Sul de Minas e G1 Sul de Minas  
[https://www.youtube.com/watch?v=6\\_j7DEBfYZg&ab\\_channel=LuizValeriano](https://www.youtube.com/watch?v=6_j7DEBfYZg&ab_channel=LuizValeriano)

O futuro é algo que faz com que a gente não se comprometa com as coisas ao nosso redor” PUBLICADO EM JULHO 6, 2021 | POR ESTADOS GERAIS DA CULTURA.  
Em <https://estadosgeraisdacultura.art.br/o-futuro-e-algo-que-faz-com-que-a-gente-nao-se-comprometa-com-as-coisas-ao-nosso-redor/>

Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. 275p. (Perspectivas do homem. Serie politica;42) (original francês de 1961: Les Damnés de la Terre, nova ed. La Découverte, 2002)

Ostrom et al (1999): Revisiting the Commons: Local Lessons, Global Challenges, Science, Vol. 284. no. 5412, pp. 278 - 282  
<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/604427-elinor-ostrom-os-comuns-nem-tragedia-nem-panaceaia>

Paulo Roberto de Andrade Castro, O Jovem Marx e o Debate sobre a “Lei do Furto de Madeira”. Revista Continentes (UFRRJ), ano 6, n. 10, 2017

PAVIS, Patrice. Teatro na Encruzilhada da Cultura. Routledge, 2003.

Plano Estadual de Proteção do Patrimônio Cultural de Minas Gerais para o biênio 2016-2017, aprovado pelo Conselho Estadual do Patrimônio Cultural – CONEP por meio da deliberação CONEP Nº02/2016. INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS – IEPHA/MG.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos. São Paulo, v. 2, n. 3, Janeiro/Junho 1989, pp. 03-15.

Porto Editora – Lenda de Eco na Linfopenia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consulta. 2023-04-24 18:58:28]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$lenda-de-eco](https://www.infopedia.pt/$lenda-de-eco)

PRADO JR, Caio (2011). Formação do Brasil Contermpoâneo. São Paulo: Companhia das Letras. Ed. Especial.

Presidente Olegário. Em <https://presidenteolegario.mg.gov.br/historico/#:~:text=O%20nome%20Santa%20Rita%20da,denomina%C3%A7%C3%A3o%20atual%20de%20Presidente%20Oleg%C3%A1rio.>

PROJETO DE LEI N.º 19-A, DE 2020 (do Sr. Coronel Tadeu) Reconhece a Folia de Reis, como manifestação cultural nacional, e eleva essa atividade à condição de bem de natureza imaterial integrante do patrimônio cultural brasileiro; tendo parecer da Comissão de Cultura, pela aprovação, com Substitutivo (relatora: DEP. ÁUREA CAROLINA).

Raízes do Brasil – Sérgio Buarque de Holanda Cap. 1, 4 ,5 O “homem cordial” e a sociabilidade brasileira Vida

Rarefato: outra trilogia do tédio, 1984. Frederico Barbosa. Rarefato (Editora Iluminuras, 1990)

REALIZAÇÃO da ÀRÀKÁ – Plataforma de Criação em Arte

rev. — São Paulo : Global, 2003. — (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil ; 1). "Notas bibliográficas revistas e índices atualizados por Gustavo Henrique Tuna" "Bibliografia de Edson Nery da Fonseca." ISBN 85-260-0869-2.

Revista Ponto de Vista - Vol.3 27 UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA QUÍMICA NO BRASIL Luiz Henrique Milagres de Oliveira e Regina Simplício Carvalho Colégio de Aplicação – COLUNI

RIBEIRO, Darcy (1995). O Povo Brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras.

RIOS, Flavia. O que é interseccionalidade e qual sua importância para a questão racial? Nexo Políticas Públicas. 2020. Arquivo digital.

Rômulo e Remo <https://www.todamateria.com.br/romulo-e-remo/>

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. São Paulo: Nova Aguilar. 1994.  
Rosangela Werlang.

Pra que mexer nisso? Suicídio e sofrimento social no meio rural. Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Linha de pesquisa? Trabalho, saúde e subjetividade. Orientadora: Prof. A Dra. Jussara Maria Rosa Mendes. 2013

SCHNEIDER, S. Reflexões sobre diversidade e diversificação: agricultura, formas familiares e desenvolvimento rural. Ruris, v.4, n.1, pp. 85 – 131. 2010

Sérgio A. J. Volkmer. A INSCRIÇÃO DO SENTIDO ÉTICO NA CULTURA, EM LÉVINAS. Kínesis, Vol. I. n° 02, Outubro-2009, p. 264 - 276.



Silva Adela Kohan; tradução Gabriel Perissé - 1º. ed.; reimp. - Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2016. p. 9.

SILVA FILHO, Olívio José da. Neoliberalismo está na mesa: comida, consumo e necessidades do capital. 2020. 109 f. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural)—Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

SILVA, F. G.; OLIVEIRA, G. L. Conhecimento popular e atividade antimicrobiana de *Cydonia oblonga* Miller (Rosaceae). *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, Vol. 15, Nº 1, Botucatu, 2013. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-05722013000100014](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722013000100014). Acesso em: 24/10/2020.

Silva, S. G. da. (2014). Jackson Pollock e a descoberta do inconsciente na arte americana do pós-guerra. *ARS* (São Paulo), 12(24), 21-40. <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2014.96736>

SILVIA MARIA FÁVERO AREND. Filhos de Criação. Uma história dos menores abandonados no Brasil (década de 1930). Tese apresentada ao programa de pós-graduação em História da Universidade do Rio Grande do Sul, sob orientação da Profª Drª Sandra Jatahy Pesavento. 2005, p. 335

SINGER, Andre (2012). *Os Sentidos do Lulismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

SINGER, Andre (2015). *Cutucando Onças com Varas Curtas*. *Revista Novos Estudos Cebrap*.

SOARES, Silnei S. Enquanto Lola corre, o tempo se enrola (sobre si). In: *I Encontro Internacional para o Estudo da Semiosfera*, 2007, São Paulo. *Semiótica da Cultura e Semiosfera*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007

SOBRINHO, J. S.; MONTENEGRO, H. W. S. Ensaio da época de plantio de estacas de marmeleiro. *Anais da Escola Superior de Agricultura Luis de Queiroz*, Vol. 6, 1949. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/aesalq/v6/14.pdf>. Acesso em: 19/10/2020.

SOUZA, Jesse (2015). A Tolice da Inteligência Brasileira. São Paulo: Ed. Leya.  
Souza, Paulo César de. As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões. São Paulo: Ática, 1999, p. 77

SOUZA, Warley. "O Simbolismo no Brasil"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/o-simbolismo-no-brasil.htm>. Acesso em 17 de abril de 2023.

Teoria Geral do Esquecimento autor: José Eduardo Agualusa editora: Foz gênero: Romance.

THIRY CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. Rev. Adm. Pública 40 (1) • Fev. 2006 • <https://doi.org/10.1590/S0034-76122006000100003>

Título original: All That is Solid Melts Into Air Tradução: Carlos Felipe Moisés. (Prefácio, Introdução, Capítulos I, II e III) Ana Maria L. Ioriatti (Capítulos IV e V) e Marcelo Macca (Notas) Capa: João Baptista da Costa Aguiar A partir de ilustração de Kazimir Malevich "Composição Suprematista" Revisão técnica: Carlos Felipe Moisés e João Roberto Martins Revisão: Márcia Copola Tomio Kurata Sylvia Corrêa . Editora Schwarcz Ltda. 1986.

Transcrição do CD Trovas e Versos do Calangueiro. ERNESTO VILLELA. Ernesto Villela nasceu em São José dos Campos, em 24 de agosto de 1916

TREBITSCH, Michel. "A função epistemológica e ideológica da História Oral no discurso da História contemporânea". In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). História oral e multidisciplinaridade. Rio de Janeiro: Diadorim / FINEP, 1994. p. 19-43.

Trebitsch, Michel. "El acontecimiento, clave para el análisis del tiempo presente." Cuadernos de historia contemporánea 20 (1998): 29.

Turner, Porus S. "Um estudo clínico de alveolite". Jornal internacional de cirurgia oral 11.4 (1982): 226-231.

Universidade Federal de Viçosa (UFV) Campus UFV, Viçosa – MG. VELOSO, Caetano (2017). Verdade Tropical. São Paulo: Companhia das Letras. 2ª. Ed. IN (A nova cara da pobreza rural: desafios para as políticas públicas / Antonio Marcio Buainain (et. al). Brasília: IICA, 2012. (Série desenvolvimento rural sustentável; v. 16 p. 260).

WANDERLEY, M. N. B., FAVARETO, A. A singularidade do rural brasileiro: implicações para tipologias territoriais e a elaboração de políticas públicas. Parte 3, Pag. 413 a 473. In: 25 Revista Rural & Urbano, Recife. v. 02, n. 02, p. 02-25, 2017  
MIRANDA, Carlos e SILVA, Heithel (orgs.). Concepções da ruralidade contemporânea: as singularidades brasileiras. Brasília, IICA, 2013, pp. 413-472.

Wanderley, Maria de Nazareth Baudel O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade / Maria de Nazareth Baudel Wanderley. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

Winckler, M., Boufleuer, T. R., Ferretti, F., & De Sá, C. A. (2016). IDOSOS NO MEIO RURAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA. Estudos Interdisciplinares Sobre O Envelhecimento, 21(2). <https://doi.org/10.22456/2316-2171.60691> (grifos do autor)  
WOORTMANN, Ellen. Herdeiros, Parentes e Compadres. Colonos do Sul e Sitiantes do Nordeste. São Paulo, Editora da UnB, 1995

XVIII.CHILVERS, Ian. Dicionário Oxford de Arte. 2.ed. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 584 p.  
ALTHUSSER, Louis. A Favor de Marx – Pour Marx. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. Rio de Janeiro.

Yates, Frances Amelia. A arte da memória. Trad. de Flavia Bancher - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007

## APÊNDICES

DOAÇÕES PARA A FESTA DE REIS DE 2022				
Doador por	Quantidade	Unidade	Item	Valor
Abel (Primo da Anália)				R\$ 50,00
Adão Pimpim	10	Sacos	Açúcar	
Agostinho/Pretinha			Camisas dos foliões	R\$ 2.000,00
Amiga Tia Aparecida	10	Kg	Macarrão picado	
Airton Magni	1		Vaca	R\$ 4.410,00
Aldo	1	Fardo	Arroz	
Álvaro Sanches				R\$ 500,00
Amigo do Lucas	2	Caixas	Tomate	
Amigo do Lucas	2	Caixas	Repolho	
Amigo do Lucas	1	Caixas	Cenoura	
Amigo do Lucas	2	Sacos	Batata	
Amigo do Lucas	1	Caixa	Jiló	
Amigo do Gabriel				R\$ 25,00
Amigo Tio Geraldo				R\$ 70,00
Anália	5	Latas	Extrato	
Anália			Fichas bar	
Antônio de Pádua	30	Kg	Tempero	
Arlindo Moreira	100	Litros	Leite	
Baltazar e Marli	20	Unidades	Balde de plástico	
Calimero	1	Kg	Farinha de mandioca	
Calimero	1	Kg	Fubá	
Cassinha	10	Kg	Queijo curado	
Délio			EPI's (Touca, máscara, luva, álcool gel)	
Dindinha Marta	1	Caixas	Ovos	

Dinheiro da Folia				R\$ 3.688,00
Diogo e Eduardo			Cantor	R\$ 300,00
Divina e Saturno	2	Kg	Queijo Curado	
Divina e Saturno	2	Kg	Polvilho	
Divino	100	Litros	Leite	
Edgar e Rose			Cantor	R\$ 500,00
Edgar e Rose			Palheiros Paulistinha	
Elvis Bedetti (Filho do padrinho da Anália)	2	Fardo	Arroz	
Fardo de arroz Tia Aparecida				R\$ 127,14
Fernanda e Marcílio	2	Caixas	Pinga 61	
Flavio ( supermercado são Sebastião)			Alguns produtos de limpeza	
Geraldo Moreira	100	Litros	Leite	
Geraldo Multipesca				R\$ 100,00
Haiany	1		Porco	R\$ 460,00
Isaac	1		Creme de canjica	
Ivo da Antônia	15	Kg	Farinha de mandioca	
Jacinto	1		Porco	R\$ 1.000,00
Jair Betim e Cleusa	1	11 @	Vaca	R\$ 3.200,00
João do Abel	1	60 Kg	Porco	
Joaquim Lagamar	1	Fardo	Açúcar	
José Roberto	100	Litros	Leite	
Lucas				R\$ 382,00
Lucro do Bar				R\$ 2.064,20
Luiz Tio Afonso	1	Saco	Feijão	
Lurdinha			Som	
Marcele			Assafração	
Marcelo				R\$ 150,00

Marília/Geraldo/Chavasca			Pau de mamão	
Marim	1	Caixa	Foguete	
Marlene e José Roberto			Polvilho	
Marta/Marilene			Costuras dos aventais	
Murilo	20		Guerobas	
Murilo	1	Saco	Feijão	
Natália	1	Fardo	Farinha de trigo com fermento	
Olímpio PimPim	1		Vaca	
Patrão do Lucas do Rubens	1	cx	Foguete	
Paulo genro do Tião Caixeta	1	40 Kg	Porco	
Regieder	4	cartelas	Ovos	
Reginaldo Rações Presidente	1		Vaca	R\$ 3.150,00
Roberto			Presépio	
Roberto			Panelas do centro comunitário	
Rodrigo Valmir	1	12 @	Boi	
Rose (amiga Tia Aparecida)			Macarrão	
Sargento Nilson	1	Fardo	Açúcar	
Selma	2		Latas de doce de leite	
Thiago				R\$ 100,00
Tia Dalva			Café	
Tia Marilene			Pratos	
Tia Marli				R\$ 50,00
Tia Marluce e Zé Ronan	40	Kg	Frango	
Tião da Conferência	48	Unidade	Detergente	
Tião da Conferência	2	Unidade	Papel higiênico	
Tião da Conferência	1	Unidade	Sabão em pó	
Tião da Conferência	1	Unidade	Kboa	
Tião da Conferência	2	Pacote	Saco de lixo de 50 L	
Tião da Conferência	2	Unidade	Pano de chão	

Tião da Conferência	8	Unidade	Toalha limpeza	
Tião da Conferência	3	Unidade	Pano de prato	
Tião da Conferência	2	Unidade	Vassoura rabelo	
Tião da Conferência	2	Unidade	Rodo	
Tião da Conferência	2	Unidade	Pacote bucha	
Tião da Conferência	10	Unidade	Bombril	
TimTim			Macarrão comprido	
Tio Baltazar	100	Litros	Leite	
Tio Baltazar	100	Litros	Leite	
Tio Baltazar	100	Litros	Leite	
Tio Baltazar	100	Litros	Leite	
Tio Baltazar	100	Litros	Leite	
Tio Baltazar	100	Litros	Leite	
Tio Vanderli	120	Kg	Frango	
Valmir do Fio			Mandioca	
Vanderlei	100	Litros	Leite	
Vanderlei			Figos	
Vendas das Latinhas				R\$ 300,00
Vicente do Afonso	100	Litros	Leite	
Vovó Dalci	1	Gordo	Porco	
Warley	100	Litros	Leite	
Wilson Moreira	10	kg	farinha	
Zé do Juquinha	1		Porco	
<b>TOTAL DE DOAÇÕES EM DINHEIRO</b>				<b>R\$ 22.626,34</b>

Fonte: Elaboração própria, 2021.

**LISTA DE UTENSÍLIOS DA ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES RURAIS DE TIRIRICA**

**• UTENSÍLIO DE COZINHA**

<b>QUANTIDADE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>OBSERVAÇÃO</b>
25	prato alumínio	
3	prato esmaltado	
24	prato de vidro	
1	coador plástico para suco	
19	copo plástico com alça - cores	
1	bandeja plástico - azul	
1	bacia alumínio pequena	
1	bacia alumínio média	
1	bacia alumínio grande	
2	bacia plástico pequena	
18	bacia plástica redonda grande	
3	bacia plástica oval grande	
1	vasilha plástica quadrada grande	com tampa
1	bule pequeno	sem coador
1	bule médio	sem coador
1	bule grande	sem coador
3	garrafas de café	
7	colheres de arroz alumínio	
3	concha alumínio pequena	
1	concha alumínio grande	
1	colher de pau pequena	
16	colher plástico servir comida	
1	porta talheres plástico	com tampa
1	pegador de salada	
2	facas de corte	



7	colheres de sopa	
5	facas de mesa	
16	garfos	
1	colher sobremesa	
1	abridor de garrafas	
1	abridor de vinho	
1	pilão amassar tempero	com o socador
1	ralo de queijo grande	
3	peneira de palha	
4	latas de alumínio com tampa	jogo
2	panela de pressão pequena	não dá pressão
1	panela de pressão grande	em perfeito estado
3	jarro de alumínio para café	
1	jarro acrílico transparente	
2	jarro de suco 3,5 litros	1 jarra com tampa
1	lata escorredor	
1	escorredor de arroz alumínio	
1	tacho de alumínio	
2	caçarola com tampa	
2	escorredor grande com alça de madeira	com furo
1	escorredor grande com alça de madeira	sem furo
1	escorredor de prato	
2	fogão industrial	
1	botijão	
3	filtro de barro	1 sem velas
5	rodo	
3	vassoura	
1	pá de lixo	
4	tambor de lixo	com tampa
2	lixeira pequena	sem tampa

1	vassoura para vaso	
	balde plástico com tampa	
1	liquidificador	
<b>• MÓVEIS</b>		
<b>QUANTIDADE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>OBSERVAÇÃO</b>
1	geladeira	
1	freezer horizontal	1 porta
1	freezer vertical	
1	forno a gás	
2	armário de madeira com 1 porta	
1	armário de metal com 2 portas	
1	estante de madeira	
1	estante de metal	
3	mesas de madeira	
3	mesa escritório mdf	
6	cadeado grande para trancar portas	com chave e funcionando
9	cadeado pequeno para trancar janela	2 não tem chave e não tranca
	boquilhas	
	lâmpadas	
	cadeira	
	banco de madeira	
1	caixa de som com microfone	em perfeito funcionamento

<b>Quantidade de ingredientes para a Festa</b>		
<b>Produto</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Unidade</b>
açúcar	5	fardos
arroz	2	fardos
açafrão	2	litros
bacon	2	mantas
baldes	20	unidades
bucha de pia	24	unidades
caldo knorr em pó	4	kg
carne de porco gordo	1	unidade
carne de porco magro	5	unidade
carne de vaca	4	unidade
cenoura	1	caixa
cerveja ajudantes	40	caixas
colher doce	1500	unidades
desinfetante	5	litros
detergente	2	caixas
Isqueiro	20	unidades
extrato	6	kg
farinha de mandioca	30	litros
farinha de trigo	2	fardos
feijão	60	kg
foguete	2	caixas
frango	160	kg
garfo comida	2000	unidades
Gás	5	unidades
jiló	2	caixa
kboa	6	litros
leite	1500	litros
lenha	2	carros
lixeira banheiro	2	unidades

macarrão espaguete	30	kg
macarrão picado	10	kg
mandioca	2	balaios
mangueira	1	unidades
manteiga de porco	2	latas
margarina	2	kg
óleo	24	litros
ovos	1	caixa
pano de prato		
papel higiênico	1	fardo
papel toalha	2	pacotes
pimenta	10	kg
pimenta do reino	2	kg
pinga	4	caixas
plástico para mesas	2	unidades
pó royal	2	frascos
polvilho	30	kg
prato de doce	1500	unidades
pratos	2000	unidades
prendedor de roupa	2	pacotes
queijo	15	kg
refrigerante	10	fardos
repolho	1	caixa
rodo	2	unidades
sabão de barra		
sabão em pó	4	caixas
saco de lixo 200 l	3	rolos de 60
sal fino	30	kg
toalha mãos		
touca descartável	200	unidades
tomate	3	caixa

vassoura	2	unidades
----------	---	----------

Tabela XX: Nomes dos foliões, suas posições e tamanho das camisas.

Foliões	Posições	Tamanho das Camisas
Augustin	Alfere	GG
Aurelio	Caixeiro e pandeirista	GG
Chico	Respostas	M
Chico	Caixeiro (coringa nas vozes)	M
Deco	Respostas	G
Domingo	Quarta Voz	M
Eduardo do Zé Moreira	Pandeirista	M
Felipe	Sexta voz, Violão e cavaquinho	GG
Gabriel	Caixeiro e pandeirista	M
Jacinto	Sexta voz	G
Jader	Respostas e Violão	G
Marin	Farinheiro	GG
Matheus Sanfoneiro	Sanfoneiro	G
Nico	Quinta voz	G
Olímpio Moreira	Capitão	M
Purete	Violeiro	G
Rodrigo	Capitão	GG
Samuel	Resposta e Violeiro	G
Teiro	Respostas e Violeiro	G
Tião Caixeta	Sanfoneiro	GG
Tino Moreira	Resposta	G
Valdemir	Coringa e Sanfoneiro/Violeiro	G
Valdim	Primeira resposta e violeiro	G
William	Cavaquinho e Caixa	M
Zé Moreira	Gerente	M

Tabela XX

**Folias de Reis em Presidente Olegário  
com apresentação na rádio da cidade 2022**

11 de Setembro de 2022

10h Folia Cruzeiro da Prata – Capitão Marco Antônio

11h Folia Cachoeira – Capitão Adalton

13h Folia N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> das Dores Lagoa Formosa – Capitão Zé da Nega

16h Folia Matinha - Capitão Tinoco

17h Folia do Santiago - Capitão Severino

18h Folia Vicentina - Capitão Vinícius Nunes

19h Folia do Saltador - Capitão José Garcia

18 de Setembro de 2022

10h Folia do Varal Capitão Dener Ferreira

11h Folia de Lagamar – Capitão Jodir Cordeiro

12h Folia Vargem Grande - Capitão Zé Severo

13h Folia da Onça - Capitão Tõe Severo

14h Folia do Sertãozinho - Capitão Onofre

15h Folia São Vicente de Paulo - Capitão Hélio Antônio

16h Folia do Capim Branco – Capitão Henrique Godinho

17h Folia da Tiririca – Capitão Rodrigo

18h Folia Bela Vista Lagoa Formosa - Capitão Neguinho do Prego

19h Folia Vereda Grande - Capitão Josa

20h Folia da Ilha Grande – Capitão Vânio Severo